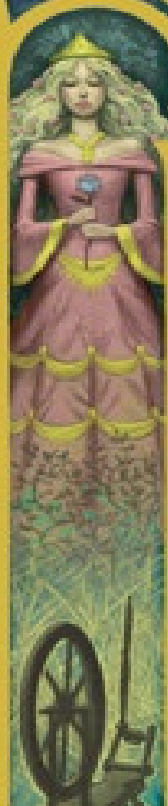
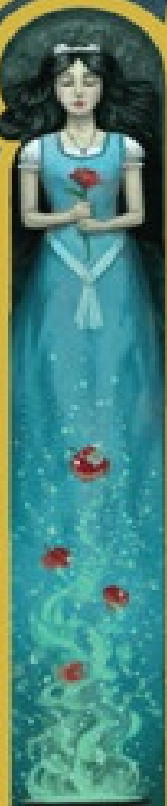


TERRA DE HISTÓRIAS

O FEITIÇO DO DESEJO



CHRIS
COLFER

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Visite-nos!

www.tocadacoruja.net

O presente e-book foi compartilhado gratuitamente com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas, bem como para o simples teste de qualidade da obra, tendo em vista uma compra futura.

É expressamente proibido e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou cobrança de assinatura para acessar este e-book.

CHRIS COLFER

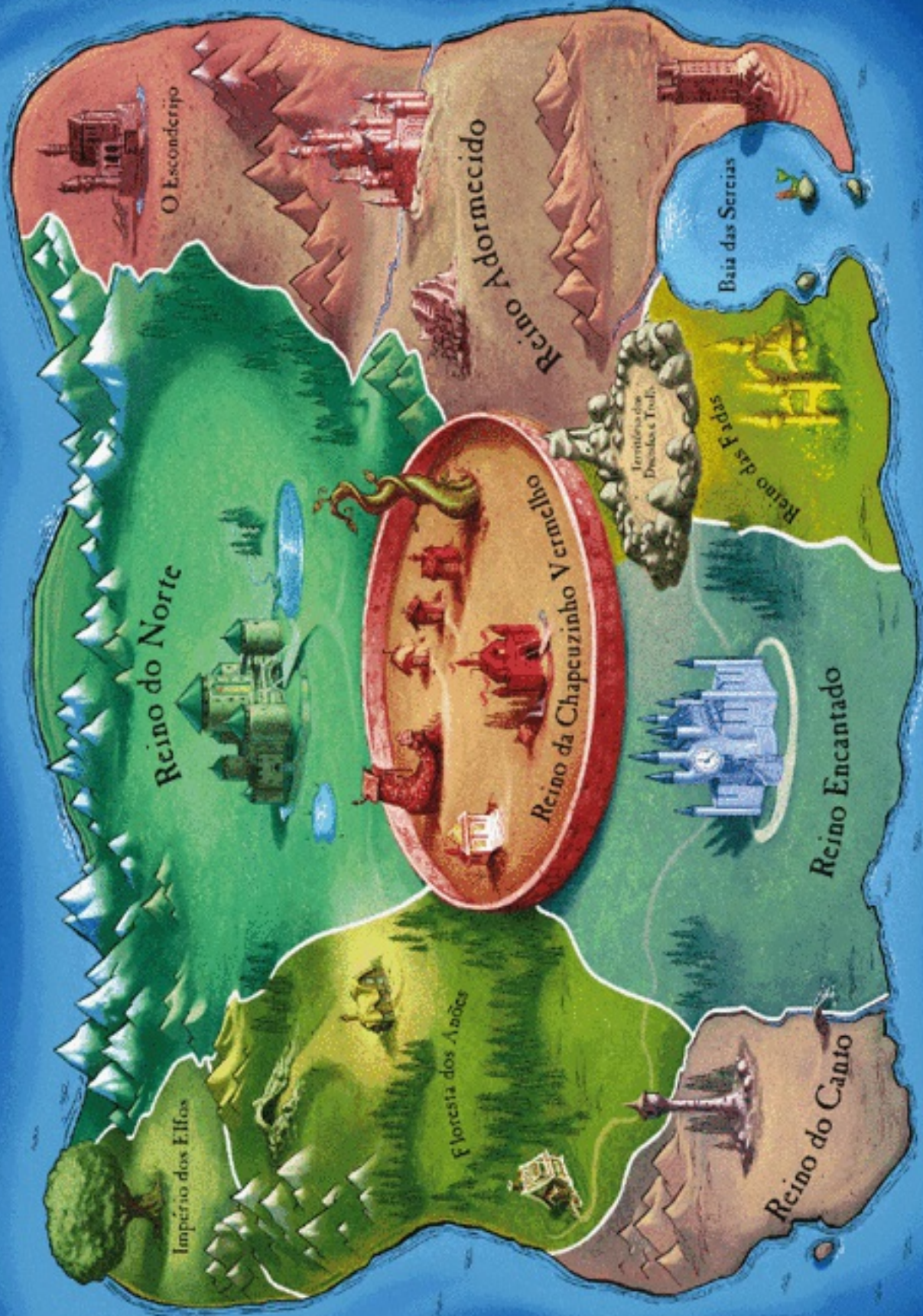
TERRA DE HISTÓRIAS
O FEITIÇO DO DESEJO

Ilustrações
Brandon Dorman



Tradução
Cleci Leão

Benvirá



O Escondrijo

Reino Adormecido

Baía das Sereias

Arco das Duas Fadas

Reino das Fadas

Reino do Norte

Reino da Chapeuzinho Vermelho

Reino Encantado

Império dos Elfos

Floresta dos Anões

Reino do Canto

Para vovó, por ter sido minha primeira editora e por me oferecer o melhor conselho que um escritor poderia receber na vida: “Christopher, acho que você deveria terminar o ensino fundamental antes de se preocupar em ser um escritor fracassado.”

“Um dia, você terá idade suficiente para começar a ler contos de fadas outra vez.”

C. S. LEWIS



PRÓLOGO

O encontro das rainhas

A masmorra era um lugar deplorável. Uma luz fraca e trêmula emanava das tochas presas às paredes de pedra. Do teto, pingava uma água pestilenta, que vinha do fosso que circundava o palácio. Ratos enormes perseguiam uns aos outros pelo chão em busca de comida. Aquele não era lugar para uma rainha.

Era pouco mais de meia-noite, e tudo estava quieto, a não ser pelo barulho ocasional de uma corrente.

Passos ecoaram pelos corredores, cortando o silêncio e anunciando que alguém descia a escada espiral em direção à masmorra.

Uma jovem, coberta dos pés à cabeça por uma longa capa esmeralda, surgiu nos últimos degraus. Passou cautelosamente pelas celas enfileiradas, provocando a curiosidade dos prisioneiros. A cada passo, sua velocidade diminuía, ao contrário do ritmo de seu coração, que batia mais apressado.

Os presos eram organizados de acordo com o delito cometido. Quanto mais ela avançava pelo interior da masmorra, mais cruéis e perigosos eram os criminosos que encontrava ali. Os

olhos da jovem focavam a cela que ficava bem no fundo do corredor, na qual uma prisioneira especial era vigiada dia e noite por um guarda corpulento.

A jovem viera para fazer uma pergunta. Uma pergunta simples, mas que a consumia diariamente. Uma pergunta que roubava seu sono na maioria das noites e que, quando ela finalmente conseguia dormir, era a única coisa com a qual sonhava.

Somente uma pessoa poderia dar a resposta de que precisava, e essa pessoa era justamente a prisioneira que se encontrava detrás daquelas grades.

– Quero vê-la – disse ao guarda a mulher vestida com uma longa capa.

– Ninguém tem permissão para vê-la – respondeu o guarda, quase achando graça no pedido.

– Sigo ordens estritas da família real.

A mulher então baixou o capuz e mostrou-lhe o rosto. Tinha a pele clara como a neve, os cabelos pretos como o carvão e olhos que espelhavam o verde da floresta. Sua beleza era celebrada em todo o reino, e sua história há muito ultrapassara as fronteiras daquelas terras.

– Majestade, por favor, perdoe este humilde servo! – desculpou-se o guarda, estupefato, curvando-se rapidamente em uma reverência exagerada. – Não esperava receber a visita de alguém do palácio.

– Não precisa se desculpar – disse ela. – Mas, por gentileza, não diga a ninguém que estive aqui esta noite.

– Certamente – disse o vigilante, assentindo com a cabeça.

A mulher aproximou-se da grade, aguardando que esta fosse suspensa, mas o guarda hesitou.

– Tem certeza de que deseja mesmo entrar, Majestade? – perguntou. – Não se sabe do que ela é capaz.

– Preciso vê-la – disse a mulher. – A qualquer custo.

O guarda começou então a girar uma enorme alavanca circular, fazendo as barras de ferro subirem. A mulher respirou fundo e seguiu em frente. Caminhou por entre as paredes de um corredor ainda mais longo e escuro; as grades em sequência se suspendiam sucessivamente diante dela, fechando-se atrás de si assim que ela as atravessava. Finalmente, chegou ao fim do corredor, e a última grade se abriu para que ela entrasse na cela.

A prisioneira estava sentada em um banquinho bem no meio do recinto, o olhar absorto na pequena janela. Levou alguns minutos até se dar conta da presença da visitante atrás de si. Era a primeira visita que recebia, e soube quem era sem precisar olhar – só podia ser uma pessoa.

– Olá, Branca de Neve – disse suavemente a prisioneira.

– Olá, madrastra – respondeu Branca de Neve, estremeando um pouco de nervosismo. – Espero que esteja passando bem.

Embora Branca de Neve tivesse ensaiado sua fala, era quase impossível não gaguejar.

– Ouvi dizer que agora você é a rainha – disse a madrasta.

– Sim – respondeu Branca de Neve. – Herdei o trono, como planejava papai.

– Então, a que devo essa honra? Veio me ver definhar? – perguntou-lhe a madrasta. De sua voz emanavam o poder e a autoridade habituais, conhecidos por derreter como gelo ao fogo o mais robusto dos homens.

– Ao contrário – disse Branca de Neve. – Vim para entender.

– Entender *o quê?* – irrompeu a madrasta.

– Por que... – Branca de Neve hesitou. – Por que você fez o que fez.

Após dizer isso, Branca de Neve de repente sentiu diminuir o peso que carregava nas costas. Finalmente havia se livrado daquela questão que ocupava sua mente com tanta insistência. Metade do desafio fora vencida.

– Há tanta coisa neste mundo que você não entenderia – disse a madrasta, virando-se para olhar a enteada.

Era a primeira vez em muito tempo que Branca de Neve via o rosto da madrasta. Era o rosto de alguém que possuía irretocável beleza; o rosto de alguém que já fora rainha. Agora, porém, aquela mulher não passava de uma prisioneira cuja expressão se apagara gradualmente até se transformar em uma carranca triste e perene.

– Pode ser – disse Branca de Neve. – Mas você não pode me culpar por tentar encontrar as razões por trás de suas ações.

Nos últimos anos, a vida de Branca de Neve havia se transformado na história mais absurda a que o reino já assistira. Todos conheciam a passagem da boa princesa que buscou refúgio com os sete anões para se esconder da madrasta invejosa. Todos sabiam sobre a infame maçã envenenada e o impetuoso príncipe que salvou Branca de Neve da falsa morte.

A história era simples, mas seu desfecho não. Mesmo com o casamento e a monarquia para lhe ocupar o tempo, Branca de Neve se flagrava constantemente pensando se as teorias levantadas sobre a vaidade da madrasta eram verdadeiras. Algo no íntimo da nova rainha recusava-se a crer que uma pessoa pudesse, de fato, ser tão maligna.

– Sabe como chamam você lá fora? – perguntou Branca de Neve. – Do outro lado dos muros desta prisão, o mundo se refere a você como a “Rainha Diabólica”.

– Se foi assim que me rotularam, aprenderei a viver com esse nome – retrucou a agora Rainha Diabólica. – Pouco se pode fazer para mudar a opinião das pessoas quando estão com a cabeça feita.

Estupefata de ver que a madrasta pouco se importava, Branca de Neve continuou a falar,

procurando nela algum sinal de humanidade.

– Eles queriam executá-la após descobrirem seus crimes contra mim! O reino inteiro a queria morta! – a voz de Branca de Neve começou a falhar até se transformar num tênuo sussurro, abafado pelas emoções que transbordavam dentro de si e contra as quais tentava lutar. – Mas eu não permitiria. Não poderia...

– Devo agradecer-lhe por ter me poupado? – interrompeu a Rainha Diabólica. – Se espera encontrar alguém que lhe caia aos pés em gratidão, está na cela errada.

– Não fiz isso por você. Fiz por mim – disse Branca de Neve. – Goste ou não, você é a única mãe que conheci. E recuso-me a aceitar que seja o monstro desalmado que o resto do mundo considera. Posso estar errada, mas acredito que há um coração dentro de seu peito.

Lágrimas escorriam pela cândida face de Branca de Neve. Prometera a si que seria forte, mas, ao ficar diante da madrasta, perdera o controle de suas emoções.

– Pois então receio que você esteja equivocada – disse a Rainha Diabólica. – A única alma que tive nesta vida morreu muito tempo atrás, e o único coração que você encontrará no meu peito é feito de pedra.

A Rainha Diabólica de fato tinha um coração de pedra, mas não dentro de si. Uma pedra com o tamanho e a forma de um coração humano jazia sobre uma pequena mesa, no canto da cela. Foi o único item que lhe autorizaram levar para a masmorra.

Branca de Neve reconheceu a pedra, que vira na infância. O objeto sempre fora bastante precioso para a madrasta; ela nunca o perdia de vista. Quando criança, Branca de Neve nunca pôde tocar na pedra ou segurá-la, mas agora nada poderia detê-la.

Atravessou a cela, apanhou o objeto e fitou-o por um tempo. Tantas memórias vieram à tona! Toda a negligência da madrasta e a tristeza que esta lhe causou na infância a invadiram novamente.

– Durante a vida inteira desejei apenas uma coisa – disse Branca de Neve. – Seu amor. Quando era menina, me escondia por horas no palácio com a esperança de que notasse minha ausência, mas você nunca percebia. Passava os dias recolhida a seus aposentos, entre espelhos e cosméticos, na companhia desta pedra. Gastava muito mais tempo com estranhos que lhe apresentavam métodos antienvelhecimento do que com sua própria filha. Por quê?

A Rainha Diabólica nem se dignou a responder.

– Por quatro vezes você tentou me matar, três delas com as próprias mãos – lembrou Branca de Neve, quase descrente. – Quando se fantasiou de velhinha para me encontrar no chalé dos anões, eu sabia quem estava por baixo do disfarce. Eu sabia que você era perigosa, mas sempre permiti que se aproximasse, pois tinha esperança de que pudesse mudar. Deixei você

me ferir.

Branca de Neve jamais havia confessado isso a alguém. Ela não se conteve: enterrou o rosto nas mãos e chorou assim que terminou de falar.

– *Você* acha então que sabe o que é desgosto? – disse a Rainha Diabólica, num tom tão pungente que assustou a enteada. – Você não sabe *nada* sobre sofrimento. Pode nunca ter recebido afeto de mim, mas, desde o momento em que nasceu, foi amada pelo reino inteiro. *Algumas pessoas* não têm essa sorte. *Algumas pessoas*, Branca de Neve, perdem o único amor que conheceram na vida.

Branca de Neve já não sabia mais o que dizer. A que amor a madrasta estava se referindo?

– Você está falando de meu pai? – perguntou.

A Rainha Diabólica fechou os olhos e balançou a cabeça.

– A ingenuidade é uma dádiva. Acredite se quiser, Branca de Neve, eu tinha uma vida antes de fazer parte da sua.

Branca de Neve ficou em silêncio e ligeiramente envergonhada. Sabia, claro, que a madrasta tivera uma vida antes de se casar com seu pai, mas nunca parara para pensar que vida, afinal, fora essa. Nunca tivera motivo para indagar-se sobre isso, já que a madrasta sempre fora tão reservada.

– Onde está o meu espelho? – intimou a Diabólica.

– Será destruído – respondeu Branca de Neve.

De repente, a pedra começou a ganhar peso nas mãos de Branca de Neve. Não sabia se a sensação era real ou imaginária, mas passou a sentir nos braços um cansaço enorme por carregar aquele coração de rocha pura que precisou colocá-lo de lado.

– Você me esconde tanta coisa ainda – lamentou-se Branca de Neve. – E me escondeu tanto durante todos esses anos!

A Rainha Diabólica baixou a cabeça e cravou o olhar no chão. Permaneceu em silêncio.

– Eu talvez seja a única pessoa neste mundo que lhe tem compaixão. Por favor, não a despreze – implorou Branca de Neve. – Se aconteceu algo no seu passado que tenha influenciado suas decisões mais recentes, peço que me conte.

Nenhuma resposta.

– Não vou sair daqui até você me contar! – gritou Branca de Neve, levantando a voz pela primeira vez na vida.

– Tudo bem – disse a Rainha Diabólica.

Branca de Neve ajeitou-se em outro banco que havia na cela. A Rainha Diabólica esperou

um momento antes de começar a falar, o que só fez aumentar a ansiedade da enteada.

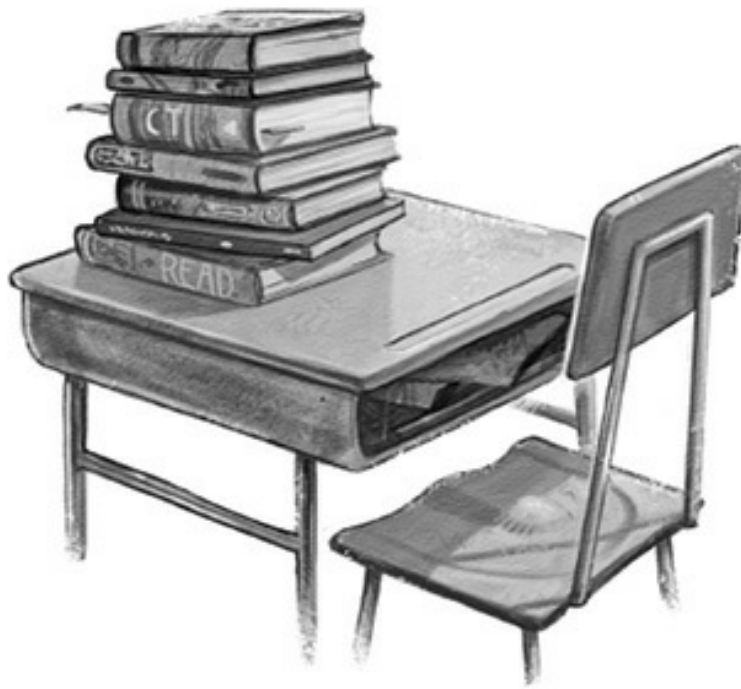
– Sua história será sempre romantizada – começou. – Ninguém jamais pensará na minha, no entanto. Continuarei a ser degradada, transformada em uma vilã grotesca, até o fim dos tempos. Mas o que o mundo não entende é que uma *vilã* não passa de uma *vítima* cuja história não foi contada. Tudo o que fiz, o trabalho de uma vida e meus crimes contra você foram todos por *ele*.

Branca de Neve sentiu seu próprio coração pesar. Sua cabeça girava, a curiosidade lhe invadia o corpo todo.

– Quem? – perguntou de maneira tão impulsiva que não conteve o desespero na voz.

A Rainha Diabólica fechou os olhos e deixou as memórias afluírem. Imagens de pessoas e lugares ligados a seu passado escaparam do fundo de sua mente e voaram livres como vagalumes numa caverna. Vivera tantas coisas na juventude! Havia tanto o que lembrar e tanto o que desejaria esquecer.

– Vou lhe contar o meu passado, ou pelo menos o passado daquela que fui um dia – disse a Rainha Diabólica. – Mas fique avisada: minha história não termina com “felizes para sempre”.



CAPÍTULO 1



Era uma vez

– *Era uma vez...*– disse a Sra. Peters para os alunos do sexto ano. – Não existem no mundo palavras mais mágicas. Elas abrem as portas para as melhores histórias já contadas. São um chamado imediato para quem as escuta; o chamado para um mundo onde todos são bem-vindos e tudo pode acontecer. Ratos se transformam em homens, borralheiras viram princesas e, nesse processo, ensinam lições valiosíssimas.

Alex Bailey ajeitou-se na cadeira, ávida pela continuação. Ela adorava as aulas daquela professora, e esse tema tocava seu coração de maneira especial.

– Contos de fadas são muito mais que historinhas bobas para dormir – continuou a professora. – Podemos encontrar a solução para quase todo problema no desfecho de um conto. Eles são como lições de vida bem disfarçadas, com personagens e situações fascinantes. “O Menino e o Lobo” nos ensina o valor de uma boa reputação e o poder da honestidade. “Cinderela” demonstra a recompensa por ter um bom coração. E com “O Patinho Feio” aprendemos o significado da beleza interior.

Alex mantinha os olhos arregalados e concordava com a cabeça. Ela era uma linda garota de

olhos azuis muito vivos e curtos cabelos louro-avermelhados, caprichosamente presos com uma faixa sobre a testa.

A Sra. Peters nunca se acostumara com a expressão desorientada no rosto dos outros alunos, que a encaravam como se estivesse falando em outra língua. Por isso, dava aulas inteiras dirigindo-se à primeira fileira, onde Alex se sentava.

Alta e magra, a Sra. Peters sempre usava vestidos que lembravam aqueles antigos sofás estampados. O cabelo escuro e encaracolado lhe assentava perfeitamente à cabeça, como um chapéu (muitas vezes chegando a confundir os alunos). Seus olhos, atrás do grosso par de óculos, haviam se tornado permanentemente semicerrados de tanto ela lançar olhares severos sobre a classe ao longo dos anos.

– Infelizmente, esses contos tão atemporais perderam importância em nossa sociedade – disse ela. – Trocamos os brilhantes aprendizados que eles nos trazem por entretenimentos como a televisão e os games. Os pais permitem que desenhos ofensivos e filmes violentos influenciem seus filhos. O único contato que algumas crianças têm hoje em dia com os contos de fadas é por meio das versões distorcidas divulgadas pelos estúdios de cinema. Nessas adaptações, todas as lições e a moral que as histórias originais trazem com o propósito de ensinar são eliminadas e dão lugar a animais da floresta que dançam e cantam. Outro dia, li que andam inventando filmes em que a Cinderela é representada como uma cantora de *hip-hop* batalhadora, e a Bela Adormecida, transformada em uma princesa guerreira que luta contra zumbis!

– Maneiro – um aluno que sentava logo atrás de Alex murmurou para si.

Alex balançou a cabeça. Escutar aquilo lhe doeu na alma. Ela tentou compartilhar a indignação com os colegas que se sentavam à sua volta, mas infelizmente suas preocupações não encontraram eco.

– Fico pensando se o mundo seria um lugar diferente se todos ainda conhecessem esses contos da maneira que os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen os escreveram – disse a Sra. Peters. – Indago-me se as pessoas aprenderiam algo com a desilusão amorosa da Pequena Sereia, que morre no final da história verdadeira. E será que haveria tantos casos de sequestro se as crianças conhecessem os perigos que Chapeuzinho Vermelho enfrentou? E os delinquentes? Seriam tão inclinados ao mau comportamento se soubessem as consequências que Cachinhos Dourados gerou para si mesma ao se infiltrar na família dos Três Ursos? Poderíamos aprender e prevenir muitas coisas se simplesmente abrissemos os olhos para os ensinamentos do passado. Se adotássemos os contos de fadas com entusiasmo em nossas vidas, talvez conseguíssemos encontrar mais facilmente o nosso “felizes para sempre”.

Se fosse por Alex, a Sra. Peters receberia estrondosos aplausos ao término de cada aula;

entretanto, a única coisa que se ouvia era um aliviado suspiro coletivo dos alunos, gratos por estarem finalmente livres.

– Vamos ver o quanto vocês conhecem dos contos – disse a professora com um sorriso, passando a caminhar pela sala. – Em “Rumpelstiltskin”, quando conversa com o rei, o que o pai da menina diz que sua filha sabe fazer ao tecer a palha? Alguém sabe?

A Sra. Peters esquadrinhou a classe como um tubarão à procura do peixe ferido. Apenas uma aluna levantou a mão.

– Sim, senhorita Bailey? – chamou a professora.

– Ele disse que a filha sabia transformar palha em ouro – respondeu Alex.

– Muito bem, senhorita Bailey – concordou a Sra. Peters.

Se ela tivesse uma aluna predileta (algo que jamais admitiria ter), essa seria Alex. Ávida por agradar, a garota era a própria definição de “rato de biblioteca”. Não importava o momento – antes da escola, durante as aulas, depois das aulas, antes de dormir –, ela estava sempre lendo. Tinha uma sede voraz de conhecimento e, por isso, era normalmente a primeira a responder às perguntas da Sra. Peters.

Procurava aproveitar todas as oportunidades de impressionar os colegas, esforçando-se muito a cada resenha de livro ou apresentação para a classe. Essa atitude geralmente incomodava os outros estudantes, que frequentemente a provocavam. Não era raro ouvir as demais garotas tirando sarro de Alex pelas costas. Muitas vezes, ela almoçava sozinha sob uma árvore, com a cara enfiada em algum livro emprestado da biblioteca. Embora a menina não contasse a ninguém, sua solidão chegava a doer.

– E alguém pode me contar qual foi o compromisso que a menina firmou com Rumpelstiltskin?

Alex esperou um momento antes de levantar a mão de novo. Não queria dar *tão* na cara que era a queridinha da professora.

– Sim, senhorita Bailey?

– Em troca de transformar a palha em ouro, a menina prometeu dar a Rumpelstiltskin o primeiro filho que ela tivesse depois de se tornar rainha – explicou Alex.

– Que exagero – disse um garoto atrás de Alex.

– E o que um velho baixinho e assustador iria querer com um bebê? – perguntou uma menina que se sentava próximo a ele.

– É que não deixaram o velhinho adotar um. Também, com um nome desses: Rumpelstiltskin!
– acrescentou outro aluno.

– E ele comeu o bebê? – perguntou nervosamente um quarto aluno.

Alex virou-se para encarar a plateia desorientada.

– Vocês não estão entendendo – disse ela. – Rumpelstiltskin se aproveitou da garota porque ela estava passando necessidade. A história é sobre o preço de um mau negócio. Sobre aquilo de que estamos dispostos a abrir mão no futuro em favor de algo que queremos desfrutar no presente. Entenderam?

Se a Sra. Peters fosse capaz de mudar a expressão facial, sua fisionomia agora seria de imenso orgulho.

– Muito bem observado, senhorita Bailey – disse ela. – Devo dizer que, em todos os meus anos de ensino, raramente tive uma aluna com conhecimento tão aprofundado quanto...

Um barulho muito alto de ronco emergiu de repente no fundo da sala. Um garoto da última fileira estava jogado sobre a carteira, dormindo um sono profundo e babando pelo canto da boca.

Alex tinha um irmão gêmeo – e eram momentos como esse que a faziam desejar não tê-lo.

A atenção da Sra. Peters se desviou para o garoto como um clipe de metal se move em direção ao ímã.

– Senhor Bailey? – chamou a Sra. Peters.

E ele continuou roncando.

– Senhor Bailey? – a professora chamou novamente, agachando-se bem perto dele.

O garoto então soltou outro ronco estrondoso. Alguns alunos se perguntaram como uma pessoa podia roncar tão alto assim.

– Senhor Bailey! – gritou a professora no ouvido dele.

Como se alguém tivesse colocado fogo sob seu assento, Conner Bailey deu um pulo, quase derrubando a carteira.

– Onde estou? O que aconteceu? – ele perguntou de repente, num misto de confusão e pânico. Seus olhos percorreram rapidamente a sala enquanto o cérebro tentava se lembrar de onde estava. Assim como a irmã, ele também tinha olhos azuis e cabelos louro-avermelhados. Seu rosto era redondo, cheio de sardas e, naquele momento, estava um pouco amassado na lateral, como o de um cão bassê que acorda da soneca.

Alex não podia estar mais envergonhada pelo irmão. A não ser pela aparência e pela data de aniversário, os dois não tinham nada em comum. Conner podia ter um monte de amigos na escola, mas, ao contrário da irmã, tinha problemas durante as aulas... Principalmente para se manter acordado.

– Que prazer tê-lo de volta conosco, senhor Bailey – disse em tom severo a Sra. Peters. – Dormiu bem?

Conner ficou vermelho.

– Me desculpe, senhora Peters – lamentou ele, tentando ser o mais sincero possível. – É que às vezes, quando a senhora fala bastante, eu cochilo. É sem querer, não consigo evitar. Não fique chateada.

– Você dorme nas minhas aulas pelo menos duas vezes por semana – lembrou a professora.

– Bom, é que a senhora *realmente* fala muito.

Antes mesmo de terminar a frase, Conner já sabia que tinha dito besteira. Os outros alunos tiveram que morder os lábios para não rir.

– Recomendo que permaneça acordado enquanto eu estiver dando aula, senhor Bailey – ameaçou a Sra. Peters. Conner nunca tinha visto alguém apertar tanto os olhos sem fechá-los totalmente. – A menos que você saiba o suficiente sobre contos de fadas para vir aqui na frente dar aula – acrescentou.

– Isso provavelmente eu sei – Conner deixou escapar; mais uma vez, falou sem pensar. – Quero dizer, eu conheço bastante dessas coisas, só isso.

– Ah, é mesmo? – A Sra. Peters nunca recusava um desafio, e o pior pesadelo de qualquer aluno era achar-se na posição de desafiante. – Certo, senhor Bailey, se o senhor é tão bem informado, então me responda esta questão.

Conner engoliu em seco.

– Na versão original do conto da Bela Adormecida, quantos anos a princesa dorme antes de ser acordada pelo beijo do amor verdadeiro? – perguntou a Sra. Peters, estudando a expressão do garoto.

Todos os olhares se voltaram para ele, esperando impacientemente qualquer indicação de que o colega não soubesse a resposta. Mas, felizmente para Conner, ele sabia.

– Cem – respondeu. – A Bela Adormecida dorme por cem anos. É por isso que o chão do castelo ficou coberto de videiras crescidas e de outras tralhas, porque o tempo passou para todos no reino, e não havia ninguém para jardinar.

A Sra. Peters não sabia o que falar ou fazer. Franziu a testa, encarando-o com enorme surpresa. Pela primeira vez na vida, ele tinha acertado uma questão ao ser inquirido pela professora na frente de todos.

– Tente se manter acordado, senhor Bailey. Sorte sua eu ter usado minha última ficha de advertência hoje de manhã. Mas saiba que sempre posso pedir mais – disse, e imediatamente retornou para a frente da sala para continuar a aula.

Conner suspirou aliviado, e seu rosto, antes vermelho, voltou aos poucos à cor habitual. Seus olhos se encontraram com os da irmã; até ela estava surpresa com a resposta correta.

Alex não esperava que Conner se lembrasse de conto de fadas algum...

– Agora, classe, quero que vocês tirem da mochila seus livros de literatura, abram na página cento e setenta e leiam “Chapeuzinho Vermelho” em silêncio – instruiu a professora.

Os alunos seguiram a orientação. Conner ajeitou-se tão confortavelmente quanto pôde e começou a leitura. A história, as figuras, os personagens, tudo aquilo era muito familiar para ele.



Uma das coisas que Alex e Conner mais ansiavam quando pequenos era visitar a avó. Ela morava nas montanhas, no meio de uma floresta, em uma pequena casa que poderia bem ser descrita como um chalé, se é que isso ainda existia.

A viagem era longa, algumas horas de carro, mas os gêmeos adoravam cada minuto do passeio. A ansiedade crescia conforme subiam as estradas repletas de curvas e árvores, e, quando eles cruzavam a ponte amarela, exclamavam exultantes:

– Estamos quase chegando! Estamos quase chegando!

Ao chegarem, a avó os recebia na porta, de braços abertos, e os abraçava tão apertado que eles sentiam como se fossem explodir.

– Vejam só vocês dois! Cresceram quase um palmo desde que nos despedimos da última vez! – exclamava sempre, mesmo que não fosse inteiramente verdade, e, em seguida, conduzia-os para dentro, onde uma assadeira cheia de biscoitos recém-saídos do forno os esperava.

O pai dos gêmeos, que cresceu na floresta, passava horas a fio contando-lhes suas aventuras de criança: todas as árvores em que subiu, todos os rios em que nadou e os animais ferozes dos quais tinha escapado por pouco. Alex e Conner sabiam que o pai aumentava, exagerava a maioria das histórias, mas adoravam esse tempo que passavam juntos mais que tudo no mundo.

– Um dia, quando forem mais velhos, vou levar vocês a todos os lugares secretos onde eu costumava brincar – atiçava-os o pai. Era um homem alto, com olhos bondosos que enrugavam quando sorria, e ele sorria bastante, principalmente quando provocava os gêmeos.

Toda noite, a mãe das crianças ajudava a avó a preparar o jantar. Após a refeição, assim que terminavam de lavar a louça, todos se sentavam ao pé da lareira. A avó abria seu imenso livro de histórias e se revezava com o pai na leitura dos contos até que os gêmeos dormissem. Às vezes, a família Bailey ficava acordada até o nascer do sol.

Eles narravam os contos com tamanha paixão e riqueza de detalhes que, para os pequenos, não importava ouvir a mesma história várias vezes. Aquelas eram as melhores lembranças que qualquer criança poderia ter.

Infelizmente, já fazia muito tempo que os dois irmãos não voltavam ao chalé da avó...



– Senhor Bailey! – gritou a Sra. Peters. Conner havia cochilado de novo.

– Desculpe, senhora Peters! – berrou de volta o rapaz, aprumando-se na cadeira e assumindo a postura de um soldado em alerta.

Se olhar matasse, Conner teria caído duro com a carranca da Sra. Peters.

– O que vocês acharam da *verdadeira* Chapeuzinho Vermelho? – perguntou a professora à classe.

Uma garota de cabelo crespo e aparelho nos dentes levantou o braço.

– Senhora Peters? – a garota chamou. – Estou meio confusa.

– Sobre o quê? – perguntou a professora. – O que a deixou confusa?

– Aqui diz que o Lobo Mau é morto pelo caçador – disse a aluna. – Eu sempre pensei que o lobo estivesse bravo porque os outros do bando tiravam sarro do focinho dele e que ele e Chapeuzinho tinham ficado amigos no final. Pelo menos é o que acontece no desenho que eu via quando era pequena.

A Sra. Peters revirou tanto os olhos que talvez tenha conseguido ver o fundo de seu cérebro.

– Esse – disse ela com os dentes cerrados – é exatamente o motivo pelo qual estamos tendo esta aula.

A garota então arregalou os olhos e foi tomada por uma tristeza. Como algo que fazia parte da sua doce infância podia estar tão errado?

– Lição de casa – disse a Sra. Peters, e a sala inteira se afundou na carteira ao mesmo tempo. – Escolham seu conto de fadas predileto e escrevam um trabalho sobre ele, para amanhã, dizendo qual é a lição por detrás da história.

A Sra. Peters voltou à sua mesa, e os alunos se apressaram em começar a tarefa, tentando aproveitar o pouco tempo que ainda restava da aula.

– Senhor Bailey? – a Sra. Peters chamou-o à frente. – Uma palavrinha.

Conner estava em apuros e sabia disso. Levantou-se cuidadosamente e caminhou em direção à mesa da professora. Os outros alunos lançaram-lhe um olhar de pena, como se ele estivesse

caminhando rumo ao seu carrasco.

– Pois não, senhora Peters? – perguntou Conner.

– Conner, estou tentando ser bastante condescendente com sua situação familiar – disse a Sra. Peters, olhando-o por cima da armação dos óculos.

Situação familiar. Duas palavras que Conner tinha escutado repetidas vezes naquele ano.

– Porém – continuou a Sra. Peters –, não irei tolerar certos comportamentos em sala de aula: seus cochilos constantes durante as aulas, sua falta de atenção, sem contar seu desempenho fraquíssimo nas provas e atividades. Sua irmã está se saindo bem. Talvez você pudesse se espelhar nela.

Toda vez que ouvia aquela comparação, era como se levasse um soco no estômago. Conner não era parecido com a irmã em nenhum aspecto e era sempre punido por isso.

– Se essa atitude continuar, serei obrigada a agendar uma reunião com a sua mãe, está me entendendo? – advertiu a professora.

– Sim senhor... *Quer dizer: “senhora”! Eu quis dizer “senhora”!* Me desculpe.

Definitivamente, não estava em seu melhor dia.

– Ok, então. Pode se sentar.

Conner voltou lentamente e cabisbaixo para sua carteira – mais cabisbaixo do que estivera durante toda a aula. Não havia nada que ele odiasse mais do que se sentir um fracasso.

Alex acompanhara toda a conversa entre o irmão e a professora. Por mais que Conner a envergonhasse, ela se compadecia dele de um jeito que só uma irmã podia fazer.

Alex folheou o livro de literatura tentando decidir sobre qual história escreveria. As figuras não eram tão coloridas e felizes como as do livro da avó, mas olhar todos aqueles personagens que ela cresceu lendo a fez sentir-se em casa, uma sensação que recentemente havia se tornado rara.

“Se esses contos de fadas pudessem se tornar realidade...”, pensou consigo mesma. “Alguém poderia agitar uma varinha, e magicamente as coisas voltariam a ser como antes.”



CAPÍTULO 2

O caminho mais longo para casa

– Estou tão empolgada com a tarefa – disse Alex a caminho de casa.

Conner já estava acostumado a escutar comentários desse tipo da irmã; eram a deixa para ele simplesmente parar de escutar.

– A senhora Peters tem razão por um lado, sabe? – ela continuou, falando desenfreadamente. – Pense em tudo que perdem as crianças que não conhecem contos de fadas! Não é terrível? Você não tem pena? Conner, está me ouvindo?

– Pode crer – mentiu Conner. Sua atenção estava voltada para uma concha de caracol abandonada, que ele chutava pela calçada.

– Dá para imaginar uma infância sem todos aqueles personagens e lugares? – continuou Alex. – Temos muita sorte de o papai e a vovó terem feito questão de ler para nós tantas histórias quando éramos pequenos.

– Sorte demais... – anuiu Conner, sem saber direito com o quê acabara de concordar.

Todos os dias depois da escola, os gêmeos voltavam a pé para casa. Moravam em um bairro

bonito, cercado de outros ainda mais charmosos, que, por sua vez, eram circundados por uma série de bairros igualmente agradáveis. Era um mar de residências; as casas eram semelhantes, mas, ao mesmo tempo, cada uma tinha características únicas e diferenciadas.

Para matar o tempo durante a caminhada, Alex dizia ao irmão tudo o que passava pela sua cabeça: o que estava pensando no momento, suas preocupações, um resumo de tudo o que havia aprendido no dia e o que planejava fazer assim que chegasse em casa. Por mais que essa rotina diária irritasse Conner, ele sabia que era a única pessoa no mundo com quem Alex conversava, então se esforçava ao máximo para ouvi-la. Mas escutar nunca fora o forte de Conner.

– Como é que eu decido sobre qual história vou escrever? Escolher é tão difícil! – Alex falava com entusiasmo, batendo palmas de tanta excitação. – E você, já decidiu?

– Hum... – resmungou Conner, tirando os olhos do chão. Ele teve que repassar mentalmente toda a conversa para adivinhar o que a irmã perguntara.

– “O Menino e o Lobo” – disse ele, mencionando o primeiro conto que lhe veio à mente.

– Não pode ser esse! – rebateu Alex, balançando a cabeça. – Esse é o mais óbvio de todos! Você tem que escolher um mais desafiador, para surpreender a senhora Peters. Se eu fosse você, escolhia algo com uma mensagem escondida no fundo da história, e não um conto tão evidente.

Conner suspirou. Era bem mais fácil concordar com Alex do que discutir com ela, mas o debate às vezes era inevitável.

– Está bem, então eu mudo para “A Bela Adormecida” – decidiu.

– Interessante – disse Alex, intrigada. – E qual é, para você, a moral da história?

– Não irrite seus vizinhos, eu acho – disse Conner.

Alex soltou um grunhido em discordância.

– Sério, Conner! Essa *não* é a moral de “A Bela Adormecida” – repreendeu.

– Claro que é – disse Conner. – Se o rei e a rainha tivessem convidado a feiticeira maluca para a festa da filha, lá no começo da história, nada daquilo teria acontecido.

– Eles não tinham como escapar do que aconteceu – disse Alex. – Aquela feiticeira era má e provavelmente teria amaldiçoado a pequena princesa de qualquer forma. “A Bela Adormecida” é sobre a tentativa de evitar o inevitável. Os pais fizeram de tudo para proteger a princesa, mandaram destruir todas as rocas do reino. Ela foi tão protegida que não aprendeu a noção de perigo, então espetou o dedo no primeiro fuso que viu na vida.

Conner pensou um pouco e chacoalhou a cabeça, contrariado. Gostava muito mais da sua versão.

– Não concordo – disse ele. – Eu já vi como você fica chateada quando as pessoas não te convidam para ir a algum lugar e muitas vezes tenho a impressão de que você também seria capaz de amaldiçoar um bebê.

Alex lançou-lhe um olhar de reprovação que teria deixado orgulhosa até mesmo a Sra. Peters e concluiu:

– Embora cada um possa interpretar como quiser, Conner, acho que você está definitivamente equivocado.

– Só estou dizendo que é preciso tomar cuidado com aqueles que você ignora – esclareceu Conner. – Sempre achei que os pais da Bela fizeram por merecer.

– É mesmo? Então suponho que, para você, João e Maria também fizeram por merecer?

– Sim – disse ele com ar de inteligência. – Assim como a bruxa!

– Como assim?

– Assim – explicou Conner, com um sorrisinho afetado –, se você vai viver em uma casa feita de doces, não escolha como vizinhos duas criancinhas gulosas. O que falta para um monte desses personagens de contos de fadas é bom senso.

Alex deixou escapar outro grunhido de reprovação. Conner sabia que ainda ouviria uns cinquenta iguais àquele antes de chegarem em casa.

– Mas a bruxa não era vizinha deles! Ela morava enfurnada no meio da floresta! Eles até fizeram uma trilha de migalhas para encontrar o caminho de volta, lembra? E a ideia da casa era justamente atrair as crianças. Além disso, elas estavam morrendo de fome! – Alex refrescou-lhe a memória. – Se vai criticar, pelo menos conte a história direito.

– Se estavam morrendo de fome, por que desperdiçaram as migalhas de pão? – perguntou Conner. – No fundo eu acho que eles eram dois arruaceiros, isso sim.

Mais um grunhido.

– E, na sua mente perturbada, qual é a lição de “Cachinhos Dourados e os Três Ursos”? – desafiou Alex.

– Essa é fácil – disse Conner. – Tranque as portas! Os ladrões podem ser de qualquer forma ou tamanho. Nem mesmo garotinhas de cabelos cacheados estão acima de qualquer suspeita.

Alex cruzou os braços e fez um esforço tremendo para segurar o riso, porque não queria dar corda às besteiras do irmão.

– “Cachinhos Dourados” é sobre consequências! A própria senhora Peters disse isso hoje – lembrou Alex.

Às vezes, discutir com o irmão era divertido. Mas isso era algo que ela nunca admitiria.

– E qual é o tema de “João e o Pé de Feijão”? – prosseguiu ela.

Conner ponderou por um momento e em seguida abriu um sorriso ardiloso.

– Que feijões ruins podem causar muito mais do que indigestão – respondeu, rindo descontroladamente de si próprio.

Alex mordeu os lábios para não cair na gargalhada.

– E Chapeuzinho Vermelho? – continuou perguntando. – Você acha que ela deveria ter mandado a cesta de guloseimas para a vovozinha pelo correio, é isso?

– Agora, sim, você pôs a cabeça para funcionar! – exclamou ele. – Sabe de uma coisa? Sempre tive pena da Chapeuzinho. Obviamente, os pais não gostavam muito dela.

– Por quê? – indagou Alex, curiosa, perguntando-se como o irmão teria sido capaz de chegar àquela conclusão a partir da história.

– Que pai mandaria a filha pequena com uma cesta de comida fresca e uma capa tão chamativa para o meio de uma floresta escura e cheia de lobos? – questionou Conner. – Eles estavam praticamente implorando para um lobo devorar a menina! Ela deveria ser muito irritante!

Alex segurou a gargalhada com todas as forças, mas, para deleite do irmão, deixou escapar um riso abafado.

– Eu sei que secretamente você concorda comigo – disse Conner, batendo de leve seu ombro no dela.

– Conner, são pessoas como você que destroem os contos de fadas – replicou Alex, engolindo o sorriso. – Tiram sarro das histórias, e de repente a mensagem está totalmente... perdida.

Alex parou de repente. Seu rosto foi perdendo gradualmente a cor. Alguma coisa do outro lado da rua lhe chamara a atenção, algo desconcertante.

– Qual é o problema? – perguntou Conner, voltando-se para ela.

Alex olhava uma casa grande. Pintada de azul com guarnições brancas em torno de suas muitas janelas, era uma graça. O jardim, cuidado à perfeição, tinha a quantidade certa de grama, canteiros de flores coloridas e uma árvore de tronco gigantesco, ideal para escalar. Se as casas pudessem sorrir, aquela levaria um sorriso de orelha a orelha.

– Olhe lá – disse Alex, apontando para a placa de vende-se próxima à árvore. Uma faixa chamativa com a palavra vendida em vermelho tinha sido colocada ali não fazia muito tempo. – Venderam a casa – lamentou, balançando a cabeça devagar, incrédula. – Foi vendida – repetiu, como se não quisesse acreditar.

O pouco que havia de cor no rosto redondo de Conner se esvaiu. Os gêmeos olharam para a

casa por um momento, em silêncio, sem saber o que dizer um ao outro.

– A gente sabia que um dia isso iria acontecer – declarou Conner.

– Então, por que estou tão surpresa? – perguntou baixinho a irmã. – Ela estava à venda havia tanto tempo que eu imaginei que estava só... sabe... esperando por nós.

Os olhos já marejados de Conner encontraram os da irmã, que também começavam a se encher de lágrimas.

– Vem, Alex – disse Conner, retomando o passo. – Vamos embora.

Ela ainda olhou a casa por mais um segundo antes de segui-lo. Aquela era apenas mais uma das coisas que a família Bailey havia perdido recentemente...



No ano anterior, poucos dias antes de Alex e Conner completarem onze anos, seu pai morreria em um acidente de carro. Sr. Bailey tinha uma livraria, a Bailey's Books, situada a poucas quadras de casa – e foi nesse curto trajeto de ruas estreitas, enquanto ele voltava para casa, que a tragédia aconteceu.

Os gêmeos e a mãe esperavam-no à mesa do jantar quando receberam uma ligação informando-lhes que o pai não chegaria naquela noite, nem em qualquer outra. Ele nunca se atrasava para o jantar; por isso, ao primeiro toque do telefone, os três souberam que algo estava errado.

Alex e Conner jamais conseguiriam esquecer a expressão no rosto da mãe quando ela atendeu à chamada – um olhar que lhes disse silenciosamente que suas vidas jamais seriam as mesmas a partir dali. Eles nunca haviam visto a mãe chorar como chorou naquela noite.

Tudo aconteceu tão depressa depois daquele dia... Era difícil para os gêmeos recordar a ordem exata em que tudo se deu.

Eles se lembravam da mãe dando uma série de telefonemas e tendo de lidar com um monte de papelada. Recordavam-se de que a avó veio cuidar deles enquanto a mãe fazia os arranjos necessários para o funeral. Lembravam-se também de segurar a mão da mãe ao caminharem pelo corredor da igreja; guardavam na lembrança as flores brancas e as velas, a expressão de tristeza estampada no rosto de cada um por que passavam. Lembravam-se das comidas que todos mandaram. Das pessoas dizendo que sentiam muito.

De uma coisa se esqueceram, no entanto: seu aniversário de onze anos, porque ninguém se lembrou.

Lembravam-se do quanto a mãe e a avó foram fortes para cuidar deles nos meses seguintes. Lembravam-se da mãe lhes explicando por que era preciso vender a livraria. Ao final, ela já não podia sustentar a linda casa azul, e assim eles foram obrigados a mudar para uma casa alugada na mesma rua, alguns quarteirões abaixo.

Lembravam-se perfeitamente da avó indo embora quando já estavam bem estabelecidos na nova casa, menor que a anterior. Lembravam-se de voltar para a escola e de como as pessoas se esforçavam, em vão, para agir normalmente.

Mas, acima de tudo, lembravam-se de não compreender por que aquilo teve que acontecer com eles.

Um ano inteiro havia se passado, e os gêmeos ainda não entendiam. Algumas pessoas falaram que, com o tempo, as coisas ficariam mais fáceis. Mas de quanto tempo exatamente elas estavam falando? A sensação de perda parecia crescer exponencialmente a cada dia sem o pai. Às vezes, a tristeza que os tomava era tão grande que eles tinham a impressão de que iam explodir.

Saudades do sorriso, saudades da risada, saudades das histórias...

Sempre que Alex tinha um dia especialmente ruim na escola, a primeira coisa que fazia ao chegar em casa era montar na bicicleta e pedalar até a Bailey's Books. Ela atravessava correndo a porta da frente, procurava o pai e dizia:

– Papai, preciso falar com você.

Ele podia estar atendendo um cliente, arrumando livros novos na estante, não importava: sempre parava o que estava fazendo, levava a filha até o depósito da loja e escutava o que ela queria lhe contar.

– O que está acontecendo, minha pequena? – dizia ele com os olhos bem abertos e com toda a atenção do mundo.

– Foi um dia muito ruim, papai – disse Alex em uma ocasião.

– As outras crianças ainda estão importunando você? – perguntou. – Eu posso ligar para a escola e pedir à sua professora que fale com eles.

– Isso não iria resolver nada – disse Alex entre fungadas de choro. – Ao me perturbarem, o que eles fazem, na verdade, é compensar a própria insegurança causada por negligência doméstica.

Sr. Bailey coçou a cabeça.

– Então, o que você quer dizer, minha linda, é que eles só estão com ciúmes? – perguntou.

– Exatamente – confirmou Alex. – Hoje, no almoço, eu li um livro de psicologia na biblioteca que explicava isso.

O pai deixou escapar uma risada cheia de orgulho. A inteligência da filha vivia surpreendendo-o.

– Você é fora de série, Alex! – concluiu.

– Às vezes eu queria ser igual a todo mundo – confessou ela. – Estou cansada de me sentir sozinha, papai. Se ser inteligente e boa aluna significa que eu nunca terei amigos, então prefiro ser parecida com Conner.

– Alex, já te contei a história da Árvore Torta?

– Não.

Os olhos do Sr. Bailey iluminaram-se de repente, como sempre acontecia quando ele estava prestes a contar uma história.

– Bem – começou ele –, um dia, quando eu era bem jovem, estava andando pela floresta e vi uma coisa bastante peculiar. Era uma sempre-viva, mas diferente de toda e qualquer árvore desse tipo que eu já vira. Em vez de crescer reto, seu tronco era curvo e fazia círculos, como o de uma videira.

– Como assim? – perguntou Alex, completamente intrigada. – Isso não é possível. As sempre-vivas não crescem tortas assim.

– Talvez alguém tenha se esquecido de contar isso para aquela árvore – disse o pai. – Bem, de qualquer forma, um dia os lenhadores chegaram e cortaram absolutamente todas as árvores daquela área, menos a Árvore Torta.

– Por quê? – indagou a filha.

– Porque a consideraram inútil – respondeu ele. – Jamais seria possível fazer uma mesa, uma cadeira ou um armário com aquele tronco. Veja só, a Árvore Torta pode até ter se sentido diferente das outras, mas foi justamente a sua singularidade que a salvou.

– E o que aconteceu com ela depois? – perguntou Alex.

– Ainda está lá – disse o Sr. Bailey, risonho. – Cada vez mais alta e mais torta.

Um sorriso tímido brotou nos lábios de Alex.

– Acho que entendi o que você está querendo me dizer, papai.

– Que bom. Então, você só precisa esperar os lenhadores chegarem e derrubarem seus colegas da escola.

Pela primeira vez no dia, Alex riu. Sr. Bailey sempre sabia como animá-la.



Os gêmeos passaram a levar o dobro do tempo para fazer o percurso da escola para a casa alugada. Era uma construção sem graça, com paredes marrons e um telhado plano. Tinha poucas janelas, e o jardim não contava com nenhum canteiro ou outro atrativo, apenas um gramado sem qualquer viço, já que os irrigadores não funcionavam.

A nova residência da família Bailey era aconchegante, mas desarrumada. Tinha muito mais móveis do que espaço, e eles não combinavam com a casa, mas ninguém nunca teve a intenção de combiná-los mesmo. Embora a família já morasse ali há mais de seis meses, ainda havia caixas encostadas nas paredes esperando para serem desempacotadas. Ninguém tinha vontade de abri-las; nenhum deles queria admitir que ficariam ali por um bom tempo.

Os gêmeos subiram imediatamente, cada um para seu quarto. Alex sentou-se à escrivaninha e começou a lição de casa. Conner recostou-se na cama e tirou uma soneca.

O quarto de Alex poderia ser facilmente confundido com uma biblioteca, não fosse a chamativa cama amarela enfiada em um canto. Prateleiras de todas as alturas e comprimentos cobriam o recinto de ponta a ponta e continham de tudo, desde livros didáticos até enciclopédias.

Já o quarto de Conner parecia mais uma caverna, na qual ele hibernava sempre que podia. Era escuro e bagunçado, com o carpete quase inteiramente escondido debaixo de pilhas de roupa suja. Um sanduíche de queijo pela metade jazia no chão havia muito mais tempo do que permitiria o bom senso.

Mais ou menos uma hora após chegarem da escola, os gêmeos escutaram barulhos que indicavam que a mãe havia passado em casa para vê-los e desceram até a cozinha. Ela estava sentada à mesa e falava ao telefone enquanto revirava a pilha de envelopes que acabara de recolher da caixa de correio.

Charlotte Bailey era uma mulher muito bonita; tinha cabelos ruivos e a pele coberta de sardas, de quem os filhos, sem sombra de dúvida, haviam herdado. Tinha um coração enorme e generoso e amava aquelas crianças mais que tudo neste mundo. Infelizmente, os gêmeos agora quase nunca a viam.

Ela era enfermeira no hospital local e, desde a morte do marido, se via constantemente forçada a trabalhar turnos dobrados para sustentar a família. Quando os filhos acordavam, a Sra. Bailey já havia saído, e, quando ela voltava para casa, eles já estavam na cama. Os únicos momentos que tinha com eles eram os breves intervalos de almoço e jantar, durante os quais ia para casa.

Ela amava o trabalho, assim como amava tomar conta das crianças do hospital, mas não suportava o fato de aquilo a impedir de passar um tempo com seus próprios filhos. De certo modo, os gêmeos sentiam que haviam perdido o pai e a mãe no acidente.

– Olá, meninos – disse a Sra. Bailey, cobrindo o bocal do telefone. – Foi tudo bem na escola?

Alex assentiu com a cabeça. Conner fez-lhe um sinal positivo exageradamente entusiástico com o polegar.

– Sim, nesta segunda posso dobrar o turno – disse ao telefone para alguém do hospital. – Tudo bem – mentiu.

A maioria dos envelopes que conferia tinha um adesivo vermelho com os dizeres “última notificação” ou “cobrança”. Mesmo trabalhando todas aquelas horas, às vezes a Sra. Bailey precisava fazer mágica com o dinheiro. Ela deixou os envelopes sobre a mesa, tomando o cuidado de virá-los para baixo, escondendo os adesivos dos gêmeos.

– Obrigada – finalizou a ligação e desligou o telefone. Voltou-se para os filhos. – Como estão vocês?

– Bem – disseram os dois passivamente.

A intuição de mãe da Sra. Bailey, no entanto, lhe disse que algo os incomodava.

– Qual é o problema? – perguntou, analisando-lhes a expressão. – Vocês parecem meio tristes.

Alex e Conner entreolharam-se, não muito certos sobre o que responder. Será que a mãe sabia da casa antiga? Deveriam contar?

– Vamos lá – disse a mãe. – O que é? Podem me falar qualquer coisa.

– Não estamos chateados – disse Conner. – Sabíamos que um dia iria acontecer.

– O quê? – perguntou a mãe.

– Que venderiam a casa – disse Alex. – Vimos hoje ao voltar da escola.

Um momento de silêncio. A notícia não era novidade para a Sra. Bailey, mas os gêmeos notaram que ela ficou tão chateada quanto eles, ainda que tenha se esforçado para não demonstrar.

– Ah, *isso* – disse a Sra. Bailey, rapidamente se recompondo. – Sim, eu sabia. Mas vocês não precisam ficar tristes. Vamos encontrar uma casa bem maior e melhor assim que sairmos desta fase.

E ficou nisso. A Sra. Bailey não mentia muito bem, nem os gêmeos. Mesmo assim, Alex e Conner esboçaram um sorriso e assentiram com a cabeça.

– O que vocês aprenderam hoje na escola? – perguntou a mãe, mudando de assunto.

– Tanta coisa! – proclamou Alex, agora com um largo sorriso.

– Nada de mais – resmungou Conner com uma careta.

– Você fala isso porque dormiu na aula de novo! – entregou a irmã, que recebeu de Conner um olhar fulminante.

– Ah, Conner, de novo? – reclamou a Sra. Bailey, balançando a cabeça. – O que a gente vai fazer com você?

– Não é minha culpa – disse o garoto. – As aulas da senhora Peters é que me fazem dormir. Simplesmente acontece! É como se o meu cérebro desligasse ou algo assim. Às vezes, nem o meu velho truque do elástico funciona.

– Truque do elástico? – quis saber a Sra. Bailey.

– Eu coloco um elástico no pulso e o puxo sempre que começo a sentir sono – explicou Conner. – Eu achava que esse truque era infalível!

A Sra. Bailey balançou a cabeça, achando mais graça do que qualquer outra coisa.

– Bom, não se esqueça da sorte que você tem de estar naquela classe – disse a Sra. Bailey com o olhar típico das mães, capaz de fazer qualquer um se sentir meio culpado. – As crianças do hospital dariam tudo para trocar de lugar com você e poder ir para a escola todos os dias.

– Elas mudariam de ideia se conhecessem a senhora Peters – completou Conner num fio de voz.

A Sra. Bailey estava prestes a repreendê-lo quando o telefone tocou.

– Alô? – falou ela. E logo sua testa crispou-se em profundas rugas de preocupação. – Amanhã? Não, deve haver algum engano, eu disse que não poderia trabalhar amanhã. É o aniversário dos meus filhos, e eu estava planejando passar a tarde com eles.

Alex e Conner olharam-se com a mesma expressão de surpresa. Quase haviam se esquecido de que fariam doze anos no dia seguinte. Quase...

– Tem certeza de que ninguém pode me cobrir? – perguntou a Sra. Bailey, tentando, em vão, conter o desespero na voz. – Não, não, eu compreendo... Sim, é claro... Estou sabendo dos cortes... Até amanhã.

Desligou o telefone, fechou os olhos e deixou escapar um longo suspiro de desilusão.

– Más notícias, pessoal – disse. – Parece que vou ter de trabalhar amanhã à noite. Não poderemos passar seu aniversário juntos. Mas depois compensamos! Vamos festejar assim que eu chegar do trabalho no dia seguinte, está bem?

– Tudo bem, mamãe – disse Alex com alguma animação, tentando fazê-la sentir-se melhor. – A gente entende.

– Está tudo certo – concordou Conner. – A gente não estava esperando nada especial mesmo. Aquela situação fez a Sra. Bailey se sentir a pior mãe do mundo, e a complacência dos

filhos só aumentou sua culpa. Ela preferia que eles fizessem cena, se revoltassem... que tivessem uma reação típica da idade deles. Eles eram novos demais para estarem acostumados com a decepção.

– Ah... – recomeçou a mãe, lutando contra a tristeza que a tomava. – Ótimo, então. Vamos jantar... e arrumar um bolo... e ter uma noite gostosa. Vou subir por um instante antes de voltar ao trabalho. Saiu da cozinha e correu para o andar de cima.

As crianças esperaram um minuto e foram ver se ela esta-va bem. Espiaram pela fresta da porta do quarto da mãe e viram-na sentada na cama aos prantos, com bolas de papel amassado nas mãos, conversando com um retrato do falecido ma-rido.

– Ah, John – disse ela. – Eu tento ser forte e manter a família nos trilhos, mas está muito difícil sem você. Eles são tão bons, não merecem isso.

Enxugou rapidamente as lágrimas assim que notou a presença dos filhos. Alex e Conner entraram devagar no quarto e sentaram-se ao lado da mãe.

– Desculpem – disse ela. – Não é justo que vocês, tão novinhos, passem por tudo isso.

– Vai ficar tudo bem, mamãe – disse Alex. – Não precisamos de nada especial no nosso aniversário.

– As pessoas dão muita bola para aniversários hoje em dia – complementou o irmão. – Sabemos que as coisas estão meio apertadas agora.

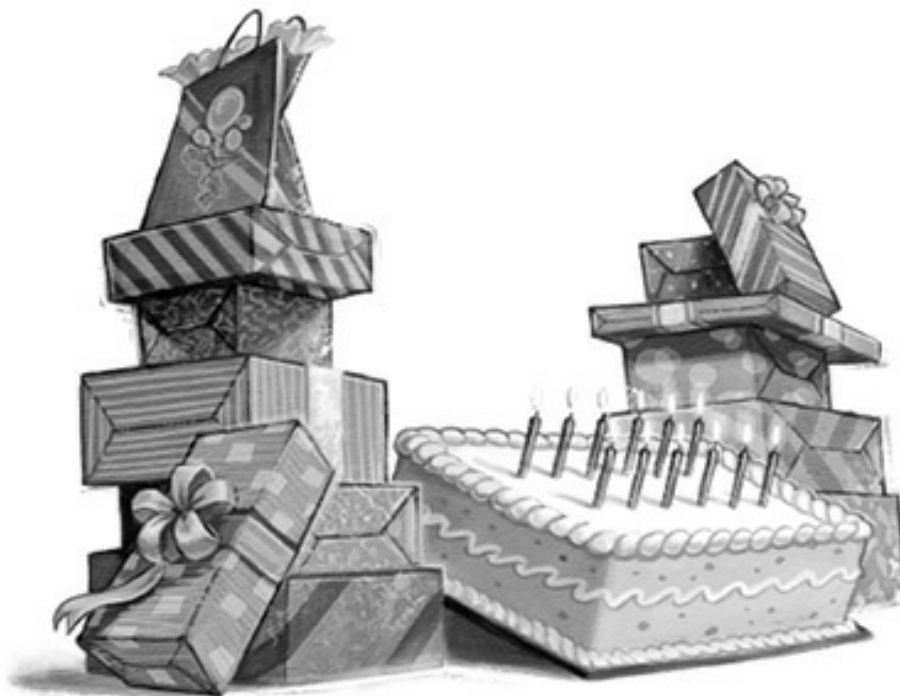
Sra. Bailey passou o braço em volta dos filhos.

– Quando vocês amadureceram tanto? – perguntou com os olhos cheios d’água. – Eu sou a mãe mais sortuda do mundo!

Todos se voltaram então para a foto do Sr. Bailey.

– Vocês sabem o que o papai diria se estivesse aqui? – perguntou a Sra. Bailey. – Diria: “Estamos vivendo um capítulo difícil de nossas vidas neste momento, mas nos livros tudo termina bem!”

Os gêmeos lançaram-lhe um sorriso, esperançosos de que aquilo fosse verdade.



CAPÍTULO 3

Uma surpresa de aniversário

– Larguem o lápis – ordenou a Sra. Peters, parada diante da classe. Os alunos faziam uma prova de matemática; a professora os observara o tempo todo como uma sentinela. – Passem a avaliação para frente.

Conner deu uma última olhada na folha que tinha diante de si: deixara em branco a maioria das questões, tendo rabiscado algumas respostas para parecer que ao menos havia tentado resolvê-las. Improvisou uma oração em silêncio e passou adiante a prova.

As avaliações dele e dos colegas chegaram às mãos de Alex, que as empilhou com capricho para entregá-las à Sra. Peters. A garota sempre se sentia revigorada ao terminar uma prova, principalmente uma tão fácil quanto essa.

A do irmão chamou-lhe a atenção por ser a que tinha menos coisas escritas. Alex sabia que Conner se esforçava ao máximo na escola, só que o máximo dele nunca era suficiente. Olhou para ele e desejou poder ajudá-lo... E então lhe ocorreu: *talvez eu possa*.

Alex viu que a Sra. Peters estava ocupada com suas anotações no caderno de planejamento de tarefas. Será que a professora perceberia se ela respondesse rapidamente a algumas

questões na prova do irmão? Será que ela era capaz de fazer uma coisa tão descaradamente errada? Adulterar a avaliação alheia seria equivalente a colar? Será que o gesto benevolente, no fim das contas, compensaria o delito?

Ela sabia que sempre tendia a pensar demais, então decidiu simplesmente colocar mãos à obra. Preencheu algumas questões num piscar de olhos, forçando para que a letra ficasse um pouco garranchada, e entregou a pilha de papel à professora.

Foi a coisa mais espontânea que já fizera na vida.

– Muito obrigada, senhorita Bailey – disse a Sra. Peters, olhando-a nos olhos. Alex sentiu o estômago embrulhar. A excitação do impulso foi rapidamente ofuscada pela culpa.

Sra. Peters sempre confiou nela; como pôde se entregar a um impulso tão irresponsável? Deveria confessar o que havia feito? Qual seria a punição para esse tipo de crime? Será que carregaria para sempre essa sensação de culpa?

Olhou novamente para Conner. Ele soltou um longo e silencioso suspiro, e Alex percebeu a tristeza e o constrangimento do irmão; ela sentiu o desalento dele como se fosse o seu próprio.

Então a avalanche de críticas e julgamentos parou de assolar a cabeça da menina. Ela sabia que havia feito a coisa certa. Não como aluna, mas como irmã.

– Peguem agora a lição que passei ontem – ordenou a Sra. Peters. – Eu gostaria que cada um viesse aqui na frente e apresentasse brevemente as suas conclusões para os colegas.

A professora sempre surpreendia os alunos com essas apresentações improvisadas; era uma forma de mantê-los atentos. Sentou-se em um banquinho no fundo da sala, muito próximo à carteira de Conner, de modo a fazê-lo ficar acordado.

Um por um, os alunos apresentaram suas tarefas diante dos colegas. Fora um garoto que concluiu que “João e o Pé de Feijão” era sobre uma abdução alienígena e uma menina que chegou a afirmar que “O Gato de Botas” era um dos primeiros exemplos de crueldade animal, todos pareciam ter interpretado corretamente os contos.

– Foi tão difícil decidir sobre o que falar – Alex começou animada a sua apresentação de sete páginas. – Então, escolhi a história cujo tema central está presente em praticamente todos os contos de fadas e em todas as histórias já escritas. “Cinderela”!

Os colegas não compartilharam a empolgação de Alex.

– Muitas pessoas têm implicância com “Cinderela” por julgarem que a história tem elementos antifeministas – continuou. – Mas eu acho isso totalmente ridículo! “Cinderela” não trata de um homem que salva uma mulher, e sim de carma!

A maioria dos alunos começou a divagar. Sra. Peters era a única na classe que parecia minimamente interessada naquilo que Alex tinha a dizer.

– Pensem – prosseguiu a garota. – Mesmo depois de anos de constante abuso por parte da madrasta e das meias-irmãs, Cinderela continuou sendo uma pessoa boa e cheia de esperanças. Nunca deixou de acreditar em si própria e na bondade do mundo. E, embora tenha se casado com o príncipe só no final, sempre carregou consigo uma felicidade interior. Sua história nos mostra que, mesmo nas piores situações, mesmo quando parece que ninguém no mundo lhe dá valor, tudo pode melhorar, se você tiver esperança...

Alex refletiu por um instante sobre as palavras que proferira. Questionava a ideia que acabara de apresentar. Será que aquele era mesmo o tema central de “Cinderela”, ou era o que ela queria que fosse?

– Muito obrigada, senhorita Bailey! Você falou com muita propriedade – disse a Sra. Peters, exprimindo um sorriso, ou o mais próximo disso que seu rosto era capaz de exibir.

– Obrigada pela atenção – concluiu Alex, acenando com a cabeça à classe.

– Sua vez, senhor Bailey – anunciou a professora. Sra. Peters estava tão perto que ele podia sentir na nuca o calor da respiração que saía das narinas dela.

Conner dirigiu-se à frente da sala arrastando os pés, que pareciam feitos de concreto.

Ele nunca teve problema em falar diante da classe, mas preferia estar em qualquer outro lugar do mundo a apresentar um trabalho para a professora. Alex fez-lhe um aceno encorajador com a cabeça.

– Eu escolhi “O Menino e o Lobo” – disse Conner, contrariando o conselho que recebera da irmã no dia anterior.

Alex afundou na cadeira, e a Sra. Peters revirou os olhos em desaprovação.

– Eu sei que vocês acham que eu escolhi a história mais fácil – disse Conner. – Só que, depois que a li de novo, já não acho mais que trata da importância da honestidade. Acho que ela fala sobre expectativas altas demais.

Alex e a Sra. Peters ergueram a sobrancelha ao mesmo tempo. Aonde será que ele queria chegar?

– É claro que o garoto era um fedelho. Não posso negar – prosseguiu Conner, gesticulando com a meia página que havia escrito. – Mas qual é o problema de querer se divertir um pouco? Claramente, a vila onde ele morava estava tendo alguns problemas com lobos, e todos estavam tensos com a situação. Ele era só uma criança. Será que as pessoas realmente esperavam que ele fosse perfeito o tempo todo?

Sua apresentação podia não ser a melhor de todas, mas com certeza prendia a atenção da classe.

– O que me faz pensar: por que ninguém vigiava essa criança? – acrescentou Conner. –

Talvez, se os pais cuidassem do menino, ele não tivesse sido comido. Eu acho que a história tenta nos dizer que devemos ficar de olho em nossas crianças, principalmente se elas forem mentirosas patológicas. Muito obrigado.

Conner não estava tentando ser engraçado. Estava simplesmente exprimindo seus pensamentos e suas opiniões com uma honestidade contundente. Tamanha sinceridade era sempre divertida aos olhos da classe, mas nunca aos da professora.

– Obrigada, senhor Bailey – disse ela secamente. – Pode se sentar agora.

Conner sabia que tinha feito alguma coisa errada. Sentou-se em sua cadeira, retomando seu posto sob o olhar gelado e o bafo quente da professora. Por que se esforçar, afinal? Não havia um dia de aula que terminasse sem que ele se sentisse um inútil. Só uma pessoa era capaz de fazê-lo se sentir melhor. Conner desejava que ele ainda estivesse por perto...



Sr. Bailey sempre sabia quando o filho precisava se abrir com ele. Não tinha nada a ver com observação ou com intuição, mas com localização. Por vezes, ele chegava do trabalho e encontrava Conner sentado no topo da árvore do jardim com o olhar pensativo.

– Conner? – o pai chamava. – Tudo bem com você, amigão?

– Ahã... – grunhia Conner.

– Tem certeza? – insistia o Sr. Bailey.

– Tenho – confirmava Conner, de modo nada convincente. Ao contrário da irmã, ele não gostava muito de falar de seus problemas, mas seu rosto sempre denunciava quando algo o estava incomodando. O pai então escalava a árvore e sentava-se junto ao filho, persuadindo-o com cuidado a compartilhar suas preocupações.

– Tem certeza de que não quer falar? – insistia o Sr. Bailey. – Aconteceu alguma coisa na escola hoje?

Conner assentia com a cabeça.

– Tirei uma nota ruim na prova – ele admitiu certa vez.

– Mas você estudou? – perguntou o pai.

– Estudei – disse. – Juro que estudei, pai. Mas não adianta. Nunca vou ser inteligente como a Alex – lamentou, ruborizado de constrangimento.

– Conner, vou te contar uma coisa que demorei um tempão para aprender – disse o Sr. Bailey. – As mulheres sempre parecerão mais espertas; é simplesmente assim que as coisas

são. Estou casado com a sua mãe há treze anos e ainda tenho de me esforçar para acompanhá-la. Você não pode se comparar com os outros.

– Mas eu sou burro, pai – falou Conner, com os olhos já marejados.

– Eu não acho – contestou o Sr. Bailey. – É preciso inteligência para ser engraçado e saber contar piadas, e você é a criança mais divertida que conheço!

– É, mas o senso de humor não me ajuda com história nem com matemática – retrucou Conner. – Por mais que eu me esforce, serei sempre o burro da classe...

O rosto de Conner perdeu a expressão. Ficou ali olhando para o nada, morrendo de vergonha. Por sorte, o Sr. Bailey sempre tinha uma história encorajadora para cada situação.

– Conner, já te contei a lenda do Peixe Ambulante? – perguntou o Sr. Bailey.

Conner olhou para o pai:

– Peixe Ambulante? Pai, não fique chateado, mas não acho que vou me sentir melhor com uma das suas histórias.

– Tudo bem, você é quem sabe – disse o Sr. Bailey.

Um instante se passou, e Conner não conteve a curiosidade.

– Ok, pode me contar sobre o Peixe Ambulante.

Sr. Bailey então ergueu os olhos como sempre fazia antes de começar uma história. E Conner percebeu que essa seria das boas.

– Era uma vez um peixe enorme que vivia sozinho num lago – começou o pai. – Todos os dias, ele assistia calmamente a um garoto do vilarejo brincar com os cavalos, os cachorros e os esquilos que havia naquela terra...

– Vai morrer algum cachorro nessa história, pai? – interrompeu Conner. – Você sabe que eu odeio histórias em que o cachorro morre...

– Me deixa continuar – disse o pai. – Um dia, apareceu no lago uma fada e concedeu ao peixe um desejo...

– Isso é arbitrário demais – protestou Conner. – Por que as fadas sempre aparecem e fazem coisas legais para pessoas que nem conhecem?

– Ossos do ofício? – sugeriu o Sr. Bailey, dando de ombros. – Mas, para fins de argumentação, digamos que a fada havia derrubado a varinha no lago e o peixe a encontrou e devolveu, de modo que ela lhe concedeu o desejo como retribuição. Assim você fica mais feliz?

– Assim está melhor – disse Conner. – Pode continuar.

– Como era de se esperar, o peixe desejou pernas para poder brincar com o garoto do

vilarejo – disse o Sr. Bailey. – E então a fada transformou suas nadadeiras em pernas, e ele se tornou o Peixe Ambulante.

– Essa foi estranha – disse Conner. – Vou adivinhar, o peixe ficou tão medonho que o garoto jamais quis se aproximar dele?

– Nada disso, eles se tornaram bons amigos e brincaram com os outros animais terrestres – falou o Sr. Bailey. – Só que, um dia, o garoto caiu no lago, e ele não sabia nadar. O Peixe Ambulante tentou salvá-lo, mas não conseguiu, porque não tinha mais nadadeiras. Infelizmente, o garoto morreu.

Conner ficou estupefato.

– Está vendo? Se o peixe tivesse ficado no lago em vez de querer ser o que não era, poderia ter salvado o amigo – concluiu o Sr. Bailey.

– Pai, que história horrível! E como pode um garoto morar à beira do lago e não saber nadar? Até os cachorros sabem nadar! Por que nenhum dos cachorros foi salvá-lo? Onde estava a tal da fada quando o menino se afogava?

– Acho que você não captou a essência da história. Às vezes nos esquecemos das nossas qualidades porque nos concentramos demais naquilo que não possuímos. Só porque você precisa se esforçar um pouco mais do que outras pessoas em algumas coisas não significa que você não tenha seus próprios talentos.

Conner pensou naquilo por um momento.

– Acho que entendi, papai – disse por fim.

Sr. Bailey sorriu para o filho.

– Agora, que tal descermos desta árvore, e eu ajudo você a estudar para a próxima prova?

– Já falei, pai, estudar não resolve – falou Conner. – Já tentei um milhão de vezes, e nunca funciona.

– Então vamos inventar um jeito novo de estudar, um jeito só nosso – propôs o Sr. Bailey. – Vamos dar uma olhada nas figuras do livro de história e fazer piadas sobre aquelas pessoas, assim você vai se lembrar do nome delas. E podemos desenhar estruturas engraçadas para as fórmulas de matemática.

Conner anuiu com um gesto lento.

– Está bem – disse ele, esboçando um sorriso. – Mas, só para você saber, gostei bem mais da história da Árvore Torta.



Naquele dia, a caminhada de volta para casa foi bastante silenciosa. Alex sabia que a apresentação deixara o irmão um pouco tenso. De tempos em tempos, ela tentava quebrar o silêncio com comentários de incentivo.

– Achei bom o seu argumento – disse com doçura. – Eu nunca teria pensado nisso.

– Obrigado – respondeu Conner.

A irmã não estava ajudando.

– Mas pode ser que você tenha superinterpretado o conto – disse Alex. – Eu faço isso direto. Às vezes, leio uma história e interpreto do jeito que eu quero em vez de encontrar a ideia pretendida pelo autor. É uma questão de prática.

Conner não respondeu. Ela continuava não ajudando.

– Bom, hoje é o nosso aniversário – lembrou-lhe. – Está gostando da ideia de ter doze anos?

– Para falar a verdade, não – admitiu Conner. – É igual a ter onze, só que qualquer dia desses vão nascer uns dentes novos.

– Um pouco mais de otimismo, vai – insistiu Alex. – Não temos nada interessante para fazer no nosso aniversário, mas isso não é motivo para desânimo. Tantas coisas nos esperam! Só mais um ano, e já seremos adolescentes!

– É, acho que sim – concordou Conner. – E só faltam quatro para podermos dirigir!

– E seis para votarmos e irmos para a faculdade – continuou a irmã.

Nada mais lhes veio à mente. A alegria daquele momento era oca, e ambos estavam conscientes disso. Permaneceram em silêncio durante o resto do percurso. Ainda que a maior festa do planeta os aguardasse em casa, os aniversários sempre seriam difíceis para eles.

A escola tinha sido previsível. O caminho para casa, sem novidade. O dia inteiro parecia bem normal. Não havia nada fora do comum que pudesse tornar especial aquele aniversário... Até que eles chegaram e viram um carro azul brilhante estacionado na rua, em frente à casa.

– *Vovó?* – perguntaram os gêmeos em uníssono.

– SURPRESA! – a avó gritou tão alto enquanto saía do carro que a vizinhança inteira pôde ouvi-la.

As crianças correram em sua direção com um enorme sorriso. Elas viam a avó poucas vezes no ano e estavam espantadas de vê-la agora, sem aviso prévio.

A avó deu um abraço apertado nos dois ao mesmo tempo.

– Vejam só vocês dois! – disse ela. – Cresceram quase um palmo desde que nos despedimos da última vez!

A avó era uma senhora baixa com longos cabelos grisalhos, muito bem presos em uma trança. Tinha o sorriso mais acolhedor e o olhar mais bondoso do mundo; seus olhos se enrugavam quando ria, assim como os do Sr. Bailey. Era uma mulher alegre e cheia de energia, tudo de que os gêmeos precisavam naquele momento.

Ela sempre usava vestidos alegres e os seus sapatos característicos, com cadarços brancos e saltos marrons. Nunca se distanciava da mala de viagem, uma sacola verde enorme, nem da bolsa azul. E, embora o avô tivesse falecido muitos e muitos anos atrás, ela ainda levava a aliança no dedo.

– Não fazíamos a mínima ideia de que a senhora viria – disse Conner.

– Se soubessem, não seria surpresa – respondeu a avó.

– O que você está fazendo aqui, vovó? – perguntou Alex.

– Sua mãe me telefonou e pediu que eu ficasse com vocês enquanto ela trabalha – disse a avó. – E eu não podia deixar vocês passarem o dia do aniversário sozinhos, não é? Ainda bem que eu estava no país!

A avó era aposentada e passava a maior parte do ano viajando com suas amigas. Elas já haviam conhecido a maioria dos países do mundo, inclusive alguns muito pobres, onde iam para crianças doentes nos hospitais, além de ensinar as outras crianças da comunidade a ler e escrever.

– Venham me ajudar com as compras – pediu a avó.

Abriu então o porta-malas, e os gêmeos começaram a descarregar as incontáveis sacolas cheias de comida. Era o suficiente para semanas.

Sentada à mesa da cozinha, a Sra. Bailey manuseava mais uma pilha de envelopes, todos com os mesmos dizeres em vermelho. Colocou-os rapidamente num canto assim que os três entraram desfilando com as sacolas.

– O que é isso tudo? – perguntou a Sra. Bailey.

– Olá, querida! – cumprimentou a avó. – Quero preparar um grande jantar de aniversário para os gêmeos e não sabia como estava a sua despensa, então fui ao mercado e comprei algumas coisinhas.

A avó tinha um grande talento para adoçar a verdade.

– Não precisava se incomodar – disse a Sra. Bailey, balançando a cabeça, surpresa com o gesto generoso.

– Incômodo nenhum – disse a avó com seu sorriso reconfortante. – Alex, Conner, que tal vocês buscarem seus presentes no banco da frente do carro enquanto eu converso com a mamãe para saber as novidades? Mas não abram nada até de noite!

Felizes da vida, eles obedeceram à avó. A palavra “presentes” tinha sido banida do vocabulário dos dois já há algum tempo.

– Viu, eu não disse? – comentou Alex com o irmão no caminho até o carro da avó. – Sempre vale a pena ser otimista.

– Sim, sim, sim... – disse Conner.

Meia dúzia de presentes embrulhados e com laços brilhantes, cada qual com o nome de um dos irmãos, esperava no banco da frente do carro. Os gêmeos voltaram para a casa carregando seus pacotes. A avó e a mãe ainda estavam conversando sobre algo que eles supostamente não deveriam ouvir.

– As coisas estão difíceis – disse a Sra. Bailey. – Mesmo depois da venda da livraria, da quitação da casa, ainda temos algumas dívidas, além das contas do funeral. Mas estamos conseguindo dar um jeito. Mais alguns meses, e vamos nos recuperar.

A avó segurou as mãos da Sra. Bailey.

– Querida, se você precisar de alguma coisa, qualquer coisa, sabe que é só me telefonar – disse a avó.

– Mas você já nos ajudou tanto! – falou a Sra. Bailey. – Nem sei como estaríamos agora se não fosse por você. Não posso lhe pedir mais nada.

– Pois você não está pedindo, eu é que estou oferecendo – confortou a avó.

Os gêmeos sabiam que se continuassem espiando seriam descobertos, então entraram na cozinha com os presentes.

– Bom, tenho de voltar ao trabalho – declarou a Sra. Bailey, dando um beijo estalado na cabeça de cada um dos filhos. – Tenham uma ótima noite! Vejo vocês amanhã. E guardem um pouco de espírito festivo para mim!

Juntou as coisas e, já de saída, murmurou um expressivo “Obrigada!” para a avó.

A avó guardou seus pertences no quarto de hóspedes e voltou à cozinha, onde encontrou a pilha de contas que a Sra. Bailey escondera em um canto. Enfiou toda a correspondência na bolsa com um sorriso no rosto. Pronto. A avó adorava ajudar as pessoas – especialmente contra a vontade delas.

– Então, vamos começar a fazer esse jantar? – convidou a avó, batendo palmas.

Alex e Conner sentaram-se à mesa e lhe fizeram companhia enquanto ela cozinhava um banquete. A avó lhes contou sobre suas viagens mais recentes, as dificuldades que enfrentou com as amigas nos diferentes países e todas as pessoas interessantes que conheceu.

– Nunca conheci uma pessoa com a qual eu não pudesse aprender alguma coisa – afirmou. – Mesmo a pessoa mais monótona do mundo é capaz de nos surpreender. Lembrem-se sempre

disso.

Ela cozinhava tantas coisas diferentes ao mesmo tempo que era impossível dizer aonde ia cada ingrediente. Fazia tudo muito rápido e usava praticamente todas as panelas e louças disponíveis.

A cada segundo que passava, o estômago dos gêmeos roncava mais alto, e eles salivavam sem parar.

Finalmente, depois de algumas horas de torturas aromáticas, comeram. Alex e Conner tinham se acostumado de tal forma aos congelados e às comidas que pediam por *delivery* que mal se lembravam do prazer de saborear uma comida decente.

Havia purê de batata, macarrão com queijo, frango assado com cenouras e ervilhas e, ainda por cima, pãezinhos frescos, feitos na hora. A mesa da cozinha parecia a capa de um livro de receitas.

E justamente quando os dois pensavam que não conseguiriam comer mais nada, a avó tirou do forno um enorme bolo de aniversário. Os gêmeos ficaram estupefatos; não haviam se dado conta de que ela estava assando aquele bolo. A avó cantou os parabéns, e Alex e Conner sopraram as velas.

– Agora, os presentes! – disse a avó. – Venho juntando-os ao longo do ano todo!

Cada um abriu seus pacotes, soterrando-se em mil presentinhos de tudo quanto era país por onde a avó passou.

Alex ganhou cópias de seus livros prediletos em outras línguas: “Alice no País das Maravilhas”, em francês, “O Mágico de Oz”, em alemão e “Mulherzinhas”, em holandês.

Conner ganhou uma pilha de doces e várias camisetas divertidas, nas quais se liam coisas como “Minha avó maluca foi à Índia e me trouxe esta camiseta”.

Os presentes incluíam também várias réplicas de edificações famosas, como a Torre Eiffel, a Torre de Pisa e o Taj Mahal.

– É uma loucura pensar que lugares como esses existam de verdade – disse Alex com uma pequena Torre Eiffel nas mãos.

– Você não acreditaria no que há por aí fora esperando ser descoberto – falou a avó entre sorrisos e piscadelas.

Um dia tão pouco promissor havia se transformado em um dos melhores aniversários que tiveram na vida.

Conforme avançava, a noite se tornava um pouco amarga, com a visita da avó prestes a terminar. Desde que o pai morrera, os gêmeos nunca haviam ficado com a avó por mais do que um dia, e meses se passavam entre uma visita e outra. Ela estava sempre ocupada com as

viagens.

– Até quando a senhora fica? – perguntou Alex.

– Até amanhã. Vou embora assim que levar vocês à escola.

Eles então se retraíram um pouco.

– O que houve? – perguntou a avó, sentindo que os dois perderam o ânimo.

– Queríamos que a senhora ficasse mais um pouco – disse Conner.

– Sempre que a senhora vai embora, sentimos muita saudade – acrescentou Alex. – As coisas estão tão tristes sem o papai, e a senhora faz parecer que tudo vai ficar bem.

O sorriso da avó, sempre estampado no rosto, se apagou aos poucos, e ela mirou através da janela, o olhar perdendo-se na noite escura. Deu um suspiro.

– Ah, crianças, se pudesse passar todo o tempo do mundo com vocês, eu passaria – disse a avó, nostálgica, soando talvez mais melancólica do que gostaria. – Mas às vezes a vida nos dá certas responsabilidades, não porque as buscamos, mas porque estamos fadados a elas, e precisamos cumpri-las. Quando estou longe, só consigo pensar em quanta falta sinto de vocês dois e de seu pai.

Era difícil para Alex e Conner entenderem aquilo tudo. Será que ela, na verdade, não queria viajar tanto?

A avó então olhou para as crianças, e seu rosto estava iluminado por um novo pensamento.

– Já ia me esquecendo! Tenho mais um presente para vocês! – disse num sobressalto, voando até o quarto.

Voltou carregando um livro antigo de capa verde-escura cujo título, *Terra de Histórias*, estava escrito em letras douradas. Alex e Conner o reconheceram assim que o viram. Se havia no mundo um objeto que simbolizava sua infância, era esse livro.

– Nosso antigo livro de histórias! – exclamou Alex. – Há anos eu não o via!

A avó fez que sim com a cabeça.

– Ele é bem velhinho e está na família há anos – disse. – Eu o levo comigo para todo canto e o leio para as crianças. Mas agora quero que fiquem com ele.

Os gêmeos ficaram comovidos com o gesto.

– Como assim? – perguntou Conner. – Não podemos ficar com o seu livro, vovó. É o *Terra de Histórias*! É o *seu* livro! Sempre foi tão importante para a senhora!

A avó então o abriu e o folheou. O cheiro de papel embolorado tomou conta do ambiente.

– É verdade – disse a avó. – Este livro e eu passamos muito tempo juntos ao longo dos últimos anos. No entanto, as melhores memórias que tenho são de quando o lia para vocês. Por

isso, quero dá-lo aos dois. Não preciso mais dele. Além do quê, já decorei todas as histórias.

Entregou o volume às crianças. Alex hesitou um pouco, mas acabou aceitando. Não lhe parecia correto ficar com ele. Era como receber a herança de um parente ainda vivo.

– Sempre que estiverem tristes, nos dias que mais tiverem saudade do pai de vocês, ou quando sentirem a minha falta, basta abrir o livro, e nós todos nos uniremos em espírito e o leremos juntos – garantiu-lhes a avó. – Agora, está ficando tarde, e vocês têm escola amanhã. Vamos nos preparar para dormir.

Os dois lhe obedeceram, e, embora já estivessem um tanto velhos para isto, a avó insistiu em colocar cada um deles na cama, como nos velhos tempos.

Naquela noite, Alex levou o *Terra de Histórias* para o quarto. Virou com todo o cuidado as velhas páginas para não rasgarem. Rever todas aquelas ilustrações coloridas de lugares e personagens era como olhar um álbum antigo. Mais do que tudo na vida, ela adorava passar horas lendo sobre os personagens dos contos de fadas. Aqueles seres eram tão reais e acessíveis para ela que pareciam seus melhores amigos.

– Queria que pudéssemos escolher o mundo em que vivemos – disse Alex, passando os dedos sobre as ilustrações. Elas eram tão convidativas.

Ali em suas mãos estava um mundo diferente do que ela habitava. Inalterado pela corrupção política ou pela tecnologia, era um lugar onde coisas boas aconteciam para pessoas boas, um universo do qual ela desejava fazer parte, do fundo do coração.

Alex imaginava como seria se ela fosse o personagem de um conto de fadas: as florestas pelas quais correria, os castelos em que viveria e as criaturas com as quais faria amizade.

Finalmente, suas pálpebras começaram a pesar. Fechou então o *Terra de Histórias*, colocou-o sobre o criado-mudo, apagou a luz e se deixou envolver pelo sono. Estava quase mergulhando no inconsciente quando escutou um ruído esquisito.

Um zunido bem baixinho tomou o quarto.

– O que será isso? – pensou Alex consigo, abrindo os olhos para tentar descobrir a origem do barulho. Não viu nada. – Estranho – disse em voz alta.

Fechou novamente os olhos para entregar-se ao sono. O zunido voltou a incomodá-la.

Alex sentou-se e olhou à sua volta. Ela finalmente descobriu de onde vinha o ruído: de dentro do *Terra de Histórias*. E, para seu espanto, as páginas do livro brilhavam intensamente.



CAPÍTULO 4

Terra de Histórias

Alex vinha agindo de maneira estranha a semana toda. Conner notou logo, pois ela não estava tão falante e agitada quanto de costume; ao contrário, estava bastante quieta e parecia mergulhada num profundo estado de confusão.

No café da manhã, ela mal reparava quando o irmão lhe dava bom-dia. Na escola, parou de erguer o braço a todo momento. Durante o caminho de volta para casa, praticamente não dizia nada. E, assim que chegavam, ela subia correndo as escadas e passava o dia trancada no quarto.

– Você está se sentindo bem? – perguntou Conner finalmente. – Você está diferente.

– Só estou cansada – respondeu Alex.

E devia estar mesmo, porque parecia não dormir mais. Toda vez que Conner acordava no meio da noite para pegar água ou ir ao banheiro, as luzes do quarto da irmã estavam acesas, e ele conseguia ouvir um ruído que vinha lá de dentro, como se ela estivesse trabalhando em alguma coisa. Ele não precisava ser um gênio para compreender que se tratava de algo mais do que insônia. Por conta dos inúmeros vídeos educativos sobre saúde a que assistira na

escola, estava cansado de saber que garotas dessa idade passam por alterações no corpo e instabilidades no humor, mas o fato é que Alex se transformara em outra pessoa.

Algo muito sério a incomodava, e ela não queria compartilhá-lo.

– Posso pegar alguns lápis emprestados? – perguntou ela, certa vez, com os olhos arregalados e completamente desperta, apesar da hora avançada.

Era como se um pavão solicitasse penas emprestadas. Conner não soube como responder àquele pedido. Ela com certeza não estava fazendo lição de casa àquela hora da noite... Ou estava?

– Mas você não tem, tipo, uns cem lápis? – questionou o irmão.

– Tenho... Mas perdi todos – disse ela.

Ele então dividiu seus lápis com Alex. Ela os pegou rapidamente e sumiu de novo porta do quarto adentro. Nem sequer pareceu se importar por estarem todos mastigados e sem a borracha na ponta.

Na noite seguinte, Conner foi várias vezes acordado por aquele zunido peculiar que vinha do quarto de Alex. Estava tudo quieto, mas havia uma vibração forte que ele podia tanto sentir quanto escutar.

– Alex? – Conner chamou, batendo à porta dela. – Que barulho é esse? Estou tentando dormir, e isso está me enlouquecendo!

– É só uma abelha. Já espantei, voou pela janela – respondeu por detrás da porta a irmã, agora frenética.

– Abelha? – Conner perguntou confuso.

– Sim, uma abelhona. É temporada de acasalamento, e elas ficam bastante agressivas – Alex argumentou rapidamente.

– Ah... Está bem... – encerrou Conner. E assim o garoto voltou para a cama.

Mas esse episódio não foi nada comparado ao que aconteceu na escola, no dia seguinte.

– Alguém pode me dizer os nomes dos rios que cortavam a antiga Mesopotâmia? – perguntou a Sra. Peters à classe durante a aula de história. E, como de costume, não houve voluntários. – Alguém? – tentou de novo a professora.

Todos olhavam para Alex, esperando que seu braço se erguesse a qualquer momento, mas ela não tirava os olhos do chão. Não estava prestando a mínima atenção a nada daquilo.

– Tigre e Eufrates – explicou por fim a Sra. Peters. – E alguém sabe me dizer o que as pessoas acreditam ser essa área entre os dois rios? – perguntou já se dirigindo a Alex, mas não adiantou: a menina estava absorta em pensamentos.

- Senhorita Bailey, talvez você saiba a resposta – apelou a professora.
- Resposta de quê? – perguntou Alex, saindo repentinamente do transe.
- Da pergunta – retrucou a Sra. Peters.
- Ah... – disse Alex. – Não, não sei.

Ela então apoiou a cabeça na mãos e voltou a se concentrar no chão. Sra. Peters, assim como o resto da classe, ficou sem entender. Alex *sempre* sabia a resposta. Como aquela classe iria funcionar sem ela?

– O berço da civilização – disse a Sra. Peters em resposta à sua própria pergunta. – Muitos acreditam que a humanidade teve início justamente ali... *Senhorita Bailey!*

Alex aprumou-se rapidamente na carteira. Acabara de ocorrer o evento mais chocante da história daquela turma: *Alex Bailey cochilara no meio da aula!*

– Me... me desculpe, senhora Peters! – lamentou ela. – Não sei o que deu em mim! Não tenho dormido muito bem ultimamente!

Sra. Peters a encarava como se tivesse visto um animal selvagem pavoroso dar à luz.

– Isso é... Enfim, tudo bem – disse a professora. – Você quer ir para a enfermaria?

– Não, estou bem, só um pouco sonolenta – explicou Alex. – Prometo que não acontecerá de novo!

Conner assistira àquilo como se presenciasse um descarrilamento de trem. Ele apenas balançou a cabeça. O que se passava com Alex, afinal? Onde estava a sua irmã? Ela estava se transformando *nele!*

De repente, o barulho estranho que Conner escutara na noite anterior invadiu a classe. Alex se ajeitou na cadeira, ansiosa; seus olhos se arregalaram como nunca. Alguns alunos olharam em volta, tentando descobrir de onde vinha o zunido.

– Alguém pode me dizer com quais tecnologias a Mesopotâmia contribuiu para a Idade do Bronze? – perguntou a Sra. Peters, alheia ao ruído. – Alguém sabe? – insistiu.

Alex disparou a mão para o alto.

– Sim, senhorita Bailey? – alegrou-se a Sra. Peters.

– Posso ir ao banheiro? – perguntou aflita.

Decepcionada, a Sra. Peters deixou escapar um suspiro.

– Sim, pode ir.

Mas antes mesmo que a professora assentisse, a menina já tinha pulado da cadeira com a mochila nos ombros e disparado porta afora.

Cismado, Conner assistiu à irmã desaparecer. Por que ela havia levado a mochila ao

banheiro? Ele precisava descobrir o que estava acontecendo. Iria confrontar a irmã na escola mesmo, onde ela não tinha para onde correr nem havia quarto no qual se trancar.

– Senhora Peters? – Conner chamou.

– Sim, senhor Bailey?

– Posso ir até a enfermaria? – perguntou ele.

– Para quê?

Conner não havia chegado tão longe na arquitetura de seu plano, então teve que improvisar.

– É que... meu cotovelo está doendo.

Sra. Peters olhou-o incrédula. Talvez ela acreditasse mais no garoto se ele dissesse que era um dinossauro.

– Ah, seu cotovelo dói? – perguntou.

– Sim, dói muito. Bati na carteira e não estou aguentando de dor – disse Conner, agarrando o cotovelo perfeitamente são.

Sra. Peters apertou e revirou os olhos, duas de suas marcas registradas de contrariedade em uma única expressão.

– Está bem – disse ela finalmente. – Mas vou ter de lhe entregar um bilhete...

Quando a professora terminou a frase, Conner já estava fora da sala.

Enquanto isso, Alex irrompia no banheiro feminino. Olhou rapidamente dentro de todas as cabines para se certificar de que estava sozinha. Abriu o zíper da mochila e tirou dali o *Terra de Histórias*, colocando-o sobre a pia; o livro brilhava e zunia mais do que nunca.

– Apague, por favor, apague! – Alex implorava ao livro. – Estou na escola! Não posso ser pega com você aqui!

O som e o brilho então se esvaíram lentamente, e o *Terra de Histórias* voltou a ser um livro comum. Alex suspirou aliviada, mas logo se assustou novamente ao ver que alguém entrava no banheiro. Era o irmão.

– Não existe temporada de acasalamento das abelhas, Alex – disse Conner com as sobrelhas unidas e as mãos na cintura. – Eu pesquisei. Exatamente como as formigas, elas vêm das colônias, mesmo as grandes. E não seguem uma programação.

– Conner, o que está fazendo aqui? Você não pode entrar no banheiro feminino! – berrou Alex.

– Não saio daqui até você me contar o que está acontecendo! – exigiu Conner. – Você mentiu para mim a semana inteira, e eu sei que alguma coisa anda rolando. Tenho irmão-tuição!

– Irmão-tuição? – perguntou Alex com sarcasmo.

– Inventei – disse Conner. – Significa que eu sei quando alguma coisa está perturbando você, mesmo que diga que não é nada. Primeiro pensei que essa onda toda fosse *coisa de menina...*

– Ah, Conner, tenha paciência! – explodiu Alex.

– Mas aí, depois desses barulhos e das noites em claro, imaginei que tivesse ganhado da mamãe um celular e não quisesse me contar. Só que você não tem amigos! Então, quem poderia te ligar ou enviar mensagens?

Alex grunhiu. Além de inquisitório, agora Conner também estava sendo insensível.

– Mas eu conheço você não é de hoje. Para agir dessa maneira, deve ser algo bem pior – disse Conner. – Você anda quieta, não sabe responder às perguntas da senhora Peters e ainda por cima está pegando no sono durante a aula. Você está agindo como *eu!* Então me conta, vai, qual é o problema?

Alex não disse uma palavra e permaneceu com o olhar fixo no chão. Estava constrangida pela maneira como vinha agindo, mas sabia que revelar seus motivos era inútil, pois ninguém acreditaria nela, exceto talvez o irmão.

Conner examinou o banheiro feminino.

– Cara, aqui é muito legal! O banheiro dos meninos parece o fundo de um barril de lixo tóxico. Ei, espera aí, por que você está com o livro da vovó?

– Eu não sei o que está acontecendo! – ela explodiu em lágrimas; era o choro de uma pessoa extenuada.

Conner deu um passo atrás, para se proteger. Nunca tinha visto a irmã tão histérica.

– Primeiro pensei que estivesse tendo alucinações! – disse Alex. – Achei que talvez fosse tudo uma reação a algo que a vovó cozinhou naquele jantar. Isso foi na primeira noite. Mas daí continuou acontecendo, e então percebi que não era reação coisa nenhuma!

– Alex, do que você está falando? – perguntou Conner.

– Do *Terra de Histórias!* – bradou Alex. – *Ele brilha! Ele zune! E a cada dia fica mais barulhento e mais brilhante!* Já perdi tantas noites de sono tentando descobrir como e por que ele faz isso! Contraria todas as leis da ciência!

– Ah... – foi a reação de Conner, que tinha as sobrancelhas erguidas. – Alex, acho que você precisa ir para a enfermaria...

– Você deve pensar que estou ficando louca – falou Alex. – Qualquer um pensaria, a menos que visse por si mesmo. Eu juro que estou falando a verdade!

– Eu não acho que esteja louca – mentiu Conner, começando a pensar que a irmã tinha definitivamente perdido uns parafusos.

– Acontece uma ou duas vezes por dia – disse Alex. – Fiquei com medo de a mamãe descobrir, por isso trouxe o livro para a escola. A última coisa que ela precisa agora é se preocupar com um livro possuído por espíritos.

Conner não sabia mais o que dizer. Imaginou por alguns instantes as futuras visitas que faria à irmã no sanatório local e os esforços dele e da mãe para induzi-la a vestir aquele descolado casaco branco.

A irmã estava claramente desequilibrada, mas também, depois de tudo o que tinham passado, aquilo chegava a ser previsível, coitada. Conner pensou no pai e em como ele lidaria com aquela situação. Que história contaria para confortar a filha?

– Alex – começou Conner, o olhar compreensivo. – Esse último ano não foi fácil. É totalmente normal você se sentir sobrecarregada e...

Então o zunido começou de novo. Os dois olharam para o *Terra de Histórias*, que estava sobre a pia: para alívio de Alex e pavor de Conner, o livro brilhava.

O garoto deu um pulo para trás e grudou as costas na parede; parecia estar diante de uma bomba.

– O Terra de Histórias! – gritou Conner. – Está brilhando! Está zunindo!

– Eu não te disse?! – protestou Alex.

A boca de Conner estava tão escancarada que seu queixo quase encostava no peito.

– Será que é radioativo? – perguntou.

– Duvido – respondeu Alex, pegando o livro nas mãos.

– Não toque nele, Alex! – Conner alertou.

– Relaxe, Conner. Manuseei o livro a semana inteira.

Com apenas um dedo, ela abriu o volume, e o banheiro inteiro ficou iluminado. As ilustrações e o texto haviam desaparecido, e as páginas pareciam feitas de pura luz.

Alex inclinou o corpo sobre o objeto, aproximando o ouvido.

– Ouça. Consegue ouvir? – perguntou. – Eu escuto pássaros e barulho de folhagem. Nunca ouvi esse tipo de som sair dele antes!

Conner se desencostou da parede e também se curvou sobre o livro. O som dos pássaros gorjeando e das árvores ao vento ecoava no azulejo e nas louças do banheiro.

– Como é possível? – indagou Conner. – Tem certeza de que ele não tem nenhuma abertura para pilha ou algo assim?

– Minha análise mais apurada, científica e tecnológica me diz que isso é pura magia – constatou Alex. – Não existe outra explicação.

– E você acha que a vovó sabia disso? – perguntou Conner. – O livro foi dela por tantos anos... Será que isso já aconteceu antes?

– Não acho que ela o teria nos dado se soubesse do que ele é capaz – conjecturou Alex.

– Tem razão – disse Conner. – Ela ainda corta meu bife porque tem medo que eu use faca.

– E tem mais – acrescentou Alex. Pegou um lápis de dentro da mochila e o colocou cuidadosamente sobre o livro aberto. O instrumento imediatamente afundou na página iluminada e desapareceu.

– Pa... pa... para onde ele foi? – perguntou Conner, absolutamente atabalhado e assombrado.

– Sei lá! – disse Alex. – Derrubei coisas dentro dele a semana inteira. Livros, lápis, meias sujas, tudo o que vi pela frente e que não me fazia falta. Acho que ele é uma espécie de portal.

– Um portal para onde? – perguntou Conner.

Mas Alex não tinha a resposta. Claro, ela tinha esperança de que o portal levasse a algum lugar.

Os gêmeos então se debruçaram mais ainda sobre o livro, quase encostando o nariz na página aberta. Tinham de apertar os olhos para aguentar a luz ofuscante.

De repente, um brilhante pássaro vermelho saiu voando de dentro do livro. As crianças gritaram e correram pelo recinto, em pânico: deram encontrões, bateram nas paredes, na pia, enquanto o pássaro voava sobre suas cabeças. Por fim, Conner abriu a porta do banheiro, e o pássaro ganhou o mundo.

– Você não me contou que também saem coisas daí! – esbravejou Conner.

– Eu não sabia! É a primeira vez que isso acontece!

O livro esmaeceu aos poucos e voltou ao normal. A cabeça de Conner girava. Mal podia acreditar no que acabara de ver. Não era à toa que Alex vinha tendo uma semana complicada. Ele sentiu que sua sanidade também estava em risco.

– Precisamos nos livrar deste livro! – exclamou. – Logo depois da escola, vamos pedalar até o riacho e jogá-lo lá para que ninguém o encontre.

– Não podemos nos livrar dele! – retrucou Alex. – É o livro da vovó! Está na família há anos!

– Mas tem pássaros saindo daí de dentro, Alex! Tenho certeza de que a vovó entenderia. E se da próxima vez sair um leão, ou, ainda, um tubarão? Eu sei que você fica extremamente incomodada quando não consegue compreender algo, mas vai ter de se conformar desta vez. Pode ser mais perigoso do que imaginamos! Quem sabe o que mais pode acontecer?

Ela sabia que o irmão estava certo, mas havia algo que a intrigava irresistivelmente.

– Acho que você está exagerando. Não quero me livrar do livro até saber um pouco mais sobre ele.

Dizendo isso, Alex o fechou, colocou-o de volta na mochila e saiu do banheiro.

– Alex! Não vá embora! Alex! – chamou Conner, seguindo-a.

Os dois retornaram à sala de aula. Todos os alunos liam silenciosamente o livro de história.

– Alex, precisamos conversar! – sussurrou Conner.

– Senhor e senhorita Bailey, por gentileza, sentem-se e leiam o capítulo sobre a Mesopotâmia – ordenou a Sra. Peters, sentada à sua mesa.

– Pois não, senhora Peters – Alex respondeu. Voltando-se para o irmão, cochichou-lhe: – Depois a gente conversa, Conner!

Ele bufou como um urso.

– Senhor Bailey, como foi na enfermaria? – perguntou a professora.

– Então, senhora Peters, por sorte meu cotovelo melhorou tanto no caminho que nem precisei passar lá! – respondeu Conner, segurando o cotovelo oposto àquele que dizia estar doendo.

A sobancelha da Sra. Peters se ergueu tanto que quase chegou à testa.

Os gêmeos sentaram-se em suas carteiras e abriram seus livros de história, mas nenhum deles conseguiu de fato ler. Como se concentrar no que quer que fosse com o pensamento disparado daquele jeito?

Conner não parava de olhar para a irmã na esperança de que ela se virasse para trás e ele pudesse convencê-la com um gesto sobre a gravidade da situação. Alex pôde sentir os olhos do irmão cravados em suas costas, mas continuou olhando para frente, esforçando-se para ignorá-lo.

Então o desastre *aconteceu*. De dentro da mochila de Alex, o *Terra de Histórias* começou a zunir na classe silenciosa.

Ela finalmente olhou para o irmão. O que fariam?

Da primeira vez, a Sra. Peters estava tão absorta em seu diário de classe que não escutou nada. Mas, e agora, será que ela ouviria?

– Que barulho é esse? – inquiriu a professora.

Todos os alunos olhavam em volta indagando-se o mesmo. Alex e Conner estavam petrificados; sentiam um buraco na barriga, como se seus estômagos tivessem caído do corpo.

Então, a Sra. Peters se levantou e, como um coioote farejando a presa, começou a procurar a origem daquele som. Andou de um lado para o outro entre as fileiras de alunos, aproximando-

se cada vez mais de Alex.

– Se alguém souber do que se trata, é melhor me dizer antes que eu descubra – advertiu a professora.

Alex estava com o coração na boca. Não conseguia imaginar o que aconteceria se a Sra. Peters encontrasse o livro. Ela apenas visualizava a algazarra que se transformaria a escola com aquela descoberta! Talvez chamassem o noticiário local... Talvez autoridades do governo quisessem levar o livro embora para realizar testes com ele... Ou quem sabe sua família inteira fosse levada para avaliação clínica por ter tido contato com o objeto...

Finalmente, a Sra. Peters chegou à carteira de Alex.

– Senhorita Bailey, há algo dentro da sua mochila?

O rosto de Alex de repente perdeu a cor. Ela precisava de um milagre agora!

De repente, um pesado livro de história voou do fundo da sala e atingiu a Sra. Peters na cabeça, amassando sua cabeleira anelada. A classe inteira voltou-se para trás e viu Conner com o braço ainda estendido. *Ele simplesmente tinha arremessado um livro na professora!*

Sra. Peters ficou absolutamente enfurecida. Um touro desgovernado pareceria inofensivo perto da forma como ela olhava Conner.

– Senhor Bailey! Mas que diabo deu no senhor? – gritou tão alto que a escola inteira deve ter ouvido.

Por um breve momento, Conner viu sua vida inteira passar diante de seus olhos. Pensou sinceramente que estava prestes a morrer.

– Me desculpe, senhora Peters! – choramingou Conner, quase transparente de tão pálido. – Era uma abelha! Não era para acertar a senhora! – mentiu.

A professora estava quase soltando fogo pelos olhos e pelas narinas.

– Castigo, senhor Bailey! Durante o resto da semana, a semana que vem e a seguinte! – determinou a Sra. Peters.

Ela voltou à sua mesa e imediatamente começou a preencher todas as notificações que tinha em mãos.

Felizmente para os gêmeos, a classe ficara tão tensa que todos se esqueceram do zunido, e ninguém percebeu quando ele se esvaiu. A missão de Conner fora cumprida. Sabia ter feito a coisa certa – não como aluno, mas como irmão.

Não tardou muito para que o sinal tocasse. Todos os alunos se levantaram de suas carteiras e saíram da sala – exceto Conner, que permaneceu sentado, e Alex, que caminhou até ele.

– Obrigada.

– Você fica me devendo essa – respondeu o irmão.

Ela concordou com a cabeça e saiu, voltando sozinha para casa. Conner ficou ali sentado até a Sra. Peters terminar de preencher todas as notificações.

– Aproxime-se, senhor Bailey – comandou.

O garoto foi até a mesa da professora como quem se aproxima do fogo.

– Não admito que ninguém arremesse coisas durante a minha aula, consegue compreender isso, senhor Bailey? – disse ela, pronunciando com ênfase cada sílaba. – Mais um incidente como esse, e providenciarei a sua expulsão!

Conner engoliu em seco e anuiu com a cabeça. Recebeu da professora uma grossa pilha de notificações.

– Sua mãe deve assinar todas elas – falou a Sra. Peters.

Ele novamente assentiu.

– Me desculpe, de verdade – disse. – Espero que não tenha machucado a senhora.

Ele foi tão sincero que até mesmo a Sra. Peters foi capaz de perceber seu arrependimento. Conner sempre foi um bom garoto. Péssimo aluno, mas um bom garoto.

– Tudo bem, senhor Bailey – retomou ela. – Creio que subestimei os efeitos que sua situação familiar podem ter exercido sobre você e sua irmã. Vou entrar em contato com sua mãe e enviar-lhe uma lista de atividades extracurriculares que considero apropriadas para o senhor e a senhorita Bailey. Também vou indicar uma série de livros bastante úteis.

Conner concordou mais uma vez.

– Se você tivesse um lugar para o qual pudesse escapar de vez em quando, isso o ajudaria a lidar com essa situação toda – disse ainda a Sra. Peters.

Conner continuou concordando. Se havia um momento na vida em que ele realmente precisava escapar da realidade, esse momento era agora, e a irmã decerto concordaria.

Então o pensamento o atingiu como um raio.

“Meu Deus! Alex!”, pensou Conner. “Ela vai viajar para dentro do livro! Por isso está tão agarrada a ele! Por isso não quis se livrar dele!”

Conner deixou cair a pilha de notificações e disparou em direção à porta.

– Desculpe, senhora Peters, eu não posso ir para a sala de castigo hoje, tive um imprevisto!

– Senhor Bailey! Volte aqui agora mesmo! – a professora gritou, saindo atrás dele. Era tarde demais! O garoto já havia desaparecido.

Conner corria para casa o mais rápido que podia. Receava não conseguir chegar a tempo de impedir a irmã. E se ela já tivesse ido embora quando ele chegasse? E se ele nunca mais a

visse? Começou a sentir dor nos pés, depois uma dor horrível na lateral das costas, e o coração arrebatava no peito. Mas continuou correndo. Rezava para que não fosse tarde demais...



Não haviam se passado nem cinco minutos desde que Alex chegara em casa quando o *Terra de Histórias* começou a se manifestar novamente. Ela subiu correndo para seu quarto e fechou a porta.

Tirou o livro da mochila e colocou-o no chão. Virou a capa e viu o recinto se iluminar com aquele brilho dourado. Sorriu para si própria. Sempre teve a esperança de que algo mágico lhe aconteceria, e agora isso estava se realizando.

Pegou um lápis na mochila e o botou sobre o livro para observá-lo desaparecer. Em seguida, olhou em volta à procura de outros objetos que pudesse jogar ali dentro. Os lápis já tinham acabado, e os livros que restavam na prateleira ela queria manter. Seus olhos recaíram sobre a mochila.

Ela tinha um monte de mochilas escolares, aquela realmente não faria falta. Colocou a mochila em cima do livro e ficou assistindo enquanto ela afundava lentamente nas páginas. Para onde iam todas aquelas coisas? Será que estavam sendo transportadas para algum outro lugar da Terra? Será que ela se depararia com uma pilha de seus pertences na Índia ou na China? Ou o livro havia mandado as coisas para um lugar completamente diferente? Seria possível que estivessem indo para outro mundo? Seria o mundo para o qual Alex secretamente desejava viajar?

Só havia uma maneira de descobrir. Esforçara-se para fugir desta ideia a semana inteira. E se ela entrasse no livro? Não, não poderia cometer tamanha imbecilidade. E se jamais voltasse? Mas, e se enfiasse apenas a mão no livro? O que aconteceria? Será que doeria? Seu braço inteiro desapareceria?

A curiosidade de Alex venceu a sua prudência. Ajoelhou e se debruçou cuidadosamente sobre o livro. Começou pela ponta dos dedos. Tudo bem. Não doeu; percebeu somente uma sensação de calor e entorpecimento. Foi mais fundo. O pulso já tinha entrado inteiro, e nada preocupante havia acontecido. Continuou; o livro já estava na altura do cotovelo. Se não houvesse o livro, a mão de Alex já teria atravessado o teto do andar de baixo. A garota se inclinou ainda mais para a frente, quase afundando o ombro. Tateou para conferir se havia algo em que se agarrar ali dentro.

De repente, a porta do quarto se escancarou, e Conner entrou voando, sem fôlego e coberto de suor.

– Alex! Não faça isso!

Ela levou um susto enorme e perdeu o equilíbrio, caindo de cabeça no livro.

– AAALLLEEEXX! – gritou Conner.

Ele deu um salto e tentou agarrá-la pelo pé antes que ela desaparecesse completamente, mas era tarde demais. Alex estava dentro do *Terra de Histórias*.



CAPÍTULO 5

Da boca do sapo

Alex já não estava mais em seu quarto. Ela caía em um mundo de luzes. Não parava de despencar, cada vez mais rápido. Estava tonta e assustada. Gritou por socorro, mas não conseguiu ouvir a própria voz. Será que em algum momento a queda teria fim? Morreria ali? Ou já estava morta? Veria de novo sua família?

Podia escutar os pássaros chilreando e a copa das árvores farfalhando ao sopro do vento. O som parecia cada vez mais próximo, mas ela continuava caindo, caindo, sem saber no quê...

– Ai! – gemeu ao finalmente atingir o chão.

O impacto foi suficiente para doer, mas não para machucar de verdade. Não fosse pela aterrissagem brusca, ela certamente pensaria que estava sonhando.

Alex levantou-se rapidamente e tomou o pulso para ter certeza de que seu coração ainda batia: estava viva, ao que tudo indicava. Sentia-se tão aliviada por ter parado de cair... Mas onde exatamente ela havia caído?

Estava em pé num caminho de terra que cortava uma densa floresta de árvores altas e

escuras, as quais eram cobertas por musgo verde-vivo. Raios de sol brilhavam por entre a névoa suave. Pássaros grasnavam no topo das árvores, e, se prestasse atenção, Alex podia escutar também o barulho de água corrente ao longe.

Girou sobre os calcanhares, olhando para todas as direções. Sua respiração ficou ofegante quando ela tomou consciência do novo ambiente. Ela nem sequer sabia como reagir ao que acabara de acontecer. E *o quê* exatamente acabara de acontecer?

Olhou para cima à procura de alguma abertura pela qual tivesse caído – algum tipo de janela que desse em seu quarto –, mas não viu nada além de três galhos e o céu.

– Onde estou? – perguntou a si mesma.

– AAAAAAAAAAHHHHHHHHH! – como se houvesse despencado do nada, Conner aterrissou com força ao lado da irmã. Estava pálido, com os olhos bem fechados e gritava, os braços e as pernas completamente esticados em todas as direções.

– Estou vivo? Vou morrer? Morri? – perguntou, ainda estatelado no chão.

– Você está vivo! – falou Alex. Ela nunca tinha ficado tão feliz em ver o irmão.

– Alex, é você? – perguntou Conner. Lentamente, ele abriu os olhos, um de cada vez, e observou à sua volta. – Onde estamos? – indagou enquanto ela o ajudava a levantar-se.

– Parece um tipo de... floresta.

Aquele lugar não se parecia com nenhuma floresta que eles já haviam visto na vida – na vida real, pelo menos. As cores eram muito vívidas, e o ar, fresquíssimo. Era como se tivessem caído dentro de um quadro – um que Alex estava certa de já ter visto antes.

– Olhe! – disse Conner, apontando para o chão. – Todos os nossos lápis!

O caminho estava infestado dos lápis que Alex jogara dentro do livro durante a semana. Ela encontrou também sua mochila e algumas meias sujas no meio da bagunça. Mas onde estariam todos os livros que deixara cair no *Terra de Histórias*?

– Então é para cá que eles vieram! – exclamou Alex.

– Mas onde é *cá*? – indagou Conner. – Será que estamos muito longe de casa?

Alex não soube responder. Estava começando a ficar tão preocupada quanto ele. Eles estavam mais do que perdidos.

– É tudo culpa sua, Alex! – disse ele.

– Minha culpa? – bradou a irmã. – Nós não estaríamos aqui se você tivesse simplesmente batido à porta antes de entrar no meu quarto, em vez de invadi-lo como se a casa estivesse pegando fogo!

– Eu sabia que você estava planejando fazer isso – disse Conner. – Eu tinha que impedi-la!

– Eu não tinha a intenção de entrar no livro, estava só fazendo um experimento! – explicou Alex. – E você não precisava me seguir até aqui.

– Ah, claro! E você queria que eu fizesse o quê? Simplesmente deixasse você desaparecer dentro do livro? – contestou. – E o que eu diria para a mamãe quando ela chegasse? “Oi, mãe, espero que seu dia tenha sido ótimo. Ah, a Alex caiu dentro de um livro. O que tem para jantar?” Dá um tempo, Alex!

Conner começou a pular o mais alto que conseguia.

– Mas o que você está fazendo? – perguntou Alex.

– Caímos... de algum... lugar... aí de cima... Tem que ter... um jeito... de voltar... Um caminho – disse entre um salto e outro, mas sua tentativa foi inútil. Por fim, ele se cansou e sentou-se no chão, apoiando-se em um tronco de árvore.

– E se fomos transportados para outro país ou algo assim? – Conner especulou. Quanto mais ele tentava encontrar uma explicação para aquele mistério, mais sua testa ficava enrugada. – E se estivermos no Canadá ou na Mongólia, ou em outro lugar? Quanto tempo vai demorar até que a mamãe nos encontre?

De repente, o chão começou a tremer. Uma troada tomou conta da floresta. Os galhos das árvores chacoalhavam e os seixos davam saltos no solo à medida que algo enorme se aproximava.

– O que está acontecendo? – gritou Conner.

– Vamos nos esconder! – disse Alex.

Ela agarrou a mochila, e os dois enveredaram por um pequeno trecho da mata até acharem refúgio atrás de uma árvore especialmente larga.

Mal podiam acreditar naquilo que presenciavam. Um enorme destacamento de soldados montados em cavalos brancos passou por eles. Todos envergavam uma armadura limpa e brilhosa. Portavam escudos de cor verde e prata com uma enorme maçã vermelha estampada e bandeiras com o mesmo símbolo.

– Alex, nós voltamos no tempo? – perguntou Conner, agitado. – Isso tudo parece saído da Idade Média!

Os lápis foram pisoteados pelos cavalos. Os soldados se deslocavam tão rápida e energicamente que nenhum deles percebeu os gêmeos atrás da árvore.

Alex não tirava os olhos dos escudos. Por mais que a figura de uma maçã vermelha fosse um brasão bem estranho, havia algo bastante familiar nela. A garota só não sabia dizer o quê.

O estrondo sumia gradualmente conforme os soldados desapareciam no caminho poeirento. Os gêmeos permaneceram atrás da árvore por mais alguns instantes, até terem certeza de que a

área estava livre.

– Não sei você, mas para mim já chega de agitação por hoje – disse Conner.

Um cartaz afixado numa árvore próxima chamou a atenção de Alex. Ela caminhou em direção ao papel e o arrancou a fim de examiná-lo. Era velho, e as letras estavam quase apagadas; no centro, havia a foto de uma loirinha de cabelos cacheados com a expressão aborrecida. Nele se lia:

PROCURADA
VIVA OU MORTA
CACHINHOS DOURADOS
POR ROUBO, ASSALTO E
FUGA DAS AUTORIDADES

O rosto de Alex perdeu completamente a cor, e a respiração lhe faltou por um momento; deu-se conta, afinal, de onde estavam. Não era de se admirar que tivesse reconhecido as árvores: vira-as tantas vezes durante a infância! O livro os havia levado exatamente para onde ela desejava.

– Será possível? – perguntou a si mesma. Sua cabeça estava um turbilhão.

– Será possível o quê? – perguntou Conner. – Você sabe onde estamos?

– Acho que sim – respondeu Alex.

– Onde? – disse Conner, com medo da resposta.

– Conner, nós *entramos* no livro – explicou, mas ele não a compreendeu. – Acho que estamos realmente *dentro* da Terra de Histórias.

Entregou-lhe então o cartaz. O irmão o leu, e seus olhos ficaram tão arregalados quanto os

de um fantasma.

– Não, não, não! Não pode ser, isso não pode estar acontecendo! É muita loucura – disse ele, balançando a cabeça. Entregou de volta o papel para a irmã. Não conseguia acreditar naquilo; não queria acreditar. – Você está me dizendo que estamos no mundo dos contos de fadas?

– Eu seria capaz de reconhecer esta floresta em qualquer lugar! Ela saiu diretamente do livro da vovó – disse Alex com um sorriso espontâneo. – Mas faz muito sentido! Aonde mais ele poderia ter nos levado?

– Caímos dentro de um livro! *Nada* faz sentido! – argumentou Conner. – Então, quer dizer que estamos presos aqui? Como voltaremos para casa?

– Sei lá, Conner. Eu estou tão perdida quanto você!

Conner começou a caminhar por entre as árvores, as mãos na cintura.

– Não acredito que fugi do castigo na escola para acabar caindo em outra dimensão – disse ele.

Alex estava grata ao irmão por ter ido atrás dela. Eles viveram juntos desde que nasceram e frequentaram as mesmas salas de aula desde o jardim de infância. Ela não sabia se aguentaria viver sozinha em outra dimensão.

– Espero que esteja satisfeita, Alex – disse Conner. – Eu falei que deveríamos ter jogado aquele livro no rio!

– Chega de me culpar – disse Alex. – Agora não faz mais diferença como viemos parar neste lugar. Estamos aqui, ponto. O importante é encontrarmos alguém que nos ajude a voltar para casa!

– Olá, posso ajudá-los? – soou-lhes às costas uma voz providencial.

Os gêmeos estremeceram de susto. Viraram-se depressa para ver quem proferira aquelas palavras, mas se arrependeram assim que deram de cara com o ser. Bem atrás de Alex e Conner, estava uma criatura que poderia ser melhor descrita como um homem-sapo. Era alto, tinha o rosto largo, os olhos brilhantes e a pele verde e reluzente. Usava um elegante terno e levava nas mãos um enorme pote de vidro cheio de lírios.

– Desculpem-me por bisbilhotar a conversa de vocês, mas, se precisarem, posso lhes indicar o caminho – disse com um sorriso generoso.

Alex e Conner estavam de tal modo petrificados que não conseguiram esboçar reação alguma. Um homem-sapo! Eles não poderiam querer prova maior de que realmente estavam no mundo dos contos de fadas!

– Vocês me parecem jovens demais para andarem por aí sozinhos na floresta – continuou o

estranho ser. – Estão perdidos?

Conner não conteve um guincho, que durou mais do que deveria.

– Por favor, não nos coma! – disse o garoto, jogando-se todo encolhido no chão.

O homem-sapo olhou para baixo, encarando-o com as sobrancelhas franzidas:

– Meu jovem, não tenho intenção alguma de comê-lo. Ele é sempre assim? – perguntou à irmã.

Alex respondeu com um chio quase idêntico ao do irmão.

– Eu sei, eu sei. Não se preocupem, estou acostumado com esse tipo de reação. As pessoas sempre gritam quando me veem pela primeira vez – prosseguiu o homem-sapo. – Relaxem. Esse choque logo passará.

– Desculpe – Alex finalmente conseguiu dizer algo. – É que o lugar de onde viemos não tem muitos... é... muitas pessoas-sapo. Me desculpe também se esse não for o termo politicamente correto para designar a sua espécie.

Conner soltou mais um guincho. Não foi tão longo como o primeiro, mas foi igualmente embaraçoso.

O homem-sapo estudou a feição dos irmãos, prestando especial atenção à roupa de ambos.

– De onde exatamente vocês são?

– De muito longe daqui – disse Alex.

Um uivo pungente de lobos ecoou na floresta, levando os três a pular sobressaltados. O homem-sapo olhou por entre as árvores; havia medo nos seus olhos grandes e brilhantes.

– Está escurecendo – disse ele. – É melhor entrarmos. Por gentileza, sigam-me até minha casa. Fica a poucos minutos daqui.

– Até parece! – disse Conner.

Os uivos ressoaram novamente. Desta vez, muito mais altos do que antes. Onde quer que estivessem as feras, aproximavam-se cada vez mais.

– Eu sei que lhes pareço assustador – disse o sapo –, mas não sou nada comparado às criaturas que rondam esta mata à espreita durante a noite. Prometo que não lhes farei mal algum.

Havia tal preocupação em seus olhos que era difícil não acreditar nele. O homem-sapo disparou mata adentro.

Alex cutucou Conner.

– Melhor o seguirmos.

– Está louca? Eu não vou para a casa do sapo gigante – sussurrou Conner.

– E o que temos a perder? – perguntou Alex.

– Além da nossa própria vida? – retrucou Conner. Apesar dos protestos, ele foi arrastado pela irmã no encalço do homem-sapo.

Correram atrás dele por um bom tempo, zigzagueando por entre as árvores, saltando de uma pedra a outra, desviando de raízes que apareciam de repente... Quanto mais avançavam no interior da floresta, mais grossas se tornavam as árvores. Escureceu muito rapidamente; o céu já estava um breu quando chegaram à casa do homem-sapo.

Alex e Conner permaneceram colados um no outro. A cada passo, repensavam se haviam mesmo tomado a melhor decisão ao seguirem a criatura.

– Por aqui – instruiu o anfitrião.

O homem-sapo removeu algumas videiras que cresciam sobre a porta de madeira camuflada na lateral de um pequeno barranco. Ele a abriu e conduziu os pequenos e hesitantes convidados ao subsolo, olhando uma vez mais a floresta para conferir se ninguém os seguira, antes de fechar a porta.

O subsolo era bastante escuro. Alex e Conner estavam tão agarrados que podiam ser confundidos com irmãos siameses.

– Perdoem a bagunça. Eu não esperava visitas – desculpou-se o sapo, acendendo uma lamparina com um fósforo.

Alex e Conner não sabiam o que esperar da casa de um homem-sapo, mas com certeza não era aquilo.

Eles estavam em um cômodo amplo, com paredes de terra e teto rebaixado, também de terra. As raízes da árvore que ficava acima do barranco pendiam como candelabros. No centro da sala, dispostos de frente para a lareira, havia vários sofás e poltronas enormes e confortáveis – o estofamento escapava de muitos deles. Ao lado, xícaras de chá e panelas pendiam de ganchos dispostos na parede da minúscula cozinha.

Para o deleite de Alex, havia livros por toda parte. Prateleiras e mais prateleiras de livros alinhavam-se nas paredes de terra, e outras tantas pilhas de livros podiam ser encontradas no chão e em cada superfície da casa. Era como se aquele lugar estivesse infestado de literatura.

– Conner – sussurrou Alex bem perto do irmão. – Olhe em volta! Parece que estamos tendo nosso momento “Lúcia e o Senhor Tumnus”!

Conner examinou o local e compreendeu o que ela quis dizer.

– Se ele nos oferecer manjar turco, não importa o que você diga, vamos sumir daqui – respondeu o garoto, também sussurrando.

– Está um pouco sujo, mas é aconchegante – disse o homem-sapo. – É difícil encontrar um

proprietário disposto a alugar uma casa para um sapo, então fiz o melhor que pude com o que consegui.

Botou o pote de vidro com lírios sobre a cornija da lareira e imediatamente acendeu o fogo, colocando para esquentar uma chaleira que encheu com a água de uma ânfora. Em seguida, sentou-se na enorme poltrona que ficava mais perto do fogo, cruzou as pernas e entrelaçou as mãos educadamente sobre o colo. Era um sapo com boas maneiras.

– Por gentileza, queiram sentar-se – disse ele, indicando o sofá à sua frente.

Relutantes, os gêmeos lhe obedeceram. O sofá era um tanto irregular, então tiveram de se ajeitar um pouco até ficarem confortáveis.

– O senhor é o quê? – perguntou o garoto.

– Conner, não seja grosseiro! – censurou a irmã, dando-lhe uma cotovelada na costela.

– Está tudo bem – disse o homem-sapo com um meio-sorriso. – Leva um tempo para as pessoas se acostumarem com a minha aparência. Eu mesmo ainda me surpreendo com ela.

– O senhor quer dizer que nem sempre foi... hum... uma pessoa-sapo? – perguntou Alex da maneira mais educada que encontrou.

– Oh, céus, não! – respondeu ele. – Fui amaldiçoado anos atrás por uma bruxa muito perversa.

– Por quê? – perguntou Alex, fascinada pela maneira casual como ele contou aquilo.

– Para me ensinar uma lição, suponho – continuou o sapo. – Eu era um jovem muito vaidoso. A bruxa transformou a minha aparência para que eu perdesse tudo aquilo que considerava importante.

Seu largo sorriso começou a desvanecer. Obviamente, fora uma experiência muito longa e dolorosa, e, ao contar a história aos gêmeos, ele parecia ainda carregar consigo o sentimento da perda e da saudade. Os gêmeos nunca tinham visto um sapo com ar tão tristonho.

– Mal posso imaginar como deve ter sido tudo isso – disse Alex, abrindo-lhe um sorriso complacente.

– Podemos chamá-lo de Froggy? – perguntou Conner com um sorrisinho afetado.

– *Conner!* – reprimiu Alex.

– Está tudo bem – disse o homem-sapo, também sorridente. – Aprendi que, quanto mais as pessoas aceitam suas limitações, menos dificuldades encontram na vida! Podem me chamar de Froggy, sim. Até prefiro.

Conner se alegrou.

– Gostariam de tomar um chá de lírio? – perguntou Froggy.

Ambos aceitaram. Não queriam ser mal-educados. Froggy retirou a chaleira do fogo e saltou – literalmente – até a cozinha, para colocar água nas três xícaras. Abriu o pote que apoiara na cornija, retirou um lírio para cada xícara e mexeu.

– Mosquinhas para acompanhar? – ofereceu, buscando na prateleira um segundo pote, este cheio de moscas mortas.

– Não, obrigado – disse Conner. – Estou tentando parar.

– Como queira – falou Froggy, despejando um punhado de moscas no próprio chá. Entregou uma xícara a cada um dos convidados e se sentou novamente diante deles. Os dois encararam o líquido por alguns instantes antes de decidirem se iriam pelo menos fingir que o bebiam.

– Como vocês se chamam? – perguntou o sapo.

– Eu sou Alex, e este é meu irmão, Conner.

A feição de Froggy foi tomada por um sorriso de orelha a orelha, ou pelo menos o equivalente a uma orelha.

– Por acaso haveria alguma chance de você ser Alex Bailey? – perguntou Froggy.

– Hum... sim – Alex estava surpresa. Como o anfibio sabia quem ela era?

– A mesma da inscrição “Este livro pertence a Alex Bailey?” – indagou o homem-sapo.

Ele se debruçou sobre o braço da poltrona e puxou uma pilha de livros, abrindo um deles para mostrar onde havia lido aqueles dizeres.

– São os meus livros! – exclamou Alex, animadíssima, reconhecendo os exemplares que havia jogado dentro do *Terra de Histórias*. – Estava mesmo imaginando o que teria acontecido com eles.

– Foi tão estranho – disse Froggy. – Eu estava por aí colhendo moscas e andando pelas trilhas do pântano, quando um deles simplesmente caiu do céu e aterrissou na minha cabeça. Voltei ao mesmo lugar no dia seguinte, e havia vários outros livros. Foi a coisa mais estranha que já me aconteceu na vida!

– Quer dizer, além de ter sido transformado em sapo, não é? – perguntou Conner. – Porque, se eu fosse você, esse seria o item número um da minha lista... *Ai!* – Alex deu-lhe mais uma cotovelada.

Froggy ignorou Conner e prosseguiu com a explicação.

– Como podem perceber pelas minhas prateleiras, adoro colecionar livros, principalmente os que surgem do nada. E estes aqui são diferentes de qualquer outro que eu já tenha lido! Eles descrevem pessoas e lugares incríveis dos quais nunca ouvi falar, e olhem que eu pensava ter visto de tudo! Vocês podem imaginar um mundo sem bruxas, espíritos ou gigantes? As pessoas inventam cada coisa... – completou Froggy.

Ele riu diante daquele pensamento absurdo, e os gêmeos se esforçaram para acompanhá-lo, buscando dentro de si a melhor risada falsa que tinham.

– Por favor, fique com todos. Tenho cópia de cada um deles em casa – disse Alex.

Froggy ficou encantado ao ouvir isso.

– Hu-hum – pigarreou Conner. – Desculpe interromper o clube da leitura, mas, falando de casa, nós estamos bastante perdidos e gostaríamos de saber onde viemos parar.

Os olhos pegajosos de Froggy passaram de um gêmeo ao outro, observando-os.

– Ah, crianças, vocês não estariam aqui se soubessem para onde vinham – disse Froggy. – Estão na Floresta dos Anões.

Ele esperava ver em seus rostos uma reação qualquer de preocupação, mas Alex e Conner não fizeram mais do que se entreolhar sem esboçar uma reação.

– Floresta dos Anões? – perguntou Alex. – E o que é a Floresta dos Anões?

– Nunca ouviram falar? – indagou Froggy, completamente estupefato. Os gêmeos fizeram um sinal negativo com a cabeça sincronizadamente.

– É um lugar muito perigoso – disse Froggy. – É a única área sem soberano ou governo; um reino em que cada um é seu próprio rei. Antigamente, ela era habitada por anões que trabalhavam nas minas, mas agora está repleta de bandidos e foragidos. É para cá que fogem as pessoas que não querem ser encontradas.

As crianças não só haviam sido transportadas para outro mundo, como estavam na região mais perigosa dessa terra completamente desconhecida: isso não ajudava em nada a aliviar a tensão delas.

– Existem outros reinos? – perguntou Alex.

Froggy ficou atônito. Era como se ela tivesse perguntado a cor do céu. Ele, no entanto, parecia estar gostando daquela tamanha falta de conhecimento.

– Claro – explicou ele. – Há o Reino do Norte, o Reino Adormecido, o Reino Encantado, o Reino do Canto, o Reino das Fadas, o Reino da Chapeuzinho Vermelho, o Império dos Elfos, a Floresta dos Anões e o Território dos Duendes e Trolls. Como é possível que você não os conheçam?

Era difícil para os gêmeos entender aquilo tudo. De que tamanho seria o mundo dos contos de fadas?

Diante da expressão intrigada dos irmãos, Froggy saltou de sua poltrona e se dirigiu ao outro lado da sala, voltando com um enorme papiro enrolado. Entregou-o aos gêmeos, que abriram o documento.

Era um mapa extenso e detalhado do novo mundo em que se achavam. O mundo dos contos de fadas era um continente amplo, cercado por cordilheiras e coberto de florestas com castelos, palácios e vilarejos disseminados por todos os cantos.

O Reino do Norte era o maior deles. O segundo em tamanho era o Reino Encantado, que se estendia ao sul, e o terceiro era o Reino Adormecido, na costa leste. A Floresta dos Anões cobria a maior parte do oeste.

O minúsculo Reino do Canto ficava isolado no canto sudoeste do continente, e a noroeste ficava o Império dos Elfos. Entre o Reino Encantado e o Reino Adormecido situava-se o Reino das Fadas, e logo acima estava o Território dos Duendes e Trolls.

O Reino das Fadas parecia ser bem bonito, pois era bastante colorido e dava a impressão de brilhar no mapa. O Território dos Duendes e Trolls tinha um aspecto assustador e, a julgar pelo documento, era cercado por enormes pedras e rochas, que impediam a entrada ou saída.

Bem no centro ficava o Reino da Chapeuzinho Vermelho, cercado por um gigantesco muro de tijolos.

Alex e Conner não acreditavam. Eles cresceram ouvindo histórias sobre esse mundo, e ele era real. *Tudo* nele era real e maior e melhor do que poderiam ter sonhado. Alex não conteve a emoção: lágrimas começaram a escorrer de seus olhos.

– Juntos, os reinos criaram a Assembleia dos Felizes para Sempre – disse Froggy.

– Assembleia dos Felizes para Sempre? – perguntou Conner com um ligeiro toque de sarcasmo na voz.

– É a organização formada para se fazerem cumprir os tratados assinados pelos governantes, de modo que todos os reinos vivam em paz e prosperidade – esclareceu Froggy.

– Parece as nossas Nações Unidas – Alex sussurrou no ouvido de Conner.

– Cada reino possui sua própria tradição e história – continuou Froggy.

– E há reis e rainhas, imagino – interrompeu Conner.

– Ah, sim – disse o sapo. – O Reino do Norte é governado pela Rainha Branca de Neve. Quem cuida do Reino do Canto é a Rainha Rapunzel. O Reino Adormecido, que antigamente se chamava Reino do Leste, mas rebatizado após ser acometido por uma terrível maldição, é governado pela Rainha Bela Adormecida. E, é claro, o Reino Encantado é governado pelo Rei Encantado e sua esposa, Rainha Cinderela.

– Espere, esses são os monarcas atuais? – perguntou Alex, com uma fagulha de excitação nos olhos. – Você quer dizer que Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida... estão todas vivas?

– Claro que estão! – exclamou Froggy.

– Ah, meu Deus, que maravilha! – Alex não se continha. – Não é o máximo, Conner?

– Se você está dizendo... – resmungou o menino.

– E quantos anos vocês acham que elas têm? – desafiou Froggy. – Rainha Branca de Neve e o Rei Encantado casaram-se há pouco tempo. Rainha Cinderela e o Rei Encantado estão esperando o primeiro filho. Já a Rainha Bela Adormecida e o Rei Encantado ainda tentam despertar seu reino para a consciência depois da terrível maldição do sono que o assolou.

– Espere – disse Conner. – Você está dizendo que todas essas rainhas são casadas com o mesmo cara?

– Claro que não – divertiu-se Froggy. – Há três Reis Encantados. São irmãos.

– Isso mesmo! – disse Alex. – Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida casaram-se todas com o *Príncipe Encantado*! Claro que há mais de um Encantado! Como é que eu nunca pensei nisso antes?

Conner não tirava os olhos do mapa. Procurava algum tipo de estrada ou ponte que os levasse de volta para casa, mas não encontrou nada.

– Por que tanta pedra em volta do Território dos Duendes e Trolls? – perguntou Conner.

– Foi uma punição – disse Froggy. – Os duendes e trolls são criaturas sórdidas e têm o hábito de sequestrar as pessoas para transformá-las em escravos. O Conselho das Fadas restringiu-os a um único território, e nenhum deles pode sair sem autorização.

– Conselho das Fadas? – perguntou Alex. Esse mundo era bom demais para ser verdade.

– Sim, é a reunião das fadas mais poderosas de cada reino – explicou Froggy. – A Fada Madrinhá de Cinderela faz parte do grupo, assim como a Mamãe Ganso e todas as fadas que abençoaram Bela Adormecida quando esta era bebê. Além disso, são essas fadas que comandam o Reino das Fadas e que lideram a Assembleia dos Felizes para Sempre.

– E o Reino da Chapeuzinho Vermelho? Também sofre de algum castigo? – indagou Conner. – Por que esse muro enorme em volta dele?

Igualmente curiosa, Alex conferiu o mapa e em seguida se voltou para Froggy.

– Isso resultou da Revolução dos COLLO – disse Froggy.

– E o que foi a Revolução dos Collo? – perguntou Alex.

– Cidadãos Organizados contra a Liberdade do Lobo. Antigamente, o Reino da Chapeuzinho Vermelho era um conjunto de vilarejos que pertenciam ao Reino do Norte, constantemente atacado por lobos. O povo do norte implorava por ajuda à madrasta da Branca de Neve, a Rainha Diabólica, que ocupava o trono na época. Mas a Rainha Diabólica estava ocupada demais com a própria vaidade, de modo que os cidadãos se revoltaram e fundaram o reino deles. Construíram um muro enorme ao redor de seu território, para impedir que qualquer lobo

entrasse.

– E agora a rainha deles é a Chapeuzinho Vermelho? – questionou Alex.

– Sim, ela é a única rainha eleita da história – disse Froggy. – Os cidadãos do vilarejo acharam que a história da Chapeuzinho era a que mais simbolizava a sua luta e por isso a escolheram para liderá-los.

– Mas ela não é uma garotinha? – perguntou Alex.

– Não, hoje em dia é uma jovem mulher. Aliás, muito obcecada por si mesma, pelo que ouvi falar. Afinal, deu o próprio nome ao reino! A avó toma praticamente todas as decisões e providências, e ela leva o crédito – contou Froggy. – Infelizmente, a Revolução dos COLLO só fez crescer a Grande Alcateia dos Lobos Maus.

– Grande Alcateia dos Lobos Maus? – indagou Conner.

– Sim, é formada por descendentes do Lobo Mau original. Eles vagueiam por aí aterrorizando os vilarejos e atacando os viajantes incautos.

– Ah, que alívio! – exclamou Conner sarcasticamente. – Não devia ter perguntado.

– Mas, fora isso, as coisas andam bastante pacíficas nos reinos – falou Froggy, deixando transparecer na voz, e depois na fisionomia, uma incerteza. – Bem, pelo menos andavam até a semana passada.

Os gêmeos se aproximaram.

– O que aconteceu na semana passada? – perguntou Alex.

– A Rainha Diabólica escapou da masmorra do castelo da Branca de Neve – relatou Froggy. – Pensei que todo mundo soubesse disso.

– Para nós é novidade – disse Conner.

– Isso não me cheira bem – disse Alex. – Como ela conseguiu fugir?

– Ninguém sabe. – Simplesmente desapareceu, ela e o Espelho Mágico. O exército da Branca de Neve está procurando a bruxa pelos quatro cantos do reino. Os soldados passam por estas florestas pelo menos duas vezes ao dia. Até agora, não encontraram nada que pudesse lhes servir de pista, nem uma pegada sequer.

– Você acha que vão encontrá-la? – perguntou Conner.

– Assim espero – respondeu Froggy. – Ela é uma mulher das mais perigosas. É a única rainha na história que perdeu o trono; mal posso imaginar que tipo de vingança está tramando. Ninguém sabe qual será seu próximo passo.

Alex foi tomada pela tensão. Deu-se conta naquele momento de que os personagens que ela detestava e temia também existiam de fato, e não só aqueles que cresceu adorando. Isso a

deixou bastante incomodada e insegura.

O fogo da lareira começou a se extinguir, e Froggy levantou-se para colocar mais uma tora. Os olhos e as bocas dos gêmeos estavam escancarados, e suas mentes giravam sem parar com tantas informações.

– Qual é exatamente a distância da casa de vocês até aqui? – perguntou Froggy, tornando a sentar-se na poltrona defronte aos meninos.

Eles se entreolharam, viraram-se para Froggy e se entreolharam de novo. Simplesmente não sabiam o que responder. Será que ele acreditaria se contassem a verdade?

– Vivemos praticamente em outro mundo – disse Conner.

Alex fuzilou o irmão com o olhar e depois riu nervosamente para o anfitrião, tentando fazer pouco caso da afirmação de Conner.

Froggy, no entanto, não riu. Ele se aprumou na poltrona e assumiu uma expressão bastante compenetrada, o olhar intenso, como se houvesse encontrado a solução de um mistério.

– Interessante – disse o homem-sapo, passeando o olhar entre um e outro. – Mesmo se eu não fosse esperto o suficiente, só pelas roupas, pelo modo de falar e pela forma como se surpreendem com cada fato básico, diria que há realmente uma boa chance de vocês terem vindo de outro mundo.

Os gêmeos não entenderam exatamente o que Froggy quis dizer com aquilo. Será que ele tinha alguma informação que eles desconheciam?

– Só por curiosidade, você por acaso já ouviu falar de outro mundo? – perguntou Alex.

– Ou talvez de como chegar a esse outro mundo? – acrescentou Conner.

Froggy examinou a expressão dos dois ainda mais atentamente por um momento. Levantou-se de novo e foi até a prateleira mais distante. Percorreu os livros procurando algo específico. Finalmente encontrou: um pequeno diário com capa de couro envolto em fita vermelha.

– Algum de vocês já ouviu falar no Feitiço do Desejo? – indagou Froggy.

Alex e Conner balançaram a cabeça. Froggy folheou as páginas do diário.

– Imaginei mesmo que não – disse ele. – É um feitiço lendário composto por vários itens e, dizem, quando você reúne todos eles, tem direito a um desejo. Não importa quão extravagante seja o pedido, o Feitiço do Desejo o tornará realidade. Muitas pessoas acreditam que isso não passa de um mito. Eu mesmo tinha essa opinião, até encontrar este diário.

– E o que tem a ver o diário com isso tudo? – perguntou Conner.

– Foi escrito por um homem que mora no Reino Encantado – disse Froggy. – Ele descobriu quais eram os itens e registrou aqui sua jornada em busca deles. Seu desejo era reconciliar-se

com a mulher amada, e nestas páginas ele menciona que ela morava em “outro mundo”.

Alex e Conner aprumaram-se no sofá. Sem perceber, equilibravam-se bem na ponta da almofada.

– Pensei que o autor do diário fosse meio maluco. Eu não acreditava que pudesse existir outro mundo até que achei seus livros, Alex. Então, quando vi vocês dois na floresta, soube que eram diferentes – disse Froggy. – Soube que deviam vir daquele lugar descrito pelo homem do diário.

Os gêmeos se alegraram por ver tudo colocado às claras. Froggy parecia genuinamente empolgado com a história toda.

– E ele conseguiu? – perguntou Alex. – O homem conseguiu atravessar para o outro mundo?

– Deve ter conseguido – disse Froggy. – O diário termina quando ele encontra o último item.

Froggy entregou o manuscrito às crianças e voltou a se sentar na mesma poltrona.

– Seja lá de onde forem, se o desejo de vocês é voltar para casa, sua melhor chance está nessas páginas.

Os dois ficaram em silêncio por um momento. Olharam fixamente para o diário em suas mãos, cheios de esperança.

– Quais são os itens necessários para o feitiço? – perguntou Alex.

– Tem de todo tipo, de toda parte – falou o sapo. – O diário oferece boas instruções sobre onde e como encontrá-los. Para obter alguns, é preciso passar por grandes perigos.

– Claro que sim – falou Conner. – Típico.

– Se o feitiço concede um desejo, qualquer desejo, por que você mesmo não foi em busca dos itens para voltar a ser humano? – perguntou Alex.

Froggy pensou por um instante. Era uma pergunta que ele havia feito a si mesmo várias vezes, e tinha até vergonha da resposta.

– Guardei o diário por todos esses anos para o caso de decidir segui-lo – explicou o homem-sapo com certa dificuldade. – Mas, para procurar os itens, eu teria de encarar o mundo com esta aparência; e, francamente, crianças, ainda não estou pronto para isso. Na verdade, acho que jamais estarei.

Falou isso com profunda melancolia. Era óbvio que ele ainda não havia aprendido completamente a lição que a bruxa lhe dera.

– Está ficando tarde – desviou de assunto. – Por que vocês não vão dormir? Podem decidir o que fazer amanhã pela manhã. São bem-vindos para ficar aqui o tempo que desejarem.

– Obrigada – disse Alex. – Espero que não sejamos um incômodo.

– Claro que não – sorriu Froggy com sinceridade.

Ele lhes entregou um cobertor grande para que dividissem, assoprou as lamparinas e apagou o fogo da lareira.

Alex e Conner se reviraram de um lado a outro durante a noite toda pensando no Feitiço do Desejo. Mas não havia dúvida. Se o diário oferecia um caminho possível para casa, eles teriam de seguir toda e qualquer instrução ali contida. Não tinham escolha.

Os irmãos Bailey estavam prestes a embarcar na mais formidável caça ao tesouro de suas vidas.



CAPÍTULO 6

A Floresta dos Anões

– Aqui está um pouco de comida, alguns cobertores e umas moedas de ouro que vinha economizando – disse Froggy aos gêmeos, entregando-lhes um farnel de pele de ovelha.

– Muito obrigada – agradeceu Alex. – Você é muito generoso!

– Mas o que você quer dizer exatamente com *comida*? – perguntou Conner, segurando o farnel a uma distância segura.

– Alguns pães e maçãs – disse Froggy.

– Ah, bom – disse Conner, aliviado.

Froggy entregou a Alex o mapa e o diário que os gêmeos examinaram na noite anterior.

– Têm certeza de que estão prontos para isso? – o homem-sapo perguntou. – Vocês são jovens demais para saírem em uma busca como essa.

Alex e Conner entreolharam-se – eles se indagavam exatamente a mesma coisa. Já era difícil transitar pelo próprio mundo naquela idade, imagine viajar por um mundo totalmente diferente, ainda mais sem a ajuda de um adulto... Mas os gêmeos encontraram a confiança de que

precisavam um nos olhos do outro.

– Realmente não temos escolha – disse Alex. – Agradecemos muito a sua ajuda, Froggy. Ainda estaríamos perdidos na floresta se não fosse você.

Froggy abriu um sorriso largo e balançou a cabeça.

– Na verdade – disse ele –, eu que deveria agradecer a vocês. Raramente tenho a oportunidade de me sentir tão útil.

– Tem certeza de que não quer vir conosco? – perguntou Alex. – O mapa até que é bom, mas um guia turístico seria muito melhor.

Froggy ficou tentado com a proposta, e seu sorriso se abriu ainda mais. A ideia de viajar mundo afora e deixar para trás a sua furna era tão sedutora que ele sentiu o desejo de realizá-la percorrer o corpo inteiro. Entretanto, seu medo e sua insegurança de se mostrar ao mundo exterior o assustavam de tal maneira que logo o ímpeto desapareceu.

– Não posso, crianças – declarou Froggy com o coração na mão. – Mas lhes desejo toda a sorte.

Os gêmeos ficaram um pouco frustrados, mas compreenderam. Eles, que achavam penoso ir à escola se estavam com uma espinhazinha no rosto, não podiam imaginar o sofrimento de encarar o mundo sendo um enorme anfíbio.

– Não se esqueçam, é muito importante que saiam da Floresta dos Anões antes do pôr do sol – instruiu Froggy. – Sigam o caminho que leva ao sul, até o Reino do Canto. São algumas horas de caminhada. Vocês estarão mais seguros lá. Percorram o caminho o mais rápido possível, e o mais silenciosamente também. Prometam.

Os gêmeos prometeram. Alex deu-lhe um abraço e lhe beijou a bochecha. Conner lhe deu um aperto de mão, e em seguida limpou-a na calça.

– Espero que nos encontremos novamente – disse Alex.

– Seria incrível, mas, para o bem de vocês, tomara que isso não aconteça – respondeu Froggy com uma piscadela.

Conner juntou as mãos:

– Bom, aqueles itens não vão cair no nosso colo! Vamos partir?

Abriram a porta da caverna e subiram até a superfície, rumando em direção à mata. Ao longe, Froggy ainda lhes acenou um adeus. Logo chegaram à estrada de terra onde haviam aterrissado no dia anterior; então, viraram-se para o sul, conforme as instruções.

Os gêmeos estavam bastante inquietos por percorrerem sozinhos aquele caminho, principalmente agora que sabiam dos perigos da floresta. Arrependiam-se por não terem insistido em persuadir Froggy a acompanhá-los. Ao menor barulho de árvore, os dois pulavam

de susto.

Permaneceram em silêncio durante toda a primeira hora de caminhada, com medo de que suas vozes atraíssem a atenção de alguma das criaturas contra as quais Froggy os prevenira.

– Nós somos muito corajosos – disse Alex finalmente.

– Ou muito burros – falou Conner.

O caminho serpenteava ao longo da floresta, revelando novas árvores e arbustos a cada metro. Passado algum tempo, os irmãos começaram a sentir menos medo e tensão. À medida que avançavam, ficavam mais confortáveis dentro da mata e diminuía o passo.

Conner deu um suspiro.

– O que foi? – perguntou Alex.

– Eu estava pensando – disse Conner. – Alice chegou ao País das Maravilhas após cair no buraco do coelho. A casa inteira de Dorothy foi levada por um tornado, que a arremessou em Oz! As crianças de Nárnia viajaram através de um armário velho. E nós dois? Paramos no mundo dos contos de fadas depois de *cairmos dentro do livro...*

– O que você está querendo dizer, Conner? – questionou Alex.

– Ah, é meio sem graça se comparado às outras histórias – disse ele, suspirando novamente.

– Fico pensando se não há um grupo de apoio para pessoas como nós. Sabe? Pessoas que viajam acidentalmente para outra dimensão e tal.

Alex estava atônita.

– Você não percebe o quanto somos sortudos? Pense em todas as coisas que nós veremos! Pense em todas as pessoas que conheceremos! Teremos experiências que *ninguém* do nosso mundo jamais teve!

Conner revirou os olhos.

– Vou me sentir sortudo quando conseguir voltar para casa.

Alex enfiou a mão na mochila e retirou o mapa. Fixou o olhar nele, levantando os olhos ocasionalmente para evitar topar com uma árvore. A todo segundo, soltava uma risadinha ao descobrir algo novo. Parecia uma turista.

– Não deveríamos estar lendo o diário? – perguntou Conner. – Precisamos fazer a lista dos itens do Feitiço do Desejo e descobrir onde encontrá-los.

– Calma – disse Alex passivamente. – Temos muito tempo para fazer isso.

Conner já estava ficando chateado com a irmã. Será que ela não tinha percebido a gravidade da situação?

– Precisamos ir para casa – disse ele. – O que estamos esperando?

– Há algumas coisas que eu gostaria de ver antes de voltar para casa – falou Alex.

– Do que você está falando? – perguntou Conner, elevando um pouco o tom de voz.

– Conner, nós estamos no mundo dos contos de fadas. Temos que aproveitar enquanto estamos aqui! – exclamou Alex. – Quem mais do nosso mundo terá a chance de ver o verdadeiro palácio da Cinderela, ou o pé de feijão do João, ou ainda a torre da Rapunzel?

Conner estava boquiaberto. Ele não acreditava no que estava ouvindo.

– Estamos presos em outro mundo, e você quer *passar* por aí? Preste atenção ao que você mesma está dizendo! Não percebe o quanto isso é loucura?

Alex parou de repente e se virou para o irmão. Havia um misto de seriedade e desespero nos olhos dela.

– Conner, no último ano, a nossa vida foi horrível. Nós perdemos tudo, menos a mamãe e um ao outro – disse. – Toda noite eu desejei que uma fada madrinha magicamente aparecesse e tornasse tudo melhor, e agora nós estamos em um lugar onde isso pode realmente acontecer! Eu não sou como você, não tenho amigos. Os únicos que tive em minha vida moram exatamente aqui, e eu não vou voltar para casa antes de encontrá-los!

Alex retomou a caminhada. Conner estava absolutamente estupefato.

– Por que eu estou bancando o racional aqui? – questionou ele. – Você sempre pensa demais sobre tudo, sempre se preocupa com cada detalhe! Como é que você não está se descabelando?

– Mas por que eu estaria me descabelando? – perguntou Alex, dando uma risada.

– Para começar, o que a mamãe vai fazer quando descobrir que nós desaparecemos? – disse Conner. – Ela vai pensar que alguém nos sequestrou. E ela já tem problemas suficientes com os quais se preocupar!

Alex sabia que ele tinha razão, mas seu desejo de ver o mundo dos contos de fadas era tão forte que ela era capaz de ignorar o irmão.

– Só preciso de um ou dois dias – argumentou Alex. – É o suficiente.

– E como você pode ter tanta certeza de que o tempo dos dois mundos corre em paralelo? – disse o apavorado Conner. – Pense bem, as histórias de Cinderela e de Chapeuzinho Vermelho já fazem parte da cultura do nosso mundo há centenas de anos, e aqui parece que aconteceram há menos de uma década. Dois dias no mundo dos contos de fadas e, quando voltarmos, a mamãe terá uns oitenta anos!

Conner esfregou a cabeça, que doía com tantos pensamentos. Alex refletia sobre o que ele dizia – mais até do que gostaria. O irmão estava exprimindo, palavra por palavra, tudo aquilo que a voz da razão lhe dizia dentro dela.

– E se acontecer alguma coisa enquanto estivermos longe? – perguntou Conner. – E se o nosso planeta for dominado por macacos ou alienígenas? Se eu perder *isso*, nunca vou te perdoar!

Alex parou de andar e tirou os olhos do mapa. Seu rosto foi tomado por uma expressão bastante estranha.

– Não tinha pensado nisso, não é? – Conner provocou, mas Alex já não o escutava.

Alguma outra coisa chamara a atenção dela.

– Está sentindo esse cheiro? – perguntou Alex.

– Qual? Só consigo sentir cheiro de árvore e de terra.

Alex deu mais alguns passos.

– Não, é diferente. É doce, como se algo estivesse assando no forno.

Conner fungou. Sentiu claramente um cheiro delicioso no ar.

– Parece... *biscoito*! – disse Alex. Olhou para o irmão com os olhos arregalados de empolgação.

– Ah, não – disse Conner.

Antes que ele pudesse impedi-la, Alex disparou por entre as árvores, desviando-se do caminho, na direção do aroma.

– Alex, espere! – ordenou Conner. – Volte aqui, você não sabe para onde está indo!

Alex ziguezagueava no meio das árvores, saltando pedras e arbustos. O cheiro ficava mais intenso à medida que eles se distanciavam da trilha. Conner estava logo atrás da irmã, implorando para que ela desse meia-volta. De repente, Alex parou de correr – tão de repente que Conner a atropelou. Ela havia encontrado exatamente o que esperava.

Uma pequena casa feita de biscoito se situava entre duas grandes árvores. Um glacê branquíssimo recobria o telhado pontudo, balas de goma se amontoavam na forma de arbustos e tubos cheios de doces demarcavam o caminho da entrada até a porta principal, como se fossem uma cerca.

– Veja, Conner! – disse Alex após recuperar o fôlego. – É uma casa de biscoitos, uma *autêntica* casa de biscoitos! Que fofa!

– Nossa... – disse Conner. – Só de olhar acho que já fiquei com diabetes.

– Vamos entrar! – falou Alex, caminhando decididamente em direção à casa.

Conner agarrou-a pelo braço.

– Ficou maluca? Esqueceu-se de João e Maria e do *episódio canibal* que há na história?

– Eu só quero ver como é lá dentro! Não vai demorar mais do que um segundo...

A porta da casa de biscoitos se abriu lentamente. Alex e Conner ficaram paralisados. Uma figura imensa e encapuzada abaixou-se para passar pela porta e ergueu a cabeça novamente para encarar os gêmeos.

Sem dúvida, aquilo era uma bruxa, e ela era mais grotesca do que eles teriam imaginado. Sua pele era enrugada e pálida e tinha um tom amarelado. Os olhos vermelhos saltavam para fora da face. Andava completamente arqueada devido à corcova em suas costas.

– Olá, crianças – a bruxa cumprimentou. Sua voz era aguda e crepitante. – Gostariam de entrar para tomar um lanchinho?

Os gêmeos não conseguiam disfarçar o medo. Ambos ficaram paralisados, encarando-a como se estivessem diante de um furioso tiranossauro prestes a atacá-los.

– Não, muito obrigada – disse Alex. – Só estamos de passagem. *Sua casa é linda.*

Pé ante pé, eles começaram a se afastar.

– E vocês não gostariam de ver como é por dentro? – perguntou a bruxa.

– Por dentro de quem? – soltou Conner, levando uma cotovelada da irmã.

– Não sejam bobos, pequenos, *venham para dentro* – disse a bruxa, perdendo a paciência. Ela lhes estendeu a mão trêmula. Os dois notaram que sua mão era coberta de manchas de queimadura, causadas talvez pelos últimos visitantes.

– Eu pensei que a bruxa tivesse morrido no final de “João e Maria” – Alex sussurrou.

– Talvez ela tenha alcançado um extintor assim que eles saíram – respondeu baixinho o irmão.

Eles continuavam se distanciando lentamente da bruxa.

– Muito obrigada pelo convite, mas realmente precisamos seguir viagem – disse Alex.

– Nosso horário está bem apertado – acrescentou Conner. – Temos um encontro com dois anões daqui a meia hora, então é melhor nos apressarmos!

Dispararam na direção em que haviam vindo, mas frearam bruscamente quando a bruxa surgiu diante deles com um estalo: *pop!* Tentaram correr para o outro lado, mas a bruxa apareceu de novo à sua frente: *plaf!* Estavam encurralados.

– Vocês não vão a lugar algum – declarou a bruxa. Ela parecia aumentar de tamanho, e seus olhos se inchavam ainda mais. – Sejam bonzinhos agora, meus pintinhos, e sigam-me para *dentro*.

– Alex, estamos em um daqueles filmes toscos que passam no primeiro ano sobre não falar com estranhos – sussurrou Conner à irmã. – Você ainda tem o apito antissequestro?

– A senhora não vai querer nos comer! – disse Alex. – Estamos caminhando há um bom

tempo sem beber nada! Estamos completamente desidratados! Somos praticamente pele e osso.

A bruxa definitivamente estava aumentando de tamanho. Sua corcunda encolhia à medida que ela crescia.

– Seu amigo me parece bem roliço – disse a bruxa, mirando Conner como um louva-a-deus prestes a atacar. – Ele tem o bastante para dar e vender!

Ela quase salivava.

– Como é que é? – Conner ficou tão ofendido que se esqueceu por um momento do quanto a bruxa era horripilante. – Pois fique sabendo que eu estou à beira de um pico de crescimento e sempre fico um pouco rechonchudo antes de crescer!

– Conner, não... – falou Alex, mas era tarde demais.

– Por que a senhora gosta que suas vítimas sejam gordas, afinal? Não seria mais saudável se elas fossem mais musculosas e mais em forma? – perguntou Conner.

A bruxa olhou para o lado e ergueu uma das sobrancelhas. Nunca tinha pensado naquilo. A reflexão deve tê-la distraído, porque ela começou a se curvar e voltar à sua forma corcunda.

– Se quer saber – Conner continuou –, eu acho mesmo é que a senhora deveria transformar essa casa de biscoitos em academia de ginástica!

Alex quase nunca deixava de se espantar com as loucuras que o irmão proferia, mas essa era premiada.

– Que ideia *deliciosa* – rechinou a bruxa. – Vou reformá-la assim que acabar com *você*.

A bruxa então voltou a crescer. Agora, sua boca se tornou gigantesca, e uma fileira de dentes chanfrados se projetou dela. Estava pronta para atacar.

Alex gritou:

– Espere! – e, com as mãos protegendo o rosto, ainda disse: – A senhora deve a ele!

A bruxa retornou à sua forma corcunda.

– Devo a ele? – perguntou.

– Sim! Não é assim que funciona? – continuou Alex. – Ele lhe deu uma ideia, e agora a senhora deve lhe conceder um desejo!

– Um desejo? – indagou a bruxa.

– Um desejo? – perguntou Conner.

Alex assentiu determinada com a cabeça. A bruxa grunhiu.

– Sim, a Assembleia dos Felizes para Sempre acaba de decretar uma nova lei – disse Alex, pensando rápido. – Qualquer bruxa que receber uma boa ideia deve retribuir o favor

concedendo ao autor um desejo.

– Hum... É verdade! – emendou Conner, entrando na mentira. – É melhor não fazer a Mamãe Ganso voar até aqui, ou ela vai soltar seus gansos em você! E alguns deles disparam ovos de ouro, o que não deve ser nada agradável. Eles podem ser bem agressivos!

– Está bem – disse a bruxa. – Eu lhe concedo *um* desejo. Mas só porque não estou com vontade de lidar com aquelas aberrações alvoroçadas... *de novo*.

Conner aproximou o rosto ao ouvido da irmã.

– O que eu peço? Para voltar para casa? – sussurrou.

– Não, ela vai tentar nos enganar, seja qual for o seu desejo! Tem que ser algo bem específico – disse Alex.

– Rápido, crianças! Estou com fome! – ordenou a bruxa.

– Tudo bem... – Conner pensou o mais rápido que pôde. Ele tinha que fazer o pedido certo; tinha que livrá-los daquela situação. – Desejo que a senhora vire *vegetariana*!

Alex se voltou para o irmão.

– É esse o seu desejo?

– Muito bem – grasniu a bruxa.

Os gêmeos não tinham muita certeza de que ela sabia o que era um vegetariano. A bruxa levantou as mãos para o céu e bateu palmas, emitindo um ruído tão alto quanto um trovão. Os dois ainda se protegiam, mas o desejo parecia ter tido efeito. A corcunda da bruxa começou a desaparecer, o tom amarelado do seu rosto se esvaiu, e os olhos vermelhos ganharam um aspecto mais calmo.

– Perdi o apetite – disse ela.

Então, deu de ombros, virou-se e entrou na casa de biscoitos, batendo a porta atrás de si.

Os irmãos respiraram fundo. Jamais haviam experimentado tamanha tensão.

– Essa foi por pouco – disse Alex.

– De nada – vangloriou-se Conner.

– Como você teve essa ideia?

Conner coçou a cabeça.

– Era a única maneira de garantir que ela não desejaria mais nos comer.

Alex sorriu. Ela não tinha muitas oportunidades de sentir orgulho do irmão, então, quando essa oportunidade surgiu, a garota aproveitou ao máximo.

– Bom trabalho – disse ela –, mas vamos cair fora daqui! Vai que o seu desejo se desfaz.

Os gêmeos correram pela floresta até chegarem à trilha. Rumaram para o sul e desta vez apertaram o passo. Haviam acabado de passar por seu primeiro perigo no mundo dos contos de fadas – e não ansiavam pelo próximo.

Alex e Conner já tinham percorrido um bom trecho quando ele falou:

– Alex, preciso me sentar. Minhas pernas vão cair a qualquer momento.

– Não podemos, Conner! Já passa do meio-dia, e Froggy disse que precisamos chegar ao Reino do Canto antes do cair da noite! – advertiu a irmã.

– Para ele é fácil, não é? Ele tem pernas de sapo! – disse Conner, ofegante. – Só uns minutinhos, depois continuamos, eu juro!

– Tudo bem, mas vamos arranjar um lugar seguro, então.

Seguiram por alguns metros e encontraram uma clareira bastante agradável entre algumas árvores. Conner achou um tronco caído, no qual se sentou para recuperar o fôlego. Alex olhou em volta, intrigada com as árvores da floresta: elas eram de todas as formas, tamanhos e tons de verde possíveis. A garota ainda estava aturdida com tudo que lhes acontecera.

– Impressionante, não é? – disse ela. – Tudo isto esteve na ponta dos nossos dedos o tempo todo, e nós nunca percebemos.

Sentou-se ao lado do irmão com um sorriso de orelha a orelha.

– O que será que o papai e a vovó pensariam de tudo isso? – perguntou ela. – O que será que eles diriam se soubessem que isso é, de fato, real?

– Pelo modo como sempre falavam dos contos de fadas, eu diria que eles sabiam – disse Conner, regozijando-se com esse pensamento.

– Tenho mil razões para desejar que o papai estivesse vivo – disse Alex. – Mas neste momento eu desejo isso mais do que nunca, para que pudéssemos trazê-lo aqui e mostrar tudo isso a ele e à vovó.

– Primeiro precisamos voltar para casa – falou Conner. – E, por falar nisso, acho que precisamos dar uma olhada naquele diário. Quanto mais cedo o lermos, mais cedo retornaremos para casa.

– Eu sei – admitiu ela. – Mas nós temos que ver um castelo ou um palácio pelo menos! Papai e vovó iriam querer que o fizéssemos.

Conner resmungou.

– Alex, por pouco nós não viramos almoço de bruxa. Não podemos perder mais tempo...

O barulho de alguns galhos se quebrando atravessou a clareira: algo se aproximava. Alex e Conner pularam para trás do tronco caído, escondendo-se.

Um cavalo cor de creme entrou lentamente na clareira. Suspendia o casco de uma maneira peculiar, como se tivesse sido treinado a trotar na ponta dos pés. Uma mulher montava o animal; ela examinava cautelosamente a área. Era jovem e bonita. Tinha olhos grandes e azuis e o cabelo preso no alto da cabeça, de modo que longos fios caíam sobre seus ombros, formando cachos dourados. Usava um casaco marrom tricotado e calças pretas de montaria sob as botas muito longas. A mulher e seu cavalo se dirigiram furtivamente ao centro da clareira.

– Tudo bem, Mingau – disse ela, acariciando o animal. – Boa garota. Devagar.

Apeou-se da égua e se aproximou de uma árvore. Alex viu um papel pregado no tronco; apertando os olhos, distinguiu que era o mesmo cartaz de “procurada” que vira no dia anterior.

Depois de ler o aviso, a mulher balançou a cabeça. Arrancou o papel da árvore e o amassou.

– Quem é essa aí? O que ela está fazendo? – sussurrou Conner.

– Como é que eu vou saber? – Alex murmurou.

De repente, a mulher avançou na direção dos gêmeos. Quem quer que fosse, era certo que tinha um ouvido admirável. Sacou uma espada enorme de dentro do casaco e a brandiu.

Seu olhar era firme e determinado; obviamente, ela não era uma qualquer. Chegou mais perto do esconderijo de Alex e Conner.

Um uivo agudo de lobo tomou a floresta – tão alto que os gêmeos taparam os ouvidos. A mulher então girou e apontou a espada na direção oposta.

– Mingau, prepare-se! Temos companhia – disse.

Alex e Conner se olharam assustados.

Irrompendo de trás das árvores, apareceu meia dúzia de lobos. No entanto, não se pareciam com nenhum tipo de lobo que os irmãos já tivessem visto antes. Eram quatro vezes maiores do que qualquer canino; seu pelo era opaco e negro como azeviche, seus olhos vermelhos e suas narinas largas. Esses lobos estavam prontos para matar. Sem dúvida alguma, os gêmeos se encontravam diante da Grande Alcateia dos Lobos Maus.

Alex e Conner agarraram-se um ao outro, tremendo de medo. A mulher do casaco marrom não demonstrou pânico algum; brandiu a espada na direção do maior dos lobos, que ficava no centro da alcateia. As feras rosnaram e arreganharam os dentes.

– Olá, Malumclaw – disse a mulher.

– Olá, Cachinhos Dourados – rosnou Malumclaw.

Apavorados, os gêmeos evitavam fazer qualquer barulho.

– Cachinhos Dourados! É a Cachinhos Dourados! – Alex moveu os lábios sem emitir nenhum som.

– O lobo fala! Ele fala! – disse Conner, também sem fazer ruído.

– Estou surpreso de ver que você ainda não está acorrentada na cadeia do Reino da Chapeuzinho Vermelho – disse Malumclaw.

– Pois eu estou surpresa de ver que você ainda não foi transformado em uma manta de bebê – falou Cachinhos Dourados. – O que o traz a esta parte da floresta? Não vejo nenhum vilarejo inocente por perto para seu bando atormentar.

Cachinhos Dourados não baixou a espada por um segundo sequer. Os outros lobos da alcateia lentamente cercaram a mulher e sua égua.

– Minha alcateia está faminta. Paramos para fazer um lanche da tarde – disse o lobo.

– Vocês realmente vieram para me comer? – perguntou Cachinhos Dourados. – Pensei que tivessem aprendido a lição: eu também morde.

Agarrou a espada com mais força ainda.

Malumclaw riu.

– Os lobos riem! Ele riu! – gesticulou Conner com a boca.

– Você é uma porção pequena demais – disse Malumclaw com um sorriso diabólico. – Sua égua, no entanto, tem carne de sobra!

Alex e Conner nunca haviam visto uma égua parecer tão assustada quanto Mingau naquele momento. Se não soubessem que ela era naturalmente daquela cor, os dois diriam que tinha empalidecido.

– Se encostar um dedo nela, eu vou fazer de você um casaco, entendeu bem? – ameaçou a mulher.

– Tudo o que as pessoas fazem neste mundo é comer umas às outras! – Conner cochichou com Alex. Assim que terminou de falar, ele soube que deveria ter ficado quieto.

Um dos lobos se virou na direção dos gêmeos.

– Malumclaw, acho que ouvi um barulho – rosnou.

Alex tampou a boca para não gritar. O lobo farejou o ar vigorosamente.

– Sinto o cheiro de duas crianças! Um menino e uma menina.

Cachinhos Dourados ficou tão surpresa quanto os demais lobos. Então era *isso* que ela havia escutado atrás de si alguns momentos antes.

Os gêmeos podiam escutar as batidas dos seus próprios corações. O que iria acontecer agora? Será que Cachinhos Dourados os entregaria para salvar sua égua? Havia acabado de

escapar da bruxa, e para quê? Para serem comidos por uma alcateia de lobos gigantes?

– Receio que vocês os perderam por pouco! – falou Cachinhos Dourados. – Eu os afugentei, do mesmo modo que afugentei vocês da última vez que cruzaram meu caminho.

– Então será mesmo o cavalo – declarou Malumclaw.

Os lobos uivaram em uníssono. O som foi ensurdecedor. Começaram a rodear Cachinhos Dourados e a égua Mingau, chegando cada vez mais perto delas. Abocanhavam o ar em ameaça, e Cachinhos Dourados apontava a espada na direção de cada um deles.

Um dos lobos tentou arranhar Mingau, mas a égua o escoiceou, mandando-o para longe. Em seguida, outro lobo avançou sobre Cachinhos Dourados. Ela o cortou com a espada, arrancando sangue do animal, que se afastou aos ganidos.

Cachinhos era a melhor esgrimista que os gêmeos já haviam visto. Cada vez que um dos lobos ia para cima dela ou de sua égua, ela era rápida ao defendê-los. Mingau também não era de todo mal: não tinha qualquer pudor de chutar os lobos que chegavam perto demais.

Um lobo se lançou no ar e enterrou as garras nas costas de Mingau. A égua lutava para se livrar da besta. Com um movimento certeiro, Cachinhos Dourados arrancou a pata do inimigo, que saiu mancando pela floresta, uivando de dor.

Então, dois lobos atacaram a moça ao mesmo tempo. Um deles saltou sobre ela, e, ao tentar se esquivar, Cachinhos Dourados tropeçou no outro. Sua espada voou pelos ares e aterrissou perto de onde estavam os gêmeos. Cachinhos Dourados estava caída e desarmada.

Os lobos se aproximaram da mulher e de sua égua, prontos para matá-los.

– Pega! – gritou Conner, arremessando-lhe a espada.

Cachinhos rodopiou a arma com firmeza na direção dos lobos, abrindo talhos profundos em seus focinhos.

– Recuar! – ordenou Malumclaw. – Não há lanche que valha essa encrenca toda!

Os lobos debandaram para dentro da mata, rosnando e uivando para deixar claro a toda a floresta que estavam por perto.

– Nós nos veremos de novo, Cachinhos Dourados! – bradou Malumclaw, desaparecendo por entre as árvores com seu bando.

Cachinhos Dourados se recompôs e guardou a espada. Estava sem fôlego e, agora que o inimigo se fora, parecia muito mais vulnerável do que demonstrara no combate. Afagou o focinho da égua e limpou-lhe as feridas com o seu casaco.

– Boa garota, Mingau – disse ela.

Voltou-se para o tronco caído, atrás do qual Alex e Conner permaneciam escondidos.

– Podem sair agora – falou Cachinhos Dourados.

Os gêmeos hesitaram por um instante. Então, Conner levantou num pulo e exclamou:

– *Aquilo foi demais!*

– Conner! – reprimiu Alex, levantando-se também.

– Que luta! – continuou Conner. – Sabe, primeiro eu achei que você não tinha chance! Nunca poderia imaginar que uma moça e uma égua fossem páreo para seis lobos famintos, mas você realmente me surpreendeu! Onde aprendeu a lutar desse jeito?

Cachinhos Dourados permaneceu indiferente ao entusiasmo do garoto.

– Quando você está na estrada há tanto tempo quanto eu, acaba aprendendo uns truques aqui e ali.

Virou as costas e, com um salto, montou na égua.

– Então... É você mesma? – perguntou Alex. – Você é a Cachinhos Dourados? A mulher procurada por todos aqueles crimes?

– Não acredite em tudo o que lê – disse ela severamente, fazendo a égua galopar para fora da clareira. Mas, alguns metros depois, a mulher puxou a rédea de Mingau, fazendo-a parar, e se dirigiu novamente aos gêmeos.

– Obrigada pela ajuda – disse.

Conner anuiu com a cabeça.

– Aqui, tomem. Fiquem com isso, caso precisem.. – Cachinhos Dourados enfiou a mão na bota e retirou uma adaga de prata, arremessando-a no chão. – Agora, sumam daqui, fujam para o mais longe que puderem. Aqueles lobos vão voltar muito antes do que vocês imaginam.

Dito isso, Cachinhos e Mingau galoparam floresta adentro. Alex e Conner observaram-na partir, imóveis.

– Isso foi incrível – disse Conner, recolhendo a adaga e guardando-a no farnel. – Por mais apavorante que tenha sido, foi bom ver outro ser humano para variar.

– É melhor sairmos daqui – falou Alex. – E não vamos parar até termos certeza de que saímos da Floresta dos Anões!

Conner não podia estar mais de acordo. Os dois retomaram o caminho de terra, desta vez correndo.

Eles haviam passado por mais perigos naquele dia do que em suas vidas inteiras. E, infelizmente para os gêmeos, aquele não seria seu último encontro com Cachinhos Dourados, com a Grande Alcateia dos Lobos Maus ou com a Floresta dos Anões...



CAPÍTULO 7



A torre da Rapunzel

Os gêmeos já estavam correndo há quase uma hora e começavam a sentir o cansaço bater. A cada metro, a adrenalina se esvaía, e as dores no corpo aumentavam. No entanto, como algo perigoso acontecia toda vez que eles paravam para descansar, mantiveram o passo acelerado.

– Depois dessa maratona, as provas de educação física serão fichinha – comentou Conner entre arfadas.

– Estamos quase chegando – disse Alex, soando pouco convincente. – Só mais um pouco!

A floresta mudara de aspecto conforme os dois avançaram no seu interior. As árvores já não eram tão grossas, e havia mais clareiras entre elas. A luz do sol entrava com abundância por entre os galhos, de modo que não havia trechos escuros. A estrada ficou mais larga e bem mais visível também.

Eles não se sentiam mais tão ameaçados pelo ambiente; era como se a floresta ficasse mais *amigável* à medida que se aproximavam do Reino do Canto.

Conner despencou no chão. Respirava com mais dificuldade do que um peixe fora d'água.

– Não consigo mais correr! Não consigo dar nem mais um passo! – esbaforiu-se, com os braços e as pernas estatelados no chão.

– Não podemos parar até chegar ao Reino do Canto – falou Alex, igualmente ofegante.

– Acho que já chegamos – disse Conner.

– Como você sabe?

Conner apontou para cima:

– Assim.

Ao longe, uma grande torre apontava sobre a cúpula das árvores. Era circular e feita de pedras quadradas. Havia uma única janela, quase no topo, logo abaixo do telhado pontudo de forragem. A edificação era parcialmente coberta pelos grossos galhos de uma trepadeira.

Alex engasgou e apertou as mãos.

– É a torre da Rapunzel! – exclamou com os olhos ligeiramente marejados por estar diante daquela visão.

– É sério que você está chorando? – disse Conner, ainda jogado no chão.

– É exatamente como eu imaginava! – respondeu Alex. – Levante-se! Vamos ver mais de perto!

Alex puxou o irmão pelo braço, levantando-o, e os dois caminharam por entre as árvores até chegarem à base da torre. Era ainda mais alta do que lhes parecera a distância, tinha uns trinta metros, pelo menos; o pescoço de ambos chegou a doer depois de algum tempo olhando para cima. No chão, na frente do monumento, havia uma placa dourada com os dizeres:

TORRE DA RAINHA RAPUNZEL

Alex pensou alto:

– Deve ter sido muito difícil para ela ver pessoas e lugares tão distantes e não poder visitá-los.

– Pelo menos ela nunca teve que se preocupar com ladrões – divagou Conner.

– Preciso subir – disse Alex.

– Por acaso, você tem uma mochila a jato ou um gancho disparador, e eu não estou sabendo?

– Não, vou ter que escalá-la – disse ela, surpresa com a própria declaração.

– Você definitivamente ficou maluca! – disse Conner. – Quase fomos mortos duas vezes, e o dia ainda nem acabou! Precisamos parar de dar mole e encontrar o caminho de casa, Alex!

Quando você vai entender isso?

– Olha – falou Alex –, vou subir só por uns minutinhos, e, assim que eu voltar, vamos ler o diário e descobrir quais são todos os itens do Feitiço do Desejo, certo?

– *Alex...* – começou Conner, com a face ficando rubra.

– Por favor, Conner! – pediu ela. – Preciso fazer isso, senão vou me arrepender para sempre!

Conner balançou a cabeça com a frustração que só um irmão seria capaz de causar. Ele queria lhe passar um sermão sobre o quanto Alex estava agindo de modo irresponsável. Mas, do jeito que ela olhava para ele, com os olhos implorantes, não conseguiu. Era tão raro Alex *precisar* de alguma coisa, que ele se convenceu de que uma parada a mais não faria mal.

– Não vá se matar, hein? – falou Conner. – E, enquanto você sobe, eu vou começar a ler o diário e fazer uma lista dos itens que precisamos encontrar.

Alex assentiu feliz da vida, colocou sua mochila no chão e fez um pouco de alongamento. Conner sentou-se na grama e folheou as primeiras páginas do diário.

Escalar a torre era algo muito mais fácil de falar do que de fazer. Depois de procurar um apoio em torno da base para começar a subir, Alex compreendeu a importância das longas tranças loiras. Finalmente, encontrou uma pedra com um chanfro suficientemente grande no qual coubesse seu pé.

– Lá vou eu – disse ela. – Meu Deus, eu queria ter uma câmera agora!

– Pode acreditar – comentou Conner –, a Alex que eu conheço não vai querer guardar provas disso.

Era como subir na parede de escalada mais difícil do mundo. Alex se apoiava em rachaduras, chanfros e tijolos irregulares, os quais formavam protuberâncias com tamanho suficiente apenas para que ela colocasse o pé ou a mão. Movimentava-se devagar e com todo o cuidado. Se fosse um pouco maior, não seria possível escalar a torre.

– Você ainda está na base? – perguntou Conner, tirando os olhos do diário depois de alguns minutos.

– Quietos, Conner! – Alex gritou.

– Só estou falando que, no ritmo em que você está indo, a mamãe vai ter oitenta anos quando chegarmos em casa, ainda que não exista diferença de tempo entre este mundo e o nosso.

Passados alguns minutos, Alex pegou o jeito e começou a se movimentar com mais agilidade, usando a trepadeira para ganhar impulso. Quanto mais subia, menos olhava para baixo, para que o medo da visão não a distraísse. Estava muito determinada a chegar ao topo da torre, ao quarto em que Rapunzel viveu, para ver o que a princesa via através da janela

todos os dias. Queria estar no mesmo lugar em que outra pessoa vivera a fase mais solitária de sua vida.

Alex sempre se identificou com a história da Rapunzel: ela também sentia como se vivesse numa espécie de torre, vendo o mundo a partir de um ponto inacessível.

Estava quase no meio do caminho agora: já ultrapassara as árvores da floresta. Qualquer passo em falso, e ela não apenas sofreria um machucado, com certeza morreria.

– Há uma razão para a bruxa ter colocado Rapunzel aí em cima, sabia? – Conner gritou. – Para que ninguém pudesse chegar até ela!

– Não estou te escutando! – Alex falou e, em seguida, fez a besteira de olhar para baixo.

Gotas de suor surgiram em sua testa. Ela sentiu como se o coração quisesse sair do corpo. O que estava fazendo? Não conseguiria descer depois. Estava mesmo arriscando a própria vida só para conhecer o lado de dentro de uma torre? Se por acaso ela alcançasse o topo, haveria alguma maneira de descer? Ou teria que esperar seu cabelo crescer o bastante para que alguém pudesse salvá-la?

E o que Conner faria se ela ficasse presa lá em cima? Tentaria encontrar o equivalente ao corpo de bombeiros do mundo de contos de fadas? Ou sairia sozinho em busca dos itens do Feitiço do Desejo e voltaria para casa sem ela?

Quanto mais Alex se inquietava, mais subia. Ela sabia que não seria nada produtivo se preocupar e ficar parada, então simplesmente continuou escalando. Pareceu-lhe que sua aventura já durava horas. Olhou para cima. *Ela estava a poucos metros da janela!* Só mais um pouco! Finalmente, tocou o parapeito com as mãos e se debruçou sobre ele... passou pelo parapeito... estava quase lá... Passou as pernas sobre a janela e entrou.

– Graças a Deus – disse a si mesma.

Ela poderia ficar presa na torre, mas pelo menos estaria segura.

Alex olhou em volta. Não era, de jeito algum, aquilo que esperava encontrar. Era um quarto grande e circular, sem móveis, sem qualquer decoração. Na verdade, estava completamente vazio, exceto pela forragem e pelas fezes de passarinho que cobriam o chão.

– Olá, Alex! – disse uma voz vinda de dentro da torre.

A menina pulou e gritou. Ficou estupefata ao ver Conner sentado do outro lado do cômodo, a poucos metros dela.

– Demorou para chegar, hein? – disse ele, que comia uma maçã e tinha o diário aberto no colo.

– Como você chegou aqui?! – inquiriu Alex, ainda sem fôlego.

– Pela escada – disse Conner com um sorriso de zombaria. – Eu estava lendo o diário. Diz

aqui que, depois que Rapunzel se tornou rainha, instalou escadas na torre para poder visitá-la sempre que quisesse. A porta que dá acesso à escada fica do outro lado. Nós é que não vimos.

– Ah! – exclamou Alex, encabulada. – Faz sentido.

– Ao que parece, Rapunzel herdou toda a terra da bruxa quando esta morreu, já que era sua única tutelada. Foi assim que se transformou em rainha – disse Conner. – Você saberia disso se tivesse lido o diário. Ele está repleto de fatos divertidos e dicas úteis para entrar em locais complicados.

– Aposto que sim – disse Alex, ajustando a faixa no cabelo.

Ela não iria deixar aquilo acabar com a satisfação que sentia por ter escalado a torre. Aproximou-se da janela e olhou para fora.

A torre era cercada por um mar de árvores. Bem longe dali, Alex enxergava os telhados de um minúsculo vilarejo, e atrás deste havia uma fileira de montanhas que se alastrava no horizonte. Era *isso* o que Alex esperava.

– É uma vista e tanto, não é? – perguntou Conner.

– Sim – disse ela, quase sussurrando. – É de tirar o fôlego. Eu queria que pudéssemos conhecer tudo, todos os lugares que existem na Terra de Histórias. Mas pensei bastante durante a escalada e sei que precisamos voltar para casa.

– Por falar nisso – disse Conner –, você precisa mesmo ler isto aqui, Alex. Eu só passei o olho, porque a maior parte do diário é difícil de ler, já que ele é escrito à mão... Parece que a nossa situação é mais feia do que pensávamos.

Ele lhe entregou o caderno. Alex se sentou ao seu lado, abriu na primeira página e começou a ler.

Caros amigos,

Não sei como ou por que vocês encontraram este diário, mas, já que ele está em sua posse agora, espero que lhes seja útil. O que vou contar aqui parecerá absurdo, mas eu peço que me permitam explicar. Se não tivesse visto com os meus próprios olhos, eu jamais acreditaria. Não passo de um simples homem nascido em um simples vilarejo do Reino Encantado, mas já estive em outro mundo. Um mundo com pessoas, tecnologias e lugares com os quais nem sequer sonhamos. Sei que isso parece impossível, mas eu juro que tal lugar extraordinário existe. Nós só não podemos vê-lo.

Durante a minha visita, entre as várias coisas que vivi, uma foi a paixão. Apaixonei-me de modo tão avassalador que foi diferente de qualquer coisa que

eu conhecia. Nunca pensei que esse tipo de amor fosse real. É como se eu não vivesse mais por mim, mas sim em função dela. Por isso, preciso encontrar o caminho de volta. Preciso achar um jeito de vê-la novamente.

A primeira viagem que fiz ao outro mundo foi simples. Uma fada que sabia da existência de tal lugar me permitiu viajar com ela. Alertou-me para que eu não me apegasse a nada ou ninguém, mas, por mais que meu cérebro tenha obedecido ao seu pedido, meu coração o traiu.

Desde então, a fada me proibiu de viajar com ela. Assim, eu precisava encontrar uma forma de passar para o outro mundo por conta própria.

Naturalmente, eu nem sabia por onde começar. Como se faz para viajar a outro mundo? A quem eu poderia fazer essa pergunta? Como eu poderia fazê-la sem soar completamente lunático? A sociedade cinderelense é muito preconceituosa, e eu certamente seria ridicularizado se minha missão fosse descoberta. Cheguei à conclusão de que teria de perguntar para alguém que já fosse visto como louco, pois ninguém acreditaria se essa pessoa contasse sobre minhas indagações.

Pensei que tal pessoa não existisse, o que me fez perder as esperanças, até que me lembrei do Mercador Viajante. Ele fora declarado infame por enganar crianças inocentes nas florestas, convencendo-as a trocar seus bens de valor em troca de itens que ele alegava serem mágicos. Dizia a lenda que foi ele quem deu a João as sementes do pé de feijão.

Se existisse alguém que teria ouvido falar da existência de outro mundo, só poderia ser ele. O Mercador Viajante sempre estava em movimento, pois a ordem para sua prisão fora dada em todos os reinos. Seria quase impossível encontrá-lo, mas, afinal, a minha busca inteira era quase impossível.

Uma vez, tarde da noite, viajei a uma taverna que ficava riacho acima. Ali, fiz amizade com dois fazendeiros e paguei rodadas e mais rodadas de bebidas. Depois de rirmos bastante das nossas aventuras de infância e dos erros da adolescência, perguntei-lhes se já tinham ouvido falar do Mercador Viajante.

Ambos ficaram extremamente quietos e quase ofendidos com a pergunta. Deixei claro que aquilo era mera curiosidade de minha parte, e que eu não os estava acusando de nada. Paguei mais uma rodada de bebidas e, depois de tragarem, os fazendeiros acabaram confessando que já haviam feito negócios com o homem quando eram mais moços.

“Troquei duas cabras por um regador que, segundo ele, irrigaria toda a minha

safrá sozinho”, contou um dos fazendeiros. “Aquela porcaria nunca funcionou, e ainda por cima vazava! Foi a maior tolice que já fiz na vida.”

“Eu troquei duas vacas por um ganso que, dizia ele, botaria ovos de ouro”, disse o outro. “Mas o ganso era macho! E eu, nesse caso, caí como um pato.”

Tentaram me dissuadir de procurar o tal mercador, mas, depois da última rodada de bebida, acabaram me contando as rotas que ele secretamente percorria na floresta.

Eu devo tê-lo procurado em cada centímetro das matas do Reino Encantado. Finalmente, bem ao sul da fronteira com o Reino da Chapeuzinho Vermelho, o encontrei.

O Mercador Viajante era um homem velho, desganhado e estranho. Vestia várias camadas de roupas esfarrapadas e usava uma barba grisalha e comprida. Também tinha olheiras profundas, e um de seus olhos propendia à esquerda, de modo que era difícil dizer para quem ou o quê ele estava olhando.

Ele viajava com uma carroça grande, puxada por uma única mula. Estava no meio de uma negociação com um garotinho que segurava um frango quando o avistei.

“Use estas garras de urso, e você irá crescer e se tornar o garoto mais forte do vilarejo”, disse o mercador, pendurando em seu pescoço um pingente em forma de garra de urso e pegando o frango.

O garoto sorriu e foi embora. O mercador então acomodou o frango no fundo da carroça. Devia ter feito algumas trocas antes daquilo, porque já tinha dois gansos e um porco.

“Amigo ou inimigo?”, perguntou-me o Mercador Viajante.

“Acho que amigo”, eu disse.

“Que bom”, falou ele, juntando as mãos. “Em que posso ajudá-lo, amigo? Gostaria de um saco de seixo mágico que cresce dentro dos rochedos? Vai lhe custar apenas um pato. Ou talvez você queira trocar um porco por um filão de pão que o fará nunca mais sentir fome?”

“Não, muito obrigado”, respondi com cautela. “Vim para lhe pedir um conselho.”

“Conselho?”, indagou o mercador, erguendo a sobrancelha do olho vesgo. “Isso, meu amigo, é algo que ninguém jamais me pediu. O que gostaria de saber?”

“Estava pensando...”, comecei, sem saber exatamente como dizer aquilo. “Qual

foi a maior distância que você já viajou?”

O Mercador Viajante coçou a barba enquanto pensava.

“Bom, eu diria honestamente que não há lugar algum neste mundo para o qual não tenha ido.” E emendou: “Viajei de sudoeste a nordeste. Fui ao fundo do Reino do Canto ao mais alto do Reino Adormecido e andei da ponta do Império dos Elfos até a costa do Reino das Fadas”.

“E além disso?”, interrompi, evitando que ele continuasse a listar cada trecho de sua jornada.

“Além disso?” Agora, ele tinha ambas as sobrancelhas arqueadas. “E o que seria além disso? Além disso só há o oceano, e aí acabou.”

“E um outro mundo? Já ouviu falar de um outro mundo, ou de como se chega a ele?”, perguntei finalmente.

Um aspecto estranho tomou conta dos olhos do mercador – ou, melhor dizendo, do olho.

“Meu jovem, eu já estive no mundo inteiro e jamais ouvi falar de qualquer indício de outro mundo”, disse ele.

Aquele assunto pareceu tê-lo incomodado, e ele saltou para dentro da carroça, agarrando as rédeas da mula.

“Espere! Por favor, não vá”, pedi.

“Vocês jovens se comprazem em zombar dos velhos. Mas eu não vou permitir.”

Começou a seguir pela estrada. Eu estava tão desesperado que me plantei diante da sua mula e quase fui pisoteado.

“Não lhe desejo mal algum, velho homem, garanto-lhe. Você não está entendendo. Eu estive em outro mundo, outra dimensão e outra época e vi coisas extraordinárias! Preciso voltar para lá! É o maior desejo da minha vida.”

Meus braços estavam estendidos, e eu caí de joelhos à sua frente. Sentia-me um imbecil, confessando disparates a um maluco.

O Mercador Viajante se sentou e ficou imóvel, fitando-me com seu olho bom.

“Esse é realmente o seu desejo mais profundo?”, perguntou.

“Sim!”, eu falei. “Jamais quis tanto uma coisa na vida.”

“Se é um desejo que tem, então só precisa de uma coisa.”

“E o que é?”, indaguei.

“O Feitiço do Desejo”, revelou o homem.

Em um primeiro momento, pensei que ele estivesse brincando comigo.

“O Feitiço do Desejo?”, perguntei. “Você fala daquela lenda infantil?”

“Ele é tão real quanto este nariz plantado na minha cara”, disse o velho. “Muitos homens passaram a vida tentando obter o Feitiço do Desejo. A lenda diz que, se você coletar uma série de itens e colocá-los juntos, o seu desejo verdadeiro será realizado.”

Eu não sabia se acreditava nele. Talvez estivesse zombando de mim. O meu cérebro estava cético, mas meu coração queria saber mais sobre aquilo.

“E como encontrarei os tais itens?”, questionei.

“Não faço a mínima ideia”, disse ele.

Aquilo me decepcionou. Toda aquela explicação por nada! Virei-me e decidi voltar para casa.

“Mas conheço alguém que faz!”, gritou o mercador atrás de mim.

“Quem?”, intimei.

“Eu nunca dou nada de graça”, disse ele, estendendo a mão aberta na minha direção.

Coloquei algumas moedas de ouro em sua palma, mas ele manteve a mão estendida. Então, coloquei mais algumas até que o homem ficasse satisfeito.

“O nome dela é Hagatha”, revelou.

“E onde posso encontrá-la?”

“Pegue a estrada para o oeste e vá até a Floresta dos Anões; passe pelos três rochedos e siga o sinal de fumaça”, disse o mercador, e essas foram todas as indicações que ele me deu.

Apanhou novamente as rédeas da mula e partiu.

Se eu não estivesse tão desesperado, teria ido atrás do homem para lhe pedir mais instruções, mas, em vez disso, saí em disparada rumo à Floresta dos Anões.

Eu nunca tinha estado ali antes. Quando era pequeno, me alertavam sobre os perigos do lugar, e eu logo entendi por quê. As árvores eram tão grossas e ficavam tão próximas umas das outras que uma pessoa poderia ficar a pouco mais de um metro de distância e você não a notaria.

Levei dois dias para encontrar os três rochedos mencionados pelo velho mercador. Eram três pedras enormes que se projetavam do chão e se inclinavam

em um ângulo peculiar. Pensei que elas talvez apontassem para algo, então abaixei a cabeça para olhar na direção que indicavam. As três pedras apontavam diretamente para um ponto entre duas árvores, através das quais se enxergava um bom pedaço do céu, e nele se podia ver... fumaça!

Corri em direção à origem da fumaça. De onde quer que ela saísse, era um lugar bastante afastado da estrada, e eu quase me machuquei seriamente ao saltar arbustos e raízes no trajeto.

De vez em quando, conseguia ver o céu por entre os galhos das árvores e então sabia se estava no caminho certo ou não. Devo ter andado em círculos durante horas. Toda vez que eu pensava estar prestes a chegar ao lugar de onde vinha a fumaça, o vento mudava a direção dela. Eu estava perdido. Para qualquer canto que olhasse, tudo parecia exatamente igual. Senti como se a floresta tivesse me engolido.

O sol estava se pondo, e ficou cada vez mais difícil enxergar a fumaça. Comecei a entrar em pânico. Não havia nenhum tipo de abrigo por perto. Eu tinha por certo que alguma fera traiçoeira iria me encontrar durante a noite e me fazer de banquete.

Comecei a correr novamente. Mal podia ver para onde estava indo àquela altura. Escutava uivos a distância. Tropecei e caí sobre um espinheiro, atravessando-o. Parei do outro lado do arbusto, completamente arranhado, esfolado e sangrando.

Levantei-me imediatamente e olhei em volta; eu estava no meio de uma clareira enorme e circular, cercada por um paredão de espinheiros. No meio da clareira, havia uma pequena cabana com telhado de feno e chaminé de tijolinhos. E, saindo da chaminé, a fumaça que eu perseguia.

Não era à toa que o lugar era tão difícil de se encontrar! Eu devo ter vagado em torno da clareira sem saber que ela se escondia por detrás dos arbustos espinhosos.

Aproximei-me da cabana bem devagar. Ela tinha uma porta e duas janelas, nada mais. Eu ia bater à porta quando ela se abriu de supetão antes que eu fizesse qualquer movimento.

“Quem é você?”, perguntou a mulher que saiu da habitação.

Eu soube desde o primeiro instante em que a vi que aquela era Hagatha. Ela parecia um tronco de árvore humano. Era baixa e usava uma capa com capuz. O rosto era marcado por rugas profundas, e ela era estrábica. Seu nariz era

minúsculo, e ao lado dele havia uma verruga gigantesca.

“Você é a Hagatha?”, perguntei.

“Como me encontrou?”, rebateu ela.

“Tropecei nos arbustos”, respondi.

“Mas como sabia que eu estava aqui?” indagou ela, e seu olho vesgo se desviou ainda mais.

“O Mercador Viajante”, eu lhe respondi. “Ele me disse que você conhece o Feitiço do Desejo.”

Hagatha grunhiu e suspirou ao mesmo tempo. Seus lábios se contraíram, e ela me olhou de cima a baixo. Com certa relutância, gesticulou convidando-me a entrar na cabana.

“Para dentro, para dentro!”, disse.

A parte de dentro da cabana era uma bagunça absoluta. Frascos com líquidos estranhos se espalhavam por todo canto, alguns deles borbulhando, outros fumegando, alguns até cintilando. Dúzias de potes de vidro guardavam as coisas mais estranhas, como répteis vivos e mortos e insetos de todas as espécies; inclusive, havia um cheio de globos oculares. E, mesmo sabendo que eles já haviam sido arrancados há muito de seus donos originais, eu podia jurar que um deles piscou para mim.

Fiquei surpreso também de ver quantos animais havia dentro da cabana. Tinha de tudo, desde gansos e galinhas até beija-flores e macacos, todos dentro de gaiolas. Estavam inquietos: eram prisioneiros, sem dúvida.

“Sente-se”, instruiu Hagatha. Apontou para uma cadeira que ficava na extremidade de uma mesa tão comprida que ocupava quase toda a habitação.

“Estou vendo que você é uma colecionadora eclética”, comentei.

Mas ela não estava para conversa. Ignorou o meu comentário e apanhou alguns itens aqui e ali, uma tigela, um frasco.

“O espinheiro que protege a sua casa foi uma ótima ideia. Deve protegê-la de visitas indesejadas.”

“Da maioria”, replicou, encarando-me. “Aquele espinheiro veio do Reino Adormecido. Plantei-o ali, e ele cresceu em volta da minha casa na forma de um círculo perfeito, igual ao que cresceu em volta do castelo enquanto a rainha hibernava em seu sono centenário. Você é o primeiro que consegue atravessá-lo.”

“Peço-lhe desculpas...”

“Terá de pagar quinze moedas de ouro”, disse Hagatha, sentando-se na outra extremidade da mesa.

“Por quê?”, perguntei.

“Você quer saber quais são os itens do Feitiço do Desejo, não quer? É por isso que veio até aqui, não?”

Enfiei a mão no bolso e espalhei sobre a mesa tudo o que eu tinha. Infelizmente, depois de negociar com o Mercador Viajante, fiquei quase sem nada.

“Tenho apenas catorze moedas”, eu disse.

Hagatha não parecia nada satisfeita.

“Ah, os jovens imbecis e seus desejos. Muito bem”, falou, varrendo todas elas de uma só vez.

Colocou uma das tigelas diante de si e esvaziou nela o conteúdo de dois frascos: um líquido vermelho e um azul.

“Um olho de águia, asas de fada e o coração de um tritão”, disse Hagatha, adicionando-os na tigela. “Mais três gotas de sangue de gigante, um dedão de pé de ogro e uma palhinha de ouro. Isso completará a poção.”

Com todos os ingredientes misturados, o líquido começou a fumar e brilhar. Hagatha debruçou-se sobre ele e fungou. Fechou os olhos e se perdeu em pensamentos profundos por um momento.

“Essa poção lhe diz quais são os itens do Feitiço do Desejo?”, perguntei.

“Não diz, mas me ajuda a lembrar”, respondeu Hagatha. “Você não é o primeiro e não será o último a solicitar a lista. Considere-se avisado: muitas pessoas perderam suas vidas tentando obter esses itens. São impossíveis de conseguir.”

“Eu prefiro morrer tentando a viver o resto da vida imaginando se teria conseguido ou não”, falei.

“Então escute com muita atenção o que eu vou lhe falar, porque será apenas uma vez”, disse ela.

Aproximei-me dela tanto quanto pude. A ansiedade fazia cada segundo parecer uma hora. Era para isso que eu havia chegado até ali...

“São oito”, começou Hagatha.

Respirou fundo e então listou os itens:

- ✓ Bola de cristal que tenha servido para proteger até chegar a hora de o sino da meia-noite bater.
- ✓ Um sabre das profundezas do mar designado para a vida de um nubente exterminar.
- ✓ A lasca da cesta em perigo carregada durante a fuga do latido e da mordida receada.
- ✓ Uma coroa de pedra feita para compartilhar, que no fundo do covil selvagem será possível encontrar.
- ✓ Uma agulha que tenha ferido a princesa perfurando sua adorável pele e a reconhecida beleza.
- ✓ Como única esperança havia este cacho ondulado, pois garantiria a liberdade o fio dourado.
- ✓ Joias brilhantes cujos valores aumentaram depois que a falsa morte elas adornaram.
- ✓ Lágrimas de uma fada solteira sem magia, que também não contenham nada de alegria.

Repeti a lista para mim mesmo durante todo o caminho de volta para casa e anotei-a neste diário com os acontecimentos da minha jornada até então. Não sei como vou conseguir reunir todos os itens, mas o meu objetivo é encontrá-los e registrar de que forma os consegui, para o caso de ter que repetir a façanha.

Se você está lendo isto, espero que signifique que eu obtive sucesso. E se está lendo isto prestes a começar a sua própria jornada, desejo-lhe sorte.

– Uau! – disse Alex, levantando a cabeça.

– Uau mesmo – disse Conner. – Você leu muito mais rápido do que eu.

– E você foi mais adiante? – perguntou Alex. – Ele encontrou todos os itens? Conseguiu voltar?

– Não sei. Tem um monte de páginas faltando – falou Conner.

Alex examinou a lista de itens do feitiço. Não esperava que estivessem na forma de charada.

– A maioria dos enigmas é bastante fácil de decifrar – disse ela. – Por exemplo: “Uma agulha que tenha ferido a princesa perfurando sua adorável pele e a reconhecida beleza”.

Obviamente, refere-se ao fuso da roca que espetou a Bela Adormecida.

– E “Como única esperança havia este cacho ondulado, pois garantiria a liberdade o fio dourado” só pode ser um cacho do cabelo da Rapunzel – disse Conner.

Ele olhou em volta. Do vão entre duas tábuas, puxou um longo cacho de cabelo loiro.

– Encontrei! – exclamou. – Uma das primeiras coisas que reparei quando entrei foi a quantidade de tufo de cabelo que há no chão. A Rapunzel deve estar careca! Agora, estamos a um oitavo do caminho de casa!

Alex enrolou cuidadosamente o cacho dourado em um lenço de papel que trazia na mochila escolar.

– O que você acha que significa “Bola de cristal que tenha servido para proteger até chegar a hora de o sino da meia-noite bater”? – perguntou ela. – Qual era a bola de cristal que serviu para proteger?

– Já sei essa! – disse Conner. O sapato de cristal da Cinderela! Não era a bola de cristal, mas sim a sola!

– Claro! – disse Alex. – Esta lista foi recitada. Talvez Hagatha tenha dito sola, mas na hora o homem compreendeu bola! Conner, você é um gênio!

– As duas palavras não são da mesma origem? – perguntou Conner, mas Alex prosseguiu.

– Também não consigo entender o que significa “A lasca da cesta em perigo carregada durante a fuga do latido e da mordida receada” – disse Alex, concentrada. – Cesta, cesta, cesta, mordida, mordida, mordida... *Chapeuzinho Vermelho!* A cesta deve ter sido feita de madeira! E a mordida é do Lobo Mau, é claro!

– Boa. Faz sentido – disse Conner.

Alex se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

– “Joias brilhantes cujos valores aumentaram depois que a falsa morte elas adornaram.” Essa é difícil. Quem *morreu falsamente*?

– As pessoas não pensaram que Branca de Neve tinha morrido depois de morder a maçã envenenada? – perguntou Conner.

– Verdade, você está certo! – falou Alex, saltitante. – O caixão dela era feito de vidro e de joias das minas dos anões. Só pode ser isso.

– Ainda bem que o papai e a vovó leram bastante para nós quando éramos pequenos! – disse Conner. – Quem poderia pensar que isso seria tão útil?

– “Lágrimas de uma fada solteira sem magia, que também não contenham nada de alegria.” Suponho que precisaremos encontrar uma fada que tenha desmanchado um namoro

recentemente, ou algo assim – disse Alex.

– Você não acha que podemos simplesmente dar um chute na fada e fazê-la chorar? – sugeriu Conner. – Me parece bem mais fácil.

Alex ignorou o irmão e folheou novamente o diário.

– Sapatinho de cristal? Confere. Agulha da roca? Confere. Caixão? Confere. De acordo com as notas rabiscadas na margem do diário, o autor está de acordo com as nossas suposições. Mas eu ainda não sei o que são alguns dos itens, como: “Um sabre das profundezas do mar designado para a vida de um nubente exterminar”, ou “Uma coroa de pedra feita para compartilhar, que no fundo do covil selvagem será possível encontrar”.

– Eu falei, tem um monte de páginas faltando – disse Conner.

Alex ficou desconsolada. Os itens que eles desvendaram pareciam praticamente impossíveis de conseguir, e ainda havia aqueles que os dois nem sequer tinham descoberto. Ela andou até a janela e admirou a vista mais uma vez. O sol estava prestes a se pôr; uma por uma, as lareiras do vilarejo próximo começaram a se acender, rabiscando o céu escuro com pequenos rastros de fumaça.

– E se tivermos entendido errado alguns dos enigmas? – perguntou a garota. – E se estivermos pensando no objeto errado? E se o autor do diário estiver errado? E se ele jamais conseguiu voltar? E se ele morreu tentando?

– Vamos ter que fazer o nosso máximo – disse Conner, aproximando-se da irmã. – Uma garotinha muito chata me disse certa vez que o otimismo sempre vale a pena, e ela quase sempre tem razão.

Alex olhou carinhosamente para o irmão.

– Tudo bem, então – disse ela. – Até agora, temos um cacho do cabelo da Rapunzel. Ainda precisamos pegar o sapato da Cinderela, a agulha da Bela Adormecida, as joias do caixão da Branca de Neve, a lasca da cesta da Chapeuzinho Vermelho, além dos outros dois itens que não fazemos ideia do que sejam.

Conner engoliu em seco ao ouvir a lista. Ambos olharam para o horizonte, para o mar de árvores que cercava a torre. Em algum lugar dali, estavam todos aqueles objetos, esperando para serem encontrados.

– Parece que veremos mais da Terra de Histórias do que imaginávamos – falou Conner.



CAPÍTULO 8

O esconderijo

O extremo norte do Reino Adormecido era um lugar feio e ermo. Era conhecido por suas árvores desfolhadas, suas trilhas tortuosas e seus penhascos perigosos. Na terra, espalhavam-se pequenas pedras que impediam o percurso em charrete. E, embora chovesse com bastante frequência, naquele solo nada brotava, o que tornava impossível a vida de qualquer animal.

No meio desse lugar seco e deserto, havia um pequeno castelo protegido por um fosso fundo e vazio. Era bem antigo e decadente, feito de tijolos escuros e portas de madeira. Não se sabia quem o havia erguido, ou o porquê, e poucas pessoas sabiam da sua existência.

O interior do castelo estava coberto por uma grossa camada de poeira. Teias quase tão antigas quanto a própria construção revestiam todas as janelas, embora não houvesse mais aranhas. Todos os cômodos e corredores estavam vazios, exceto por uma ou outra cadeira ou mesa encostada nos cantos.

A ala leste do castelo terminava em um salão enorme. As janelas se estendiam por toda a extensão do cômodo, deixando entrar bastante luz, mas eram tão antigas que o vidro distorcia a visão do mundo exterior.

Era difícil encontrar um lugar tão inóspito quanto aquele castelo. Mas, para uma mulher em especial, era o lugar perfeito para se esconder.

De alguma maneira, a Rainha Diabólica escapara da masmorra do palácio da Branca de Neve. Ela conseguiu recuperar seu Espelho Mágico e rumou a um lugar onde sabia que jamais seria encontrada. O castelo era para ela um templo perfeito, onde poderia terminar o trabalho que começara muito tempo atrás.

A Diabólica não era desconhecida ao local. Durante o último século, muitas pessoas entraram naquele castelo, mas somente ela e alguns poucos tiveram a sorte de deixá-lo, inclusive uma pessoa que a ex-rainha não via há muito tempo.

Entrara recentemente em contato com esse velho amigo, pedindo-lhe que viesse ajudá-la. E então esperou por ele, certa de sua chegada a qualquer momento, pois esse amigo lhe devia a vida.

A Rainha Diabólica permaneceu diante do Espelho Mágico com as palmas das mãos abertas e os olhos fechados. Estava bastante calma para quem era a maior procurada da justiça. À sua direita, sobre um banquinho baixo, estava o coração de pedra que ela nunca perdia de vista.

Embora fosse um dos objetos mais malditos em todo o reino, pouquíssimas pessoas já haviam visto, de fato, o Espelho Mágico. Muitas acreditavam que ele era feito de ouro, diamante e cristal tão finos e puros que era possível atravessá-lo.

Na verdade, o espelho era alto e largo e tinha uma moldura preta que formava uma ponta no topo. Videiras de ferro fundido se entrelaçavam nela. O reflexo era nebuloso: era como enxergar um local frio e enevoado através de uma porta de vidro. E, ainda que não houvesse umidade no ar, gotículas de condensação escorriam pelo espelho.

A Rainha Diabólica abriu os olhos e mirou profundamente o espelho.

– Espelho, espelho meu, de quanto tempo ainda preciso dispor até que chegue a mim o caçador? – perguntou.

A silhueta fantasmagórica de um homem apareceu no espelho. Falava devagar e suavemente, com uma voz baixa e rouca.

Enquanto minha rainha aguarda um velho amigo, outrora querido, o caçador viaja próximo, sem alarido.

O homem do espelho então se desvaneceu. Após alguns instantes, três batidas altas soaram do outro lado da enorme porta do salão.

– Entre – disse a Rainha Diabólica.

As portas se abriram fazendo um rangido terrível, e um homem entrou no salão. Era alto, tinha os ombros largos, quase entrado na velhice. Vestia uma série de peles de animais e mancava da perna direita. A barba era castanho-clara e agrisalhava-se. Levava nas costas um arco e na cintura, um facão.

– Meu caçador voltou – disse a Rainha Diabólica.

O caçador atravessou o salão em direção a ela.

– Já faz muito tempo desde que vi seu rosto pela última vez – disse a ex-rainha –, e a sua aparência ainda me faz revirar o estômago.

O caçador ajoelhou-se a seus pés.

– Majestade – disse ele em tom lamentoso. – Por favor, perdoe-me, pois eu jamais me perdoei por ter falhado convosco.

A Rainha Diabólica lançou-lhe um olhar frio. Não guardava dentro de si compaixão alguma por quem quer que fosse.

– Depois de tudo o que fez por mim, e depois da clemência que me mostrou, eu não fui capaz de matar a princesa naquela floresta – disse ele. – E veja quanto sofrimento o meu fracasso vos causou. Tivesse eu cumprido o meu dever, e Sua Majestade ainda seria rainha.

A Rainha Diabólica permitiu que aquela lamúria patética continuasse por algum tempo. Não demonstrou o menor sinal de perdão. Afinal, ele merecia se sentir daquele jeito. Afastou-se do caçador e espiou através da janela a terra sem vida que os rodeava.

– Tanto você quanto eu já fomos prisioneiros neste castelo – disse ela. – Nunca imaginei que um dia ele seria o meu refúgio.

– Vossa Majestade me salvou – disse o caçador. – Eu certamente teria morrido não fosse por sua bondade. Por isso, jurei que faria qualquer coisa para assisti-la na missão. E, no entanto, desapontei-a.

– E, depois de todo esse tempo, continuo na mesma missão de outrora. Portanto, não choramingue, velho amigo. Chamei-o aqui para oferecer-lhe a chance de se redimir.

Aproximou-se novamente dele e colocou as mãos delicadamente em seu rosto. O caçador parou de chorar e mirou a rainha com olhos grandes e tristes.

– Redimir-me? – perguntou o caçador. – Vossa Majestade me dará a chance de servi-la depois de tudo o que fiz? – Suas lágrimas se avolumaram, e ele continuou: – Eu amaldiçoo este mundo por não julgá-la como a santa que é Vossa Majestade!

– Não é necessário – disse a rainha. – Tenho outra tarefa para você. Ela requer muitas viagens, e, como sou a fugitiva mais procurada do mundo, estou impedida de levá-la a cabo. Por isso o chamei aqui.

O caçador ficou quieto e baixou a cabeça, envergonhado.

– Alteza – disse –, estou velho demais para viajar. Mal consigo andar.

A Rainha Diabólica olhou-o de cima a baixo com uma sobrancelha arqueada de irritação.

– Seu imbecil! – disse ela, levantando o tom de voz. – Quer dizer que viajou até aqui para me dizer que se tornou um inútil?

O caçador levantou-se com dificuldade.

– De forma alguma, minha rainha – respondeu. – Peço-lhe que me permita explicar. Estou velho demais para servi-la, mas minha *filha* é capaz e deseja ajudá-la a cumprir o que já não posso.

– Filha? – indagou a rainha.

As portas do fundo do salão abriram-se novamente. Desta vez, entrou uma mulher arrastando uma carroça atrás de si. Era alta e magra, e seus cabelos eram de um vermelho tão escuro que pareciam pintados de roxo. Seus olhos eram verdes e brilhantes, e sua roupa, toda feita de folhas, plantas e outras folhagens.

A carroça trazia um imenso objeto quadrado. Era vistoso, achatado e estava coberto por um tecido de seda – por segurança, decerto.

Depois de vê-la, a Rainha Diabólica finalmente se lembrou da ocasião, muitos anos atrás, em que conhecera a filha do caçador. Sempre fora uma menina tímida e vivia com o pai no palácio quando a rainha governava.

– Você cresceu – falou a Rainha Diabólica.

A filha do caçador somente anuiu com a cabeça.

– Fale quando eu me dirigir a você! – ordenou a Rainha Diabólica.

– Minha filha é muda, Majestade – disse o caçador. – Nunca falou uma palavra sequer na vida. No entanto, por silenciosa que seja, não é menos capaz de executar o que quer que lhe ordene. Ela vos trouxe um presente para provar sua capacidade.

Com cuidado, a filha do caçador retirou o objeto da carroça e colocou-o ao lado do Espelho Mágico. Após posicioná-lo corretamente, removeu-lhe a capa de seda. Era um espelho, menor do que o mágico; redondo, tinha flores gravadas na moldura dourada.

A Rainha Diabólica reconheceu o objeto assim que o viu.

– O Espelho da Verdade – disse.

A ex-rainha o havia adquirido durante seu reinado. Era outro espelho mágico, que mostrava a verdadeira face da pessoa que se postava diante dele.

– Como conseguiu isso? – perguntou a Rainha Diabólica.

– Ela invadiu o palácio a fim de resgatá-lo para Vossa Majestade – disse o caçador.

A Rainha Diabólica tocou na moldura do Espelho da Verdade; havia se esquecido dos detalhes do entalhe. Voltou-se para a filha do caçador.

– Você será a minha *caçadora*.

A caçadora curvou-se e beijou a mão da rainha.

– Qual é a tarefa, Majestade? – perguntou o caçador.

– Algum de vocês já ouviu falar do Feitiço do Desejo? – a Diabólica indagou.

O caçador e a caçadora entreolharam-se.

– Não, minha rainha – disse ele. – A menos que esteja falando da tola e antiga crendice infantil...

– A própria – confirmou a rainha. – Nunca a levei a sério, até que ouvi um prisioneiro da masmorra balbuciar sobre ela pouco antes de ser executado. De acordo com a “tola crendice”, depois de coletar e reunir determinados itens, ao coletor é conferido um desejo. O porte do desejo não faz diferença, pode ser grande ou pequeno. A lenda garante que ele será concedido. E, como sabem, tenho um desejo a ser realizado.

– Vossa Alteza quer que minha filha reúna tais itens para vós, então? – perguntou o caçador.

– Exatamente – respondeu a rainha. – Pelo que entendi, a tarefa é bastante perigosa e pode levar algum tempo, mas, se a sua filha for bem-sucedida, considerarei reduzida sua dívida para comigo.

O caçador olhou para a filha, que assentiu com a cabeça.

– Muito bem – disse ele. – Ela o fará. Quais são os itens que procura, Majestade?

A Rainha Diabólica posicionou-se diante do Espelho Mágico, estendeu suas mãos com as palmas abertas e o mirou profundamente.

– Espelho, espelho meu, o que devo procurar para o Feitiço do Desejo se realizar?

O espectro surgiu novamente.

– *Bola de cristal que tenha servido para proteger até chegar a hora de o sino da meia-noite bater.*

Um sabre das profundezas do mar designado para a vida de um nubente exterminar.

A lasca da cesta em perigo carregada durante a fuga do latido e da mordida receada.

Uma coroa de pedra feita para compartilhar, que no fundo do covil selvagem será possível encontrar.

Uma agulha que tenha ferido a princesa perfurando sua adorável pele e a reconhecida

beleza.

Como única esperança havia este cacho ondulado, pois garantiria a liberdade o fio dourado.

Jóias brilhantes cujos valores aumentaram depois que a falsa morte elas adornaram.

Lágrimas de uma fada solteira sem magia, que também não contenham nada de alegria.

– Pronto, aí está – disse a Rainha Diabólica ao caçador e à caçadora. Porém, o Espelho Mágico não havia terminado.

– Mas escute, minha rainha respeitável, pois ofereço-lhe um conselho razoável.

Se está disposta a pagar qualquer preço por isso, saiba que apenas duas vezes realiza-se o feitiço.

E uma vez mais é tudo o que se tem, pois esta mágica já foi utilizada por alguém.

Enquanto permanecemos neste castelo não mais real, uma dupla cruza a terra em caçada igual.

Jovens irmãos trabalham rapidamente, é o que vejo, e poderão vencê-la na busca do Feitiço do Desejo.

A imagem do espelho desvaneceu, deixando a rainha com a pior notícia possível. Não apenas havia outras pessoas em busca dos itens de que ela precisava, como não poderia realizar o feitiço novamente se elas os encontrassem primeiro.

A Diabólica fechou os olhos e pensou em quais seriam seus próximos passos. Não podia mais tolerar contratempos. Depois de uma vida inteira de esforços, não iria deixar que duas crianças atrapalhassem seus objetivos.

– Quero que você comece a reunir os itens – disse a Rainha Diabólica à caçadora. – Deixe que eu cuide do casalzinho de irmãos. Agora, sumam daqui.

O caçador e sua filha se curvaram para a rainha e saíram, deixando-a sozinha no salão do castelo sombrio.

A Rainha Diabólica se colocou diante do Espelho da Verdade. Sua aparência pagava um alto preço pelos seus anos de prisioneira. Era doloroso para ela enxergar a velha que se mostrava no reflexo. Apanhou o coração de pedra e examinou-o cuidadosamente, afagando as laterais do objeto. Depois olhou novamente para o Espelho da Verdade. Desta vez, não viu o reflexo da mulher desalinhada na qual havia se transformado; desta vez, o rosto que a encarava de

volta era o de uma jovem. Pertencia a uma linda donzela de pele clara e cabelos escuros e longos. Usava um vestido branco que lhe cobria os pés, com uma fita amarrada na cintura, e também segurava o coração de pedra.

A jovem lhe sorriu, mas a Rainha Diabólica não sorriu de volta. Conhecia muito bem a garota do espelho, e ela definitivamente não era a Branca de Neve...



CAPÍTULO 9

O Reino Encantado

Logo após o nascer do sol, Alex e Conner acordaram. Haviam passado a noite no chão da torre de Rapunzel, aninhados no cobertor que Froggy colocara na bolsa de viagem, a qual lhes serviu de travesseiro.

– Dormiu bem? – perguntou Alex.

– Parece que eu passei a noite no chão de uma torre – respondeu Conner, prometendo a si mesmo que nunca mais iria desmerecer a própria cama.

Esticou as costas, e suas articulações estalaram como fogos de artifício.

Eles guardaram o cobertor e decidiram começar cedo o dia. Alex insistiu em arrumar o cômodo, deixando-o em melhores condições do que os gêmeos o encontraram.

– Eu não gostaria que alguém pensasse que fomos nós que fizemos essa bagunça toda.

Conner revirou os olhos.

– Qual será a nossa próxima parada? – perguntou ele.

Ela percorreu o mapa de um lado ao outro com os olhos, segurando o diário com a outra

mão.

– Bom, o Reino Encantado fica a leste daqui, não muito longe – disse Alex. – Acho que seria mais inteligente ir para lá e tentar obter o sapatinho da Cinderela.

– E como exatamente vamos fazer isso? – perguntou Conner.

Alex parou para pensar por um instante.

– Vamos simplesmente perguntar se podemos pegá-lo emprestado – decidiu.

– Ah, claro! – zombou Conner. – É como se você entrasse na Casa Branca e pedisse a Declaração da Independência emprestada.

Embora Conner estivesse errado sobre a localização da Declaração da Independência dos Estados Unidos, Alex sabia que seu ceticismo tinha fundamento. Como iriam botar as mãos no sapato da Cinderela? Obviamente, ele deveria estar entre os objetos mais valiosos do acervo do reino.

– Vamos ter que tentar – disse Alex. – Que outra opção nós temos?

Os gêmeos desceram a escada espiral que ficava no centro da torre da Rapunzel e voltaram à estrada. Algum tempo depois, chegaram a uma bifurcação: a outra trilha levava ao leste. A placa que ficava acima da bifurcação dizia “reino encantado” e apontava para o novo caminho.

– Conner, olhe essa placa! – disse Alex, apertando as próprias bochechas. – Agora sim eu queria ter uma câmera!

Aventuraram-se no novo percurso por um bom tempo sem encontrarem nada de novo: somente uma estrada de terra e as mesmas sempre-vivas que haviam visto nos últimos dois dias. Conner foi ficando mais ansioso à medida que prosseguiam, deixando escapar longos e profundos suspiros a todo minuto.

– Você tem certeza de que não estamos perdidos? Eu poderia jurar que vi aquele rochedo e aquela árvore uns vinte minutos atrás – disse ele, apontando para um trecho da floresta.

– Tenho certeza de que estamos viajando na direção correta. Estou olhando o mapa desde que saímos – Alex falou. – Devemos chegar a um riacho a qualquer momento e, após atravessá-lo, estaremos no Reino Encantado!

Conner suspirou de novo – seria seu último suspiro por enquanto, então ele caprichou.

Algumas horas se passaram, e nada de riacho. Conner estava quase perdendo a confiança nas habilidades de navegação da irmã.

– Este lugar deve ser maior do que pensávamos – disse Alex. – Ou então o mapa está completamente fora de escala.

Finalmente, os gêmeos avistaram o riacho. A trilha levava a uma pequena ponte de pedras claras e continuava do outro lado.

– Viu? Eu disse que sabia o que estava fazendo! – falou Alex com a cabeça erguida.

– Tá, tá, tá... – respondeu Conner.

– Sinceramente, Conner, sua falta de confiança me deixa frustrada. – Alex encarou o irmão e disse: – Se existe um lugar no qual eu sei me locomover, esse lugar é...

– *Grrrrrrrrrrrrrr!*

Conner escutou o grito agudo da irmã antes de entender o que se passara. Um duende horrível havia pulado na ponte, bem na frente deles. Era baixo e muito largo e tinha uma cabeça gigantesca, além de olhos grandes e um focinho. Estava coberto com um emaranhado de peles. Seus braços e pernas eram minúsculos, mas suas unhas e dentes eram longos e afiados.

– Vocês estão na *minha* ponte! – gritou o duende. – Como ousam?

– Desculpe! – disse Alex, agarrando-se ao irmão como um macaco a uma árvore. – Não fazíamos ideia de que essa ponte pertencia a alguém!

– Talvez você devesse colocar uma placa ou algo assim – sugeriu Conner, arrependendo-se imediatamente ao perceber que aquilo deixara a criatura mais brava ainda.

– O que estão fazendo na *minha* ponte? – inquiriu o duende.

– Tentando chegar ao Reino Encantado – respondeu Alex. – Não queremos lhe fazer mal algum.

– Ninguém atravessa a minha ponte sem resolver uma charada – declarou ele.

– Uma charada? – disse Alex, soltando-se de Conner. – Ah, você é o duende da ponte!

– O duende da ponte? – perguntou Conner.

– Sim, como na história “Os Três Bodes da Montanha”! – disse Alex, tão empolgada por testemunhar mais um fato dos contos de fadas que todo seu medo se esvaiu.

– Se desejam atravessar a minha ponte, devem responder à minha charada corretamente – disse a criatura. – Respondam errado, e eu lhes como a cabeça.

– Como é? Come a nossa cabeça? – indagou Conner, quase soltando fumaça pelas ventas. – Qual é o problema com essa gente? Todo mundo que encontramos quer nos comer? Alguém pode, por gentileza, me explicar o motivo disso?

– Conner, fique calmo – insistiu Alex. – Vamos simplesmente resolver a tal charada e seguir nosso caminho.

– Mas e se errarmos? – contestou o irmão. – Ele vai nos matar! Vamos encontrar outra

maneira de cruzar o riacho...

– Conner, não seja bobo, se um bode conseguiu responder corretamente ao desafio, tenho certeza de que nós também conseguimos – disse Alex. – Além disso, a próxima ponte fica a dezenas de quilômetros de distância.

Conner resmungou e cruzou os braços.

– E como podemos ter certeza de que esta ponte é realmente *dele*? – questionou Conner. – Seria bom ver algum certificado de propriedade antes de prosseguir com isso.

Alex o ignorou.

– Qual é o desafio, senhor Duende da Ponte? – perguntou ela. – Posso chamá-lo de senhor Duende da Ponte?

O duende somente fitou os gêmeos. Andou de um lado a outro antes de enunciar a charada:

– O que pode ser tão pequeno quanto uma ervilha ou tão grande quanto o céu e não pertencer a quem o compra?

Alex botou todas as engrenagens da cabeça para funcionar. Adorava desafios.

– Essa é difícil – disse ela, apertando o dedo indicador contra os lábios. – Conner, você tem algum palpite?

– Nada disso, você está por conta própria.

– Você tem uma única chance, ou eu como a sua cabeça. Então, use-a com sabedoria! – aconselhou o duende, fazendo uma pequena coreografia e batendo palmas.

– Chega, vou cair fora daqui – disse Conner.

Ele saiu da ponte e caminhou lentamente até a margem do riacho.

– Conner, o que você está fazendo? – gritou Alex.

– Vou atravessar o rio! – ele gritou de volta. – Não há ponte que valha tamanho sacrifício!

Enfiou o pé no rio com cuidado e começou a travessia. A água estava congelando, mas a agitação do momento deixava seu corpo tão quente que ele não se importou.

– Não é tão fundo, Alex! E a correnteza não é tão forte!

Conner chegou à metade do rio, e a água não passou de sua cintura.

– Você está roubando! – disse Alex ao irmão, depois perguntando ao duende: – Ele pode fazer isso? É permitido?

– Não foi para ele que eu lancei o desafio. Foi para *você*!

Conner, ensopado, já tinha atravessado o riacho. Alex continuava a pensar na charada.

– Tão pequeno quanto uma ervilha, tão grande quanto o céu... Então, basicamente, pode ser

de qualquer tamanho. E a pessoa que o compra não o possui, então significa que pertence a outra pessoa – pensou em voz alta.

– Mais rápido, Alex! – gritou Conner.

– Quietos! – esbravejou Alex. – Eu diria que só pode ser... *um presente!* Um presente pode ser de qualquer tamanho, e a pessoa que o recebe é o seu dono, não a pessoa que o compra!

O duende parou de andar de um lado a outro e se jogou no chão.

– Está correto – disse ele, desapontado. – Pode passar.

Alex bateu palmas, saltitante. Estendeu a mão ao duende, que a ignorou completamente. Em vez disso, ele engatinhou até o buraco de onde havia saído.

– Viu? – disse Alex ao encontrar o irmão do outro lado da ponte. – Eu sabia que acertaria a resposta!

Conner balançou a cabeça.

– E é claro que eu vou ter que ouvir isso pelo resto da vida. Vamos tentar chegar ao castelo da Cinderela antes que o sol se ponha, combinado?

Os gêmeos retomaram sua jornada em direção ao Reino Encantado. Ficaram empolgados com a mudança de cenário conforme avançavam. As árvores sempre-vivas foram rareando aos poucos, até que deram lugar a enormes carvalhos. Também havia vastos campos de grama fofa e flores silvestres.

– É tão bonito aqui! – disse Alex.

Já caminhavam há horas e não haviam visto sinal de coisa alguma. Conner já estava quase seco.

– Cadê todas as coisas? – perguntou ele.

– O Reino Encantado é muito grande – explicou a irmã. – Vai demorar um bocado para chegarmos ao palácio.

A noite começou a cair, e os gêmeos ficaram bastante preocupados. Não havia qualquer abrigo à vista. Não tardou para que a lua se tornasse sua única fonte de luz. Saíram poucos metros da estrada e encontraram um gramado entre algumas árvores, o qual presumiram – e esperavam – que fosse seguro. Decidiram passar a noite ali. Conner ainda tentou, sem sucesso, produzir fogo com alguns gravetos.

– É nessas horas que eu realmente lamento não ter feito aquele curso de escoteiros – disse ele.

Era a primeira noite que passavam ao relento. Ambos acordavam de hora em hora para se certificarem de que permaneciam a salvo. Qualquer barulho os apavorava.

– O que foi isso? – perguntou Alex no meio da noite.

– Uma coruja – respondeu Conner. – Ou um pombo bem impetuoso. Seja lá o que for, ainda estamos seguros.

Na manhã seguinte, foram acordados pelos raios de sol. Levantaram-se e logo voltaram para a trilha.

– Nossa comida está acabando – disse Alex, depois de comer uma das últimas maçãs que havia no farnel. – Teremos que nos reabastecer assim que encontrarmos um mercado ou algo parecido.

– Estou tão cansado de pãozinho e maçã. Estou começando a pensar que deveríamos ter pedido um saco de moscas ao Froggy – disse Conner. – Ah, meu Deus, eu daria tudo por um *cheeseburger*! Talvez seja por isto que todo mundo come todo mundo neste lugar: eles ainda não descobriram o *fast food*.

Encontraram um pequeno lago à margem da estrada e pararam para jogar uma água no rosto.

– Que cara de cansaço! – disse Alex ao ver o reflexo dos dois na água.

Às suas costas, os gêmeos escutaram um barulho de galope se aproximando. Viraram-se e avistaram uma pequena carroça de lenha, puxada por um cavalo cinza e conduzida por um homem com um enorme e desajeitado chapéu verde.

– Vamos perguntar a ele quanto tempo falta para chegarmos ao palácio! – sugeriu Alex.

Ela correu em direção à carroça.

– Com licença, senhor? – disse.

– Opa! – respondeu o homem, fazendo o cavalo parar. – Em que posso ajudá-los?

– A que distância estamos do palácio da Cinderela? – perguntou Alex.

– Estão viajando a pé? – indagou o homem.

– Infelizmente – disse Conner.

– Então, vocês vão levar dias.

Alex e Conner entreolharam-se completamente exasperados.

– Tenho de entregar essa lenha próximo ao palácio hoje à noite – continuou o homem. – Posso lhes dar uma carona, se quiserem.

Antes mesmo que ele terminasse de fazer a oferta, Conner já tinha pulado para dentro da carroça.

– Muito obrigada! É muito gentil de sua parte – Alex agradeceu.

Pelo resto do dia, os gêmeos se sacolejaram na carroça do homem. Conner ajeitou-se confortavelmente sobre a lenha e cochilou durante quase toda a viagem, acordando apenas

quando o veículo passava por alguma elevação. Alex, por outro lado, tentou aproveitar ao máximo a oportunidade de conversar com um ser humano do mundo dos contos de fadas.

– Qual é o seu nome? – perguntou ela.

– Smithers – disse o homem.

– E de onde você é?

– Eu cresci em um pequeno vilarejo que fica no nordeste do Reino Encantado – disse Smithers.

– E como é lá? Meu irmão e eu... Nós... nós ainda não conhecemos este reino muito bem.

– O Reino Encantado é um lugar calmo – falou Smithers. – Existem vários vilarejos pequenos nos seus arredores e propriedades riquíssimas no centro, perto do palácio.

– Você já esteve no palácio? – perguntou Alex.

– Ah, sim. Faço muitas entregas lá durante o ano – disse ele. – Na verdade, hoje o rei e a rainha darão um grande baile.

– É mesmo? – os olhos de Alex dobraram de tamanho, e ela chacoalhou Conner para acordá-lo. – Conner, escutou isso? Cinderela vai dar uma festa hoje! Não é maravilhoso? Que coincidência!

– O quê? Ah... é... Que legal – resmungou Conner antes de cair no sono novamente.

– E por que eles darão esse baile? – perguntou Alex.

– Eles fazem um baile por mês desde que se casaram – contou o homem. – É como se fosse uma celebração de seu casamento.

– Como é a Rainha Cinderela?

– Absolutamente linda e a melhor rainha que nosso reino já teve – disse Smithers com um largo sorriso. – Nem todo mundo estava disposto a aceitá-la quando ela se mudou para o palácio, no entanto. Muitas das famílias aristocráticas estavam desgostosas com o fato de o Príncipe Encantado não ter escolhido a filha de alguma delas para se casar. Mas Cinderela já tinha superado esse problema.

Alex percebeu que eles estavam se aproximando do palácio. Passaram por alguns vilarejos; à medida que avançavam, os povoados se tornavam maiores e mais populosos. Ela estava muito empolgada por estar perto de pessoas – *pessoas de verdade* – que passaram a vida inteira no mundo dos contos de fadas. Desejou do fundo do coração que tivesse tido a oportunidade de crescer no Reino Encantado.

– Às vezes você não acha isto aqui impressionante? – perguntou Alex. – Não o assusta saber que, a qualquer momento, uma fada pode passar voando e lhe conceder um desejo, ou que um

ogro pode surgir do nada e comê-lo?

Smithers olhou para a menina um tanto curioso.

– E existe um lugar onde as pessoas não possam ser ajudadas ou feridas inesperadamente?

Alex pensou e não encontrou resposta. Talvez aquele mundo e o mundo em que ela vivia não fossem tão diferentes, afinal.

Começaram a passar por propriedades grandes e ricas. Para onde quer que olhassem, viam casa enormes e luxuosas. Eram todas muito brilhantes e coloridas, com telhados pontudos que faziam curvas na lateral. Algumas eram de madeira, outras de tijolo, outras ainda cobertas de hera. Pareciam ter saído de um livro, e Alex ficava o tempo todo lembrando a si mesma que ela estava, de fato, dentro de um.

– Estamos quase no palácio – disse Smithers.

A carroça começou a sacolizar, e a garota então percebeu que a estrada de terra dera lugar a uma rua de paralelepípedos. Mercados e lojinhas começaram a pipocar por todos os lados conforme entraram na cidade. Outras carroças e carruagens dividiam a estrada com eles. Moradores das vilas e da cidade caminhavam a seu lado, ocupados com sua rotina diária de compras e negócios.

– Já chegamos? – perguntou Conner, retornando à vida.

A carroça dobrou uma esquina, caindo numa rua larga e comprida. No final dela, via-se o enorme palácio.

– *Isso* responde à minha pergunta – concluiu Conner.

O palácio deixou Alex sem fôlego. Era perfeitamente simétrico e lustroso, como se tivesse sido feito de porcelana cinza. No centro, três torres proeminentes emergiam da mesma base em que ficava um relógio gigantesco. O palácio quase parecia de mentira, de tão majestoso e grandioso, muito mais do que os gêmeos haviam imaginado.

– Deixo vocês aqui – disse Smithers, estacionando a carroça na calçada. – Muito boa sorte para os dois juvenzinhos. Aproveitem o passeio na cidade!

– Muito obrigado! – disseram Conner e Alex ao mesmo tempo.

Tentaram dar ao homem algumas moedas de ouro como agradecimento, mas Smithers insistiu que eles economizassem o dinheiro e então seguiu seu destino.

Os gêmeos passearam pela cidade por um bom tempo. Todo mundo parecia estar agitado com o baile que aconteceria à noite.

Os dois encontraram um pequeno mercado, no qual puderam comprar frutas frescas, vegetais e pães. Alex tentava puxar conversa com cada habitante que via, mas a maioria a ignorava.

Conner só revirava os olhos para a irmã; *tudo* a empolgava.

– Eu não sei se vou sobreviver a essa viagem com você tão empolgada assim – disse ele. – Já está me irritando.

– Desculpe – falou Alex. – É que estivemos na companhia de tantas árvores nos últimos dias, que só estou alegre de ver pessoas e seus... Ahhhh! Olhe a maçaneta daquela porta! Tem formato de sapatinho, não é linda?

Depois de uma tarde agitada, cheia de passeios para lá e para cá, eles encontraram uma colina tranquila da qual se avistava a cidade e se sentaram à sombra de uma grande árvore. O sol começava a se pôr, e os gêmeos ficaram apreensivos ao pensarem que mais um dia estava chegando ao fim.

– Qual é o nosso plano agora? – perguntou Conner.

– Vamos ver o que sugere o diário – respondeu Alex, tirando o caderno de dentro da mochila.

Folheou as páginas até chegar ao trecho que mencionava o sapatinho de cristal.

O sapato de Cinderela é algo muito difícil de conseguir. Ele é, sem dúvida, a peça mais querida do acervo do reino.

Primeiro, você tem que encontrar um jeito de entrar no palácio. Isso já é difícil, pois só há uma entrada. Uma das primeiras providências de Cinderela ao assumir o trono foi eliminar as entradas de serviço, para que todas as pessoas adentrassem o palácio como iguais.

Uma vez no palácio, você deve encontrar uma forma de entrar na sala real de exposições. Isso também é difícil, pois ninguém pode entrar nos aposentos da rainha sem um convite pessoal dela. Os sapatinhos estão expostos em uma caixa de vidro, a qual fica sobre um pilar no centro da sala.

Não é difícil tirá-los da caixa de vidro, mas o local é constantemente vigiado por dois guardas, que ficam a postos na entrada. Encontre uma maneira de ficar sozinho no aposento e retire o sapato da caixa silenciosa e rapidamente.

Saia da sala o quanto antes, pois, assim que perceberem a falta de algo, os guardas fecharão as portas do palácio, e você será preso e levado à masmorra, para ser pendurado de cabeça para baixo pelos dedões do pé. Muito boa sorte!

– Como vamos entrar no palácio? – indagou Conner.

Alex começou a pensar em um plano, mas logo se distraiu com uma longa fileira de

carruagens que percorria a rua principal em direção ao palácio. Os veículos eram elegantes e coloridos, cada um de um modelo diferente. Havia pelo menos dois cavalos por carro, um cocheiro, um criado ao fundo e vários passageiros.

– O baile! – exclamou Alex. – Vamos ter que nos infiltrar no baile!

– Hum... – disse Conner, refletindo sobre a ideia. – E o que vamos vestir? Olhe para nós! Não estamos arrumados para uma festa! E eu aposto que estamos bem cheirosinhos depois de caminhar por três dias seguidos sem tomar banho.

– Tenho uma ideia – disse Alex.

Ela abriu as duas mochilas e pegou os cobertores. Agarrou Conner pelos ombros e começou a enrolar a manta em volta dele, entrelaçando-a em lugares estratégicos para que ela não caísse. Depois, enrolou o outro cobertor em volta de si.

– Pronto – disse ela. – Agora parece que vestimos túnicas respeitáveis!

– Estamos ridículos, isso sim! – reclamou Conner.

– Tem alguma ideia melhor? – questionou a irmã.

– Talvez haja um disque-fadas para o qual possamos ligar... – disse Conner.

Os gêmeos se dirigiram à rua principal e seguiram o fluxo das carruagens. Quanto mais perto chegavam do palácio, maior e mais real ele se tornava. Muitos cocheiros lançaram olhares sobre os gêmeos, uns de estranhamento, outros de preconceito. Alguns passageiros debruçaram-se na janela de sua carruagem para ver o que aqueles dois estavam fazendo.

– Tirem uma foto, assim dura mais! – provocou Conner.

– Conner! Eles nem sabem o que isso significa! – repreendeu Alex.

Finalmente chegaram ao palácio, no momento em que o sol se punha. As carruagens paravam em frente à escadaria da entrada, e os criados desembarcavam rapidamente para ajudar os passageiros a descer.

Alex e Conner nunca haviam visto trajes tão lindos. As mulheres usavam vestidos longos, dos mais diferentes tecidos, cortes e cores. Todas se adornavam com luvas e diamantes. Algumas ainda tinham laços e penas no cabelo. Os homens também se vestiam impecavelmente, alguns de traje militar formal, outros de terno com largas ombreiras de franja e punhos quadrados.

Todo aquele cuidado e bom gosto que os convidados investiram na própria aparência fez os gêmeos se sentirem mais inseguros com suas capas improvisadas. Eles destoavam completamente das outras pessoas. Além de serem os mais jovens, eram os únicos que não usavam renda e cetim e que carregavam mochilas. De fato, pareciam ser exatamente o que eram: duas crianças tentando se infiltrar no baile.

Uma sequência infindável de degraus levava à entrada do palácio. Alex e Conner começaram a subir a escadaria com os outros convidados. Era tão comprida que eles chegaram a se perguntar se algum dia chegariam ao topo.

– Este mundo tem duendes e fadas, mas cadê a escada rolante quando você precisa dela? – brincou Conner.

– Conner! – esbaforiu Alex. – Olhe!

Apontou para uma estrela de prata gravada no degrau sob seu pé. Nela havia os dizeres:

ESTA ESTRELA MARCA O LUGAR
EXATO ONDE CINDERELA DEIXOU
CAIR SEU SAPATINHO NA NOITE EM QUE
CONHECEU O PRÍNCIPE ENCANTADO

– Dá para acreditar que este é o lugar exato onde Cinderela deixou cair o sapatinho? – perguntou Alex com as mãos no coração.

– Com certeza – falou Conner. – Eu também não subiria essa escada inteira de novo se tivesse perdido meu sapato.

Os gêmeos causaram uma impressão na entrada. As pessoas ficaram absolutamente estupefatas com a roupa que eles usavam. Alex sentiu sua face corar devido ao modo como todos olhavam para ela – foi como voltar à escola.

Um guarda em especial não parava de encarar os irmãos. Não de maneira preconceituosa, mas como se já os tivesse visto antes e não se lembrasse de onde. Ele estava do lado de dentro do palácio, a um passo da porta de entrada. Carregava mais condecorações no uniforme do que qualquer outro guarda e tinha uma barba bem rala e escura.

Um vigia do palácio recebia os convidados na porta. Os gêmeos começaram a entrar em pânico.

– O que vamos fazer? – sussurrou Alex.

– Deixe comigo – disse Conner. – Eu vi isso num filme uma vez. Apenas me acompanhe.

– Convites, por favor – pediu o guarda da entrada.

– Estão com nossos pais, mas eles já entraram – disse Conner.

– E quem são os seus pais? – perguntou o guarda, fazendo uma careta.

– Quem são os nossos pais? – gritou Conner, chamando a atenção de todos, mais do que haviam chamado até então. – Quer dizer que você não sabe quem somos nós?

Os guardas e os convidados se entreolharam.

– Conner, acalme-se! – disse Alex, perguntando-se o que o irmão estava fazendo.

– Este homem não sabe quem são os nossos pais, Alex! – continuou Conner. – Devo lhe informar que nossos pais foram os inventores da boa sorte! Como você ousa nos demonstrar tamanho desrespeito?

Alex queria dar um soco em Conner. Olhava para as pessoas com expressão constrangida. Todos olhavam os gêmeos com cara feia, exceto o guarda da barba rala. De fato, ele sorria na direção dos dois, com uma amabilidade no olhar.

– Receio que vocês tenham de ir embora agora – disse o guarda que recolhia os convites.

– Sair? Você está expulsando do palácio os herdeiros da boa sorte? – vociferou Conner de modo que todos pudessem ouvi-lo.

– Conner. Cala. A. Boca – sussurrou Alex em seu ouvido.

– Algum problema? – perguntou o guarda da barba rala, aproximando-se dos gêmeos.

– Não, nenhum! – disse Alex, começando a se afastar e puxando Conner consigo.

– Eles não têm convite – disse o outro guarda.

– Já estávamos indo embora – falou Alex. – Mil desculpas pela confusão.

– Que bobagem – disse o guarda de barbicha. – Eu acabei de ver seus pais dentro do palácio. Permitam-me levá-los até eles.

Alex e Conner ficaram paralisados.

– Você os viu? – perguntou Conner, lembrando-se em seguida que precisava manter a própria mentira: – Quer dizer, claro que você viu!

O garoto lançou um olhar bravo ao outro guarda.

– Venham comigo, eu vou levá-los a seus pais – disse o homem da barba rala.

Antes que pudessem se dar conta, Alex e Conner, completamente aturdidos, estavam sendo escoltados para dentro do palácio. Será que aquele guarda notou que eles estavam mentindo e agora os levava diretamente à masmorra? Ou talvez a mentira de Conner não era tão mentira assim, e os dois estavam prestes a conhecer um homem e uma mulher que definitivamente não eram seus pais.

– Permitam-me que eu me apresente – disse o guarda. – Eu sou Sir Lampton, o chefe da Guarda Real. Sejam bem-vindos ao palácio!

– Obrigado – disse Conner. – Meu nome é Conner *Boassortus*, e esta é minha irmã, Alex.

– De onde são vocês, senhor e senhora Boassortus? – perguntou Lampton.

– Do norte do Reino do Norte – afirmou Conner, surpreso com as palavras que saíam da própria boca. – Mas nossos pais têm uma casa de veraneio ao sul do Reino Adormecido e outra em um condomínio no Reino das Fadas.

Os olhos de Alex estavam tão arregalados que ela tinha de se lembrar de piscar.

– Ah... Entendi – disse Lampton com um olhar curioso. – Gostariam que eu guardasse as mochilas de vocês?

– Não, tudo bem – Alex falou prontamente. – Nós as carregamos.

Lampton conduziu os gêmeos pelo longo corredor, logo atrás dos outros convidados. Havia diversos retratos de antigos governantes distribuídos no caminho, e andavam sobre um tapete vermelho. Os olhos de Alex e Conner estavam arregalados; os gêmeos nunca tinham botado os pés em um palácio real. E havia tantas coisas deslumbrantes ali.

Aquela animação toda parecia divertir Lampton. Ele se inclinou entre as duas crianças e disse gentilmente:

– Vocês estão entrando de penetra, não estão?

Alex olhou desesperada para Conner, mas ele já não tinha mais mentiras para tirar da manga.

– Por favor, não nos jogue na masmorra – implorou ela. – Não queríamos causar nenhum transtorno.

Conner olhou para a irmã e ergueu uma sobrancelha. O que ela queria dizer? Não queria causar transtorno *além* de invadir o palácio e roubar um item precioso?

Lampton riu.

– Já vi outros jovens tentarem invadir o palácio antes, mas nunca me diverti tanto como hoje.

– Então você não vai nos jogar numa cela e nos deixar pendurados de cabeça para baixo pelo dedão do pé? – perguntou Conner.

– Paramos de fazer isso há anos – informou Lampton. – Na verdade, seria uma honra mostrar-lhes o palácio.

– Jura? – perguntou Conner, surpreso.

– Eu adoraria! – disse Alex, batendo palmas de emoção. – Muito obrigada!

Ao fim do corredor, Lampton guiou os gêmeos através de duas portas de ouro que davam no saguão.

A primeira impressão dos garotos foi avassaladora. Eram tantas coisas para se ver que era

praticamente impossível focar em uma por tempo suficiente para compreender do que se tratava. Havia tantos movimentos e tantas cores!

O maior lustre que viram na vida, com centenas de velas acesas, pendia do teto sobre uma imensa pista de dança. Centenas de homens e mulheres vestidos formalmente ocupavam o saguão. Alguns conversavam nas laterais, enquanto outros dançavam ao som da música tocada por uma pequena orquestra que ficava em um canto.

Tudo, desde o arco das portas até o tom das paredes, era dourado. Uma escada imponente subia ao fundo do salão, logo atrás dos dois tronos vazios.

Conner sabia que era uma questão de segundos para que Alex começasse a chorar de emoção.

– É tão bonito! – disse ela, lacrimejando. – Foi aqui que aconteceu o baile em que o príncipe conheceu Cinderela?

– Exatamente – respondeu Lampton. – Jamais vou me esquecer daquele dia. Eu era apenas um guarda comum então. O príncipe estava ali para conhecer todas as jovens do reino, na esperança de encontrar uma noiva. Cinderela foi a última a chegar. Ela entrou no salão, como acabamos de fazer, e todo mundo parou para olhá-la.

– Como ela estava? – perguntou Alex.

– Mágica – disse o guarda com um sorriso, absorto na memória. – Usava um vestido longo, cor de violeta, que brilhava conforme ela andava. Eu me lembro de ouvir o estalido suave de seus sapatos. O príncipe olhou para ela, e foi amor à primeira vista; o palácio inteiro pôde perceber.

De repente, um trompetista anunciou ao pé da grandiosa escada:

– Senhoras e senhores, é com grande honra que lhes dou as boas-vindas ao baile real. Agora, peço uma calorosa recepção a Vossas Majestades Reais, o Rei Encantado e a Rainha Cinderela!

Os convidados explodiram em alegria, aplaudindo entusiasmados. O casal real entrou no salão, descendo lentamente a majestosa escada. Alex agarrou o braço de Conner.

– Conner – disse arfante. – É a Cinderela! É a Cinderela!

Embora os gêmeos tivessem visto somente ilustrações da rainha, Cinderela era mais bonita do que esperavam. Seu cabelo era ruivo e estava com um penteado estilizado atrás da tiara de cristal. Nas mãos, vestia luvas brancas e longas que combinavam com o vestido turquesa, o qual lhe acentuava a barriga de grávida. Apesar de todo ouro e do glorioso candelabro, os olhos e o sorriso de Cinderela eram o que mais brilhava naquele salão.

O Rei Encantado era o ímpeto em pessoa. Era tão bonito quanto o descreviam nos livros e

tinha um sorriso hipnotizante. Abaixo da coroa de ouro, os cabelos escuros e fartos ondulavam. Sem dúvida, seria uma estrela de cinema se vivesse no mundo dos gêmeos.

Rei e rainha tomaram seus assentos nos tronos, e o guarda trompetista soprou mais um acorde antes de fazer o próximo anúncio.

– Que comece o baile! – proclamou, sendo recebido com alegria e mais aplausos.

A maioria dos convidados correu para a pista de dança, e a orquestra passou a tocar uma melodia animada. As pessoas se arranjaram em pares e começaram a valsar pelo salão, encarando-se amorosamente o tempo todo.

O rei e a rainha permaneceram sentados. Era perceptível que Cinderela queria entrar na dança, mas não podia por causa da gravidez. O Rei Encantado só tinha olhos para a esposa; estava se deleitando mais em vê-la assistir à dança do que com a dança em si.

Em dado momento, os homens descalçaram um pé de sapato de suas parceiras e as giraram graciosamente antes de calçá-los de volta nas moças. Um tributo à Cinderela, sem dúvida.

O tempo pareceu voar para os gêmeos.

O bebê da rainha deve ter chutado bastante com tamanha excitação. Ela, no entanto, parecia estar um pouco desconfortável; por vezes esfregou a barriga e se ajeitou no trono. Por fim, sussurrou algo ao ouvido do Rei Encantado. Ele a segurou pelas mãos com toda a gentileza e a ajudou a subir a grande escada.

O guarda tocou novamente o trompete.

– A rainha está cansada e deseja se deitar. Mas ela e o rei lhes convidam a continuar esta celebração sem a sua presença.

A multidão agradeceu contente e continuou a se divertir.

– Gostariam de conhecer o palácio? – perguntou Lampton aos gêmeos.

– Mais que tudo neste mundo! – disse Alex.

Lampton acompanhou os gêmeos até outro salão por um corredor bem parecido com aquele pelo qual entraram no palácio: também tinha diversos retratos de governantes antigos e um imenso tapete vermelho.

– O palácio foi construído há mais de quinhentos anos – informou Lampton enquanto caminhavam – e é o lar da dinastia Encantado desde então. Este é o retrato do Rei Chester Encantado, o falecido sogro de Cinderela.

Apontava para a vistosa pintura de um velho barbudo com uma coroa; ele era extremamente parecido com o filho, mas muito mais velho.

– Quantos Encantados já existiram? – perguntou Conner.

– Já perdemos a conta – disse Lampton. – Hoje em dia, há três. Rei Chester teve quatro filhos: Chance Encantado, Chase Encantado, Chandler Encantado e Charlie Encantado.

Também havia retratos de cada um dos irmãos Encantado na parede.

– Rei Chance Encantado é o mais velho e casou-se com a Rainha Cinderela – continuou Lampton, apontando para o retrato do homem que haviam acabado de ver no baile.

– Rei Chase Encantado, o segundo filho, é casado com a Rainha Bela Adormecida.

Chase parecia-se muito com o irmão, mas era um pouco mais alto e usava uma barbicha.

– Rei Chandler Encantado é o terceiro filho e casou-se com a Rainha Branca de Neve – continuou Lampton.

Chandler também era parecido com os irmãos, mas tinha o cabelo mais comprido de todos.

O último retrato do corredor foi o que mais chamou a atenção dos gêmeos. Estava ligeiramente afastado dos demais e mostrava o mais novo dos irmãos Encantado. Era jovem e sorridente. Havia uma única vela perto do quadro; parecia uma espécie de memorial.

– E quem é aquele? – perguntou Conner a Lampton.

A expressão de alegria se apagou do rosto do guarda.

– Este é o príncipe Charlie, o quarto filho do Rei Chester. Ele é o príncipe encantado há muito desaparecido – contou Lampton. – Sumiu certa noite, muitos anos atrás, e ninguém jamais o viu novamente.

– Que horror! – espantou-se Alex.

– Seus irmãos mobilizaram massivas equipes de busca, as quais percorreram todos os reinos, mas nunca encontraram sequer vestígio dele – disse Lampton cheio de tristeza. – Felizmente, desta busca surgiu algo de bom. Enquanto estavam na estrada, o príncipe Chandler conheceu Branca de Neve, que jazia em seu caixão de cristal, e o Príncipe Chase achou sua Bela Adormecida, que hibernava no castelo, e ambos quebraram o feitiço sobre suas amadas, casando-se com elas mais tarde.

– Incrível! – disse Alex. – Então, se o príncipe Charlie nunca tivesse desaparecido, Branca de Neve e Bela Adormecida ainda poderiam estar inconscientes!

– Talvez – disse Lampton. – E, como os irmãos haviam encontrado suas amadas, o príncipe Chance teve que organizar um baile para achar a sua, e foi quando conheceu Cinderela. Tudo acontece por uma razão, suponho.

Alex e Conner não conseguiam parar de olhar para o retrato do príncipe Charlie. Havia uma energia triste naquele trecho do corredor, e os dois eram bastante sensíveis a esse tipo de coisa. O príncipe desaparecido não devia ser muito mais velho do que eles quando sumiu.

Lampton estava claramente regozijado com o interesse dos gêmeos.

– Agora, sigam-me. Tenho algo bastante especial para lhes mostrar – disse ele.

O guarda os conduziu a outro corredor, que levava mais para o interior do palácio. Essa área era completamente desocupada, o que deixou os gêmeos apreensivos. Eles não sabiam para onde Lampton os levava e estavam com vergonha de perguntar.

Dobraram um canto. Ao final de outro longo corredor, havia um par de portas negras; dois guardas, um de cada lado, protegiam a entrada, e, sobre as portas, via-se um enorme arco de pedra no qual se lia: “sala real de exposições da rainha cinderela”.

Alex e Conner entreolharam-se, os olhos brilhantes. Tinham conseguido!

– Olá, Sir Lampton – cumprimentou um dos guardas.

– Boa-noite – respondeu Lampton.

Ele abriu as portas e entrou no salão; os gêmeos o seguiram.

Colocaram as mochilas no chão e deram uma boa olhada no ambiente. A sala de exposições era uma câmara larga, com colunas brancas e piso de azulejo da cor do céu. O teto era abaulado, coberto de estrelas de ouro. A luz da lua entrava por uma janela ao fundo, iluminando o ambiente, e era refletida por vários espelhos pendurados.

Diversos objetos especiais estavam expostos sobre pilares menores e envoltos em caixas de vidro grosso. Vassouras, baldes e vestidos esfarrapados estavam entre os itens exibidos. Havia até uma família de ratos, que vivia em uma das caixinhas de vidro, dentro de uma réplica em miniatura do palácio.

Bem no centro do salão, estavam os sapatos de Cinderela. Eram lindos e pequenos, feitos de cristal puro e decorados com diamante. Os gêmeos sentiram o estômago dar um nó assim que botaram os olhos no sapatinho. Estavam tão perto!

– São tão lindos! – disse Alex.

Aquela visão a tinha feito entrar em transe.

– Eu devo dizer que concordo – disse uma voz suave a qual não pertencia a Alex, Conner ou Lampton.

Sentada no parapeito, ao fundo da sala, estava Cinderela, a própria. Eles estavam tão maravilhados que não perceberam a presença dela.

– Majestade – disse Lampton. – Perdoe-me, eu não a vi. Estava apenas guiando alguns convidados em uma visita ao palácio.

– Tudo bem, Sir Lampton – disse Cinderela, atravessando o salão para cumprimentá-los. – Eu gosto de vir aqui depois de dias muito extenuantes para aquietar a mente. Quem seriam

estes dois?

Alex e Conner mal podiam falar. Estavam completamente atônitos.

– Estes são Alex e Conner – disse Lampton.

– É um prazer conhecê-los – cumprimentou Cinderela, estendendo-lhes a mão.

– *Nós somos seus fãs!* – disse Conner, apertando-lhe a mão um tanto forte demais.

Alex estava paralisada.

– Você é... tipo... a minha heroína – disse finalmente, e foi tudo o que conseguiu falar.

– Obrigada, querida – respondeu Cinderela. – Sejam bem-vindos à minha humilde sala de memórias.

– Ela é... *extraordinária!* – guinchou Alex.

– Gostariam que eu a mostrasse a vocês? – perguntou Cinderela.

Alex não podia se mover, mas foi capaz de assentir com a cabeça. Cinderela começou a pequena excursão, explicando aos irmãos cada item que estava em exibição:

– Essas são as vassouras e os baldes que eu usava para limpar a casa da minha madrasta todos os dias. Foram os meus primeiros parceiros de dança. Lembro-me de dançar com eles sempre que estava sozinha em casa, fingindo que estava em um grande baile real. Mas devo dizer que eles não eram os melhores parceiros no quesito conversação.

Cinderela e Lampton riram. Alex e Conner ainda estavam chocados demais por estarem na presença dela. *Estavam diante da Cinderela! E ela tinha senso de humor!*

– Aqui estão as minhas velhas roupas esfarrapadas que a Fada Madrinha transformou em um lindo vestido de gala – continuou a rainha. – Não são grande coisa agora, mas, sempre que a Fada Madrinha nos visita, se transformam novamente no lindo vestido que ela fez para mim.

– Isso é bem legal – comentou Conner.

– Estes são os meus ratinhos – disse Cinderela, mostrando aos gêmeos o palácio em miniatura, cheio de ratos.

Ela abriu uma das laterais e pegou um dos ratos. Afagou-o, e ele esticou o pescocinho.

– Foram esses os ratos que se transformaram nos cavalos e no cocheiro da sua carruagem? – perguntou Alex, a voz finalmente de volta.

– Os ratos originais já morreram, mas estes aqui são da mesma família, são filhos dos filhos deles. E seus filhos... Eu cuido deles em agradecimento. Ratos têm uma reputação horrível, mas na verdade são criaturas bem delicadas. Só precisamos lhes dar uma chance.

Cinderela colocou o rato de volta na colônia e caminhou até o centro do salão.

– E estes, creio eu, não precisam de explicação – disse ela, apontando para os sapatos de

crystal. Removeu o vidro que os protegia e pegou nas mãos um dos sapatinhos.

– Não devem ser nada confortáveis – disse Conner.

– Eles são surpreendentemente gostosos de usar, acredita? – comentou Cinderela.

– E seus pés não suavam com eles? – Conner insistiu. – Imagine se... *Ai!* – Alex lhe acertou uma cotovelada na costela.

Cinderela riu.

– Quer segurá-lo? – ela perguntou.

Alex anuiu, balançando a cabeça com mais força do que nunca. Cinderela o entregou à menina, que sentiu uma onda mágica lhe percorrer o corpo. Estava segurando uma verdadeira peça dos contos de fadas. Um dos objetos mais famosos da história da fantasia, talvez o mais famoso, estava em suas mãos. Não conseguiu conter a emoção.

Conner, por sua vez, não parava de pensar em maneiras de roubar o sapato. Alex mirou o irmão e soube pelo olhar dele o que se passava em sua cabeça. Por um momento, os dois pensaram a mesma coisa. Seria possível sair em disparada com o sapatinho? Conner se indagava se conseguiria deixar Lampton e os guardas da porta para trás.

– Como foi? – perguntou Alex a Cinderela. – Como foi deixar de ser uma serviçal para virar rainha? Como foi ser salva de uma condição tão horrível? Sua vida foi literalmente... um conto de Cinderela.

Então, uma tristeza tomou o rosto de Cinderela.

– Eu nunca imaginei que minha vida fosse mudar tão drasticamente, então sempre valorizei o que tinha – disse a rainha. – Sempre achei engraçada a expressão “conto de Cinderela”, porque, se quer saber, não importa como seja a sua vida, a vida nunca tem solução. Por mais duras que sejam as batalhas que vencemos, outras sempre surgirão. As pessoas se esquecem de que eu não era muito popular quando me mudei para o palácio. Nem todos estavam animados com a ideia de ter uma serviçal como rainha. Muitos ainda me chamaram de “Princesa Abóbora”, ou “Monarca dos Ratos” depois que souberam os detalhes da minha ida ao baile naquela noite. Tive de conquistar o respeito do reino, e isso não foi nada fácil.

– Ser rainha também tem seus poréns, não é? – perguntou Conner. – Nada de esfregar chão, dançar com vassouras ou conversar com ratos...

– Conhecer o homem dos meus sonhos e começar com ele uma família foi a melhor coisa que já me aconteceu, não tenho dúvida – disse Cinderela com um sorriso no rosto, passando a mão na barriga. – E isso faz de mim a mulher mais feliz e sortuda do mundo. No entanto, a vida pública é muito difícil, e ainda hoje me sinto um pouco oprimida. Não importa o que faça, você jamais consegue agradar a todos. Essa foi a lição mais difícil que tive de aprender.

Na verdade, ainda estou aprendendo.

Para Alex, aquilo era uma grande revelação. De repente, o mundo dos contos de fadas lhe pareceu ainda mais real. Ela não imaginava que pudesse respeitar Cinderela mais do que já respeitava e nunca tinha pensado na história do ponto de vista da *própria* rainha.

Alex devolveu o sapatinho ao seu lugar. Conner lhe lançou um olhar inquisidor, como se perguntasse: “O que você está fazendo? Nós temos que roubar isso!” Mas no fundo ambos sabiam que não poderiam pegá-lo, não depois de terem sido tão bem recebidos.

– E, depois de todas as magias que aconteceram em minha vida, este é o meu bem mais estimado – disse Cinderela, as mãos ainda na barriga. – E ela está para chegar a qualquer momento.

– Como você sabe que é menina? – perguntou Alex.

– Intuição de mãe – respondeu Cinderela. – Ela não para quando escuta música. Deve gostar das mesmas coisas que eu e ter o espírito enérgico do pai.

Um dos guardas do corredor irrompeu na sala de exposições.

– Majestade, Sir Lampton, vossa presença é requisitada no salão de baile – disse ele em tom seríssimo.

Algo estava errado

– Qual é o problema? – Sir Lampton indagou.

– Soldados do Reino do Norte. Eles chegaram há pouco com uma mensagem para o rei e a rainha – respondeu o guarda.

Lampton devolveu aos gêmeos suas mochilas. Quando se deram conta, já estavam seguindo o chefe da Guarda Real, Cinderela e os dois guardas pelo corredor, em direção ao salão de baile.

– E agora, como vamos conseguir botar as mãos no sapato? – Conner sussurrou a Alex.

– Vamos ter que recolher todos os outros itens antes e voltar depois para pegá-lo – disse ela.

– Será mais fácil explicar por que precisamos do sapatinho se estivermos com os outros objetos. Já estabelecemos uma relação de confiança com eles.

– Eu sabia que devia ter pegado um deles quando tive a chance – disse Conner.

Chegaram ao salão de festa. Os convidados estavam todos parados, e a orquestra fazia um silêncio mortal. Cinderela retomou seu lugar no trono ao lado do marido. Dúzias daqueles soldados que Alex e Conner viram no dia em que aterrissaram na Terra de Histórias ocupavam o salão.

– Perdoe-nos pela intromissão, Majestade. Meu nome é Sir Grant. Sou o capitão da Guarda

Real da Rainha Branca de Neve. Trago notícias sobre a Rainha Diabólica.

– E que notícias seriam essas? – indagou o Rei Encantado.

Todos no salão pressentiram que elas não eram nada boas só de ouvirem o tom de voz do oficial. A tensão tomou conta do lugar.

– Na última noite, um dos espelhos mágicos que pertenceram à Rainha Diabólica foi roubado de seu antigo aposento – informou Sir Grant. – A Rainha Diabólica ainda está à solta, e, se ela estiver em posse de seus antigos espelhos, torna-se uma ameaça ainda maior para todos nós. Por isso, pedimos... *requeremos* que, se alguém deste Reino Encantado souber qualquer coisa a respeito do paradeiro da Diabólica, por gentileza, nos informe imediatamente.

Os soldados da Branca de Neve bateram em retirada. Rei Encantado e Cinderela se abraçaram, preocupados com a sua segurança e com o que aquela notícia significava para o reino.

– Adorei conhecê-las, crianças, mas agora preciso ir – disse Lampton aos gêmeos, batendo-lhes de leve no ombro antes de seguir os soldados.

Muitos dos convidados também começaram a deixar o baile. Alex e Conner seguiram a multidão, descendo a escadaria que levava à rua.

– Essa história da Rainha Diabólica está começando a me preocupar – falou Alex.

– Eu sei, mas nós não temos nada a ver com isso – respondeu Conner. – Antes que algo aconteça, nós estaremos bem longe daqui.

– Assim espero – disse a irmã.

– Para onde agora? – perguntou Conner.

– Para o Reino da Chapeuzinho Vermelho, que fica a norte daqui. Eu diria que é a melhor direção a tomar agora. Espero que tenhamos mais sorte em relação à cesta da Chapeuzinho.

– E é melhor não amarelarmos desta vez. – Meu Deus, estivemos *tão perto!* – Conner exclamou, fechando o punho.

– Nós não poderíamos simplesmente ter pegado o sapatinho – disse Alex. – Não seria correto.

– Já estou cansado de bancar o bom samaritano – declarou Conner.

Apesar de terem falhado na busca do segundo objeto, e apesar do final abrupto que teve a visita ao palácio, os gêmeos haviam tido uma noite fantástica. Afinal, não era todo dia que tinham uma conversa tão íntima com uma das mulheres mais famosas da história.

Por sorte, encontraram um homem que conduzia uma carroça cheia de peras até um vilarejo

ao norte do Reino Encantado. Convenceram-no a lhes dar uma carona em troca de algumas moedas de ouro. Uma vez no vilarejo, eles estariam a poucos quilômetros do Reino da Chapeuzinho Vermelho.

Conner pegou no sono tão logo subiram na carroça. Alex não conseguiu dormir, então decidiu ler o diário mais uma vez. Enfiou a mão na mochila para pegá-lo e ficou pasma ao descobrir o que estava ali dentro.

– Conner! – ela chamou, quase se engasgando.

Conner acordou de sobressalto.

– O que é?

Olhou por sobre os ombros e viu algo brilhante na mão da irmã. Sua visão ainda estava um pouco embaçada; teve que esperar que ela voltasse ao normal para perceber do que se tratava.

– O sapato de cristal! – exclamou ele, e Alex fez-lhe um gesto de silêncio, para que não despertasse a atenção do cocheiro. – Como isso foi parar aí? Você roubou?

– Pensei que tinha sido você!

A boca de Alex estava tão escancarada que caberia ali uma dúzia das peras que os rodeavam.

– Não, não fui eu, juro! Você acha que Lampton ou Cinderela o colocaram na nossa bolsa? – indagou o irmão. – Acha que um dos dois sabia que precisávamos do sapato?

– Não faço a mínima ideia – disse Alex.

Ela mal podia acreditar que estava segurando o sapatinho novamente. Estavam ambos estupefatos.

– Parece que a nossa viagem ao Reino Encantado não foi uma total perda de tempo, afinal...

– falou Conner.



CAPÍTULO 10

O Reino da Chapeuzinho Vermelho

O balançar suave e contínuo da carroça embalou Alex e Conner, fazendo-os pegar no sono finalmente. Se não estivessem tão exaustos por causa da noite anterior mal dormida e do dia repleto de acontecimentos, o choque da descoberta do sapato de cristal na mochila os teria mantido acordados a noite inteira.

Na manhã seguinte, despertaram assim que a carroça chegou ao destino. A primeira coisa que Alex fez foi conferir se o sapato continuava na sua mão. Ela não o havia soltado por um instante sequer; tinha medo de que ele desaparecesse tão inesperadamente quanto aparecera.

O mistério do surgimento do sapatinho na mochila não saía da cabeça dos gêmeos.

– Você acha que pode ter sido mágica? – perguntou Conner. – Talvez o próprio sapato soubesse que precisávamos dele e se transportou para a nossa mochila...

– Eu já li uma quantidade suficiente de livros de fantasia para atestar que essa é uma possibilidade – disse Alex. – Com tudo o que anda acontecendo conosco, eu não ficaria surpresa. Mas o que importa é que estamos com ele; um item a menos para coletar. Então,

vamos nos concentrar na caçada à cesta da Chapeuzinho Vermelho.

Envolveu o sapato de cristal em um dos cobertores para protegê-lo e o guardou na mochila; não queria atrair a atenção de ninguém para o objeto.

– Espero que Cinderela e Lampton não mandem o exército atrás de nós quando perceberem que o sapatinho sumiu – disse Conner.

Alex não tinha pensado nisso. E se, naquele exato momento, Lampton estivesse reunindo uma tropa de soldados para capturá-los?

– Se eles vierem atrás de nós, contaremos a verdade. E só nos preocuparemos com isso se de fato acontecer – disse ela.

Não parecia haver no mapa qualquer estrada ou caminho que levasse ao Reino da Chapeuzinho; por isso, os gêmeos foram forçados a viajar pelo meio de uma floresta de olmos. Alex lia o diário enquanto andava:

Como todos sabem, o Reino da Chapeuzinho Vermelho é cercado por um muro alto para afastar os lobos. Há entradas vigiadas em toda a extensão do muro.

– Então, nós encontraremos o muro, procuraremos uma das entradas e ingressaremos no reino, simples assim – disse Alex.

– Mas e se nos barrarem na entrada?

– Não posso imaginar por que fariam uma coisa dessas – respondeu Alex. – Mas, se acontecer, desta vez deixa que eu falo.

Depois de cerca de uma hora de caminhada, os gêmeos avistaram ao longe o muro que cercava o reino. Era monumental. Mais de dez metros de tijolos cinza empilhados. Por toda a sua extensão, penduravam-se avisos idênticos, nos quais se lia:

ATENÇÃO, LOBOS!

**POR DECRETO DOS COLLO,
APROVADO PELA ASSEMBLEIA DOS FELIZES PARA SEMPRE,
LOBOS DE QUALQUER ESPÉCIE, RAÇA OU COR ESTÃO
ESTRITAMENTE PROIBIDOS DE ENTRAR NO
REINO DA CHAPEUZINHO VERMELHO.
INVASORES SERÃO MORTOS E TRANSFORMADOS
EM TAPETES, CASACOS E OBJETOS DE
DECORAÇÃO EM GERAL.**

**CONSIDEREM-SE AVISADOS.
AGORA, VÃO EMBORA!**

– Uau! – exclamou Conner. – Os lobos definitivamente não podem entrar aqui.

Os gêmeos caminharam ao lado do muro por mais algumas horas, mas não encontraram entrada alguma. Alex releu o diário e se deparou com um trecho que havia passado batido.

Há uma entrada ao norte, uma ao sul, uma a leste e outra a oeste. De cada uma delas sai uma trilha que leva ao centro do reino, onde fica a cidade. Há somente uma cidade no Reino da Chapeuzinho Vermelho; o restante dele é ocupado por fazendas.

– Ah, não... – disse Alex. – Eu entendi errado. Aparentemente, há apenas quatro entradas para o reino.

– E a que distância estamos da mais próxima?

Alex estudou o mapa com atenção e arregalou os olhos. Conner percebeu que as notícias não

seriam boas.

– Parece que estamos bem no meio do caminho entre a entrada oeste e a entrada sul, o que significa...

– Mais caminhada? – perguntou Conner, com a testa franzida e as mãos na cintura.

– Sim... – disse Alex. – Mais um ou dois dias de caminhada.

Conner não se conteve de frustração; começou a andar em círculos e gritou:

– Isso já está ficando chato! Por que tudo tem que ser tão difícil?

– Conner, está tudo bem. Só vamos demorar um pouco mais para...

– Não, Alex, não está nada bem! – bradou ele. – Já estamos neste mundo há quase uma semana! Eu quero ir para casa! Estou com saudades da mamãe, estou com saudades dos meus amigos! Até da senhora Peters eu já estou começando a sentir saudades! Pronto, falei!

Conner estava tão bravo que chutou uma árvore – e machucou o pé, claro.

– Ai! – gritou.

– Também tenho saudades de casa, mas não posso fazer nada – disse Alex. – Vamos voltar para casa *quando voltarmos para casa*, a verdade é essa. E, enquanto isso, não adianta nada ficarmos bravos. Vamos ter que encarar a situação!

Conner cruzou os braços e afundou os ombros. Estava tão descontrolado que as lágrimas quase lhe escapavam.

Alex presumiu que eles estavam mais perto da entrada sul, então começou a seguir na direção dela. Conner passou o caminho inteiro verbalizando seu descontentamento.

– Já estou com saudades do asfalto e da calçada – resmungou ele. – Tenho saudades da nossa casa horrorosa. Dos vizinhos. Estou com saudades daquele cachorro que mora no fim da rua e que late a noite inteira. Saudades de ter que fazer lição de casa. E de ir para a sala de castigo por não ter feito a lição de casa.

– Desabafa, Conner – disse Alex. – Você se sentirá melhor.

– Eu odeio este lugar – continuou ele. – Odeio estrada de terra. Odeio bruxa que come gente. Odeio lobos mutantes. Odeio dormir ao relento. Odeio duendes da ponte. Odeio todas as árvores... *Espere aí! As árvores!*

Conner olhou em volta e correu na direção de uma árvore enorme que ficava bem perto do muro.

– O que você vai fazer? – perguntou Alex.

– Vou entrar nesse reino! Vou subir nessa árvore e pular o muro!

Ele começou a escalar o tronco com muita rapidez e cheio de determinação.

– É uma queda de pelo menos dez metros do outro lado, Conner! – gritou a irmã.

– Venha, Alex! – disse ele, gesticulando para que ela o seguisse.

– Eu não vou subir na árvore!

– Você escala a torre da Rapunzel mas não pode escalar esta árvore? – zombou Conner.

– Eu não deveria ter feito aquilo, concordo!

Conner ignorou a irmã. Ele já estava quase no topo da árvore. Alex correu até ela e subiu alguns poucos metros, só para se aproximar do irmão.

– Conner, por favor, desça daí! É melhor viajarmos devagar, porém em segurança, do que nos arriscarmos assim – ponderou.

Conner ficou em pé no galho mais alto. O topo do muro estava a apenas um metro de distância.

– Eu vou pular no muro e tentar achar um ponto para descer do outro lado – disse ele.

– Conner! Não seja idiota! Desça já daí! Você vai se machucar – gritou Alex.

– Me deseje sorte! – falou Conner, preparando-se para saltar. – Um, dois, *três!*

Conner voou em direção ao muro.

– NÃO! – berrou Alex.

Ele deu impulso demais e acabou passando da borda, caindo diretamente do outro lado.

– ALLLEEEEXXXX! – gritou no ar.

Ela escutou um estampido seco vindo do outro lado, mas não conseguiu ver nada.

– CONNER! Conner, você está bem? Você está vivo? – perguntou ela histericamente.

Alex escalou a árvore mais rápido do que qualquer animal que ela já tivesse visto em documentários.

– Conner, por favor, me responda! – implorou. – Está me ouvindo? Está machucado?

Ela ouviu algumas risadinhas assim que chegou ao topo da árvore. Do outro lado do muro, viu Conner deitado sobre uma pilha de feno, são e salvo.

– Oi, Alex! – disse ele com um sorriso estampado no rosto.

– Conner! Você me assustou, seu maluco!

– Eu sei! E foi divertido! Você realmente achou que eu pularia sem que tivesse onde cair?

– Que bom que você está vivo! Assim, eu mesma posso te matar – disse Alex.

– Pule, Alex, a aterrissagem é tranquila, eu garanto – disse ele.

– Está bem!

Com todo o cuidado, Alex jogou a mochila para o irmão antes de saltar o muro. Conner

estava certo: a queda era suave. Um ajudou o outro a tirar o feno que os cobria.

– Olha esse lugar! – disse Alex.

Os dois caminhavam dentro do Reino da Chapeuzinho Vermelho. Pareceu-lhes que tinham atravessado para uma nova dimensão – de novo.

Havia colinas cheias de fazendas até onde suas vistas alcançavam. Vacas e ovelhas pastavam tranquilas nos campos; pastores com cajados curvos e pastoras de touca as guiavam, acompanhados de seus cachorrinhos.

– Tudo aqui é tão calmo! – disse Alex. – Parece que estou em uma canção de ninar.

– Esse povo deve ser muito entediado, isso sim – falou Conner.

– De quem serão estas terras?

Alguns instantes depois, a questão de Alex foi respondida. Os gêmeos passaram por uma enorme placa de madeira afixada ao chão, na qual se lia:

FAZENDAS DA FAMÍLIA BO PEEP

Aquele cenário era tão agradável que o tempo até passou mais depressa. Depois de mais algumas horas de viagem, eles enxergaram os telhados pontudos da cidade. Não conseguiam vê-la muito bem de onde estavam, mas, ao se aproximarem do centro do reino, ela ganhou vida.

– Que graça! – disse Alex ao entrar na cidade.

Era tão delicada e pitoresca que os irmãos se sentiram em um parque temático. Havia dezenas de chalezinhos e lojas de tijolo ou de pedra e telhado de palha. O sino que ficava no campanário de uma antiga escola soou. Rapazes com cajados e moças de touca, iguais àqueles que os dois haviam visto nos campos, caminhavam pelas ruas da cidade puxando suas cabras e ovelhas.

Entre as várias lojas, havia o Banco Henny Penny, a Doceria Jack Horner e a Padaria Pat-a-Cake. O Shoe Inn, adjacente à rua central, era um estaleiro que fora construído dentro de uma bota de proporções gigantescas. Bem no meio da cidade, havia um parque gramado, no qual se viam diversos monumentos em memória a figuras ilustres. Alex fez uma ginástica mental para se recordar de cada um dos homenageados.

Em um pequeno muro de tijolos, uma placa dourada dizia:

MURO DO SIR HUMPTY DUMPTY

O SENHOR FOI UM BOM OVO, E SUA AUSÊNCIA SERÁ SENTIDA POR TODOS, NÃO APENAS PELOS CAVALOS E HOMENS DO REI. QUE DESCANSE EM PARTES.

Passando o muro de Humpty Dumpty, havia um pequeno morro com um poço no topo e uma placa com os dizeres:

COLINA DE JACK E JILL

No meio do parque, ficava uma fonte circular e, no centro dela, havia uma estátua de um menino pastor. A água da fonte jorrava da boca das ovelhas que o cercavam, e na dedicatória lia-se o seguinte: “EM MEMÓRIA DO MENINO QUE CHAMOU O LOBO. APESAR DE MENTIROSO, VOCÊ ERA MUITO AMADO”.

Os gêmeos estavam tão encantados com tudo o que viam que chamavam a atenção das pessoas do vilarejo.

– Este lugar me lembra o minigolfe da nossa cidade – disse Conner. – Não aquele que fica perto da nossa casa, mas o outro, aquele de verdade, do outro lado da cidade, no bairro dos ricos.

No ponto mais alto da cidade, com vista para o parque, estava o castelo da Chapeuzinho. Ele possuía quatro torres, as quais podiam ser vistas de qualquer lugar da cidade. Como não poderia deixar de ser, as paredes eram todas pintadas de vermelho, com telhados cor de vinho. Em torno dele, um fosso o protegia e alimentava o moinho.

De longe, o castelo parecia colossal. No entanto, conforme os gêmeos se aproximaram, constataram que na verdade ele não era tão descomunal: era feito para *parecer* grande. O fosso era tão pequeno, de fato, que poderiam tê-lo saltado.

– Aposto com você que a cesta da Chapeuzinho está por aqui! – disse Conner.

Alex retirou o diário de dentro da mochila e começou a ler a parte da busca da cesta.

Entrar no castelo da Chapeuzinho, diferentemente de qualquer outro palácio ou castelo, não é tão difícil. Ele foi construído tão às pressas depois da revolução

dos COLLO que os pedreiros acabaram se esquecendo de coisas básicas. As janelas da cozinha ficam nos fundos e não têm tranca.

O Reino da Chapeuzinho Vermelho é o menor de todos e também o mais seguro; por isso, não possui muitos soldados ou guardas. Os corredores do castelo são patrulhados somente até a meia-noite, e os vigilantes só retornam ao nascer do sol. Portanto, infiltre-se no castelo nesse período e fique longe dos corredores principais.

A Rainha Chapeuzinho Vermelho possui um cômodo especial entre seus aposentos no qual guarda todas as cestas que adquiriu ou que lhe foram dadas ao longo dos anos. Encontre o tal cômodo, e você encontrará a primeira cesta, aquela que ela levou à casa da vovozinha anos atrás.

Não é necessário recolher a cesta inteira, somente uma lasca da casca de que é feita. Será fácil identificar a cesta: basta procurar por aquela que já está sem um pedaço.

– E eu achando que bastaria tocar a campainha e pedir um pedaço da cesta – disse Conner.

Alex olhou para as quatro torres e para as janelas, indagando-se qual delas dava no cômodo que abrigava a coleção de cestas, e imediatamente algo lhe chamou a atenção.

– Olha ali! – disse ela, apontando para o céu.

Conner seguiu o dedo da irmã e deu de cara com um imenso pé de feijão.

– Só pode ser o pé de feijão do João – concluiu Alex. – Está pensando no que eu estou pensando?

– Não, mas tenho certeza de que você quer conhecê-lo de perto – disse Conner.

Alex já havia disparado em direção à enorme planta.

Os gêmeos correram pelas ruas e pegaram uma trilha que levava para fora da cidade. Passaram por alguns chalés e mais fazendas: o pé de feijão era bem mais longe do que pensaram. Algum tempo depois, chegaram à base da planta.

Era grossa e encaracolada e tinha folhas gigantescas. Crescia ao lado de uma cabana velha e decrépita, na qual não cabia mais de um cômodo. Pouco mais adiante, havia uma elegante mansão de tijolos amarelos; a contar pelas janelas e chaminés, ela deveria ter dúzias de quartos.

Qual delas será a casa do João? – perguntou Conner, aproximando-se do pé de feijão.

Alex examinou o lugar por um momento e então concluiu:

– A cabana menor deve ser a casa onde João morava com a mãe quando eles eram pobres. Depois que derrotou o gigante e ficou rico, ele deve ter construído a outra casa! As duas são dele!

Conner deu de ombros. Não tinha motivo para questionar a suposição da irmã.

– Olha como é alto! – exclamou Alex ao se aproximar da base do feijoeiro. – Precisa ser mesmo corajoso para escalá-lo!

Nesse instante, os dois escutaram a batida de uma porta, e um homem saiu da mansão. Era jovem e alto e tinha o cabelo curto e os ombros largos. Era muito bonito, mas carregava no rosto uma expressão de derrotado. Ele segurava uma tora de madeira e um machado.

– Olha, Alex! – sussurrou Conner. – Você acha que aquele é o João?

– Não sei – murmurou a irmã. – Vamos perguntar a ele.

O homem ajeitou a tora sobre um cepo que ficava no jardim e começou a cortar a lenha em pedaços bem pequenos.

– Olá! – disse Alex sendo supersimpática.

– Oi! – respondeu o homem sem tirar os olhos das machadadas.

– Você é o João? – Conner arriscou.

– Aham – disse o homem. – Posso ajudá-los?

– Não, só estamos passeando – respondeu Alex rapidamente. – Nós avistamos o seu pé de feijão da cidade e resolvemos dar uma olhada mais de perto.

– Várias pessoas fazem isso – disse João. – Eu tenho que derrubar esse negócio uma vez por semana, porque ele cresce depressa demais.

Sua expressão praticamente não se alterava enquanto ele cortava a madeira. Será que já estava de saco cheio das visitas de desconhecidos?

– Você tem uma casa muito bonita – disse Alex, tentando puxar papo.

– A não ser por aquela coisinha horrorosa – Conner completou, apontando com a cabeça para o casebre que ficava atrás de João.

– Conner, tenha educação! – reprimiu Alex.

– Eu o transformei em uma oficina – disse João.

Ele terminou de cortar a madeira, recolheu os pedaços e entrou na velha cabana, batendo a porta atrás de si.

– Bom, alguém não gosta muito de conversar – comentou Conner.

– O que será que ele tem? Está tão diferente... – disse Alex.

– Diferente? Você já o conhecia por acaso? – perguntou Conner.

Às vezes, achava que a irmã se esquecia de que eles eram de outro mundo.

– Não, eu quis dizer que ele está diferente da forma como sempre foi descrito nos livros – explicou ela. – Sempre foi tão enérgico e aventureiro. Fico imaginando o que pode estar perturbando esse homem.

– Talvez ele não goste que as pessoas surjam do nada na sua casa. – disse Conner. – Se eu fosse ele, ficaria muito irritado se...

Conner estava prestes a soltar um comentário sarcástico, mas se distraiu com um som alto e agudo que veio de dentro da mansão.

– Está escutando? – perguntou ele. – Parece que alguém está... *cantando*.

Ambos se voltaram para a casa, e as cortinas de uma das janelas se abriram. Eles quase não acreditaram no que viram: do outro lado da janela havia uma mulher dourada. Ela cantava alegremente, e o mais alto que podia, uma balada para soprano. Um conjunto de cordas a acompanhava, mas os dois não conseguiam ver de onde vinha a música.

Ah, o dia raiou, e eu aqui estou

Para desejosa sonhar com os pássaros a voar

Quando pernas eu tiver, verei o mundo e viajarei

Mas sou uma harpa qualquer, e nesta janela ficarei

A mulher se virou para os gêmeos após cantar a última nota, e só então eles perceberam que as cordas estavam ligadas às suas costas. Era uma harpa mágica!

– Olá, crianças! Não vi vocês – disse a harpa.

– Você é a harpa mágica? – perguntou Alex, saltitante. – Aquela que João salvou do gigante?

– A própria! – respondeu ela, fazendo uma pose teatral. – Graças a Deus ele me salvou! Gigantes têm um gosto musical lastimável. Vocês não acreditariam nos números que aquele monstro me forçava a apresentar. As letras envolviam coisas como comer ovelhas e pisotear os moradores da vila! Querem que eu cante para vocês?

– Não, obrigado – disse Conner rapidamente.

A harpa se ofendeu.

– Eu me lembro daquele dia como se fosse ontem – continuou ela. – Estava fazendo as minhas coisinhas, sendo uma escrava para o gigante, quando de repente esse menino camponês entra pela porta, e eu: “Olá, tudo bem? Por que você não me salva? Eu preciso ser resgatada!” Quando dei por mim, estávamos descendo o tronco de um feijoeiro, sendo perseguidos pelo

gigante. João cortou a base da planta, e o gigante caiu e morreu. *Splat!* Bem em cima das fazendas da família Bo Peep! Foi um dia memorável!

– Que horror! – disse Alex.

– Foi a coisa mais emocionante que eu vivi em uma centena de anos! Tudo deu certo! João e sua mãe ficaram ricos, eu deixei de ser escrava e a família Bo Peep disse que o gigante foi o melhor fertilizante que suas terras já experimentaram!

– Isso não está nada certo – comentou Conner consigo mesmo.

– O que vocês fazem por aqui? – perguntou a harpa, sorridente.

Alex e Conner entreolharam-se, ambos com medo de responder.

– Estamos de passagem – disse Alex. – Nunca tínhamos vindo ao Reino da Chapeuzinho Vermelho.

– Estávamos na cidade e vimos o pé de feijão, então quisemos conhecê-lo de perto – completou Conner.

– Sejam muito bem-vindos então! Vocês não acham este lugar adorável? Eu acho! Já viajei o mundo e nunca me senti tão confortável quanto aqui! É tão seguro! As pessoas são todas simpáticas, são pessoas do campo, e o melhor: lobos não são permitidos! Vocês estão pensando em se mudar para cá? Não seria ótimo? Acho que vocês poderiam se mudar para cá e me visitar todos os dias.

A harpa era tagarela, e os gêmeos notaram que estava desesperada por atenção. Passar todos os dias confinada não deveria ser nada fácil.

– Na verdade, estamos indo para casa – contou Conner. – Só temos que dar uma passada no castelo da Chapeuzinho, depois vamos embora. Nunca tínhamos...

– Vocês deveriam pedir ao João para levá-los! – interrompeu a harpa. – Ele vai ao castelo esta tarde, tem uma reunião com a Rainha Chapeuzinho Vermelho.

– Ele vai? – Alex se empolgou.

– Vai, sim – disse a harpa. – Ele costuma visitá-la todo final de semana e sempre lhe leva de presente uma cesta feita à mão.

A harpa olhou em volta para se certificar de que ninguém a ouvia e continuou, entusiasmada com a fofoca que estava prestes a disparar:

– Não contem a ninguém, mas é a Rainha Chapeuzinho Vermelho que o convida ao castelo toda semana. Para pedi-lo em casamento! A coitadinha é apaixonada por ele desde que eram crianças!

– Verdade? – perguntou Alex. – Quer dizer que eles vão se casar?

– Ah, não, de jeito nenhum! João não suporta a moça. Ele recusa o pedido toda vez.

– Mas por quê? Ele não quer ser rei? – perguntou Conner.

– O coração de João pertence a outra pessoa – disse tristemente a harpa, e suas cordas entoaram uma melodia de lamento.

– De quem ele gosta? – perguntou Alex.

– Deixe-me adivinhar! – falou Conner. – Little Miss Muffet?

– Claro que não! Miss Muffet casou-se com Georgie Porgie. Todo mundo sabe que Georgie tem incontáveis amantes por aí, mas essa é outra história...

– O João, vamos voltar à história do João – disse Alex.

– Ah, é mesmo! Bem, não tenho certeza sobre quem é a paixão dele – falou a harpa. – Só sei que ele jamais foi o mesmo desde que ela se mudou.

Alex e Conner se entreolharam com cara de interrogação. Quem poderia ser? Seria essa a razão por ele estar tão tristonho?

A porta da cabana se abriu, e João saiu com uma cesta feita dos pedaços de lenha que ele acabara de cortar.

– Ei, João, eu tenho uma ideia brilhante! – gritou a harpa. – Por que você não leva estes dois ao castelo? Eles não o conhecem por dentro!

João pareceu hesitante.

– Por favor, senhor João – implorou Alex. – Não vamos atrapalhar!

– Vamos, João, faça a felicidade dos meninos! – insistiu a harpa.

– Tudo bem – disse João finalmente, virando-se e já começando a caminhada em direção à cidade.

Os gêmeos o seguiram.

– Muito obrigada! – gritou Alex para a harpa.

– De nada! Voltem para me visitar... *Por favor!*

João andava bem rápido. Suas pernas eram muito mais compridas do que a dos gêmeos, e era difícil para eles acompanharem o passo.

– Foi muita gentileza sua nos deixar acompanhá-lo – disse Alex, mas João não tirava os olhos do chão.

– Você não gosta muito de falar, não é? – disse Conner.

– Não tenho muita coisa para dizer – respondeu João.

Conner anuiu com a cabeça; ele o entendia perfeitamente.

Ao se aproximarem da cidade, Alex puxou Conner de lado.

– Que sorte a nossa, hein? Se entrarmos no castelo e conseguirmos a cesta, sairemos deste reino num piscar de olhos!

Eles entraram na cidade e chegaram ao castelo. Havia uma sequência de grandes portas de madeira na entrada. João bateu em uma delas. Em seguida, a pequena janela que ficava no meio da porta se abriu, e atrás dela surgiu um par de olhos.

– Quem está aí? – disse a voz do outro lado.

– É o João. De novo.

– E quem está atrás de você? – inquiriu a voz, cujos olhos encaravam Alex e Conner.

Eles acenaram um tanto sem jeito.

– Ah... Como vocês se chamam mesmo? – perguntou João.

– Alex e Conner – disse Alex com o polegar em riste.

– São os meus amigos Alex e Conner. Vão me acompanhar na visita ao castelo.

As portas se abriram, e João entrou com os gêmeos no seu enalço. O lugar parecia uma versão compacta do palácio da Cinderela. Os corredores não eram tão longos, e os móveis, não tão bonitos. Havia diversos retratos nas paredes, mas eram todos da Rainha Chapeuzinho Vermelho, em diferentes poses, cada uma mais imponente do que a outra.

Os gêmeos esperaram com João em um corredor, diante de outra série de portas. João bateu e imediatamente se sentou num banco.

– Isso aqui sempre demora – disse João.

Do outro lado, vieram sons de passos apressados.

– *Espera, não abra, eu ainda não estou pronta!* – alguém sussurrou. – *Me passe aquela capa! Não, não essa, a outra, com o capuz! Rápido!*

João assobiava.

– *Como estou? E o meu vestido, está bonito?* – os cochichos continuaram. – *Agora, sim, estou pronta. Pode deixá-lo entrar! Rápido!*

João se levantou ao ver as portas se abrirem e cumprimentou a esbaforida e rubra criada que o recebeu. Ela o acompanhou até a sala seguinte, e os gêmeos os seguiram.

Entraram em um cômodo comprido com janelas altas de ambos os lados. As paredes eram cobertas de retratos, todos da rainha. No chão, havia uma gigantesca cabeça de lobo com olhos vermelhos e dentes afiados. Era exatamente igual àqueles que os gêmeos viram na Floresta dos Anões; à primeira vista, eles ficaram assustados, mas logo se deram conta de que era um tapete feito com a pele do animal. As crianças não precisaram perguntar para saber que

aquele era o Grande Lobo Mau.

No final da sala, bastante elegante – elegante até *demais*, pode-se dizer –, estava a Rainha Chapeuzinho Vermelho.

– Olá, João – cumprimentou ela.

Chapeuzinho Vermelho era bastante jovem, tinha mais ou menos a idade de João. Seus olhos eram azuis-claros, e seu cabelo loiro estava glamorosamente preso atrás da coroa. Ela usava um vestido vermelho combinando com uma capa e um espartilho cor-de-rosa. Vestia um colar com um gigantesco diamante no pescoço, luvas e dezenas de anéis reluzentes. Seus ombros estavam completamente nus. Em resumo: estava pelada demais, maquiada demais e exageradamente bem vestida para o meio da tarde.

– Olá, Chapéu – disse João.

– Mas que surpresa! Eu não esperava a sua visita! – respondeu ela.

– U-hum.

– E vejo que você me trouxe... *visitas*? – perguntou Chapeuzinho. Ela não pareceu nada contente ao constatar que João não viera sozinho dessa vez.

– Sim, estes são Alex e Conner.

– Olá! – Alex cumprimentou timidamente.

– E aí, Chapéu? – disse Conner, imediatamente levando uma cotovelada da irmã.

– Oláááá – disse Chapeuzinho por trás de um sorriso falso. – Sejam bem-vindos ao meu castelo. Sentem-se, por gentileza.

Chapeuzinho bateu palmas, e duas criadas colocaram uma cadeira grande e aconchegante ao lado de seu trono para que João pudesse se sentar perto dela. Para Alex e Conner, trouxeram dois banquinhos e os posicionaram a certa distância de João e da rainha.

João afastou um pouco a cadeira do trono antes de se sentar. Entregou a Chapeuzinho a cesta que havia feito para ela.

– Para mim? – perguntou a rainha. – Ah, quanta gentileza, você é uma doçura! Vou guardar com carinho!

– Como sempre – disse João sem ânimo algum.

– Diga-me, quais são as novidades? – perguntou a rainha.

Ela se debruçava tanto na direção de João que estava prestes a cair do trono.

– Nada de mais – disse ele. – Tudo na velha paz.

A linguagem corporal de João deixava claro que ele queria ir embora dali o quanto antes. – E o reino, como está?

– Ah, nunca me incomodo com esse papo de economia, segurança e necessidades dos trabalhadores e blá-blá-blá – desdenhou Chapeuzinho. – Minha avó toma conta de todas essas coisas para mim. Ela é muito melhor nisso do que eu jamais serei mesmo.

Chapeuzinho se cansou de segurar a cesta. Estalou os dedos, e uma criada se aproximou, recolhendo o objeto.

– Coloque-a com as outras – instruiu.

A serviçal levou o presente para fora da sala. Os gêmeos se deram conta de que essa era a sua chance.

– Podemos ver as outras? – perguntou Alex.

– As outras? – indagou a rainha.

– As outras cestas.

Chapeuzinho olhava para ela com curiosidade.

– É que o meu irmão adora cestas – disse Alex.

Conner concordou com a cabeça, acompanhando o raciocínio da irmã.

– Adoro! É o que eu mais gosto na vida! – exclamou ele. – É como dizem por aí: a vida é muito melhor com as cestas!

Chapeuzinho olhou para eles como se fossem as pessoas mais estranhas que ela já vira na vida.

– Bom, se é o que desejam... – disse, enxotando-os dali.

Alex e Conner deram um salto e seguiram a criada em direção ao corredor.

– Onde a Rainha Chapeuzinho Vermelho guarda todas as suas cestas? – perguntou Alex à moça.

Alex piscou para Conner. Ela não sabia disfarçar muito bem.

– A rainha possui um aposento exclusivamente dedicado às cestas – disse a serviçal.

– Então, ela tem uma sala de cestas? – perguntou Conner.

– Sim, e se você ganhasse a quantidade de cestas que ela ganha também teria – falou a criada.

– De quantas, mais ou menos, estamos falando?

– Você vai ver com seus próprios olhos – disse ela.

A criada abriu a porta, e os três entraram na sala das cestas. Era duas vezes maior do que o aposento em que se encontravam minutos atrás e estava coberto de cestas até o teto, milhares delas.

Algumas ficavam em prateleiras, outras organizadamente empilhadas, e outras simplesmente amontoadas em qualquer canto do chão. A criada jogou a mais recente em uma dessas pilhas.

– A rainha ganha cestas nos aniversários, nas datas comemorativas e em qualquer outra ocasião especial – disse a moça. – Algumas lhe são dadas por cidadãos, outras por monarcas de reinos vizinhos e outras por amigos.

Alex e Conner examinaram o ambiente, boquiabertos. Como iriam encontrar a cesta que procuravam no meio de tudo aquilo?

– Será que podemos dar uma olhada geral? – falou Alex em meio ao seu choque em ver tantas cestas juntas.

– Acho que sim – disse a criada.

Ela lançou um olhar curioso aos dois e saiu da sala, deixando-os sozinhos.

Eles mal podiam respirar; sentiam como se um peso tivesse sido amarrado aos seus peitos.

– Eu nunca me senti tão sobrecarregado! – declarou Conner. – Isso aqui é como tentar fazer todas as lições das férias um dia antes do início das aulas, mas mil vezes pior. Como vamos vasculhar entre tantas coisas?

– Não é tão ruim assim – disse Alex, tentando convencê-lo, embora não conseguisse convencer nem a si mesma. – Nós só temos que começar. Você procura de um lado, e eu procuro de outro.

Separaram-se e rapidamente começaram a vasculhar pilhas e mais pilhas de cestas, tentando encontrar aquela feita de casca de árvore. Sabiam que não tinham muito tempo, por isso ficavam mais ansiosos a cada segundo.

Os gêmeos não faziam ideia de que pudessem existir tantos formatos e tamanhos de cesta. Elas eram como flocos de neve: nenhuma era igual à outra. Alex estava paranoica com a ideia de ter deixado passar a cesta original sem perceber. Conner se espetava constantemente – e toda hora gritava: “ai!”

Já estavam ali havia quase uma hora e não tinham vistoriado mais do que um quarto do ambiente. Além disso, estavam fazendo uma baderna: o aposento estava duas vezes mais bagunçado do que quando os gêmeos o adentraram. Nem Alex, que era mais organizada, hesitava em jogar descuidadamente as cestas examinadas a um canto.

– É simplesmente impossível – gritou Conner, chutando uma pilha de cestas.

Assim que ele o chutou, a porta se abriu, e a criada entrou novamente. Alex e Conner ficaram paralisados, e ela, horrorizada com o caos que os dois causaram.

– Eu não faço ideia do que os senhores estão fazendo, mas acho que é hora de saírem daqui – disse ela.

A criada os acompanhou até a sala do trono. Desta vez, vigiou os dois como um falcão enquanto eles sentavam no banquinho.

A Rainha Chapeuzinho Vermelho estava literalmente pendurada no trono, agarrada à poltrona de João. Os gêmeos ainda não tinham visto o rapaz tão entediado e desanimado como naquele momento. Nem ele nem Chapeuzinho Vermelho repararam que as crianças haviam voltado à sala.

– Sabe, João – disse Chapeuzinho, desenhando círculos com os dedos no braço dele –, o Reino da Chapeuzinho Vermelho não é bem um *reino*, pois não tem um *rei*...

– Então talvez você devesse mudar o nome para “Terras da Chapeuzinho Vermelho” – retrucou João.

Chapeuzinho gargalhou exageradamente.

– Você é tão divertido! Mas não foi isso que eu quis dizer. O que eu quero dizer, João, é que eu jamais estive tão preparada para me casar. Se *alguém* me pedisse em casamento hoje, eu diria sim! Você sabe de *alguém* que esteja interessado em casar-se comigo? *Alguém?*

De repente, um pombo branco passou voando por uma das janelas e pousou no parapeito. Assim que João o viu, seu rosto se iluminou. Ele arregalou os olhos e sorriu. Pela primeira vez, parecia feliz.

Virou-se para Chapeuzinho. Claramente, ela também não estava acostumada a vê-lo daquele jeito. A alegria tomava conta do corpo da rainha; quase era possível ver seu coração batendo contra o peito. Será que ele iria pedi-la em casamento? Seria esse o momento pelo qual ela esperava há tanto tempo?

– Chapéu – disse João.

– Sim, João – respondeu a rainha.

– Preciso ir embora – falou ele, pulando da poltrona e correndo em direção à porta.

Chapeuzinho quase caiu do trono.

– Embora? Embora para onde?

– Para casa – gritou João, já do lado de fora, sem nem olhar para trás. – Vejo você na semana que vem.

Chapeuzinho cruzou os braços e se afundou no trono com a cara amarrada. Ele era a única coisa que lhe faltava para que ela tivesse *tudo*.

Os gêmeos acharam melhor ir embora também, então seguiram João para fora do castelo.

– Foi muito bom conhecê-los, Alex, Conner – disse o rapaz, apertando-lhes a mão.

– Igualmente – respondeu Alex. – Obrigada mais uma vez por nos trazer ao castelo.

– Foi um prazer! Espero vê-los um dia desses – disse João antes de rumar animado para casa.

Aquilo foi muito estranho. João passou a agir como a pessoa que Alex sempre pensou que ele fosse.

– O que acontece com esse cara? Como alguém passa de um completo zumbi para um monitor de acampamento assim, em segundos? – Conner pensou alto.

– Não sei – disse Alex, ainda mirando João, que se afastava saltitante. – Está aí um homem esquisito.

– Parece que vamos ter que invadir o castelo – declarou Conner, despencando sentado no chão.

– Pelo menos já sabemos o que vamos encontrar e, além disso, já vistoriamos boa parte das cestas – disse a irmã. – Só temos que esperar até a meia-noite.

– Enquanto isso, um cochilo cairia bem – falou Conner.

Os gêmeos subiram até o fim da rua e reservaram um quarto no Shoe Inn. O aposento tinha uma vista perfeita para o castelo da Chapeuzinho Vermelho; devia ficar próximo à língua da bota, porque o par de cadarços cruzava uma das paredes. O quarto possuía uma banheira, e os gêmeos aproveitaram para tomar banho, já que fazia muito tempo que não viam um sabonete.

– Este foi o melhor banho da minha vida – afirmou Conner.

Decidiram descansar um pouco; assim que se recostaram na cama, caíram num sono profundo. Acordaram depois de algumas horas, pouco antes da meia-noite.

– Qual será a nossa estratégia para hoje? – perguntou Conner. – Será a primeira vez que vamos invadir um lugar, caramba!, estou ansioso.

– Vamos contar tudo o que temos – disse Alex, despejando o conteúdo das mochilas sobre a cama. – Dois cobertores, um saco de moedas de ouro, uma adaga, um cacho do cabelo de Rapunzel, um sapato de cristal, um mapa, um diário e um pacote de comida. Podemos usar a adaga para cortar a madeira da cesta, mas estará escuro, vamos precisar de luz.

– Vamos levar essas lamparinas – disse Conner, apontando para os objetos que ficavam ao lado da cama.

– Ótimo – concordou Alex. – Acho melhor sairmos do reino assim que completarmos a missão; vai que a gente se mete em alguma encrenca... Rumaremos à entrada leste, assim ficaremos mais perto da fronteira com o Reino das Fadas.

Conner baixou a cabeça.

– Eu queria tanto voltar para esta caminha!

Faltando quinze minutos para a meia-noite, Alex e Conner juntaram todas as suas coisas, acenderam as lamparinas e deixaram o quarto do hotel. Atravessaram a cidade em direção ao castelo. Ela era absolutamente quieta durante a noite; nem mesmo os animais das fazendas ficavam acordados.

Os irmãos se esconderam atrás do muro do Humpty Dumpty, pois dali podiam observar, através das janelas de vidro do castelo, os guardas que patrulhavam os corredores.

– Só mais alguns minutos, e eles irão embora – disse Alex.

De fato, minutos depois, cada vez menos guardas passavam pela janela.

– Eles já se foram? – perguntou Conner.

– Acho que sim! Vamos.

Os dois deram a volta no castelo e chegaram aos fundos; por uma janela, viram a enorme cozinha. Pularam o fosso – eles sabiam que eram capazes! – e abaixaram-se sob a janela. Como dizia o diário, ela não possuía tranca e se abriu facilmente.

Alex foi a primeira a entrar na cozinha. Foi tão silenciosa quanto possível; o único barulho que fez proveito das batidas de seu coração. Conner escalou a janela logo em seguida, mas, ao descer, bateu numa pilha de panelas.

Alex ficou mortificada.

– Vou te matar! – sussurrou.

– Desculpe! – Conner murmurou de volta.

Esperaram um momento para se certificarem de que ninguém tinha escutado o alvoroço, e nenhuma pessoa apareceu. Saíram da cozinha e caíram em um corredor com – como era de se esperar – mais retratos de Chapeuzinho Vermelho.

– Essa Chapeuzinho Vermelho gosta de posar para um retrato, hein! – disse Conner.

– Talvez haja tantos retratos dela porque é a primeira monarca deste reino. O lugar não tem tanta história como o Reino Encantado, por exemplo – justificou Alex.

– Ou ela é mesmo obcecada por si – concluiu Conner.

Percorreram o corredor, depois outro, subiram as escadas, chegando a mais um corredor.

– Você sabe para onde estamos indo? – perguntou Conner.

– Eu estava te seguindo! – respondeu Alex.

– O quê? E desde quando você me segue?

No final do corredor, uma sombra se locomovia devagar na direção dos gêmeos. Quando ela se aproximou um pouco, eles viram que era a silhueta de um guarda.

– *Um guarda!* – sussurrou Alex, apontando para a sombra.

Os dois saíram correndo e entraram na primeira porta aberta que encontraram. O cômodo estava completamente escuro.

– Onde estamos? – perguntou Conner.

– Por que você me faz perguntas cujas respostas sabe que eu não tenho? – reclamou a irmã.

Alex se manteve encostada na porta e pôde escutar o guarda passando. Conner se moveu pelo quarto com as mãos esticadas à frente para não topar em nada. Seus olhos aos poucos se acostumaram à escuridão.

– Alex, acho que consigo enxergar algo.

Conner caminhou ao que pensou ser uma porta, mas de repente viu um rosto pálido que o encarava. O garoto se jogou no chão de tanto medo e gritou o mais silenciosamente que pôde.

– Alex! Tem uma pessoa parada diante da porta. E ela é muito feia e assustadora! – sussurrou Conner, apontando.

Alex correu até o irmão, espremendo os olhos para tentar enxergar a tal pessoa.

– Não é uma porta, seu idiota, é um espelho! – disse ela.

– Ah...

Alex ajudou o irmão a se levantar.

– Mas que garras compridas você tem – disse uma voz logo atrás dos dois, fazendo-os pular quase um metro do chão.

Viraram-se para ver quem era e deram de cara com uma imensa cama dossel com lençóis de seda vermelha e cortinas brancas em volta. Deitada nela, falando durante o sono, estava a própria Rainha Chapeuzinho Vermelho.

– Estamos no quarto da rainha! – murmurou Conner.

– Mas que nariz grande você tem, vovozinha – falou novamente Chapeuzinho em seu sono profundo.

– Será que ela está tendo um pesadelo? – perguntou Conner.

– E que dentes mais afiados você tem... Looobo! – gritou Chapeuzinho, acordando assustada e sentando-se na cama.

Alex e Conner se jogaram no chão, fora do alcance de visão da rainha. Ela estava completamente sem fôlego, e gotas de suor pingavam de sua testa. Finalmente, retomou a respiração.

– De novo, não! – disse ela, irritada, deitando-se novamente para dormir.

Alex e Conner não se mexeram.

– Ela já pegou no sono de novo? – perguntou Conner.

– Como é que eu vou saber? – retrucou Alex.

– Mas que braços grandes você tem, João! – exclamou Chapeuzinho.

– Eu diria que ela está dormindo – disse Conner, levantando-se confiante.

– Mas que lábios suaves você tem, João – continuou a rainha.

– É melhor sairmos daqui antes que ela narre coisas que não queremos escutar! – convocou Conner.

Voltaram ao corredor e vaguearam por algum tempo pelo castelo. Todos os corredores lhes pareciam iguais; seria difícil encontrar a sala das cestas. Toda vez que achavam ter encontrado a porta certa, descobriam-se em um quarto de pintura, ou uma sala de jantar, ou um salão de baile.

– Vamos procurar a entrada e refazer o percurso até a sala do trono – sugeriu Alex, mas Conner a interrompeu.

– Não precisa. As cestas estão aqui – disse ele, apontando para uma porta a seu lado.

– E como você sabe? – perguntou Alex.

– Porque eu me lembro que esse retrato da Chapeuzinho ficava ao lado da sala das cestas – disse Conner, indicando uma pintura na qual Chapeuzinho Vermelho estava quase desnuda, vestindo nada mais do que uma capa de pele de lobo.

Alex olhou realmente feio para o irmão.

– O que foi? Ele chama a atenção!

Empurraram a porta e se viram na sala que procuravam, na qual haviam passado boa parte da tarde.

– Vamos retomar de onde paramos – disse Alex.

Ela e o irmão se separaram novamente: cada um foi para o lado que havia vasculhado mais cedo. O que já fora difícil à luz do dia era muito pior à noite, uma vez que a única iluminação provinha das lamparinas. Depois de algumas horas de busca, sua ansiedade era maior do que o pé de feijão do João.

De repente, os gêmeos ouviram um barulho alto: *clank!*

– O que foi isso? – perguntou Alex.

– Alex, olha! – disse Conner, apontando para uma janela, em cujo ressalto havia um objeto brilhante em forma de X.

– O que será isso? – indagou Alex.

– É um arpéu! – disse Conner.

O instrumento tensionava levemente a cada segundo.

– Acho que tem alguém subindo! *Esconda-se!*

Os dois deixaram as lamparinas no chão e se jogaram atrás de uma pilha de cestas. Alguns instantes depois, uma figura apareceu no vidro da janela. Tirou do bolso uma faca afiada e fez um corte em forma de círculo no vidro, arrastando-se sorrateiramente para dentro da sala. Era uma mulher que os gêmeos nunca haviam visto. Sua roupa era feita de folhas de planta costuradas, e seu cabelo era vermelho escuro.

A mulher examinou o ambiente inteiro e olhou desconfiada para as duas lanternas. Será que ela sabia que os gêmeos estavam ali? Tal qual um animal, começou a farejar a sala. Vasculhava as cestas e descartava aquelas que não lhe interessavam, jogando-as atrás de si.

Esquadrinhou todo o cômodo seguindo seu olfato, até que firmou os olhos em um único ponto. Subiu no topo de uma pilha de cestas para alcançar a parte mais alta de uma estante. Enfiou a mão atrás da prateleira mais acima e puxou uma cesta – aquela feita de casca de árvore.

Alex e Conner entreolharam-se. *Lá estava ela!*

A mulher cortou um bom pedaço da cesta e o guardou cuidadosamente em seu cinto. Recolocou a cesta na prateleira e dirigiu-se à janela. Estava quase saindo quando ouviu um “Ai!” vindo do fundo da sala. Conner se espetara de novo.

– Conner! – disse Alex sem emitir qualquer som.

– Desculpa! – respondeu ele também em silêncio.

A mulher caminhou até as cestas atrás das quais eles se escondiam. Ela mirou exatamente na direção de ambos. Alex e Conner ficaram tão assustados que prenderam a respiração. Tinham certeza de que a mulher sabia que eles estavam lá. O que faria com eles?

Ela olhou para o chão, para uma das lamparinas, e um sorriso contido brotou em seu rosto. Chutou a lanterna sobre uma das pilhas de cestas e desapareceu na janela tão rapidamente quanto entrara, descendo pela corda conectada ao gancho.

– Essa foi por pouco! – disse Conner. – Que bom que ela não nos viu, senão estaríamos...

– Conner! Olhe! – gritou Alex.

A pilha de cestas sobre a qual a mulher chutou a lanterna estava pegando fogo.

– Ah, não! – disse Conner. – Temos que sair daqui!

– Não sem antes pegar uma lasca daquela cesta – disse Alex.

Ela meteu a mão na mochila e retirou a adaga. Subiu no monte de cestas, como vira a mulher fazer. Como não era tão alta quanto esta, teve que se esticar o máximo que pôde para alcançar a cesta especial.

– Depressa, Alex! – disse Conner.

O fogo aumentava e se espalhava pelo ambiente, atingindo as diversas pilhas. Conner ainda tentou apagá-lo aos sopros, mas isso não funcionou: eram labaredas, e não velas de aniversário.

Alex subiu na estante para alcançar a cesta e finalmente a agarrou.

– Te peguei! – exclamou, puxando-a.

A trama já estava sem dois pedaços, um retirado pela pessoa que escreveu o diário e outro por quem quer que fosse aquela moça. Alex enterrou a adaga na cesta e começou a cortá-la.

– Alex! A menos que você queira sair extracrocante daqui, é melhor correr! – gritou Conner.

Metade da sala já fora consumida pelas chamas. O calor estava se tornando insuportável. A fumaça preta já tomava todo o ambiente, e faltava ar para respirar.

– Consegui! – falou Alex, descendo até Conner.

As chamas cobriam a porta pela qual eles haviam entrado.

– Como vamos sair? – gritou a garota.

Os gêmeos escutaram o barulho de passos correndo em direção à sala. Por cima das chamas, enxergaram o rosto alarmado de vários guardas.

– Fogo! Fogo no castelo! – gritou um deles. – Salvem a rainha! Busquem água!

Outro apontou diretamente para os gêmeos.

– Vocês dois! Não se movam!

– Nem pensar! – gritou Conner.

Ele apanhou uma cesta bem pesada e arremessou-a contra uma janela, que se estilhaçou na hora. Agarrou a irmã pelo braço e a puxou para o vão. Ambos respiraram o ar fresco.

– Olhe, o moinho dá pé! – exclamou Conner, escalando a janela e descendo até ele.

Ajudou a irmã, e os dois começaram a descer a construção. Quando estavam no meio do caminho, todas as janelas da sala explodiram; o cômodo inteiro foi pelos ares.

O moinho começou a girar por causa do peso dos dois, jogando-os dentro do fosso: a queda não teria sido tão dura se aquele mísero fosso não tivesse menos de um metro de profundidade.

Arrastaram-se para fora da água e saíram em disparada para longe do castelo. Nenhum guarda os seguiu; deviam estar todos tentando apagar o incêndio.

Em minutos, Alex e Conner já se encontravam fora da cidade e a caminho do portão leste do Reino da Chapeuzinho Vermelho. Olharam para trás uma única vez e viram que quase metade do castelo estava em chamas. Um rastro grosso de fumaça ganhava o céu.

– Essa foi a quarta ou a quinta vez que quase morremos só nesta semana? – perguntou Conner.

– E quem era aquela mulher? Por que estava atrás da cesta? – indagou Alex.

– Ainda bem que ela a encontrou, porque nós jamais teríamos conseguido.

Então, o pensamento mais preocupante tomou conta de Alex:

– Conner, você não acha que *outra* pessoa está coletando os itens do Feitiço do Desejo, acha?

Ele parou para pensar, e Alex notou que a ideia o perturbava tanto quanto a ela.

– Duvido – disse Conner. – Pense em tudo que passou o homem que escreveu o diário. Eu ficaria surpreso se soubesse que outra pessoa conhece esses segredos.

Alex concordou com a cabeça. Ambos sabiam que aquilo era improvável, mas a possibilidade os atormentava.

Poucas horas depois, os gêmeos já avistavam o portão leste do Reino da Chapeuzinho Vermelho. Os guardas deviam ter conseguido apagar o fogo, porque já não se via mais fumaça no ar. O céu estava completamente escuro pouco antes da alvorada. Ao chegarem ao portão, Alex e Conner viram algo se mexer próximo dele. Assombrados com os acontecimentos recentes, os dois mergulharam atrás de um arbusto e observaram de longe.

Era um homem, que andava de um lado para o outro. Alto e aparentemente jovem, havia algo estranhamente familiar nele.

– Aquele é o João? – perguntou Alex.

Conner olhou com atenção.

– É, sim! O que será que ele está fazendo aqui?

De repente, uma figura encapuzada surgiu do outro lado do portão.

– E *este*, quem é? – indagou Conner.

João se aproximou do portão com cuidado. Havia tanta tensão entre ele e quem quer que fosse aquele outro ser que até os gêmeos puderam senti-la. O rapaz passara a noite inteira à espera daquela pessoa.

– Olá, João – disse a figura de capuz.

– Olá, Dourada – respondeu ele.

Então os gêmeos se deram conta de quem era: Cachinhos Dourados. Ela usava o mesmo casaco marrom que vestia quando a encontraram na Floresta dos Anões.

– Como será que eles se conhecem? – perguntou Alex.

Conner balançou a cabeça.

– Não faço ideia.

– Vi o seu pombo – falou João. – Eu soube na hora que era seu.

– Era mesmo. Sabia que você o reconheceria. Quase não se treinam mais pombos hoje em dia.

Os gêmeos perceberam que Cachinhos e João tinham muito a dizer um ao outro, mas, por algum motivo, não falaram quase nada. Em vez disso, ficaram se olhando, o corpo colado na grade do portão.

– Odeio essas grades que nos separam – disse João.

– Se não fossem estas, seriam as da prisão – lamentou Cachinhos Dourados.

– Não paro de me preocupar com você.

– Eu já sou grande. Sei cuidar de mim mesma – afirmou Cachinhos.

– Queria que você me deixasse ir com você – disse João. – Você sabe que eu arrumaria minhas coisas e sairia daqui imediatamente.

– Não faz sentido arruinar duas vidas – disse Cachinhos. – Você vai encontrar alguém.

– Você diz isso desde que partiu, e aqui estou eu, ano após ano, encontrando-a nas trevas.

– Então é pela Cachinhos que ele é apaixonado! – disse Alex, juntando as peças do quebra-cabeça. – Ela é a razão pela qual João não aceita se casar com Chapeuzinho Vermelho. É a garota de quem a harpa nos falou.

– Ah! – disse Conner – Isso está parecendo uma novela!

João colocou suas mãos sobre as de Cachinhos Dourados.

– Eu juro que, se encontrar a pessoa que lhe escreveu aquela carta, vou matá-la – disse ele.

– Quem quer que seja, ela é a responsável por toda essa confusão.

– O que está feito está feito e nunca poderá se desfazer – declarou Cachinhos Dourados com a testa colada na de João por entre as barras de ferro.

– Um dia eu vou limpar o seu nome – disse ele. – Prometo. E então poderemos ficar juntos.

– Limpar o meu nome? – perguntou Cachinhos, afastando-se do amado. – Eu sou uma fugitiva, João! Eu roubo! Eu fujo! Até mato se for preciso! Ninguém pode me isentar dessas responsabilidades, é simplesmente o que eu sou. Ou o que me tornei.

– Mas isso não começou por culpa sua, e você sabe disso – contestou João.

Cachinhos Dourados ficou em silêncio.

– Eu te amo – disse João. – E sei que você também me ama. Não precisa falar. Eu sei.

– Eu sou uma criminosa, e você é um herói – falou Cachinhos Dourados com os olhos marejados. – Uma chama de fogo pode até amar um floco de neve, mas eles nunca poderão

ficar juntos sem que um machuque o outro.

– Eu derreto! – disse João, puxando a amada para perto de si e lhe dando um beijo apaixonado, puro, desesperado de saudade.

Os olhos de Alex se encheram de lágrimas. Conner torceu o nariz como se tivesse cheirado algo estragado.

– Ainda bem que existe essa grade entre os dois – disse ele.

– Cala a boca, Conner – falou Alex.

Cachinhos Dourados afastou-se de João.

– Preciso ir – disse ela. – Preciso estar o mais longe possível deste lugar antes do nascer do sol.

– Deixe-me ir com você – implorou João.

– Não.

– Quando nos veremos novamente? Daqui a uma semana? Um mês? Um ano?

Mingau parou atrás de Cachinhos Dourados. Ela pulou no lombo da égua e assumiu as rédeas.

– Espere o pombo – disse, galopando noite adentro.

João ficou ali até perdê-la de vista. De repente, toda a vivacidade de seu corpo se esvaiu, e ele voltou a ser aquele homem triste que os gêmeos conheceram mais cedo. Virou-se desolado e partiu em direção a casa.

– Acho que nem todos os personagens de contos de fadas têm um final feliz – disse Alex.

Os gêmeos correram até o portão, que estava trancado. Tiveram que escalá-lo, escapando finalmente do Reino da Chapeuzinho Vermelho. No céu, o sol começava a raiar.



CAPÍTULO 11

O Território dos Duendes e Trolls

Alex e Conner estavam perdidos.

– Não estamos perdidos, apenas não sabemos exatamente onde estamos – disse Alex.

– Em outras palavras: *perdidos* – disse Conner.

– Tudo bem, estamos perdidos – admitiu ela, batendo nele com o mapa.

Deixaram o Reino da Chapeuzinho Vermelho com tanta pressa que desconfiavam que tinham tomado a trilha errada. Os dois caminhavam entre troncos e arbustos, e Alex não parava de olhar o mapa, tentando descobrir em que momento haviam saído da rota.

– Pode ser que estejamos no Reino das Fadas, ou talvez tenhamos voltado ao Reino Encantado – disse Alex. – Mas o portão leste do Reino da Chapeuzinho Vermelho fica perto de tantas fronteiras que também é possível que estejamos no Reino Adormecido.

– Como as pessoas se acham neste lugar? Para onde quer que você olhe, só há árvores e mais árvores, estradas de terra e um ou outro castelo! – esbravejou Conner. – Nunca vamos voltar para casa desse jeito!

– É só um pequeno contratempo. Vamos retomar nosso rumo logo mais.

– E qual é exatamente o nosso rumo? – perguntou Conner. – Odeio ter que lembrar isso a você, mas nós só conseguimos reunir três dos oito itens. E, para ser honesto, eu já nem sei se esse Feitiço do Desejo vai funcionar quando encontrarmos todos.

– Não seja tão negativo, Conner – disse a irmã.

– Não sou negativo, sou realista. Ainda temos que ir a vários lugares e percorrer muitos caminhos. Além do mais, nós vimos aquela mulher estranha colher um naco da cesta da Chapeuzinho Vermelho; pode ser que não sejamos os únicos em busca desse Feitiço do Desejo. E se não conseguirmos? Você já pensou no que faremos se ficarmos presos neste mundo?

De fato, Alex não havia pensado no assunto – nem queria pensar. Tinha medo de que, só de pensar, aquilo pudesse se tornar realidade. Examinou minuciosamente o mapa, contornando-o com o dedo indicador.

– Tudo bem, acho que descobri qual foi o nosso erro – disse ela.

– *Nosso?* É você quem está sacudindo esse mapa para lá e para cá desde que chegamos aqui – resmungou Conner.

– Certo, acho que descobri o que *eu* fiz de errado – disse Alex, o rosto ficando vermelho. – O caminho que deveríamos ter tomado fica do outro lado desta floresta. Vamos atravessá-la, retomar a estrada correta e logo estaremos no caminho do Reino das Fadas.

– Excelente.

Saíram da estrada de terra e entraram na mata. Depois de caminharem por um tempo, deram-se conta de que a floresta estava assustadoramente quieta – quieta demais, especialmente para Conner. Ele estava com um mau pressentimento desde que entraram nela.

As árvores dessa floresta eram mais altas, mas, quando os gêmeos olhavam para cima, não viam pássaros, insetos nem nada que tivesse vida. Toda a floresta, exceto pelas árvores, parecia inanimada.

– Alex? – chamou Conner.

– Oi, Conner.

– Você percebeu que não encontramos nenhum animal, nem pássaros, há um bom tempo?

– Não. Estou concentrada aqui – disse Alex, ainda absorta no mapa.

– Não é por nada, mas você não acha meio estranho que nós dois sejamos os únicos seres...

Aaaaah!

De repente, os gêmeos foram arrancados do chão e suspensos no ar. Pendiam de uma árvore,

presos numa espécie de rede feita de cordas. Passaram por cima de uma armadilha.

– O que está acontecendo? – gritou Alex. – O que é isso?

– É algum tipo de armadilha! – disse o irmão.

– Socorro! – gritou Alex. – Alguém nos ajude!

Infelizmente para eles, seus berros por socorro chegaram aos ouvidos errados. Dois seres correram entre as árvores na direção dos gêmeos. Um era alto e magro, o outro, baixo e roliço.

– Egghorn, pegamos alguma coisa! – disse o menor, que falava baixo e parecia rosnar.

– Já não era sem tempo – respondeu o mais alto, que tinha uma voz aguda e irritante.

Chegaram mais perto, e Alex e Conner puderam distinguir as caras assustadoras de um duende e de um troll. O duende era desengonçado, magrelo e tinha olhos amarelos que se destacavam na pele verde. O troll era gordo, desalinhado e tinha um nariz protuberante, além de chifres. Ambos tinham orelhas pontudas e compridas que saíam das laterais de suas cabeças.

– Soltem-nos! – ordenou Conner.

– Vocês não podem fazer isso! – gritou Alex.

O duende e o troll nem prestaram atenção ao que disseram os gêmeos. Olhavam para eles como quem olha para insetos num pote de vidro.

– Oooh, veja como são jovens, Bobblewart! – disse o duende.

– Terão muitos anos de trabalho pela frente! – acrescentou o troll.

– O que vocês querem dizer com trabalho? – perguntou Conner. – É bom que vocês não nos machuquem, hein?

– Deixem-nos sair daqui agora, ou eu vou denunciá-los às autoridades locais – disse Alex, sem saber exatamente que autoridades eram essas.

– E eles ainda vão crescer por um bom tempo – continuou o troll.

– Bobblewart, pegue a carroça! – instruiu o duende. – Eles vão dar perfeitos escravos!

Os gêmeos se debateram com mais força ainda contra a rede ao ouvirem a palavra “escravo”. Lembraram-se do que Froggy lhes dissera durante o chá da tarde: os duendes e os trolls foram banidos justamente por sequestrarem e escravizarem pessoas inocentes... E agora Alex e Conner eram a prova viva de que aquilo ainda ocorria. Como escapariam?

Bobblewart, o troll, saiu em disparada e, logo depois, voltou acompanhado de uma pequena carroça puxada por um burro mirrado. Egghorn, o duende, cortou a corda que prendia a rede à árvore, e os gêmeos caíram com tudo na caçamba. Continuaram se debatendo, mas não

adiantou nada.

Egghorn montou na carroça, sentando-se ao lado de Bobblewart. Assumiram juntos as rédeas e chicotearam o burro com violência até botarem o veículo a toda velocidade.

Viajaram pelo resto do dia. Tudo o que os gêmeos viam eram as copas das árvores e o céu passando rapidamente sobre suas cabeças.

– Alex, o que vamos fazer agora? – perguntou Conner, ainda lutando contra as cordas da rede.

– Sei lá – disse Alex, que tremia como um cachorrinho.

Alex se contorceu toda e conseguiu se sentar. Viu para onde o duende e o troll os levavam: direto para uma fileira de rochedos do tamanho de montanhas. A garota engasgou; reconheceu a formação rochosa que já vira no mapa.

– O que é? O que você está vendo? – perguntou o irmão.

– Eles estão nos levando para o Território dos Duendes e Trolls – afirmou Alex, completamente pálida. – Posso enxergar os rochedos que o cercam!

Froggy lhes contara que aqueles rochedos foram estrategicamente colocados em volta do território para manter os duendes e trolls aprisionados ali, mas, como Alex e Conner puderam notar conforme a carroça passava por uma fenda entre duas rochas, os habitantes haviam encontrado um jeito de escapar.

O veículo ultrapassou os rochedos e entrou no território, porém não havia nada ali. Nem árvores, nem construções, nenhum tipo de vida. Em um raio de quilômetros, só havia pedregulhos e seixos.

– Não estou entendendo – disse Conner. – Onde eles moram? Isto aqui parece um lixão medieval.

Entraram em um buraco enorme escavado no chão e começaram a descer em direção ao fundo da terra. Estava absolutamente escuro, e os gêmeos mal podiam ver as próprias mãos diante do rosto. O cheiro de mofo e podridão era insuportável.

– O território inteiro deve ser subterrâneo! – disse Alex.

Depois de descerem na completa escuridão por uma longa distância, eles avistaram pequenos pontos de luz à frente. Provinham de lamparinas espalhadas ao redor de um grupo de seres humanos que cavava o túnel.

– O que eles estão fazendo aqui embaixo? – perguntou Conner, antes de ver que havia trolls e duendes atrás daquelas pessoas.

– Mais rápido! – comandavam as criaturas repugnantes, chicoteando-as.

Alex cobriu os olhos para não ver aquilo.

– Devem ser escravos! Ah, Conner, este lugar é horrível! É o fim do mundo! – disse ela às lágrimas.

Conner abraçou a irmã, que chorou em seu ombro.

– Vai ficar tudo bem, Alex. Nós vamos encontrar um jeito de fugir daqui – falou ele, que também estava assustado.

Ao redor, havia centenas de cabanas e casebres empilhados uns sobre os outros. Era um enorme submundo.

– Este lugar deve ser como uma gigantesca colônia de formigas – disse Conner.

A carroça passou por um arco de pedra com duas estátuas enormes, a de um duende e a de um troll, uma de cada lado. Eram assustadoras com suas feições severas. Não eram de modo algum acolhedoras. Esculpidos no arco, liam-se os dizeres:

SEJA UM TROLL, SEJA UM DUENDE, OU TENHA MEDO

– A maioria das pessoas prefere um capacho de boas-vindas – disse Conner.

Na sequência do arco, havia um longo túnel de pedra, ao final do qual se enxergava uma luz. Dali vinha uma barulheira, uma mistura de risadas agudas e conversas em voz alta, uma algazarra geral.

Logo, os gêmeos chegaram a um ambiente comum bastante amplo, no qual centenas de duendes e trolls se espalhavam por todos os cantos – todos mesmo: alguns inclusive pendiam dos candelabros.

Tudo era feito de pedra. As criaturas comiam e bebiam em pratos e taças de pedra, sentavam-se em cadeiras de pedra, diante de mesas de pedra. Eram servidas por homens e mulheres escravizados. Cada duende ou troll se comportava pior do que o outro.

No meio desse caos, sobre uma plataforma que se podia ver de qualquer ponto, havia dois tronos. O Rei Troll ocupava um deles, e o Rei Duende, o outro. Uma coroa feita de pedra ficava entre os dois, ligeiramente acima de suas cabeças, demonstrando que ambos dividiam igualmente o poder. Eles observavam os cidadãos com um sorriso bronco na cara, divertindo-se com a festividade que os cercava.

Conforme os gêmeos atravessavam o salão, muitos trolls e duendes gritavam e os vaiavam. Alguns até atiraram restos de comida neles. Alex e Conner se abraçaram mais forte do que

nunca, tremendo de medo.

Os trolls e duendes eram grotescos e apavorantes. Tinham verrugas, dentes afiados e uma péssima higiene. Eram a personificação dos monstros que povoavam os pesadelos dos irmãos quando estes eram mais novos.

Sentada na plataforma dos reis, havia uma garotinha troll que deveria ter mais ou menos a idade dos gêmeos. Possuía um rosto redondo e um focinho pequeno, e seu cabelo formava caracóis logo abaixo dos chifres. Ela descansava a cabeça entre as mãos; parecia entediada e solitária. Não parecia de modo algum interessada nas atividades do entorno. Levantou os olhos no exato momento em que Alex e Conner passavam e suspirou ao ver o garoto.

Isso o deixou encucado.

– O que será que ela viu em mim? – perguntou Conner. – Você acha que ela quer me devorar ou algo assim?

A carroça dobrou uma esquina e desceu por outro túnel. Eles estavam tão nas profundezas que se perguntavam se um dia veriam de novo a superfície. Entraram em uma masmorra pequena e escura, na qual havia uma série de celas. Outros escravos eram mantidos presos ali: homens, mulheres, crianças e idosos. Todos estavam exaustos e pálidos como fantasmas. Não faziam qualquer barulho e, ao verem Egghorn e Bobblewart, encolheram-se.

As duas criaturas cortaram a rede que prendia Alex e Conner, tomaram suas mochilas e os forçaram a entrar numa cela.

– Entrem aí! – disse Egghorn, trancando os irmãos.

– O que temos aqui? – indagou-se Bobblewart.

Ele apanhou as mochilas dos gêmeos e as levou para perto de uma mesa que ficava no canto, despejando todos os pertences sobre ela.

– Não toque nas nossas coisas! – gritou Alex desesperada.

A mesa ficava posicionada de tal modo que todos os ocupantes da masmorra puderam ver o sapatinho de cristal, o cacho de cabelo, a lasca de árvore, o mapa, o diário, a adaga, o saco de moedas e tudo o mais que havia nas mochilas.

Por sorte, o troll e o duende pareceram interessados apenas na adaga e nas moedas; pegaram-nas e jogaram o resto numa pilha de lixo ao lado da mesa.

– Descansem! Amanhã vocês terão um longo dia! – disse Bobblewart.

Ele e Egghorn soltaram uma gargalhada apavorante e depois deixaram o calabouço na mesma carroça em que transportaram os gêmeos.

Os outros escravos ficaram olhando para Alex e Conner. Tinham compaixão nos olhos e intimamente lamentavam que os gêmeos fossem passar pelos suplícios que eles enfrentavam

desde que foram presos.

– Alguém sabe como sair daqui? – perguntou Alex.

Nenhum dos cativos falou nada; era como se eles tivessem sido treinados a não falar. Até mesmo as crianças permaneciam em silêncio.

– Como isso foi acontecer? – indagou-se Conner.

Ele sacudiu a grade furiosamente, mas ela nem sequer oscilou.

– Isso não vai adiantar – disse uma voz vinda de trás dos irmãos. – Essas grades são feitas de pedra pura.

Alex e Conner viraram-se para olhar o prisioneiro da cela ao lado. Agachado no canto mais escuro do compartimento, estava um velho. Ele era muito magro, tinha uma longa barba grisalha e vestia verdadeiros trapos.

– Tem que haver um jeito de sair daqui – disse Conner.

– Assim eu ouço falar cada homem e mulher que entra aqui – falou o velho. – Mas não há.

– Há quanto tempo o senhor está preso? – perguntou Alex.

– Anos – disse ele.

O velho se inclinou um pouco, e a luz bateu em seu rosto, tão maltratado quanto as roupas. Ele era estrábico, de forma que os gêmeos não sabiam dizer a qual dos dois se dirigia.

– Digam-me, não conheço vocês de algum lugar? – perguntou o homem.

Alex e Conner sabiam que aquilo não era possível, mas o velho parecia estar convencido de que os conhecia e, por alguma razão, ele também lhes pareceu estranhamente familiar.

– Acho que não – disse Alex.

– Eu poderia jurar – disse o homem. – Têm certeza de que eu nunca lhes ofereci uma flauta mágica em troca de uma galinha? Ou uma flor cantante em troca de uma ovelha?

– Desculpe, mas nós nunca trocamos nada com o senhor antes... – disse Alex.

Ela parou por um segundo e então se deu conta de quem era o homem: o olho torto, a barba longa, a roupa esfarrapada... *Seria possível?* Puxou Conner de lado.

– Conner, esse homem é o Mercador Viajante, o mesmo do diário!

Conner mal podia acreditar naquilo.

– Tem certeza? – ele perguntou.

– Senhor – disse Alex, ajoelhando-se para olhar diretamente nos olhos do velho. – Por acaso o senhor é conhecido como o Mercador Viajante?

O homem teve que pensar por um momento. Obviamente, os anos de escravidão lhe haviam

custado a memória.

– Sim, acho que era assim que me chamavam – disse ele.

Ficou feliz por ter sido lembrado de uma época em que não era escravo, e os gêmeos ficaram contentes por encontrarem o Mercador Viajante.

– Pergunte a ele se sabe o que aconteceu com o homem que escreveu o diário – sussurrou Conner no ouvido de Alex, que assentiu com a cabeça.

– Senhor Mercador – começou ela –, o senhor se lembra de um homem que o procurou para perguntar sobre o Feitiço do Desejo?

– Feitiço do Desejo? – indagou o mercador.

Em um primeiro momento, ele pareceu não fazer ideia do que Alex falava. Mas, em seguida, sua expressão se transformou.

– Por quê? Sim! Eu me lembro! Foi um dos últimos clientes com quem fiz negócio antes de ser capturado e trazido para cá. Rapaz bobo, não parava de falar que queria viajar para outro mundo. E eu pensando que o louco era *eu*...

– Mas ele conseguiu? – indagou Alex. – Ele encontrou todos os itens do Feitiço do Desejo?

– Isso eu já não sei dizer – falou o mercador, fazendo os gêmeos murcharem. – Nunca mais o vi, então é possível que tenha conseguido.

O velho ainda olhava com curiosidade para os dois.

– Por que a pergunta?

Alex e Conner se entreolharam. Não sabiam o que responder ao homem.

– Não me digam que vocês também estão atrás do Feitiço do Desejo...

Eles novamente olharam um para o outro, desta vez com cara de culpados. Conner ficou ao lado de Alex.

– Estamos tentando, mas não sabemos quais são todos os itens que precisamos procurar – disse ele, finalmente, se dirigindo ao velho.

O mercador gargalhou.

– Ninguém sabe, essa que é a graça! Algumas pessoas conhecem a descrição dos itens requeridos para o feitiço, mas ninguém sabe com certeza quais são eles.

– Como Hagatha – disse Alex. – Ela só sabia os enigmas. O homem para quem os recitou teve que decifrá-los, e ele poderia ter se enganado.

– E se nós encontrássemos Hagatha para perguntar o que ela acha? – sugeriu Conner.

– Hagatha morreu – revelou o mercador.

– Morreu? – perguntou Alex, engasgando. – Como assim, morreu?

– Caiu na Cova do Espinheiro – disse o velho.

– E o que é a Cova do Espinheiro? – indagou a garota.

– Pelo amor de Deus, crianças, vocês são de outro planeta, por acaso? Depois que a maldição do Reino Adormecido se desfez, o espinheiro e o matagal que haviam crescido desordenadamente em volta do reino foram roçados e jogados numa imensa e profunda cova – explicou o mercador. – Hagatha foi colher algumas flores do espinheiro e caiu no buraco.

– Que horrível! – lamentou Alex.

– Ela gritou por socorro por dias, mas ninguém a ajudou. Ninguém queria ajudar uma velha bruxa. Pouco antes de morrer, Hagatha jogou uma maldição sobre o espinheiro para que ele crescesse em volta de qualquer coisa ou pessoa que se aproximasse e a atraísse para o fundo da cova.

– Que história pesada – disse Conner.

– Desde então, a cova tem sido usada para descarte. Pessoas de todos os reinos viajam até lá para jogar nela qualquer coisa que não queiram nunca mais ver.

– E não tem mais ninguém com quem possamos falar? – indagou Alex.

– Seja lá qual for a jornada de vocês, sinto dizer que ela acabou, meninos – sentenciou o mercador. – Uma vez neste lugar, não há saída.

Dito isso, virou-se de costas.

De repente, ouviu-se um alvoroço vindo do túnel que levava à masmorra. Trolls e duendes conduziam de volta às celas os homens e as mulheres que trabalharam durante o dia nas galerias. De tão cansados, eles davam a impressão de que seriam capazes de hibernar por um ano inteiro.

– Hora de dormir! – gritou um troll, apagando todas as tochas do local com um balde d'água. – E se eu escutar um pio, não haverá comida amanhã!

Trolls e duendes deixaram o calabouço às gargalhadas. O ambiente ficou na mais completa escuridão. Alex encontrou Conner no meio daquele pretume, e os irmãos descansaram um no colo do outro.

– Eu só queria que a mamãe não ficasse preocupada – disse Alex com olhos grandes e cheios de lágrimas. – Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais tempo ela ficará sozinha.

– Tenho certeza de que a vovó está com ela – disse Conner. – Provavelmente, todos os policiais da cidade estão à nossa procura. Quero só ver como vai ser quando chegarmos em casa e contarmos onde estivemos esse tempo todo. Vai ser interessante.

– Obrigada por ser otimista, Conner – disse a irmã.

Apesar do pequeno conforto que o irmão lhe ofereceu, Alex chorou até pegar no sono. Conner não conseguiu dormir. Não parava de pensar que, uma semana antes, estava são e salvo na própria cama, e seus únicos medos eram a tarefa e a Sra. Peters; e agora aqui estava ele, em uma masmorra de outra dimensão, prestes a encarar a escravidão. Como os tempos mudaram depressa...



Conner tinha acabado de cochilar e acordou de repente; sentiu que alguém o observava. Abriu um dos olhos e viu, diante de sua cela, segurando uma única vela nas mãos, aquela garota troll que ele vira no pavilhão comum.

– Pois não? – disse Conner, aterrorizado.

– Qual é o seu nome? – perguntou a garota troll numa voz aerada e cativante.

– Por que você quer saber?

– Eu quero saber tudo sobre você – disse a pequena criatura, com um sorriso sonhador que deixou Conner enjoado.

– Eu sou Conner. E você, quem é?

– Meu nome é Trollbella – disse a troll. – Sou uma princesa. Meu pai é o Rei Troll. Você tem namorada, Conner?

“Ah, não!”, pensou Conner. Aquele serzinho estava *a fim* dele. De repente, o garoto se sentiu agradecido pelas barras de pedra que os separavam.

– Hum... Não posso dizer que tenha – disse ele desajeitadamente. – É difícil conhecer alguém quando você acabou de ser escravizado por duendes e trolls.

– Ah, eu sei! – respondeu Trollbella, lançando-lhe um olhar sedutor. – Trolls e duendes são as piores criaturas! Eu odeio morar aqui. Se eu pudesse, iria embora. Tudo aqui é tão bagunçado, e as pessoas são más! Dos garotos trolls, então, nem se fala... Não fazem ideia de como tratar uma dama!

– Que pena – disse Conner, torcendo desesperadamente para que um duende entrasse ali e o livrasse daquela conversa, mesmo que fosse para levá-lo à lida.

– Eu sou apenas uma romântica incurável – choramingou Trollbella, batendo os cílios e enrolando um dos rabiós de porco que eram seus cachinhos. – Posso chamá-lo de Butterboy?

– Claro que não! – rebateu Conner.

– Conner, o que está acontecendo? – perguntou Alex, despertando.

– Quem é *ela*? – inquiriu Trollbella, cuja expressão alegre se transformou em ameaçadora.

– Relaxe, ela é a minha irmã – respondeu Conner.

– Oi...? – disse Alex, bastante confusa com aquela cena.

– Eu não vou com a cara dela – declarou Trollbella, apontando para a garota.

Alex foi pega de surpresa. Teria feito algo errado?

– Você acaba gostando – disse Conner. – E, se eu vou ter que ficar encarcerado e trabalhar como escravo, fico feliz que ela esteja do meu lado.

– Está gostando da estadia? – perguntou Trollbella.

– Não exatamente – respondeu Conner, no fundo querendo dizer: “Você está de brincadeira ou só é burra?”

– Nós queremos muito sair daqui! Você não pode nos ajudar? – perguntou Alex.

– Não estou falando com você – gritou Trollbella para Alex e, em seguida, voltou-se lentamente para Conner, lançando um sorriso ao garoto. – Eu sou capaz de conceder a liberdade a você em troca de algo.

– E que algo seria esse? – indagou Conner.

Os gêmeos se empertigaram como se fossem ouvir a coisa mais importante do mundo.

– Um beijo – disse Trollbella, mirando Conner apaixonadamente, que engoliu seco.

– Bom, acho que vamos ser escravos para sempre, então.

Trollbella franziu a testa, e Alex deu um tapa na cabeça do irmão.

– Beije-a, seu idiota! Assim nós poderemos sair daqui!

– Não bata no meu Butterboy! – falou Trollbella. – E eu nunca disse que iria deixar *vocês* saírem. Eu disse que iria deixar *ele* sair.

– Eu acho que ele ficaria mais propenso a aceitar sua proposta se você promettesse que deixaria nós dois sairmos – disse Alex.

– Não, eu não ficaria nada! Fale por você, Alex – esbravejou Conner, mas ninguém estava prestando atenção nele.

De repente, as narinas de Trollbella se dilataram. Ela não estava querendo negociar. Virou as costas e desapareceu sem dizer uma palavra.

– Parabéns, Conner! – disse Alex. – Essa pode ter sido a nossa única chance de escapar deste lugar!

– Eu não vou beijar *aquilo* de jeito nenhum! – declarou ele. – Com ou sem liberdade, isso já é demais!

Os gêmeos foram surpreendidos novamente por Trollbella, que voltou rapidamente com uma chave. Estava pronta para fazer um acordo.

– Faz biquinho, Butterboy – disse Trollbella, enfiando a cabeça entre as grades da cela.

– Não posso fazer isso. Fisicamente, eu não consigo – disse Conner.

– Por acaso você quer voltar para casa? – perguntou Alex.

Conner parecia prestes a vomitar e chorar ao mesmo tempo. Em ritmo de tartaruga, aproximou-se de Trollbella com os lábios estendidos. Para Alex, aquilo estava indo devagar demais, então ela o empurrou em direção à grade, e Trollbella o agarrou por entre as barras. Plantou nele um beijo molhado e demorado.

– *Blaaaagh!* – exclamou Conner, empurrando-a.

Ele limpou a boca loucamente, arfando em busca de ar. Trollbella tinha um largo e satisfeito sorriso no rosto.

– Essa foi a pior coisa que você já me fez na vida! – Conner falou para Alex, sentindo-se completamente traído. – Como você pôde fazer isso comigo?

– Tudo bem, Trollbella – disse Alex, ignorando o drama do irmão. – Temos um acordo. Deixe-nos ir embora.

O sorriso da garota troll se transformou em uma carranca. Relutante, ela destrancou a cela e abriu a porta. Assim que ela o fez, Alex chamou a atenção dos outros escravos. Os poucos que estavam acordados encaravam os gêmeos silenciosos e profundamente. Nunca antes tinham visto alguém ser libertado; nem mesmo pensavam que aquilo fosse possível.

– Podem ir – disse Trollbella.

Os gêmeos saíram da cela em disparada, e, ao passar por Trollbella, Alex arrancou a chave da garota troll com um movimento rápido e a empurrou para o compartimento, batendo a porta.

– Me tire daqui agora mesmo! – gritou Trollbella. – Isso não fazia parte do nosso acordo!

– Eu não posso ir embora e deixar essas pessoas aqui – disse Alex, percorrendo os corredores e destrancando todas as celas. – Acordem todos! Vamos sair daqui! Vamos!

Ela voou em direção à pilha de lixo e recolheu todas as suas coisas.

– Guardas! – vociferou Trollbella. – Guardas! Os escravos estão escapando!

– Trollbella? – disse Conner. – Por favor, fique quieta! Por favor, ajude essas pessoas! Pelo seu Butterboy!

Trollbella corou.

– Certo, meu Butterboy. Por você, eu fico quieta.

Os escravos sentiam-se devolvidos à vida. Levaram um momento para compreenderem o

que Alex dizia; haviam sonhado com esse dia por tanto tempo! Muitos deles se levantaram num pulo e abandonaram suas celas, mas outros hesitaram, inclusive o Mercador Viajante.

– Venha! – disse Alex. – O que o senhor está esperando?

– Vocês dois são loucos? Eles vão arrancar a nossa pele se tentarmos fugir – falou o velho.

Essa afirmação deixou alguns dos fugitivos apreensivos, principalmente as crianças.

– E você prefere morrer nessa cela a tentar recuperar a vida que eles lhe roubaram?

As palavras de Alex inspiraram os indecisos, pois todos se juntaram à sua volta. Até mesmo o mercador estava disposto a dar uma chance à liberdade; com a cabeça, ele fez um sinal para a garota ao se juntar ao grupo.

– Alguém sabe qual é o melhor caminho para escapar daqui? – indagou Alex.

– Precisamos chegar aos túneis! – disse um dos homens.

– Sim, os túneis! – concordou uma mulher.

– E como chegamos a eles? – perguntou Conner.

– Precisamos subir até o pátio comum e passar pelo arco de pedra. Os trolls e duendes construíram túneis que se conectam a todos os reinos. É assim que eles se locomovem – contou o mercador.

– E eles não nos perseguirão? – indagou Conner.

– Todos eles estão dormindo – garantiu Trollbella de dentro da cela. – Até os guardas. Por isso ninguém veio quando eu chamei.

– Certo, então vamos embora – disse Alex. – Fiquem todos bem quietos e ajudem os mais velhos e as crianças.

Todos concordaram, e a garota os guiou para fora da masmorra, rezando para que nenhum deles jamais precisasse ver aquele lugar de novo.

– Até a próxima, Butterboy – disse Trollbella, lançando-lhe um beijo.

– Tá... – disse Conner antes de seguir os outros em retirada.

Trollbella sorriu de chifre a chifre. Aquele havia sido o dia mais excitante de sua vida.

O grupo de fugitivos atravessou o túnel que levava ao pátio comum, passando por uma fileira de duendes vigias. Tal como havia dito Trollbella, eles dormiam durante a guarda.

Finalmente, o grupo chegou ao pátio comum. Todos cobriram a boca horrorizados com o que viram: os incontáveis duendes e trolls que festejavam durante o dia agora se encontravam espalhados pelo chão, completamente desmaiados. Como os fugitivos chegariam ao outro lado do pavilhão sem pisar em nenhum deles?

Algumas criaturas roncavam, outras se contorciam durante o sono. O Rei Troll e o Rei

Duende dormiam em seus tronos. Mal se podia enxergar o chão entre os monstros inconscientes escarrapachados de ponta a ponta.

– Rápido e em silêncio! – sussurrou Alex ao grupo. – Nós conseguiremos, apenas tomem o máximo de cuidado possível.

Na ponta dos pés, eles começaram a pontilhar o caminho no meio das criaturas dormentes. Com cuidado, pisavam entre braços e pernas, entre cadeiras e mesas viradas, entre pratos quebrados e taças jogadas sobre o chão de terra.

Cada vez que um troll ou duende fazia qualquer barulho ou movimento, todos se petrificavam; até seus corações paravam de bater. Se um dos monstros acordasse e visse seus escravos passando por ali em direção à saída, seria um completo desastre.

Os fugitivos estavam quase no túnel de pedra. Alex parou no meio do pátio para que todos a ultrapassassem, garantindo que ninguém ficasse para trás. Eles passaram à sua frente, exceto Conner, que ficou parado no fundo do salão. Ele olhava fixamente para o Rei Troll e para o Rei Duende, com a boca escancarada.

– Conner! O que você está fazendo? – sussurrou Alex o mais alto que pôde.

– Olhe! – murmurou ele. – Olhe para a coroa! É a coroa!

Alex olhou para o objeto de pedra acima da cabeça do Rei Troll e do Rei Duende.

– O que tem? – sussurrou ela.

– É a coroa do Feitiço do Desejo! – disse Conner. – “Uma coroa de pedra feita para compartilhar, que no fundo do covil selvagem será possível encontrar.”

Alex sentiu o coração parar. Conner estava certo. Aquela coroa batia perfeitamente com a descrição

– O que vocês estão fazendo? Estamos esperando vocês – disse o mercador, já no túnel de pedra.

Alex e Conner entreolharam-se. Sabiam que não podiam sair dali sem a coroa.

– Vão em frente! – disse Alex.

– Vocês é que sabem – disse o velho, partindo com os outros.

– Eu vou pegá-la – sussurrou Conner a Alex.

– Tenha cuidado! – disse ela.

Conner se moveu lentamente pelo lugar. Sem querer, chutou uma taça, e um som agudo ecoou no salão, fazendo que alguns dos trolls e duendes se contorcêssem e resmungassem no chão.

– Desculpe! – murmurou.

Ele escalou a plataforma real. A coroa estava a uma grande altura; Conner teria que subir

nos tronos para alcançá-la. Apoiou o pé no braço da poltrona do Rei Troll; sua perna esquerda ficou tão próxima do rosto dele que o garoto pôde sentir a respiração da criatura atravessar sua calça jeans. Colocou a perna direita no braço da poltrona do Rei Duende e tentou alcançar a coroa. Ainda estava alta demais. Teria que pular para pegá-la.

Alex tampou os olhos. Suas mãos tremiam.

Conner pulou e tentou agarrar a coroa, mas faltaram alguns centímetros. Pulou de novo; desta vez, tocou-a com a ponta dos dedos. Um salto ainda mais alto e... pegou. Infelizmente, na queda, ele errou o braço do trono e caiu bem no colo do Rei Duende.

– *Ahhhhhh!* – berrou o monstro.

Alex descobriu os olhos e viu o irmão esparramado no colo da criatura, a coroa em sua mão. Apavorado, Conner pulou para o chão o mais rápido que pôde, pegando a irmã pelo braço, e disparou em direção à saída.

– Atrás deles! – ordenou o Rei Duende!

O pátio inteiro começou a acordar com os berros reais.

Alex e Conner já não se importavam no quê ou em quem pisavam. Atravessaram o pavilhão e seguiram pelo túnel de pedra. Dúzias de trolls e duendes os perseguiram.

Os gêmeos passaram correndo pelas duas horríveis estátuas que ficavam na entrada do túnel. De repente, a estátua do troll caiu violentamente no chão, bloqueando a galeria. Alex deu um berro. Mais um segundo, e o monumento teria caído sobre os dois.

Eles se viraram e deram de cara com o velho mercador, esbaforido. Ele derrubara a estátua. Os trolls e duendes que os seguiam chegaram ao fim do túnel e começaram a tentar vencer a estátua caída.

– Isso vai atrasá-los por algum tempo – disse o mercador. – Agora, corram!

– Onde estão todos? – perguntou Alex.

– Fugiram para os túneis. Já estão a salvo! – disse o homem.

– Mas e o senhor? – indagou a garota.

– Eu não poderia deixá-los aqui – disse o mercador. – Estou velho, crianças. Eu não conseguiria fugir dessas criaturas mesmo. Vocês ainda têm a vida toda pela frente! Corram antes que eles consigam passar pela estátua. Rápido!

– Não sem o senhor! – exclamou Alex.

– Eu sou procurado em todos os reinos – disse o mercador, esforçando-se para respirar. – Não importa para onde eu vá, acabarei atrás das grades. Já fiz muita maldade nesta vida, crianças. Fiz trapaças e negociações que não deveria ter feito. Eu mereço isso. Vocês, não.

Corram!

Os pés de Alex e Conner falaram por si e dispararam antes que eles pudessem hesitar. Mais adiante, depararam-se com uma série de túneis, os quais levavam a diferentes direções. Uma placa na entrada de cada um indicava o destino.

– Vamos! – disse Alex, puxando o irmão pelo braço rumo ao túnel que dizia reino das fadas. Guardaram a coroa dos trolls e duendes dentro da mochila e seguiram em frente.

– Será que fizemos a coisa certa? – perguntou Alex em dado momento. – Deveríamos mesmo tê-lo deixado para trás?

– Ele não viria conosco; estava decidido – respondeu o irmão.

Conner sabia que eles tinham feito tudo o que podiam, mas, ainda assim, se sentia culpado.

– Como ele pôde abdicar de tanto por nós? – questionou Alex.

– Talvez tenha pensado que, ao trocar a própria liberdade pela nossa, estaria fazendo a negociação mais honesta de sua vida – concluiu Conner.



CAPÍTULO 12

O Reino das Fadas

Alex e Conner emergiram entre uma árvore e uma grande rocha; estavam cobertos de terra e de teias de aranha. Respiravam com dificuldade e suavam em profusão; o túnel era muito abafado.

– Conseguimos! – comemorou Alex. – Estamos de volta à superfície.

– Nunca pensei que ficaria tão contente em ver o sol e o céu! – disse Conner.

Era por volta de meio-dia, e os gêmeos achavam-se num lugar bastante agradável: um lindo gramado próximo a uma trilha muito bem cuidada.

– Era este o caminho que deveríamos ter tomado depois de sair do Reino da Chapeuzinho Vermelho? – perguntou Conner.

– O próprio – disse Alex, estudando o mapa. – Mas pense em toda a diversão que teríamos perdido se tivéssemos vindo direto para cá.

Os dois caíram na risada. Bateram a poeira do corpo e tomaram a estrada. Eles se sentiam bastante seguros naquele lugar. Todas as árvores e todos os campos eram perfeitamente

cuidados e convidativos. Bem, é preciso dizer que qualquer coisa pareceria convidativa depois de se escapar por pouco da escravidão no mundo dos trolls e duendes.

– Você tem certeza de que estamos no Reino das Fadas? – perguntou Conner, olhando em volta.

– Eu diria que é bastante possível – respondeu Alex, sem olhar para o mapa.

– E por que você acha isso?

– Bom, *aquele* é um indício – disse a irmã, apontando à frente.

Pastando ao redor de um pequeno riacho, para surpresa dos irmãos, havia um rebanho de unicórnios. Eram lindos: brancos, com chifres e cascos prateados e crinas também prateadas.

Conner enrugou a testa e ficou boquiaberto.

– Ah, meu Deus, isso é a coisa mais desagradável que eu já vi na vida!

– Eu quero fazer carinho em um deles! – disse Alex, correndo em direção aos animais.

– Alex, cuidado! – disse Conner. – Eles podem ter raiva!

– Unicórnios não pegam raiva, Conner!

– Você não sabe onde eles andaram enfiando esses chifres! – gritou o garoto.

Alex se aproximou do rebanho, diminuindo o passo para não assustá-los. Eram tão graciosos e majestosos que ela teve que parar por um momento para admirá-los. Um deles a viu e veio em sua direção.

Qualquer pessoa sã teria se assustado com a aproximação de um animal selvagem, mas não Alex. Por alguma razão, ela sabia que o unicórnio não a machucaria. O bicho baixou a cabeça, e a garota acariciou seu focinho.

Conner chegou mais perto e se posicionou logo atrás da irmã. Todos os outros unicórnios lentamente os cercaram.

– Alex! – alertou Conner. – Isto está me deixando incrivelmente nervoso.

Os unicórnios formaram um círculo perfeito em volta dos gêmeos e curvaram-se para eles. Alex sorriu de orelha a orelha, enquanto Conner levantou uma sobrancelha, desconfiado.

– Isto é alucinante – disse ele.

– Talvez estejam nos dando as boas-vindas ao reino – disse Alex.

Os unicórnios permaneceram parados no lugar e não demonstraram sinal algum de que se locomoveriam. Conner agarrou a mão da irmã, e os dois saíram do círculo e voltaram à estrada. O riacho acompanhava a trilha.

– É impressão minha ou a água desse rio brilha? – perguntou Conner.

Ele estava certo. Quanto mais avançavam ao longo do riacho, mais a água parecia reluzir e

cintilar.

– Suponho que isso significa que estamos chegando! – Alex disse alegremente. – Esse é o Riacho Tumbelina. Ele deve nos levar diretamente ao Reino das Fadas.

– Eu sugiro que agarremos a primeira fada que encontrarmos e a chamemos de “inseto obeso”, “minhoca para isca” e coisas do gênero, até ela começar a chorar – disse Conner. – Assim, conseguimos logo as lágrimas.

– Não! – discordou Alex. – Temos que contar a ela uma história bem triste.

Então um pensamento lhe ocorreu.

– Como vamos recolher as lágrimas se elas serão *derramadas*?

Conner deu de ombros.

– Talvez tenhamos que sequestrar uma fada e mantê-la por perto até que precisemos que ela chore... O que diz o diário sobre isso?

Alex abriu as anotações e encontrou a seção que falava especificamente do Reino das Fadas.

Adquirir lágrimas de uma fada não é tarefa fácil.

– Ora, mas que surpresa! – ironizou Conner.

Como as fadas são, em sua maioria, seres alegres e contentes, será difícil encontrar uma tão desolada a ponto de cair em lágrimas. Seja lá como você consiga resolver essa questão – espero que de maneira ética –, pode usar o frasco escondido no dorso deste diário para guardar o líquido.

Alex virou o livro de lado e examinou o espaço entre as páginas e o ponto em que elas se colavam à lombada. Bem no fundo desta, havia um pequeno frasco de vidro com tampa de rolha.

– Olhe! – exclamou Alex, puxando da estrutura encadernada o pequeno vidro. – O texto diz para colocarmos a lágrima aqui dentro.

– Ótimo. Agora só precisamos encontrar uma fada sensível – disse Conner.

Alex parou de repente.

– Está escutando?

O som bem baixinho de pequenas fungadas típicas de choro vinha de algum lugar próximo dali. Os irmãos olharam em volta, mas não conseguiram detectar de onde.

– O que é isso? – perguntou Conner.

Ele olhou para baixo e teve que piscar algumas vezes para se certificar de que não estava imaginando o que de fato via.

– Não, não pode ser real. Está fácil demais... *Nada* até agora foi tão fácil assim.

– Do que você está falando? – perguntou Alex.

Conner segurou a irmã pelos ombros e a virou.

Sentada sobre uma pedra na margem da estrada, estava uma fada... E ela *chorava*.

Tinha alguns centímetros de altura e compridas asas azuis, parecidas com as de uma borboleta. Seus cabelos eram escuros, e ela vestia um vestido roxo feito de folhagem, o qual combinava com os sapatos de botão de flor. Suas mãozinhas apertavam os olhos, e as lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

Os gêmeos ficaram parados, mirando a fada. Tiveram medo de que sua imaginação estivesse lhes pregando uma peça.

– O que vocês estão olhando? – indagou a fada com sua voz miúda e afiada.

– Desculpe-nos – disse Alex – Por que você está chorando?

Conner sacudiu a cabeça em direção à irmã, e ela imediatamente compreendeu o que ele estava pensando: “Ninguém dá a mínima! Pegue uma lágrima!”

– Não é da sua conta! – choramingou a fada, soluçando ainda mais forte.

– Perdão – disse Alex. – Estou vendo que algo lhe incomoda, e eu não estaria sendo eu se não lhe perguntasse se tem algo que possa fazer para ajudá-la.

– Que fofa, obrigada! – falou a fada, mudando de postura. – Eu estou tendo um dia muito difícil hoje, só isso.

Conner tentou arrancar o frasco da mão da irmã, mas ela não deixou.

– Qual é o seu nome? – perguntou Alex.

– Trix.

– Olá, Trix. Meu nome é Alex, e este é meu irmão, Conner. Você gostaria de conversar sobre o que está te perturbando?

Conner estava em choque. A irmã estava realmente mais interessada em ajudar a tal da fada do que em recolher as lágrimas dela.

– O meu julgamento acontecerá dentro de alguns minutos, e eu estou com medo.

– Seu julgamento? – perguntou Conner, interessando-se. – Você matou alguém?

– Claro que não! – disse Trix. – É que eu usei magia contra outra fada, e agora o Conselho das Fadas pode me banir do reino.

– Ah, eu sinto muito! – disse Alex com compaixão.

– E o que você fez à outra fada? – quis saber Conner.

– Transformei as asas dela em folhas de ameixa – respondeu Trix, caindo no choro de novo.

– Foi só por alguns minutos. Depois eu desfiz a mágica. Mas ela estava me provocando! Ficou me ridicularizando por causa do meu tamanho!

– E vão te banir do Reino das Fadas só porque você transformou as asas da outra por alguns segundos? – perguntou Conner.

– O Conselho das Fadas se tornou muito rígido depois que aquela feiticeira jogou a maldição do sono sobre a Bela Adormecida; ele considera que cada fada é um representante da ordem e deve agir como tal.

– Que pressão, hein? – comentou Alex.

– Eu não posso sair deste reino – disse Trix. – A vida seria tão solitária. E eu odeio ficar sozinha! Já não tenho muitos amigos, para começo de conversa...

Alex deixou Trix usar um pedaço de sua camiseta para enxugar as lágrimas. Conner ficou nervoso ao assistir à irmã desperdiçar as lágrimas de modo tão displicente. Ele tinha que fazer a fada produzir ainda mais lágrimas.

– Ser banida do reino seria realmente difícil e terrível, não seria? – provocou. – Provavelmente você teria que viver em um ninho de pássaro abandonado na Floresta dos Anões e correria o risco de ser perseguida pelos lobos e pelas bruxas, isso se um ogro não a capturasse e a colocasse dentro de um pote para comê-la.

Trix começou a chorar histericamente depois daquele comentário.

– Conner, o que deu em você? – gritou Alex.

Ele arrancou o frasco da mão da irmã e recolheu uma lágrima do rosto de Trix antes que caísse no chão. Ganhou um olhar feio da irmã.

– Gostaria que a acompanhássemos no julgamento? – ofereceu Alex, agachando-se para ficar no nível de Trix. – Para dar apoio emocional?

– Sim, eu gostaria. É muita gentileza de sua parte.

– Eu sei como é sentir que o mundo inteiro está contra você – disse Alex.

– É melhor irmos, então. Não quero me atrasar! – Trix voou pelos ares, flutuando sobre a trilha. Os gêmeos a seguiram.

– Alex, você ficou maluca? – esbravejou Conner. – Já temos a lágrima, vamos cair fora daqui.

– Nós somos tudo o que essa fada tem – disse Alex. – Nós vamos ser pessoas legais e

ajudá-la.

Conner resmungou contrariado:

– Ajudar essa fada não vai fazer sumirem as lembranças ruins que você tem da escola, Alex.

A irmã ignorou o comentário e continuou seguindo Trix pelo caminho. Conner ia logo atrás, amuado.

Adentraram no Reino das Fadas. Tudo parecia brilhar a distância. Em um primeiro momento, os gêmeos pensaram se tratar de uma miragem, pois as árvores, a grama e a própria estrada reluziam à luz do sol.

– E essa purpurina toda? – perguntou Conner.

– Não acho que seja purpurina – disse Alex. – Acho que é magia.

Chegaram ao coração do reino, e os irmãos ficaram maravilhados. Era como se estivessem diante de um gigantesco jardim tropical, com enormes e coloridas flores de todos os formatos e espécies. Salgueiros debruçavam suas folhas sobre os lagos, e trepadeiras se espalhavam pelo solo e subiam nas árvores. Lindas pontes atravessavam os córregos e as lagoas.

Havia fadas por toda a parte. Muitas voavam pelos ares, algumas pairavam logo acima do chão e outras caminhavam por trilhas mais estreitas adjacentes àquela em que estavam os irmãos. Elas tinham formas, tamanhos e cores diferentes. Algumas eram maiores do que Alex e Conner, algumas eram do tamanho de Trix, e outras nem sequer pareciam feitas de matéria sólida, mas de pura luz.

Havia tanto fadas-macho quanto fadas-fêmea. Algumas vestiam trajes elegantes, outras vestiam roupas inteiramente feitas de plantas e outras não vestiam nada. Muitas tinham construído miniaturas de casas nos galhos das árvores ou sobre cogumelos que despontavam do chão; e ainda havia fadas que viviam debaixo d'água, junto com os peixes coloridos.

Diante daquele lugar, Alex finalmente sentiu que tudo no mundo fazia sentido. A cada passo, ela se enchia de esperança, vivacidade e alegria. Era o paraíso.

– Você já viu algo tão bonito na vida? – perguntou ao irmão.

– Não é nada mau – disse ele.

– O Conselho das Fadas funciona no Palácio das Fadas. Fica logo adiante – falou Trix, sinalizando para que eles a seguissem através de um lago. Os dois pegaram a ponte, é claro.

Andaram mais um pouco em direção ao palácio, todo feito de arcos e pilares dourados. Era completamente aberto: não havia mais do que duas paredes sustentando cada sala, e todas as janelas eram altas e não possuíam vidro. Quem iria querer esconder uma paisagem tão bonita como aquela?

Trix conduziu os gêmeos ao centro do palácio. Entraram em uma sala com várias poltronas.

– Este lugar seria perfeito para um casamento! – disse Alex.

Na frente do salão, havia sete fadas, todas do mesmo tamanho de Alex e Conner. Elas compunham um arco-íris vivo, cada qual usando uma cor diferente. Estavam em pé, atrás de púlpitos posicionados sobre um arco.

– Esse é o Conselho das Fadas – disse Trix. – Aquelas são: Rosette, a fada vermelha; Tangerina, a laranja; Xanthous, a amarela; Emerelda, a verde, geralmente quem comanda; Skylene, a azul; Violetta, a roxa; e Coral, a cor-de-rosa.

Rosette era baixa e roliça e tinha bochechas bem rosadas. Tangerina era cheia de estilo; seu cabelo alaranjado caía de uma considerável colmeia, em volta da qual voavam abelhas de verdade. Xanthous era uma fada-macho; vestia um terno brilhante, e algumas partes dela flamejavam. Emerelda era negra, alta e bonita; usava um longo vestido esmeralda que combinava com seus olhos e com suas joias. Skylene era muito branca e tinha os cabelos azuis como o céu; ela vestia um penhoar esvoaçante da cor do mar. Violetta era a fada mais velha e tinha cabelos roxos agrisalhados. Coral, a mais jovem, aparentava ser um pouco mais velha do que os gêmeos e usava um vestido simples cor-de-rosa; seu par de asas era da mesma cor.

Havia duas poltronas vagas, uma de cada lado dos púlpitos.

– E quem se senta ali? – apontou Alex.

– A Fada Madrinha ocupa a da esquerda, e a Mamãe Ganso, a da direita – respondeu Trix.

– Elas completam o Conselho das Fadas, mas raramente aparecem. Estão sempre viajando aos outros reinos para ajudar as pessoas.

– É você, Trix? – perguntou Emerelda.

– Sim, estou aqui – Trix chilreou nervosa, voando em direção aos púlpitos.

– Está atrasada. Por favor, aproxime-se – instruiu Emerelda.

Ela era graciosa, mas autoritária, alguém que os gêmeos definitivamente gostariam de ter do mesmo lado num julgamento.

– Trix, você sabe por que foi convocada a se apresentar ao conselho?

Trix concordou com a cabeça, um tanto quanto envergonhada.

– Sim, senhora.

– Ser uma fada requer uma grande noção de responsabilidade – acrescentou Tangerina. – Responsabilidade esta que você não tem demonstrado.

Trix assentiu novamente, os olhos já cheios de lágrimas.

– Eu sei – falou baixinho.

– Infelizmente, não podemos deixar tais ações passarem sem punição – disse Violetta.

– Precisamos que você seja feita de exemplo para enfatizarmos a regra número um de ser fada – disse Rosette.

– Nunca, em circunstância alguma, use a magia para prejudicar uma pessoa, um lugar ou uma coisa – relembrou Xanthous.

– Infelizmente, só nos resta uma coisa a fazer – falou Skylene.

– Devemos bani-la do Reino das Fadas – sentenciou Coral.

Trix cobriu os olhos e chorou mais intensamente do que em qualquer momento daquele dia.

– Eu compreendo – disse ela entre um soluço e outro.

– Opa, opa, opa! – gritou Conner lá do fundo. – Peraí! Vocês estão de brincadeira, não é?

Andou resolutamente até a frente da sala e posicionou-se ao lado de Trix, que pairava no ar.

– Conner! – chamou Alex, tentando puxá-lo, mas já era tarde.

– É sério que vocês vão banir esta fada por cometer um erro mínimo? – indagou Conner, as mãos na cintura.

As fadas do conselho começaram a cochichar e murmurar entre si. Estavam atônitas por ver alguém questionar tão abertamente o seu julgamento.

– Por favor, não tente me ajudar – sussurrou Trix a Conner.

– Rapazinho, quem você pensa que é? – disse então Xanthous.

– Bom... Eu sou só uma criança, mas até eu sou capaz de ver que as suas regras são ridículas – disse ele.

Todas engasgaram, exceto Emerelda, que manteve a calma e a postura imponente. Alex espalmou a mão na testa.

– Como ousa? – disse Tangerina, e as abelhas que rodeavam seu cabelo passaram a voar mais rápida e desordenadamente.

– Você está passando dos limites! – reprimiu Violetta.

– Quanto desrespeito! – exclamou Coral.

– E quanta falta de educação! – complementou Skylene.

Emerelda era o único membro da assembleia que não se manifestava. Examinava Conner com seus olhos verdes.

– Silêncio! – ordenou ela, levantando uma das mãos, e todas as colegas ficaram quietas. – Deixem o rapaz falar. Quero escutar o que ele tem a dizer. Prossiga, meu jovem.

Conner não sabia se aquilo era um artifício da fada ou não, mas não deu o braço a torcer.

– Olhe, eu não sou fada, ainda bem, e também não sou nada perfeito. Tento ser a melhor

pessoa ou o melhor aluno possível, mas de vez em quando dou uma escorregada: me esqueço de entregar uma tarefa ou pego no sono durante a aula... Às vezes, o meu máximo não é o suficiente, e acho que ninguém tem o direito de me dar uma bronca ou de me castigar e me humilhar publicamente por conta disso! – disse Conner.

– Trix conhecia as regras e ainda assim cometeu um delito contra um semelhante – argumentou Rosette.

– Ninguém é perfeito – disse Conner. – E, pelo que fiquei sabendo, ela pediu! E cadê o julgamento dela? Por que ela não está aqui? Por que eu sempre fico de castigo por cochilar quando, na verdade, a antiga Mesopotâmia é que deveria ser punida por ser tão entediante?

O conselho continuava ultrajado com o ato impetuoso de Conner. Muitos dos membros não queriam mais tolerar aquela atitude e tentaram deixar a deliberação.

– Estou escutando o que a criança tem a dizer – ponderou Emerelda.

– Mas nós não podemos simplesmente perdoar Trix – disse Tangerina. – Somos o Conselho das Fadas e temos que dar o exemplo para os reinos.

– Sabe, dona laranja – falou Conner –, nesta última semana, a minha irmã e eu quase fomos comidos por uma bruxa, por pouco não fomos atacados por uma alcateia de lobos, quase perdemos a cabeça para um possessivo duende da ponte, sobrevivemos ao incêndio de um castelo e, por sorte, escapamos da escravidão eterna no Território dos Duendes e Trolls! Se quer saber, vocês têm problemas mais importantes para resolver do que uma fada que transformou em folha de ameixa as asas de uma idiota. Está me parecendo que vocês se ocupam com coisas pequenas e estúpidas só para se convencerem de que estão de fato fazendo alguma coisa, quando, na realidade, não conseguem lidar com o que acontece lá fora.

O silêncio tomou conta dos membros do conselho; todos pareciam bastante preocupados.

– Escravidão? – perguntou Skylene. – Quer dizer que os trolls e duendes continuam sequestrando e escravizando as pessoas?

– Sim! – declarou Conner. – Éramos dúzias e mais dúzias lá dentro! Nós realmente precisávamos de uma ajuda, mas suponho que vocês estavam muito ocupadas aplicando a palmatória nas fadas que pregam peças umas nas outras.

Embora mantivessem a postura estoica, no fundo os componentes do conselho estavam profundamente envergonhados. Conner tinha razão. Entreolharam-se por alguns instantes, até que Emerelda quebrou o silêncio:

– Em nome deste conselho, eu perdoou Trix por seus crimes. Xanthous, Skylene e Tangerina, determino que visitemos o Rei Troll e o Rei Duende imediatamente. Que isto sirva de lição. Para todos nós.

Xanthous, Skylene e Tangerina assentiram com a cabeça e desapareceram no ar com um *puff!*

– Obrigado, senhor...? – disse Emerelda.

– Boassortus – disse Conner. – Conner *Boassortus*.

Emerelda sorriu e em seguida desapareceu também.

Trix voou até o rosto de Conner e deu-lhe um grande abraço.

– Foi a coisa mais corajosa e gentil que alguém jamais fez por mim! – disse ela.

Conner olhou para a irmã. Alex não se continha de alegria e de orgulho – estava realmente orgulhosa do irmão. Conner raramente a via daquele jeito.

– Sabe que ajudar essa fada não vai fazer sumirem as lembranças ruins que você tem da escola, não é? – Alex falou ao irmão, juntando-se a ele e a Trix diante dos púlpitos.

Conner abriu um sorriso.

– Eu não podia ficar quieto. Teria me arrependido se não falasse nada.

As outras fadas do conselho começaram a deixar o local. Algumas saíram andando, enquanto outras simplesmente sumiram no ar, deixando um rastro de partículas brilhantes ou bolhas.

Coral procurava algo pela sala, dando tapinhas no próprio colo.

– Aqui, Fisher! Onde está você, Fisher? – indagou ela.

Um peixe de quatro patas passou correndo entre Alex e Conner e pulou nos braços da fada.

– Ah, aí está você – exclamou Coral. – Está na hora do seu almoço!

Alex e Conner entreolharam-se confusos, perguntando-se se realmente tinham visto aquilo.

– Aquilo é o que eu estou pensando? – perguntou Conner.

– Acho que sim.

Coral estava prestes a sair da sala quando os gêmeos a detiveram.

– Com licença? – disse Alex. – Onde você conseguiu o seu peixe?

– Fisher? – perguntou Coral. – Derrubei a minha varinha no lago certa vez, e ele a pegou para mim. Então eu lhe concedi um desejo. Ele me pediu pernas, coisa boba, para poder brincar com um garoto que morava no vilarejo próximo. No final, o garoto acabou morrendo, foi uma coisa triste, e Fisher veio morar comigo.

As asas de Coral começaram a bater, e ela voou dali com seu peixe de estimação.

– Então aquilo *era mesmo* o que pensamos que fosse – concluiu Conner.

– Sim – concordou a irmã, com a cabeça cheia de dúvidas. – Era o Peixe Ambulante da

história do papai!



CAPÍTULO 13

Um pacto de lobo

Havia sangue em todos os lugares. Penas brancas e lascas de madeira cobriam o chão. Um cocheiro que transportava uma carroça cheia de gansos para o Reino do Norte fora atacado pela Grande Alcateia dos Lobos Maus. A única coisa que permaneceu inteira foi o velho e desganhado chapéu verde que ele usava.

Os lobos estavam espalhados sob as árvores, mascando os ossos das vítimas.

Malumclaw levantou a cabeça e olhou para a mata. Alguém se aproximava. Ele farejou o ar. Quem quer que fosse, seu cheiro deixou o lobo ansioso.

– Temos companhia – rosnou Malumclaw.

Todos os lobos se levantaram, prontos para atacar novamente caso fosse necessário. Mas eles não eram páreo para aquela pessoa.

Uma figura sombria e encapuzada movia-se por entre as árvores em direção aos lobos. Parou diante deles sem medo algum e esperou um momento até revelar o seu rosto.

– Olá, Malumclaw – disse a Rainha Diabólica.

– Quem é você? – latiu o lobo raivoso.

A mulher diante dele era metade do seu tamanho, mas por alguma razão lhe eriçava os pelos da nuca.

– Você não me conhece, mas já ouviu falar de mim. Todos já ouviram.

– É a Rainha Diabólica – sussurrou um dos lobos.

Malumclaw movimentou-se agitado. Ele estava intimidado com aquela presença e não gostava de se sentir assim.

– Muita ousadia sua aproximar-se da minha alcateia – disse. – Eu deveria ordenar a um dos meus lobos que arrancasse a sua garganta.

– Pois eu o desafio – disse a Rainha Diabólica.

Não havia qualquer sinal de medo no corpo dela. Deu um passo à frente, e os lobos recuaram covardemente, inclusive Malumclaw.

– O que você quer de nós? – inquiriu ele.

– Eu quero fazer um acordo.

– Nós não fazemos acordos – rosnou Malumclaw.

– Vocês farão quando souberem o que eu tenho a oferecer – disse a Diabólica.

Isso deixou o lobo intrigado.

– Que tipo de acordo?

– Uma troca – esclareceu ela. – Há duas crianças viajando através dos reinos, um menino e uma menina. Gêmeos. Eu quero que vocês os encontrem e os tragam a mim. Ilesos.

– Você quer *criancinhas*? – Malumclaw falou ironicamente.

– Eles têm uma coisa... várias coisas, na verdade, de que preciso – disse a Diabólica. – Eu até poderia fazer isso por conta própria, mas estou um pouco indisposta no momento.

– Se os trouxermos para você, o que ganharemos em troca?

– *Quando* vocês os trouxerem, eu lhes darei aquilo que mais querem neste mundo – declarou ela.

Malumclaw caiu na gargalhada.

– Lobos não *querem* nada neste mundo – falou.

A Rainha Diabólica o encarou como se olhasse a sua alma.

– É mesmo? Então, por que sua alcateia vive nesta cruzada através das terras, aterrorizando tudo o que encontra no caminho? O que vocês estão tentando provar? De quem querem se vingar?

Malumclaw ficou em silêncio. Ele não podia negar aquilo.

– Eu vou lhe oferecer a única coisa que pode vingar totalmente a morte de seu pai – disse a Diabólica. – Vou lhe dar a Rainha Chapeuzinho Vermelho em troca dos gêmeos.

Todos os lobos, Malumclaw inclusive, grunhiram duvidosos, mas a ideia os atraía.

– E como você faria isso? – perguntou o lobo.

A Rainha Diabólica olhou para ele tão austeramente que o coração da fera disparou.

– Não me questione. Terei a jovem rainha em minha posse no final da semana. Tragam-me as crianças, e eu entregarei Chapeuzinho a vocês. Estamos de acordo ou não?

Malumclaw olhou para os outros membros da alcateia, que estavam completamente assustados. Eles assentiram com a cabeça; não queriam contrariar a rainha.

– Sim, estamos de acordo – disse Malumclaw. – Mas devo avisá-lo que, se não cumprir sua parte do trato, quebrarei seu pescoço como se ele fosse um graveto.

A Rainha Diabólica caminhou até o lobo e ficou a poucos centímetros da sua cara, olhando-o intensamente nos olhos.

– *Eu* devo avisá-lo – disse ela – que, se você não cumprir a sua parte, transformá-lo-ei em tapete, assim como Chapeuzinho fez com seu pai. E, se me ameaçar de novo, eu mesma arrancarei a sua pele.

Malumclaw congelou. A Rainha Diabólica sabia que o tinha nas mãos.

– Até breve – disse ela, vestindo o capuz e desaparecendo por entre as árvores.

Todos os lobos permaneceram parados por um momento, com medo de se mexer.

– O que estamos esperando? – bradou Malumclaw, com o orgulho ferido. – Temos gêmeos para encontrar!

Dispararam no horizonte, uivando em uníssono. O barulho era ensurdecador.



CAPÍTULO 14

O Reino Adormecido

Após o julgamento, Trix insistiu para que Alex e Conner passassem a noite no Reino das Fadas. Claro, isso significava dormir no chão novamente, debaixo do galho onde ficava sua casinha minúscula; ainda assim, foi um gesto bondoso dela.

Os gêmeos não conseguiam cair no sono depois de terem visto o Peixe Ambulante com os próprios olhos. Estavam deitados sob as estrelas do reino – a maioria das quais eram, na verdade, fadas dormindo no ar – e deixavam o pensamento ir longe.

– Sempre achei que o Peixe Ambulante fosse uma história inventada pelo papai – disse Alex. – Fico me perguntando como ele ficou sabendo dela.

– Provavelmente da mesma forma que ficou sabendo de todas as histórias deste lugar – respondeu Conner.

– Mas então por que ela não é tão conhecida como os contos da Cinderela ou da Branca de Neve? Por que não está escrita no *Terra de Histórias*? – questionou Alex, emendando uma terceira pergunta que já inquietava sua mente há alguns dias: – Você acha que o papai ou a vovó já estiveram aqui? Acha possível que eles tenham viajado para a Terra de Histórias e

nunca nos contaram?

Conner teve que pensar no assunto. A ideia já tinha lhe passado pela cabeça, afinal, o *Terra de Histórias* ficou na posse dos dois até o dia em que a avó lhes deu o livro de presente. Será que eles também viajaram para aquele mundo, assim como Alex e Conner? E, se viajaram, como encontraram o caminho de casa?

– Acho que não – concluiu Conner finalmente. – Eles amavam demais os contos de fadas. Se tivessem vindo para cá e visto tudo o que vimos, duvido que tivessem ido embora.

Na manhã seguinte, Trix ainda lhes agradeceu várias vezes, e, depois de se despedirem, os gêmeos começaram a sua jornada para o reino seguinte.

– Reino Adormecido, aí vamos nós! – declarou Alex.

– Por que eu tenho a sensação de que o fuso vai ser o item mais difícil de conseguir? – indagou Conner.

Alex abriu o diário para conferir se a preocupação do irmão procedia.

O fuso que espetou o dedo da Bela Adormecida foi, para mim, o item mais fácil de conseguir. Eu não tinha um plano traçado para adquiri-lo, então simplesmente expliquei o meu caso à rainha, que foi muito solidária à minha causa.

Ela permitiu que eu levasse o fuso, na condição de lhe devolver depois que o usasse. A Rainha Bela Adormecida é bastante esperta, especialmente para quem perdeu um século inteiro dormindo, e eu acho que ela sabia mais sobre mim do que estava disposta a admitir.

– Bom, isso é um bom sinal! – concluiu Conner. – Fico pensando o que um sono de cem anos causa na pessoa. Toda manhã, quando acordo para ir à escola, depois da quarta ou quinta vez que aperto o botão soneca do despertador, sinto que poderia dormir por cem anos também. Será que eu despertaria superdescansado ou supersonolento?

– Interessante o seu pensamento – comentou Alex. – Já eu me pergunto se ela sonhou durante esse tempo. Teria sido um sonho bastante longo.

Os gêmeos não tinham mais dinheiro, mas, com uma história inventada de que haviam se perdido dos pais, conseguiram convencer dois carregadores que transportavam uma carroça de bodes a lhes dar carona até o Reino Adormecido. Eles não se importaram em viajar ao lado dos bodes; já estes não ficaram muito empolgados de dividir a carroça com duas crianças.

– Está olhando o quê? – perguntou Conner a um dos animais, que o encarava havia meia

hora.

A estrada corria ao longo de um reluzente oceano de águas tão azuis quanto o céu. Era como um oceano do mundo real, porém mil vezes mais vibrante.

– Veja que bonito é o mar daqui! – disse Alex. – Olhe! Ali é a Baía das Sereias!

A garota indicava uma larga baía logo à frente, que dobrava para dentro da praia.

– É muito legal saber que, neste exato momento, enquanto nós estamos sentados nesta carroça, sereias de verdade nadam no mar.

– É... – disse Conner. – Pena que não trouxemos equipamento de mergulho.

Alex folheava o diário, fazendo uma lista na sua mente.

– Já juntamos cinco itens. Precisamos agora do fuso, das joias do caixão da Branca de Neve e do “sabre das profundezas do mar designado para a vida de um nubente exterminar”.

– Seja lá o que for isso – disse Conner.

O olhar de Alex se perdeu nas águas. O que poderia ser um “sabre das profundezas do mar”?

Apesar de todo seu conhecimento de contos de fadas, ainda não conseguira decifrar esse item, o que começava a incomodá-la. Tinha a esperança de que ele de repente aparecesse no meio do oceano.

– Nós vamos descobrir – disse Conner, tentando tranquilizá-la. – Ou melhor, *você* vai descobrir, e eu vou fingir que ajudei.

Após algumas horas de estrada, os gêmeos não puderam evitar escutar a conversa dos dois carregadores.

– Você ficou sabendo das notícias do Reino Encantado? – perguntou um.

– Não.

– Os dois sapatos de cristal da Rainha Cinderela foram roubados – contou o primeiro.

– Roubados? Por quem?

– Não sei, mas posso apostar que eles darão uma recompensa para quem tiver qualquer informação.

Alex e Conner não souberam como reagir àquelas notícias. Se o reino denunciou o roubo dos sapatos, talvez isso significasse que não foi nem Cinderela nem Sir Lampton quem colocou o sapato em sua mochila. Será que um decreto para a captura dos irmãos já havia sido expedido? E a questão mais perturbadora de todas: se eles tinham um dos sapatos, quem estava com o outro?

– Foram *ambos* roubados? – cochichou Alex ao irmão.

– Só pode ter sido a mulher que vimos no castelo da Chapeuzinho Vermelho – concluiu Conner. – Ela também deve estar coletando os itens do Feitiço do Desejo. Eu sabia!

– Espero que cheguemos ao fuso antes dela – disse Alex.

A estrada se afastou do oceano, e a carroça rumou em direção ao norte, entrando no Reino Adormecido.

Era um lugar bastante montanhoso, cercado por cordilheiras eminentes. Aquela era uma terra sombria, o que surpreendeu os gêmeos, embora eles não soubessem exatamente o que esperavam encontrar ali. Todos os campos estavam secos, e as árvores, desfolhadas. O lugar parecia estar esvaziado de vida há muito e muito tempo.

– Por que todas as coisas estão mortas? – perguntou Conner.

– Não acho que as coisas estejam mortas – disse Alex. – Acho que estão *dormindo*.

O castelo da Bela Adormecida ficava no centro de um vilarejo chamado Vale Sonolento, e, assim que saltaram da carroça, os gêmeos compreenderam o porquê do nome. O povoado inteiro que cercava o castelo parecia deserto.

As crianças viram um homem na janela de uma padaria. Ele descansava a cabeça nas mãos, com os cotovelos apoiados no parapeito: dormia em pé.

– Com licença? – chamou Alex, com medo de ser rude e acordar o homem.

– Pois não? – disse ele ainda de olhos fechados.

– Onde estão todas as pessoas? – perguntou Alex.

– Descansando – respondeu o homem enquanto bocejava, começando a roncar em seguida.

Ao caminharem pelo vilarejo, os gêmeos encontraram muitos outros atendentes de loja, serviçais e outras pessoas, as quais se movimentavam languidamente dentro dos estabelecimentos, realizando seu trabalho vagarosamente. Todos pareciam prestes a cair no sono a qualquer minuto.

– Pensei que a maldição do reino tivesse sido quebrada – disse Conner.

– Mas não parece que essas pessoas *precisam* dormir; parece que elas *querem* dormir – comentou Alex.

Ela e Conner andaram por aquela cidade preguiçosa até encontrarem o castelo da Bela Adormecida. Era uma vista deslumbrante. A mais alta estrutura que eles já tinham visto. Feito de pedras cor de pêssego, tinha várias torres que avançavam ao céu, a mais alta ao centro. Chegando mais perto, eles puderam ver os resquícios da trepadeira que tomou conta das paredes do castelo durante os cem anos da maldição. Vários jardins amplos cercavam a edificação – quer dizer, seriam jardins se existisse alguma vida neles. Os jardineiros dormiam agarrados às suas ferramentas. De tempos em tempos, acordavam e continuavam o trabalho,

para logo em seguida tornarem a cair no sono.

Havia guardas por todos os lados, mas os gêmeos passaram por eles sem problema algum. Às vezes, um deles abria um olho, ameaçava dizer alguma coisa, mas, em vez disso, decidia voltar a dormir.

Alex e Conner encontraram a entrada principal do castelo. Após entrarem, percorreram um longo salão com um pé-direito muito alto, o qual levava à sala do trono. Ela tinha pilares brancos e um piso xadrez colorido. O teto era pintado nas cores do crepúsculo, com vívidos traços de rosa e laranja. Os guardas, enfileirados ao longo do salão, estavam inconscientes.

Sentada no trono, estava uma linda mulher. Falava com dois homens: um era alto e bonito, e o outro era baixo e velho e tinha uma barba branca.

A mulher usava uma tiara de flores de prata e tinha cabelos longos e dourados. Trajava um vestido rosa claro e luvas do mesmo tom. Os gêmeos não tiveram dúvida de que aquela era a Bela Adormecida.

Ela falava com um conselheiro real e com seu marido, o Rei Chase. Parecia bastante preocupada, profundamente concentrada em pensamentos. Também ela estava cansada – lembrava a mãe das crianças quando tinha muitas preocupações na cabeça.

– Talvez devêssemos decretar uma lei: proibido dormir durante o dia – disse o conselheiro.

– Absolutamente não! – respondeu a Bela Adormecida. – Eu não vou forçar algo tão opressivo ao povo. Não nos esqueçamos de que não é culpa dele.

– A maldição já acabou, Alteza – insistiu o conselheiro. – Já é hora de o reino acordar e encarar a vida.

– Para mim, a maldição existirá enquanto o reino não voltar às mesmas condições em que estava antes de ela ser lançada – disse Bela Adormecida. – Eu posso estar acordada, mas o meu sono de cem anos cobrou um alto preço a todos. E o povo não pode ser punido ou responsabilizado por isso.

– Querida, essa pode ser a única saída – interferiu o Rei Chase, tomando as suas mãos. – O reino está se despedaçando. Não temos mais safras em produção, nenhum trabalho é levado a cabo.

– Preciso pensar no assunto – disse ela, suspirando longamente.

– Posso dar uma sugestão? – intrometeu-se Conner, caminhando em direção ao trio.

Ele os pegou de surpresa; não perceberam que havia mais alguém acordado no salão. Alex ficou um pouco apreensiva; não fazia ideia do que o irmão estava prestes a dizer. Esperava que o discurso dele no Reino das Fadas não o tivesse deixado demasiadamente confiante.

– Quem é você? – inquiriu o conselheiro.

– Meu nome é Conner, e esta é a minha irmã Alex.

Alex apareceu por detrás do irmão, completamente sem jeito.

– Seu castelo é lindo – disse ela sem graça.

– Como vocês entraram aqui? – perguntou o Rei Chase.

– Está falando sério? – perguntou Conner, apontando para os guardas que dormiam. – Isto aqui não é exatamente o Forte Knox, né?

– Eles não conhecem o exército americano, Conner! – sussurrou Alex.

– Meu jovem – começou o conselheiro –, com todo o respeito, estamos discutindo uma questão muito importante e...

– E estamos tentando encontrar uma solução há anos e não pensamos em nada que não fira o direito básico à liberdade das pessoas – interrompeu Bela Adormecida. – Portanto, se esse jovem acha que tem uma resposta, permita-lhe que fale.

O homem não discutiu com a rainha. Conner tinha a palavra.

– Vocês já ouviram falar de café? – perguntou Conner.

Os três fizeram cara de nada.

– Não tem importância. Já ouvi falar que ele impede o crescimento mesmo – disse o garoto. – Eu pego no sono várias vezes na escola. Não é minha culpa; meu cérebro simplesmente desliga quando está entediado. Então, inventei um truque: eu coloco um elástico no pulso e o puxo sempre que me sinto sonolento. A dorzinha me mantém acordado por mais uns bons cinco minutos, é tiro e queda!

Eles ficaram intrigados com a sugestão do garoto.

– Olhe, não é a solução mais inteligente do mundo, mas funciona – disse Conner. – E as pessoas fariam por conta própria, não precisariam ser forçadas a nada. E, talvez, se fizerem por um longo tempo, acabem nem precisando mais do elástico.

Os três ainda não estavam completamente convencidos. Conner dirigiu-se então à irmã.

– Alex, você tem um elástico aí? – perguntou ele.

– Talvez eu tenha alguns elásticos de prender cabelo na mochila – respondeu ela.

Colocou a bagagem no chão e a revistou, derrubando acidentalmente o sapato de cristal. O *clank* ecoou pela sala do trono.

Os gêmeos entraram em pânico. Foi como se o tempo parasse. Bela Adormecida, o marido e o conselheiro se agitaram.

– Como conseguiram isso? – perguntou Bela Adormecida.

– É o sapatinho de cristal da Rainha Cinderela! – disse o conselheiro.

– Não é o que vocês estão pensando! – disse Alex, guardando-o rapidamente na mochila.

– Não roubamos o sapato – falou Conner.

– Guardas! – gritou o Rei Chase.

Alguns guardas apareceram atrás dos gêmeos, acordados de supetão.

– Prendam-nos! – ordenou o rei.

– E lá vamos nós de novo! – disse Conner ao ver os guardas correndo em sua direção.

Ele agarrou o pulso de Alex, preparando-se para sair em disparada com ela. A garota ainda suplicou à rainha:

– Majestade! Viemos pedir-lhe o fuso da maldição emprestado! Estamos coletando os itens para o Feitiço do Desejo!

Bela Adormecida levantou-se para dizer algo, mas os gêmeos não puderam esperar para ouvir o que ela tinha a dizer. Eles corriam em círculos no salão, escapando por pouco das mãos esticadas dos guardas.

Alex e Conner atravessaram rapidamente uma sequência de portas abertas que levava para fora da sala do trono. Não faziam a menor ideia para onde estavam indo, mas sabiam que não podiam parar. Já tinham chegado longe demais para se deixarem capturar pelos guardas.

– Estou tão cansado de ser perseguido! – gritou Conner.

Eles transpuseram salas e mais salas, virando-se abruptamente nos corredores que surgiam à sua frente, para despistar os guardas. Locomoviam-se tão rapidamente que, para eles, a linda arquitetura e as obras de arte do castelo não passavam de um borrão.

De repente, chegaram a um ponto sem saída.

– E agora, o que faremos? – perguntou Alex.

– Rápido! Aqui – disse Conner, puxando-a para dentro das primeiras portas abertas que encontrou. Depararam-se com uma escada de pedra em espiral, pela qual subiram imediatamente. Ela não parava de subir e subir, e os gêmeos se perguntaram se a escada jamais terminaria. Estavam chegando a uma altura impossível; deveria ser a torre mais alta do castelo.

Finalmente chegaram ao topo da escadaria. Havia uma gigantesca porta preta; rapidamente a abriram e atravessaram, trancando-a.

– E agora? Onde estamos? – perguntou Conner, olhando à volta.

Era uma sala circular com janelas altas. As cortinas eram roxas, e o tapete, azul-claro. Uma varanda aberta acompanhava toda a extensão do cômodo. Só havia dois móveis: uma cama imensa e uma roda de fiar, feita de madeira escura.

– Conner – disse Alex baixinho –, acho que estamos no quarto da Bela Adormecida. O quarto onde ela dormiu por cem anos.

Conner aproximou-se da cama. Havia uma gravação bonita na cabeceira, que dizia:

DURANTE CEM ANOS, BELA DORMIU
E O CORAÇÃO DE TODOS PARTIU.
COM PACIÊNCIA, O POVO ESPEROU
PELO BEIJO DO AMOR VERDADEIRO,
E A PRINCESA ENTÃO ACORDOU.

Alex correu até a roda, mas o fuso não estava mais lá.

– Não está aqui – disse ela. – Não consigo entender. O homem disse no diário que prometeu devolvê-lo depois de usá-lo.

– Não está, ou ele simplesmente não devolveu porque o feitiço não funcionou? – perguntou Conner.

A tranca da porta começou a ranger.

– Vamos nos esconder – sussurrou Alex.

Ela e o irmão se enfiaram embaixo da cama. A porta preta se abriu. Os gêmeos esperavam ver as botas pesadas dos guardas, mas, em vez disso, deram de cara com um par de saltos cor-de-rosa.

– Será que é...? – cochichou Alex.

– Será que é o que eu... *Ai!* – Conner bateu a cabeça com força no estrado da cama.

– Podem sair daí – comandou Bela Adormecida.

Os gêmeos não sabiam se aquilo era uma armadilha ou não.

– Já dispensei os guardas – disse a rainha. – Ninguém vai machucá-los.

Os dois engatinharam para fora da cama.

– Não roubamos o sapatinho – falou Alex. – É bem difícil de explicar, mas eu juro que não somos ladrões.

Bela Adormecida assentiu com a cabeça:

– Eu acredito em vocês.

– Acredita? – perguntou Conner, estupefato. – Se eu fosse você, com certeza pensaria que nós dois somos ladrões.

Bela Adormecida abriu um sorriso e sentou-se na cama.

– Então, vocês estão em busca dos itens do Feitiço do Desejo?

Fizeram que sim com a cabeça.

– É uma longa história – disse Conner.

– Tenho certeza que sim – falou Bela Adormecida. – E vocês vieram me pedir permissão para pegarem emprestado o fuso da minha roda de fiar, não é?

Assentiram novamente. Bela Adormecida riu.

– Sabem, não faz muito tempo, um homem apareceu no castelo e me pediu a agulha emprestada – disse ela. – Eu fui completamente avessa à ideia a princípio, mas ele me convenceu.

– E como ele fez isso? – perguntou Alex.

– Contou-me tudo a respeito do Feitiço do Desejo e de sua viagem para outro mundo, em que se apaixonou por uma mulher, a qual estava desesperado para rever. E, como eu sou meio romântica, deixei-o me entreter com sua história – explicou ela, e o seu sorriso deu lugar àquela expressão pensativa que os gêmeos tinham visto na sala do trono. – Ele começou a descrever esse mundo para mim: um lugar cheio de máquinas, tecnologia, um lugar de construções enormes e pessoas completamente diferentes daquelas com as quais eu estou acostumada... E eu acreditei na história toda.

– Por quê? – perguntou Alex.

– Porque eu mesma havia sonhado com aquele lugar – disse Bela. – É complicado, e nem eu compreendo o sonho, mas, quando estava sob efeito daquela maldição horrorosa, sonhei com o lugar que ele descreveu. Sonhei com tantas coisas! Eu presumi que elas não passavam de fruto da minha imaginação. Nunca falei uma palavra sobre isso com quem quer que fosse; por isso soube que ele estava falando a verdade.

– E ele lhe devolveu o fuso? – perguntou Alex, desesperada pela resposta. – O feitiço funcionou para ele?

Bela Adormecida examinou a expressão dos gêmeos.

– Vocês são de lá, não são? – perguntou ela. – E estão tentando achar o caminho de casa.

Alex e Conner nem precisaram responder; a rainha sabia que sim. Enfiou a mão embaixo do travesseiro e tirou dali uma agulha de metal.

Os gêmeos ficaram nas nuvens. Ali estava! O homem devolvera o fuso! *O feitiço deve ter*

funcionado para ele!

– Tudo o que eu lhes peço é que me devolvam o fuso quando terminarem sua missão – disse Bela Adormecida, entregando o objeto a Alex. – Pois, como vocês bem podem imaginar, ele tem um grande valor sentimental para mim.

Os gêmeos não se continham de felicidade. Agora eles sabiam que voltar para casa era uma possibilidade e que não estavam presos na Terra de Histórias para sempre.

– Nós não passamos de dois estranhos – disse Alex. – Por que você está sendo tão boa conosco?

– Sei que há várias coisas que estão fora do meu controle – respondeu Bela Adormecida, e seu sorriso desvaneceu novamente. – Então, eu gosto de ajudar o quanto posso, sempre que posso.

Levantou-se e foi à varanda, com os gêmeos logo atrás. Embora o reino não estivesse na melhor das condições, a vista era espetacular. Alex e Conner enxergavam o Reino Adormecido inteiro e partes de outros reinos. O oceano brilhava a distância, e uma bela cachoeira se derramava entre as montanhas mais próximas. A visão era tão linda que os gêmeos até se esqueceram de quão no alto estavam.

– Antigamente, este reino era o mais bonito de todos – disse Bela Adormecida. – As colinas verdes e redondas, as flores do campo, os rios que passavam entre elas... Agora, não passam de lembranças do passado. Até a beleza natural da terra fora amaldiçoada pelo feitiço do sono.

– E as coisas vão melhorar algum dia? – perguntou Alex.

– Espero que sim – disse a rainha. – Posso lhes contar um segredo? Eu nunca mais dormi desde que Chase me acordou com aquele beijo.

Os gêmeos ficaram chocados.

– Credo! – exclamou Conner. – Você deve estar exausta!

– Depois de dormir por um século, ainda me sentirei descansada por um bom tempo – disse Bela Adormecida. – Além disso, prometi a mim mesma e ao reino que não descansarei enquanto não recuperar a nossa terra. Se meus pais me tivessem deixado morrer, como pretendia a maldição, nada disso teria acontecido. Então, estou preparada para passar o resto da minha vida, a vida que eles mesmos me garantiram, consertando as coisas para deixá-las como eram originalmente.

Alex e Conner tiveram pena da jovem rainha. Sempre se impressionaram tanto com a ideia de um reino inteiro adormecido por uma maldição que nunca haviam pensado na responsabilidade que teria uma monarca para recuperar o estrago de um século.

– Talvez seja por isso que o Feitiço do Desejo sempre tenha me intrigado – declarou a Rainha Bela Adormecida. – Ele prova que, se uma pessoa tem um desejo muito forte e está disposta a lutar por ele, pode conquistar grandes coisas. Eu mantenho este fuso como uma espécie de lembrança de que até mesmo as piores maldições lançadas pelas piores bruxas podem ser superadas.

– Este reino tem muita sorte de ter uma rainha como você – disse Alex. – Uma pessoa mais fraca já teria desistido.

– Tente usar o truque do elástico – acrescentou Conner. – Prometo que não vai se arrepender.

– Vou tentar – garantiu a rainha com um sorriso. – Imagino que vocês precisem ir, não é? Eu posso acreditar em vocês, mas convencer o meu marido e o conselheiro real de sua inocência não vai ser nada fácil. Sigam-me. Conheço uma saída secreta.

Os gêmeos deixaram o castelo inspirados pela rainha. O conto sempre romantizou a coragem do jovem príncipe e o horror da maldição lançada sobre a terra; no entanto, faltou mencionar quão brava e forte era a Rainha Bela Adormecida.



CAPÍTULO 15

O Reino do Norte

Alex e Conner adentraram o Reino do Norte de barco, uma novidade para ambos. Encontraram um pescador que estava prestes a subir o rio e convenceram-no a lhes dar uma carona. Alex disse que eles estavam perdidos e fingiu um choro. Foi bastante convincente. Conner, por sua vez, não foi tão persuasivo. Tentou participar da cena, mas sua atuação foi um tanto desajeitada. Por sorte, o pescador lhes permitiu subir a bordo mesmo assim.

O barco era pequeno e baixo e tinha espaço apenas para os três; deslizava perfeitamente na correnteza, de modo que eles nem sequer precisavam remar. Os gêmeos estavam gostando da viagem; eles apreciavam a paisagem, apontando para cada vilarejo que avistavam. Era bom finalmente poder viajar sem medo de ser perseguido por um lobo ou por um ogro.

O Reino do Norte era bem nebuloso e frio; os dois logo perceberam que era o tipo de lugar que se tornava congelante durante o inverno. Campos gramados e cursos d'água se espalhavam pelo território. Uma cordilheira de montanhas íngremes, cobertas de neve, contornava a fronteira a norte do reino.

O barco percorreu todo o rio até chegar ao Lago dos Cisnes, que era devidamente povoado de cisnes e outros pássaros. O palácio da Branca de Neve ficava do outro lado do lago. Era uma construção baixa, mas bastante ampla, com paredes de mármore escuro, cúpulas verdes e uma série de janelas de vitral colorido, incluindo uma especialmente grande no formato de maçã vermelha.

– Por que o tributo à maçã? – perguntou Conner. – Não foi uma maçã que quase matou Branca de Neve? Por que ela exhibe a tal da fruta em tudo que é canto?

– Suponho que seja um símbolo do reino, como a cruz para a igreja católica – foi o palpite mais instruído de Alex.

Não havia qualquer cidade ou vilarejo perto do palácio. Ele fora construído afastado de tudo e era um mundo isolado e autônomo. Parecia um lugar bastante solitário.

Alex passou algum tempo debruçada sobre o diário, relendo-o, para garantir que não havia perdido nenhum detalhe. Colocou-o de lado e começou a examinar a margem do lago, até que finalmente encontrou o que estava procurando.

– Com licença – disse Alex ao barqueiro. – O senhor poderia nos deixar naquela margem?

O pescador dirigiu o barco até o local indicado, e os gêmeos desceram, despedindo-se do homem.

– Por que descemos aqui? – perguntou Conner. – O palácio fica para aquele lado.

– Conner, já estou cansada de explicar tudo para você. *Toma* – disse ela, entregando-lhe o diário.

Ele leu as páginas que ela estudara durante a viagem.

O palácio da Branca de Neve fica diante do Lago dos Cisnes, e parte desse lago aflui ao fosso que circunda a edificação, o que é uma vantagem para qualquer um que deseje invadi-la sem ser notado.

Há um portão secreto no fundo do palácio, através do qual escoa a água do fosso. Ele fica bem ao lado da masmorra e é usado para o transporte em barco de prisioneiros. Não é difícil passar por baixo do portão a nado. Depois, basta subir nas docas do outro lado.

O caixão de vidro fica no terceiro andar, em um grande depósito, o qual costumava ser o aposento particular da Rainha Diabólica. No segundo andar, você encontrará um retrato imenso da Diabólica, logo depois da grande escadaria da entrada principal. Pois esse retrato é, na verdade, uma porta secreta que leva ao depósito.

Aja de noite; isso diminuirá a chance de alguém surpreendê-lo na água. Mas tenha cuidado, pois o Lago dos Cisnes é bastante profundo e pode se tornar agitado após o pôr do sol. Use algum objeto para boiar, como um pedaço de pau ou um galho.

Alex estava diante de um tronco que tinha sido varrido pela margem do lago e apontou para ele.

– Está vendo?

– Entendi – disse Conner.

Os gêmeos esperaram a noite cair para percorrerem o rio em direção ao palácio. Deitaram o tronco sobre a água com cuidado e, em seguida, entraram no lago. Estava insuportavelmente frio.

Conner deixou escapar um grito agudo assim que a água lhe atingiu a cintura.

– Uiii! Está tão frio que eu acho que acabamos de virar irmãs gêmeas! – disse ele, batendo os dentes. – Acho que nunca senti tanto frio na vida.

– Concentre-se no fato de que só faltam dois itens para coletarmos, e então estaremos em casa! – falou Alex, estremeando também.

– Joias do caixão da Branca de Neve e um sabre das profundezas do mar – repetiu Conner para si próprio: – Joias do caixão da Branca de Neve e um sabre das profundezas do mar... Não está dando certo, ainda estou congelando!

Agarrados ao tronco, boiaram na correnteza até chegarem ao palácio. Aquela dica do homem do diário foi mesmo muito útil, pois a água estava revolta, e os gêmeos se cansaram só com o esforço de se manterem agarrados à madeira. Muito provavelmente, teriam se afogado sem ela.

Quanto mais perto chegavam do palácio, mais soldados marchando nos pavilhões eles conseguiam enxergar.

– É soldado que não acaba mais! – disse Conner por entre os dentes tiritantes.

– É por causa da Rainha Diabólica – falou a irmã. – Duvido que houvesse tamanha vigilância na época em que o homem do diário passou por aqui.

Os gêmeos submergiam sempre que achavam que um soldado olhava para eles. Orientaram o tronco na direção do fosso com cuidado, para não causarem ondulações na água que chamassem a atenção dos guardas. Precisaram rodear o palácio duas vezes até finalmente encontrarem o tal portão secreto.

Soltaram-se do tronco e passaram por baixo do portão. Era bem mais fundo do que haviam

pensado. Conner subiu à superfície do outro lado, arfando em busca de ar. Esperou a irmã emergir, mas ela não apareceu.

– Alex? – chamou ele, procurando à sua volta. – Alex!

Conner mergulhou novamente. Encontrou-a se debatendo embaixo do portão. Uma das alças de sua mochila ficara presa nas grades. Alex não conseguia sair dali e precisava de ar desesperadamente.

Conner nadou até ela e puxou a mochila com toda sua força, mas a mochila não se soltou. Puxou com mais força ainda, e a alça finalmente se rasgou.

Ele ajudou a irmã a subir. Alex respirava com muita dificuldade. Mais alguns segundos, e ela não teria sobrevivido. Conner ainda precisou ajudá-la a chegar às docas. Estavam tão alarmados que até se esqueceram do frio.

– Obrigada... – disse Alex assim que conseguiu recuperar o fôlego. – Você foi muito corajoso.

– Eu não tinha escolha. Você estava com todos os objetos do feitiço na mochila.

Alex lhe deu um tapinha de brincadeira, e eles riram baixinho. Estavam ensopados e batiam o queixo com tanta força que o barulho dos dentes ecoava.

A única saída daquele local era uma porta de pedra. Os gêmeos espiaram o longo saguão ao qual ela levava e viram no fundo dele uma escada espiral que descia – até a masmorra, presumiram. Além daquela, havia uma segunda escada, a qual subia. Escolheram esta.

A escada levava diretamente a um segundo saguão, cujo ar rescendia a vapor. Era bastante úmido, e, assim que os gêmeos passaram por uma porta aberta, compreenderam a razão.

– Aqui é a lavanderia do palácio! – disse Alex.

O local era cheio de largos tubos de água, e havia vestimentas e lençóis pendurados por todo lado. Já passava da sua hora de funcionamento, por isso ele estava vazio.

– Tenho uma ideia – disse Alex, lançando-se ao interior da lavanderia.

– O que você está fazendo? – perguntou Conner.

Ela então começou a cavar uma pilha de roupas que Conner sinceramente esperou que fossem as limpas.

– A julgar pelo pátio, os salões internos devem estar guardados por enxames de soldados – disse ela.

– E daí?

– Seria muito suspeito se andássemos por aí ensopados de camiseta e jeans – explicou ela.

Então, puxou da pilha dois vestidos e duas toucas.

– Nem pensar! – disse Conner, entendendo o plano da irmã. – De jeito nenhum.

– Conner, engula o orgulho por um momento e coloque esse vestido. Chegamos longe demais para sermos pegos agora! – falou Alex, passando um dos vestidos pela cabeça.

– Os caras da escola jamais poderão saber disso – disse Conner com uma expressão bastante séria.

– Se os seus amigos descobrissem que você viajou ao mundo dos contos de fadas, eu duvido que esta seria a parte que mais chamaria a atenção deles.

Eles se vestiram. Estavam quase idênticos com a mesma roupa. Enrolaram as roupas molhadas e as mochilas em toalhas.

Percorreram o palácio perfeitamente disfarçados de serviçais do turno noturno que levavam toalhas para alguém. O piso do palácio era de mármore, assim como as paredes. As janelas de vitral se tornavam ainda mais bonitas com a luz da lua atravessando-as.

Alex estava certa: cada salão ou corredor era vigiado intensamente por soldados. Conner estava envergonhado demais para encará-los. Ele encontrou algumas moedas de ouro no bolso do uniforme, e isso o deixou um pouco mais feliz.

Os gêmeos encontraram a grande escadaria que ficava no meio do palácio. Subiram até o segundo andar e começaram a procurar o retrato da Rainha Diabólica. Assim como no castelo da Cinderela, havia retratos de governantes antigos emoldurados em todas as paredes, além de estátuas dos sete anões que ajudaram Branca de Neve.

– Como vamos identificar a Rainha Diabólica? – perguntou Conner. – Nunca a vimos antes.

– Teremos que adivinhar – disse Alex.

Passaram pelo retrato de uma mulher sentada no jardim. Todas as plantas e flores reluziam à sua volta, mas ela usava um vestido longo e escuro. Era bonita, porém tinha uma expressão enigmática e fria.

– É ela – apontou Alex.

Havia algo nos olhos daquela mulher que não deixava qualquer dúvida a Alex. Eram olhos lindos, mas pareciam vazios, como se toda a felicidade houvesse sido drenada da alma dela.

Alex esperou que os dois soldados saíssem do saguão e tentou empurrar o retrato. Ele não se moveu. Empurrou com mais força, e nada.

– Tem certeza de que é este? – perguntou Conner.

– Cem por cento – disse ela.

Ela o empurrou mais uma vez, e então o retrato se abriu como uma porta. Atrás dele, havia uma escada de madeira que levava ao terceiro andar.

– Essa foi boa! Toca aqui! – disse Conner, e os dois bateram as mãos espalmadas.

Os gêmeos subiram as escadas e deram com a parte de trás de outra porta secreta. Entraram na câmara de depósito por uma réplica do retrato que haviam acabado de atravessar no segundo andar. O cômodo era repleto de mobílias velhas cobertas com lençóis, além de antigos baús e arcas. O retrato que fazia as vezes de porta era a única coisa que pendia da parede; o resto estava amontoado em pilhas encostadas nas paredes.

Era um ambiente comprido. Em uma das extremidades havia uma porta dupla; na outra, um estrado elevado, cercado por uma cortina. Souberam de imediato que aquele era o lugar onde a Rainha Diabólica mantinha seus espelhos mágicos.

Também havia um balcão enorme, cheio de tubos, frascos e potes de vidros. Todos estavam vazios, mas os gêmeos não tiveram dúvida de que no passado guardavam os venenos da então rainha.

– Este quarto me dá arrepios – disse Conner. – Parece que ninguém vem aqui há anos.

– Não estou vendo o caixão de cristal em lugar algum – disse Alex.

Ela começou a descobrir os móveis na tentativa de achar o caixão.

– Ele não está aqui – falou ela, sentindo um certo pânico tomar conta de si. – Vamos procurar.

– Procurar o quê? – perguntou Conner.

– Qualquer coisa! – gritou Alex, desapontada e aborrecida. – Vamos tentar encontrar algo que indique para onde o caixão tenha sido levado.

Examinaram cada canto do depósito. Olharam dentro de todos os baús e caixas, mas não encontraram qualquer indício do paradeiro do caixão. Havia tantos anos de memórias embaladas e esquecidas naquele lugar que era impossível dizer se pertenciam à Rainha Diabólica, à Branca de Neve ou aos governantes que as antecederam.

Alex fuçava uma pilha de pergaminhos. Achou cartas escritas à mão e não pôde deixar de ler algumas. A primeira delas, com uma caligrafia masculina, dizia:

Minha querida Evly,

Amo-a mais do que um pássaro ama o sol da manhã. Cada segundo que passo longe de você é um tempo perdido. Serei para sempre seu.

Mira

A segunda era escrita por uma mulher e dizia o seguinte:

Adorável Mira,

Você é a última coisa em que penso antes de dormir e a primeira quando acordo, e preencho o tempo entre um e outro momento com a esperança de estar nos seus braços. Meu coração é todo seu e somente seu.

Evly

A correspondência entre os dois amantes continuava; a próxima carta parecia ter sido escrita às pressas.

Evly,

Ficar longe de você é o castigo mais cruel deste mundo. Não poder tocar a sua pele ou beijar os seus lábios causa-me dor na alma. Juro que irei salvá-la dessa perversidade.

Mira

Alex percebeu que havia pequenas manchas no papel: lágrimas, decerto. As cartas estavam amassadas, como se tivessem sido apertadas contra o peito.

Mira,

A ideia de vê-lo novamente é o que faz meu coração bater. A cada dia, busco uma maneira de estar com você. Vivo por você. Amo-o mais que tudo.

Evly

Eram todas curtas, porém cheias de paixão. Alex sentiu o próprio coração acelerado depois de lê-las. Vasculhou em busca de outras cartas, mas não encontrou mais nenhuma.

– Alex! – chamou Conner. – Venha dar uma olhada nisto.

Ele mexia em uma pilha de quadros apoiada na parede, e um deles fez seu coração disparar. Puxou o retrato imenso de um homem alto e grisalho com barba castanha e farta. Trajava um casaco longo e tinha nas mãos um arco.

– Este deve ser o caçador da Rainha Diabólica – sugeriu Alex.

– Aposto que sim – disse Conner. – Mas olhe mais de perto.

Alex olhou o retrato novamente e notou que, parcialmente escondida atrás do caçador, havia uma garotinha. Ela tinha grandes olhos verdes, e seus cabelos eram de um vermelho tão escuro que pareciam roxos.

– Não pode ser! – exclamou Alex.

Os gêmeos sentiram o estômago embrulhar. De fato, era a mulher que haviam visto no castelo da Chapeuzinho Vermelho. Sua feição e a cor dos cabelos eram inconfundíveis.

– Então... ela é filha do caçador? – perguntou Conner.

– Deve ser – disse Alex.

– Eu nem sabia que ele tinha uma filha. O que será que ela quer com o Feitiço do Desejo?

Alex parou para pensar. Não sabia praticamente nada a respeito do caçador, muito menos de sua filha. As engrenagens do cérebro da garota trabalhavam, fornecendo diversas possibilidades, e uma delas a assombrou.

– E se ela não estiver coletando os itens para si própria? E se os estiver coletando para a Rainha Diabólica? – perguntou Alex.

O rosto de Conner ficou completamente pálido, e ele balançou a cabeça.

– Não! O que ela iria querer com o Feitiço do Desejo?

– Faz sentido – disse Alex. – A Diabólica escapou da prisão por um motivo. Ela tem algo mal resolvido, talvez uma vingança, ou algo ainda *maior*. Algo de que não pode dar conta sozinha.

– E se ela precisar do feitiço pela mesma razão que nós? – questionou Conner. – E se ela quiser ir para o nosso mundo?

A ideia não tinha passado pela cabeça de Alex. Olhou atentamente para o retrato da Rainha Diabólica pendurado na parede, tentando encontrar alguma resposta naqueles olhos inanimados. O que ela estaria planejando?

Os gêmeos ouviram passos do lado de fora do depósito. A porta estava destrancada, e alguém começou a abri-la.

– Rápido! Vamos nos esconder! – disse Conner.

Ele e Alex entraram em um dos baús e fecharam a tampa, deixando apenas uma fresta, através da qual podiam ver o que se passava no quarto.

– Majestade – disse uma voz masculina vinda do andar de baixo, e a pessoa que abria a porta se deteve.

– Pois não? – disse uma voz feminina.

– Meus homens e eu acabamos de retornar – relatou o homem. – Procuramos em toda parte, e não há qualquer sinal de sua madrasta.

Os gêmeos reconheceram aquela voz. Era de Sir Grant, o soldado que fizera o anúncio sobre a Rainha Diabólica durante o baile no Reino Encantado.

– É mesmo? – disse a mulher.

– Perdoe-me por perguntar novamente, mas Sua Alteza foi a última pessoa a vê-la no palácio antes que ela escapasse. Tem certeza de que não há nada que possa nos dizer sobre aquela noite? Qualquer detalhe, algo que ela lhe tenha dito que nos dê uma pista sobre seu destino? – perguntou Sir Grant.

– Já lhe disse milhões de vezes, eu não me lembro de nada disso – afirmou a mulher. – Fui até lá somente para dizer a ela algumas coisas que me atormentavam e, assim que o fiz, deixei o lugar.

– Alteza, agora é só uma questão de tempo até que ela ataque novamente, envenenando um rio inteiro e matando meio reino, ou algo ainda pior – falou Grant. – Sua Alteza conhece-a melhor do que ninguém. Para sua própria segurança, peço-lhe que nos comunique imediatamente caso se lembre de algo.

– Você será o primeiro a ser informado se qualquer lembrança me vier à tona. Agora, me desculpe, mas preciso ficar sozinha.

Sir Grant retornou ao andar de baixo. A mulher girou lentamente a maçaneta da porta e a abriu. Era linda, os cabelos mais negros e a pele mais clara que os gêmeos já haviam visto.

– É a Branca de Neve! – sussurrou Alex, apertando o braço do irmão.

Vestia camisola e um penhoar combinando. Ficou parada na porta por algum tempo, contemplando o ambiente antes de entrar de vez. Parecia difícil para ela estar no quarto em que a madrasta planejara incontáveis atentados contra a sua vida.

Pela forma como inspecionou cada detalhe à sua volta, os gêmeos presumiram que ela não entrava ali há muito tempo. Branca de Neve trancou a porta atrás de si. Caminhou pelo quarto, olhando com cuidado cada objeto, assim como os gêmeos haviam feito.

Parou diante de uma pilha de livros antigos. Pegou um que tinha uma caveira estampada na capa preta. Folheou suas páginas, até que soltou um suspiro e o derrubou. De onde estavam, as crianças conseguiram ver pelo livro aberto no chão que Branca de Neve descobrira a receita da maçã envenenada.

Ela se sentou aos prantos no estrado, enterrando o rosto nas mãos. Toda aquela situação pareceu tê-la deixado abalada.

– Deveríamos perguntar a ela onde está o caixão – sussurrou Alex a Conner.

– Tem certeza? Parece que ela precisa ficar sozinha por um momento – disse ele.

– Infelizmente, nós não temos um momento – disse Alex.

Ela se levantou lentamente dentro do baú e abriu a tampa.

– Majestade? – disse suavemente.

Branca de Neve se assustou. Ficou atônita e um pouco desconcertada por perceber que não

estava sozinha.

– Quem são vocês? Como entraram aqui?

– Cara, se nós ganhássemos uma moeda cada vez que alguém nos pergunta isso, já teríamos juntado o suficiente para comprar nosso próprio palácio – disse Conner, levantando-se ao lado da irmã.

– Não viemos fazer mal algum, senhora Branca, só precisamos lhe perguntar uma coisa e depois iremos embora – falou Alex.

– Primeiro, me digam como entraram aqui – ordenou Branca de Neve.

– O retrato – disse Conner. – Tem uma escada secreta que conecta esse cômodo ao segundo andar.

– Conner, não conte todos os nossos segredos! – disse Alex.

– Eu sei disso – interrompeu Branca de Neve. – Eu usava essa passagem quando criança para me infiltrar neste quarto. Mas como vocês a descobriram?

– Lemos em algum lugar – justificou Conner, chacoalhando as mãos como se não fosse grande coisa.

– Vocês parecem ser boas crianças, mas não deveriam invadir aposentos alheios – advertiu Branca de Neve. – Vivemos tempos perigosos.

– Nem me fale – disse Conner, bufando.

– Concordamos plenamente e prometemos nunca mais fazer isso – completou Alex. – Nós só estávamos pensando... Onde estaria o seu caixão de vidro?

Branca de Neve encarou-os com estranhamento; era uma pergunta bizarra.

– Foi transferido – disse ela.

– Mas para onde? – perguntou Conner.

– Devolvi-o aos anões. Era bonito, mas, como vocês podem imaginar, era meio esquisito guardar aquele caixão no palácio. Eles o mantêm em algum lugar nas minas.

A notícia fez os irmãos suspirarem. Mais estrada à frente.

– Mas por que motivo vocês querem saber do meu caixão? – perguntou Branca de Neve.

As crianças se entreolharam, incertas sobre o que falar e o que não falar.

– Estamos no meio de uma grande caça ao tesouro – disse Alex. – E estamos correndo contra o tempo, porque, veja você, a sua madrasta está atrás dos mesmos itens que nós.

A expressão de Branca de Neve se tornou bastante séria.

– Crianças, a minha madrasta é uma mulher muito perigosa. Se ela está procurando a mesma coisa que vocês, não vai hesitar em matá-los. Ela *não tem coração*. Se vocês correm algum

risco de cruzar o caminho dela, por menor que seja, devem parar o que quer que estejam fazendo imediatamente.

Bateram na porta com força, e o estrondo interrompeu a conversa.

– Majestade, está aqui? – perguntou um soldado. – O rei não a encontrou e ficou preocupado.

– Sim, um momento, por favor – disse Branca de Neve, voltando-se novamente para os gêmeos. – Vocês precisam ir embora.

Os dois concordaram e subiram no vão do retrato.

– Prometam que vão pensar no que eu acabei de lhes falar – disse Branca.

– Claro que sim – mentiu Alex.

Branca de Neve sorriu aliviada e deixou os aposentos.

Os gêmeos acharam melhor sair do palácio pela porta principal, já que ainda estavam disfarçados de serviçais.

– As minas ficam na Floresta dos Anões, que não é tão longe daqui – disse Alex, apontando para o mapa. – Lembra? Branca de Neve chegou até lá a pé depois que o caçador falhou em matá-la.

– Nós vamos ter que *voltar* para a Floresta dos Anões? – indagou Conner. – Estamos querendo morrer?

– Não temos escolha – falou Alex.

Eles montaram acampamento em um trecho de mata seguro perto do palácio da Branca de Neve e dormiram pelo pouco tempo de noite que ainda havia. Deixaram as roupas molhadas penduradas em um galho para que secassem até o amanhecer.

Começaram o percurso de volta à Floresta dos Anões. A mochila de Alex só tinha uma das alças agora, mas ainda servia. Os dois caminharam por um bom tempo até encontrarem um motorista que lhes desse carona.

– Têm certeza de que querem entrar naquele lugar? É bastante perigoso – avisou ele.

– Acredite, nós sabemos – disse Conner.

O garoto deu ao motorista as moedas que havia encontrado no bolso do uniforme como um incentivo extra.

A carroça seguiu pela estrada, passando pelo Lago do Patinho Feio (o qual Alex achou incrivelmente divertido) e, em seguida, por uma floresta completamente desmatada. Em um raio de quilômetros, não havia nada além de tocos de árvores mortas.

– Eu realmente espero que não topemos com a Rainha Diabólica – disse Conner durante a

viagem. – Isso não seria legal.

– Pois eu espero que ela não tenha conseguido o sabre das profundezas do mar – disse Alex.

– Porque, se ela tiver conseguido, nós *seremos obrigados* a cruzar o caminho da megera.

– Será que ela sabe de nós? – indagou Conner. – Se já tiver mandado a filha do caçador atrás da agulha da Bela Adormecida e da coroa dos reis Troll e Duende, mais cedo ou mais tarde a Diabólica vai se dar conta de que tem mais alguém coletando os itens do feitiço, pois não irá encontrá-los.

– Espero que não... – disse Alex, soltando um suspiro. – Tenho a impressão de que, quanto mais ficamos aqui, mais difíceis as coisas se tornam para nós. Sempre surge um imprevisto que deixa tudo mais complicado...

De repente, Alex empalideceu, e seu queixo caiu. Parecia que ela tinha visto um fantasma.

– O que foi? – perguntou Conner. – Parece até que você tirou um B em uma prova surpresa.

Então, seguiu o olhar da irmã e viu ao longe, no meio dos tocos, uma árvore que crescia toda desordenada, fazendo círculos. Sem dúvida alguma, era a Árvore Torta, aquela sobre a qual seu pai contara.

– Você tem razão, Alex. As coisas não param de ficar mais complicadas.



CAPÍTULO 16



Pelas minas

Os gêmeos não falaram nada pelo resto da viagem à Floresta dos Anões. Não conseguiram. Havia muito o que dizer e poucas palavras para expressar o que sentiam. O motorista os deixou a um ou dois quilômetros das minas, e dali eles completaram o percurso a pé.

Nem estavam alarmados ou amedrontados com a floresta à sua volta. Tinham a cabeça tão repleta de pensamentos que não havia espaço sequer para nervosismo ou apreensão.

– As minas ficam logo depois deste morro – disse Alex, olhando o mapa.

Era uma conversa, ainda que não fosse sobre o assunto que os perturbava.

Os irmãos atingiram o topo do morro e puderam ver que, do outro lado, havia diversos túneis que levavam à lateral de uma montanha. Bem diferentes daqueles do Território dos Duendes e Trolls, esses eram perfeitamente arredondados e robustos. Dúzias de anões trabalhavam nos túneis, transportando vagões de minérios e pedras preciosas de um lado para o outro.

De repente, um sino soou alto no interior das minas, e outros tantos anões apareceram com

lanternas e enxadas nas mãos. Era o fim do dia de trabalho, e todos seguiram para casa em filas que iam para diferentes partes da floresta.

Os gêmeos esperaram na colina por alguns instantes antes de partirem às minas, para se certificarem de que nenhum anão havia ficado para trás. Entraram no maior dos túneis e viram uma fileira de lanternas penduradas na parede de terra. Cada um apanhou uma, e avançaram rumo ao interior da encosta.

As minas eram enormes. Pás alinhavam-se organizadamente nas paredes, e o chão era coberto por trilhos, os quais se estendiam por quilômetros dentro dos túneis. Os gêmeos continuaram andando, sustentando as lanternas acima da cabeça, atentos a qualquer coisa que pudesse parecer um caixão de vidro.

– Nós nunca vamos falar sobre aquele assunto? – perguntou Alex.

– Sobre as minas? – perguntou ele.

– Não. Você sabe do que eu estou falando – disse Alex.

– Eu não quero falar sobre nada que não envolva procurar um caixão – falou Conner.

– Conner, ignorar a situação não vai ajudar em nada.

– Ignorar que situação? – perguntou ele, desviando o olhar. – Vimos a Árvore Torta. É só mais uma das histórias que papai escutou por aí e nos contou quando éramos pequenos. Não precisa fazer tempestade em copo d'água.

– Não é bem assim, e você sabe disso – disse Alex, alterada.

– Alex, pare com isso.

– Pare você de negar! – disse ela.

– Alex, nem pense nisso! – falou ele.

– Você soube desde o momento em que chegamos aqui! Senti a mesma coisa – disse Alex. – Você sabe que é verdade. Pode até enganar a si mesmo, mas a mim você não engana.

– Eu não estou me enganando! É você quem está colocando coisas na sua cabeça as quais gostaria que fossem verdade! – disse Conner, tentando esconder as lágrimas que se formavam em seus olhos.

– Durante toda a vida, eu senti falta de alguma coisa! Como se em outro lugar do mundo estivesse acontecendo algo do qual eu devesse fazer parte! E agora nós encontramos esse lugar: é aqui! Parte de nós pertence a este mundo – disse ela, deixando as lágrimas jorrarem.

– VOCÊ NÃO PODE PROVAR ISSO! – bradou Conner.

– CONNER, ENCARE OS FATOS! – gritou a irmã. – O PAPAÍ VEIO DAQUI! ELE É DA TERRA DE HISTÓRIAS!

– ENTÃO POR QUE ELE NUNCA NOS CONTOU? – Conner esgoelou, e seus berros ecoaram nas minas. –

POR QUE ELE ESCONDEU ISSO DE NÓS?

Sentou-se no chão com a cabeça enterrada nas mãos.

Alex sentou-se ao lado do irmão e chorou com ele. Era muita coisa para assimilar, para digerir.

– Talvez ele não tenha conseguido nos contar – disse Alex. – Ele vivia prometendo que, quando fôssemos mais velhos, iria nos levar ao lugar onde cresceu. Ainda somos bem jovens. Talvez ele estivesse esperando para nos contar quando tivéssemos idade suficiente para entender.

– Acho que “Oi, crianças! Ah, já lhes contei que sou de outra dimensão?” é chocante independentemente da idade – disse Conner.

– É algo bastante pesado para confessar – falou Alex. – Ele devia estar esperando a hora certa. Infelizmente, a hora certa não chegou antes que fosse tarde demais.

– Então, isso quer dizer que a vovó também veio deste lugar? – perguntou Conner.

– Acho que sim – disse Alex.

– E como você acha que ele foi parar no nosso mundo? Deve ter outro jeito além do Feitiço do Desejo – falou Conner.

– É, deve ter – disse Alex. – Mas o Feitiço do Desejo é tudo o que temos por enquanto. Então, precisamos continuar procurando o caixão de vidro se quisermos ver a mamãe de novo.

Enxugaram as lágrimas e logo reiniciaram a busca.

– Você não acha que a mamãe também é daqui, acha? – perguntou Conner.

– Duvido – disse Alex. – Ela tem álbuns de infância. O papai só tinha histórias.

– E será que ela sabe?

– Tem que saber – respondeu Alex. – Como não saberia? Eles foram casados por mais de uma década.

– Então talvez ela saiba onde estamos – sugeriu Conner. – Talvez ela não esteja tão preocupada quanto achamos que está.

Eles caminharam nas minas por mais de uma hora. Eram tantos túneis que Conner pensou que estava começado a delirar. Poderia jurar que tinha visto coisas correndo nas sombras.

– Você viu isso? – perguntou, já paranoico.

– São apenas sombras – disse Alex.

– Ah... Eu poderia jurar que era... Deixa para lá.

Eles encontraram uma miniatura de mesa; era longa e tinha algumas dúzias de cadeiras em volta. Tudo indicava que aquela era a área em que os anões faziam os intervalos do trabalho.

Havia um imenso retrato da Branca de Neve pendurado na parede de terra e, abaixo dele, o caixão de vidro com rubis e diamantes encostado na parede.

– Bingo! – exclamou Conner.

Usou um palito de dente que estava jogado sobre a mesa para recolher algumas das joias do caixão e colocá-las na mochila de Alex. Dava para ver os pontos em que faltavam as outras pedras, arrancadas por outros antes deles.

– Essa foi fácil – disse Conner.

Mas, assim que se virou para a irmã, arrependeu-se de ter dito aquilo.

– Conner? – disse Alex, olhando para o irmão, que estava completamente petrificado.

À luz turva dos fâcos que emanavam de suas lanternas, os gêmeos viram meia dúzia de monstruosos lobos negros a rodeá-los. Estavam cercados pela Grande Alcateia dos Lobos Maus. Os lobos rosnaram ferozmente para os irmãos, rangendo os dentes.

– Passa! – arriscou Conner, agitando o pequeno palito de dentes.

Algumas das feras chegaram a rir.

– São esses aí? – perguntou um dos lobos.

– Sim – confirmou o outro. – Estamos seguindo o rastro do seu cheiro há dias.

– Olá, crianças – disse Malumclaw, deslocando-se na direção dos dois. – É um prazer conhecê-los, embora eu possa afirmar, pelo cheiro, que nossos caminhos já se cruzaram antes.

– Por favor, não nos machuque – implorou Alex, tremendo de medo e agarrando-se ao irmão.

– Podemos comer as pernas e os braços, pelo menos? – perguntou um dos lobos. – Acho que *ela* não vai precisar dos membros, vai?

– Ela? – indagou Alex. – Quem é *ela*?

– O nosso acordo foi levá-los a ela sem nenhum machucado – disse Malumclaw, arrependido da sua promessa e encarando os gêmeos. – Vocês vêm conosco!

– Conner – Alex sussurrou ao irmão –, o que vamos fazer agora?

– Tenho uma ideia – disse ele, colocando a lanterna no chão e aproximando-se de Malumclaw. – *Cachorro feio! Muito feio! Senta!*

Os lobos e Alex tinham exatamente a mesma expressão. O que o garoto estava fazendo?

– *Senta, eu mandei! Cachorro feio! Vai para a casinha!* – continuou Conner, apontando o dedo indicador para Malumclaw.

O que quer que o menino estivesse fazendo, não estava dando nada certo – pior, estava deixando os lobos ofendidos.

– Mudei de ideia – disse Malumclaw à alcateia. – Podem comer os membros.

– Bom, estou sem mais ideias – disse Conner, voltando-se para a irmã.

– Pois eu não – falou Alex.

Em um movimento rápido, ela chutou a lamparina que Conner deixara no chão; o objeto voou através do túnel e caiu bem em cima de um dos lobos, quebrando-se e deixando a fera parcialmente em chamas. Alguns lobos correram para ajudá-lo. Alex agarrou o braço do irmão, e os dois correram em direção às profundezas do túnel.

– Atrás deles! – ordenou Malumclaw, e a alcateia o obedeceu, disparando atrás das crianças.

Os gêmeos corriam o mais rápido que podiam. Tinham somente uma lamparina, então estavam praticamente no escuro. Podiam escutar os passos dos lobos martelando o chão e sua uivada insuportavelmente alta, que ecoava por toda parte. O túnel começou a descer, tornando quase impossível que os irmãos continuassem correndo.

– Pule ali! – disse Conner, apontando para um carrinho de mineração que estava parado sobre os trilhos.

– De jeito nenhum! – falou Alex.

Conner a levantou e a arremessou para dentro do vagão. Em seguida, pulou também, acionando a alavanca, e o carrinho começou a percorrer o túnel a toda velocidade.

No entanto, alguns lobos alcançaram o vagão e tentaram atingi-los com suas garras. As crianças se afundaram dentro do carro, porém uma das feras acertou Conner e provocou um arranhão profundo em seu braço. Alex chutou outro lobo no focinho, e ele recuou. Um terceiro errou os gêmeos por pouco, mas atingiu a alavanca, arrancando-a.

O carrinho ganhou mais velocidade, e logo eles se afastaram dos monstros.

– Estamos conseguindo! Estamos escapando! – disse Conner, segurando o braço machucado.

– Se eu fosse você, não comemoraria ainda! – disse Alex, apontando para uma placa adiante que dizia:

PERIGO!

USE A ALAVANCA DE FREIO PARA DESCER

– Isso não é nada bom! – gritou Conner, desejando que, de alguma forma, aquela alavanca

crecesse de volta.

Eles ganhavam mais velocidade à medida que o túnel ficava mais íngreme. Locomoviam-se tão depressa que mal conseguiam abrir os olhos com o ar atingindo-lhes o rosto. O trilho fez uma curva e mergulhou ainda mais nas profundezas da montanha. Os gêmeos temiam sair voando do carrinho; isto é, se o próprio veículo não saísse voando do trilho antes. Era a montanha-russa mais assustadora em que já tinham andado.

– Isso seria incrível se não fosse o medo de morrer! – esgoelou Conner.

Ele ficou tentado a levantar as mãos para o alto, mas percebeu que não era uma boa ideia.

Em questão de segundos, os gêmeos passaram do medo de serem comidos vivos por lobos ao medo de se arrebitarem numa mina de anões.

Os trilhos os guiaram a uma caverna gigante, cheia de estalactites que apontavam para estalagmites e com um imenso lago ao fundo. Para horror das crianças, elas passaram por outra placa, a qual dizia:

SEM SAÍDA

Parecia que uma avalanche de pedras havia caído sobre os trilhos muitos anos antes, e agora os gêmeos eram lançados completamente sem freio contra aquele maciço muro de rocha que crescia diante deles. Abaixaram-se dentro do carrinho, preparando-se para os sérios traumas que viriam a seguir.

O carrinho colidiu nas pedras. Foi um estrondo enorme. Algumas atingiram o carrinho e também as crianças. Alex gritou, e Conner cobriu a cabeça. Quando pensavam que estavam prestes a morrer, o carrinho começou a diminuir de velocidade, até parar.

Os gêmeos espiaram à volta, ainda dentro do vagão. Estavam em algum lugar na Floresta dos Anões, do outro lado da montanha.

– Não acredito que sobrevivemos! – disse Conner.

Estavam bastante abalados, mas saíram do carrinho sem machucados mais graves.

Não perderam um minuto sequer questionando sua sorte: correram direto para o interior da mata.

– Precisamos sair daqui! – disse Alex. – Não vai demorar para que os lobos nos encontrem de novo!

– De quem eles estavam falando? Para quem queriam nos levar? – indagou Conner.

– Tenho até medo de fal... *Aaaaaahhhh!* – gritou Alex.

Não fazia nem um minuto que estavam na floresta quando foram golpeados com violência na nuca. Caíram no chão e lentamente perderam a consciência. Pouco antes de desmaiarem completamente, ainda viram os rostos de Bobblewart, o troll, e Egghorn, o duende, olhando-os, cada um segurando um taco.



Acordaram com uma dor de cabeça aguda. Estavam amarrados por uma corda na caçamba de uma carroça bastante familiar.

– Ei, Egghorn, olha quem está acordando – disse Bobblewart.

– Os ladrõezinhos despertaram! – exclamou Egghorn.

O duende e o troll dirigiam a mesma carroça de antes, mas desta vez ela era puxada por um burro diferente; provavelmente o outro fora maltratado até morrer. A mochila de Alex estava no meio das duas criaturas. A garota e Conner ainda tentaram se desvencilhar das cordas, mas elas estavam amarradas com nós triplos em volta dos pés e das mãos.

– Onde estamos? – perguntou Conner.

Alex esticou o pescoço para tentar ver além da caçamba e reconheceu algumas árvores.

– Estamos no lugar onde nos capturaram da primeira vez! – disse. – Acho que ficamos desacordados um dia inteiro.

– Gostariam que fossem dois? – perguntou Egghorn, levantando o bastão.

– Não é possível que isto esteja acontecendo de novo – disse Conner. – Vocês não podem nos escravizar mais uma vez! Nós denunciaremos vocês às fadas!

– Ah, sim, já sabemos – disse Bobblewart.

– Elas apareceram por lá e nos passaram sermões intermináveis – completou Egghorn.

– E fecharam todos os nossos túneis. Graças a vocês dois! – esbravejou Bobblewart. – Agora temos que pegar o caminho mais longo até o nosso território!

– Então soltem-nos! – disse Conner.

– Não desta vez – replicou Egghorn. – Vocês roubaram a coroa real. De acordo com as regras da Assembleia dos Felizes para Sempre, temos o direito de levá-los de volta ao nosso território e julgá-los pelo crime.

– Vai ser um julgamento e tanto! – exclamou Bobblewart. – Todos os trolls e duendes vão comparecer!

– E já agendamos o espancamento para logo depois da audiência. Todo mundo se inscreveu!

– disse Egghorn, caindo na risada com o amigo.

Conner conseguiu manter a calma. Levantou as mãos amarradas sobre a lateral da caçamba. A ferida do braço ainda estava aberta; ele se esticou o quanto pôde e deixou caírem algumas gotas de sangue pelo caminho.

– O que você está fazendo? – perguntou Alex.

– Deixando uma trilha atrás de nós – explicou ele.

Ela não sabia bem o que pensar dessa estratégia, mas confiou no irmão. Pelo menos ele tinha um plano.

Algumas horas mais tarde, os gêmeos tinham conseguido se ajeitar e ficar sentados. O troll e o duende continuaram se divertindo com o anúncio dos horrores que estavam prestes a acontecer aos gêmeos assim que chegassem ao seu território.

Conner começou a ver sombras negras correndo por entre as árvores, como vira nas minas.

– Prepare-se – disse ele. – Eles chegaram.

Alex se preparou para o que quer que estivesse prestes a acontecer.

– Foi mais rápido do que eu imaginava – disse ela.

Da mata, ouviu-se um pequeno uivo. Egghorn e Bobblewart puxaram as rédeas do burro e mandaram-no parar. A carroça freou abruptamente.

– Escutou isso? – perguntou Egghorn.

– Escutei – disse Bobblewart.

Com o taco em punho, desceram do veículo e andaram ao redor dele.

– Ali! – disse Bobblewart. – Estou vendo alguma coisa!

O troll e o duende dispararam em direção às árvores.

– Me ajude a pegar a mochila – falou Alex ao irmão.

Os irmãos inclinaram-se e esticaram-se para a frente da carroça. Alex alcançou a mochila com os dentes, arrastando-a para a caçamba. A mochila pousou bem próximo de suas mãos, e ela conseguiu abrir o zíper e tirar dali o sapatinho de Cinderela, quase torcendo o pulso.

– O que você está fazendo? – indagou Conner.

– Uma coisa que vai me doer na alma e fazer com que eu me odeie pelo resto da vida – respondeu Alex.

Ela bateu o sapato com força contra o chão, quebrando-o em três pedaços. Usou um dos cacos para se soltar da corda e depois libertou o irmão.

– Uau! – exclamou Conner. – Eu jamais teria pensado que você fosse capaz de fazer isso.

– Dá para colar de volta, não dá? – disse Alex, tentando reencaixar os cacos como num quebra-cabeça.

– Ele ainda vai servir para o Feitiço do Desejo, não vai? – perguntou Conner.

– O feitiço não fala nada sobre a integridade do objeto – disse Alex.

Devolveram os pedaços de vidro à mochila de Alex e saltaram da carroça, disparando floresta adentro na direção oposta à que haviam tomado o troll e o duende. Poucos momentos mais tarde, escutaram gritos e uivos de arrepiar: as duas criaturas haviam sido atacadas pela Grande Alcateia dos Lobos Maus.

Aquele som horripilante fez com que os gêmeos corressem mais rápido do que pensavam ser capazes. Era uma questão de segundos até que os lobos sentissem seu cheiro e os alcançassem. Não faziam ideia da direção que tinham tomado; só sabiam que precisavam chegar a um lugar seguro o mais rápido possível.

Alex tentou olhar a floresta de relance enquanto corria. Escutou um ruído próximo. Será que estavam perto do oceano?

– Acho que estamos mais ao sul do que pensávamos! – disse Alex. – Acho que nós voltamos ao Reino das Fadas!

– Então vamos encontrar uma fada que possa transformar esses lobos em chihuahuas! – disse Conner.

Virou a cabeça para olhar para trás e avistou uma tropa de lobos deslocando-se em sua direção a toda velocidade. Um segundo depois, as feras já estavam na dianteira, correndo à sua esquerda e à sua direita, ganhando terreno e preparando o ataque.

Os gêmeos passaram no meio de uma série de árvores grossas e então pararam repentinamente. Estavam no limite de um precipício muito alto, de frente para o oceano.

– Como chegamos tão rápido ao oceano? – gritou Conner.

– Olhe! É a Baía das Sereias! Estamos em algum lugar entre o Reino das Fadas e o da Bela Adormecida.

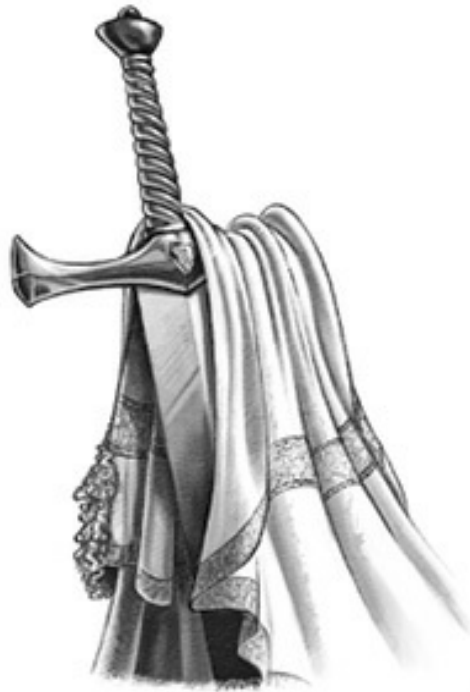
Conner olhou para trás. Os lobos estavam a poucos metros de distância.

– Não, Alex! Estamos em algum lugar entre morrer e a morte! – disse ele. – Alex, por favor, me desculpe!

– Desculpar o... *ahhhhhh!* – gritou Alex.

Conner empurrou a irmã e saltou do precipício segundos antes de ambos serem abocanhados pelos lobos. Caíram tão depressa que mal conseguiram respirar ou escutar os próprios gritos. Tudo o que escutaram foi o ar zunindo em seus ouvidos.

Afundaram no oceano. No topo do penhasco, os lobos ainda esperaram por alguns minutos para que eles ressurgissem na superfície, porém não viram mais nada. Os gêmeos tinham desaparecido.



CAPÍTULO 17

Cachinhos Dourados, procurada viva ou morta

O sol estava prestes a se pôr, e os soldados do Reino do Canto estavam no encalço de Cachinhos Dourados. Ela havia sido vista mais cedo nas redondezas do Vilarejo de Baker, de onde fugira em disparada. Um grupo de vinte homens a cavalo a seguia, determinado a capturá-la a qualquer custo. Sorte dela que tinha a égua mais ligeira de todos os reinos.

– Vamos, Mingau – disse à égua. – Você consegue, garota. Estamos quase na fronteira.

Passaram pela torre da Rapunzel e entraram na Floresta dos Anões, e os soldados continuavam perseguindo-a. Ao adentrarem a floresta, os guardas estavam quebrando o código da Assembleia dos Felizes para Sempre; no entanto, Cachinhos já perdera a conta de quantas leis desrespeitara e por isso duvidava que eles fossem sofrer qualquer retaliação.

Mingau tinha mais uma vantagem sobre os outros cavalos: conhecia a Floresta dos Anões de cor. Tanto ela quanto Cachinhos Dourados sabiam o que havia por trás de cada árvore e quais caminhos levavam aonde.

– Dividam-se e encontrem-na! – Cachinhos ouviu um dos soldados bradar atrás dela.

Ela sentiu que Mingau estava ficando cansada. Já galopavam há horas, e a égua precisava de um descanso para poder seguir viagem.

Chegaram a um celeiro abandonado que ficava parcialmente escondido por algumas árvores. Cachinhos Dourados usara esse lugar várias vezes no passado para se esconder de um ou outro perseguidor.

– Mingau, eu vou ficar por aqui e esperar essa tropa passar – disse ela à égua tão leal. – Ache você também um lugar seguro para descansar. Encontre-me aqui amanhã, ao nascer do sol.

Mingau assentiu com a cabeça e galopou para longe. Cachinhos empunhou a espada e aproximou-se do celeiro. A porta estava sem a dobradiça; parecia que alguém ou alguma coisa havia forçado a entrada.

O interior do lugar era uma bagunça assustadora. Pilhas de feno se espalhavam por todos os cantos, os estábulos haviam sido reduzidos a meros pedaços de madeira e manchas de sangue cobriam o chão e as paredes. Mas, para sorte da moça, o que quer que tivesse causado aquele estrago já não se encontrava mais lá.

Cachinhos Dourados guardou a espada. Não estava intimidada com o estado do celeiro; ela já tinha visto coisas muito piores, passado por coisas muito piores e causado coisas muito piores durante sua vida como foragida.

Despiu o longo casaco e começou a soltar as amarras das botas, preparando-se para passar a noite. Então, uma cor forte chamou-lhe a atenção. Um tecido azul brilhante destacava-se sob uma pilha de feno.

Cachinhos puxou a peça de roupa e a examinou. Era um vestido com pesponto delicado. Lembra-lhe um vestido que ela teve quando menina. Já fazia muito tempo que não usava um vestido.

Descobriu um espelho pendurado na parede. Estava ligeiramente inclinado e tinha rachaduras na parte de baixo, mas mesmo assim ela podia enxergar seu reflexo com perfeição. Não gostou do que viu. Cachinhos Dourados ainda era jovem, mas envelhecera muito desde a última vez que contemplara a própria imagem no espelho. Era agora uma mulher formada.

Despiu-se e experimentou o vestido azul. Soltou os cabelos e bagunçou-os um pouco. Bateu a poeira do rosto com um lenço e se olhou novamente no espelho. Ficou embaçada: havia se esquecido do quanto conseguia ficar bonita. Queria que João pudesse vê-la daquele jeito.

– Tanta beleza, tanto desperdício – disse uma voz.

Num piscar de olhos, Cachinhos Dourados empunhou a espada e estendeu-a à sua frente.

– Quem está aí? – inquiriu, mas não havia mais ninguém no celeiro.

– Se ao menos o mundo pudesse ver o que eu vejo neste momento: Cachinhos Dourados, uma mulher temida em todos os reinos, vulnerável no seu vestido – disse a voz.

– Não seja covarde! Mostre o rosto! – ordenou Cachinhos Dourados.

Ela voltou a olhar para o espelho, mas não viu mais o próprio reflexo. Em vez disso, outra mulher, de rosto pálido, vestindo uma longa capa escura com capuz, encarava-a.

– Olá, Cachinhos Dourados – cumprimentou a mulher do espelho.

– Você! – exclamou Cachinhos.

Havia apenas uma mulher no mundo com a habilidade de se comunicar através do espelho.

– Eu conheço você. É a rainha que todos estão procurando.

– Sim – disse a Rainha Diabólica. – Somos ambas mulheres fugitivas.

– E o que você quer de mim? – indagou Cachinhos.

– Por que você presume que eu quero algo de você? Revelei-me a você apenas para transmitir uma informação que obtive recentemente.

– Boa tentativa, mas eu não sou uma mocinha tonta que você pode enganar – disse Cachinhos, aproximando-se do espelho. – Tente me dar uma daquelas suas maçãs envenenadas, e eu a enfio na sua goela abaixo.

– Não, claro que não – disse sarcasticamente a Diabólica. – Você não passa da pobre Cachinhos Dourados, uma garota que acreditou que estava indo encontrar o namorado e desde então vem fugindo da justiça.

Cachinhos Dourados afastou-se do espelho.

– Como você sabe disso? – inquiriu ela, encarando o reflexo da mulher intensamente.

– Eu sei mais sobre você do que qualquer um – declarou a Rainha Diabólica. – Sei que, quando era jovem, você recebeu uma carta de um garoto que amava, chamado João. Ele lhe pediu que o encontrasse em uma casa afastada do vilarejo e deu-lhe instruções de como chegar lá. Você foi até a casa e esperou por horas, mas ele jamais apareceu.

– Como você sabe de tudo isso? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Você ficou sonolenta enquanto estava naquela casa, não foi? – continuou a Diabólica. – Então, decidi dormir em uma das camas, esperando que ele estivesse ao seu lado quando você acordasse. Mas você não acordou com ele, certo? Acordou e deu de cara com três ursos que quase a mataram. Escapou com vida daquela casa por muita sorte, mas os ursos deram queixa contra você por invasão de propriedade particular, e, sendo jovem e assustada, você fugiu. Fugiu e foge desde então.

“Por anos e anos, você ficou se perguntando como João pôde fazer aquilo. Como pôde

planejar aquilo? Então, finalmente, uma noite, você viajou ao Reino da Chapeuzinho Vermelho para tirar satisfações. E João lhe contou que cresceu pobre e analfabeto; que jamais poderia ter enviado aquela carta simplesmente porque não sabia escrever. Que *outra pessoa* escrevera a tal carta. Que *outra pessoa* armou para você.

“João procurava por você há anos e estava devastado desde o seu desaparecimento. Chegou a subir em um imenso pé de feijão para procurá-la. E, agora, vocês vêm se encontrando às escondidas há quase uma década.”

– Quem lhe contou isso? – questionou Cachinhos Dourados.

– Toda pessoa impetuosa tem no seu passado uma montanha de sofrimento que deseja manter escondida – disse a rainha. – Você não é diferente. Só que eu sei quem escreveu aquela carta.

Incrédula, Cachinhos Dourados balançou a cabeça. Como aquela mulher sabia aquilo que ela própria vinha tentando desvendar durante sua vida inteira?

– E quem seria? – perguntou.

– Chapeuzinho Vermelho, é claro – disse a Diabólica.

– O quê? – falou Cachinhos, quase perdendo a respiração.

– É verdade – disse a Rainha Diabólica. – A jovem rainha tem um espelho no quarto e fala dormindo. Você ficaria horrorizada com as coisas que ela confessa quando tem pesadelos.

Cachinhos Dourados precisou se sentar. Já não se sentia mais humana: sentia-se como se fosse um ser feito de puro ódio.

– Chapeuzinho Vermelho sempre amou João, e você estava no caminho – disse a Rainha Diabólica. – Ela era bem menina quando escreveu a carta. Não fazia ideia das consequências de seu ato. Pensou que você iria embora com o coração partido antes que os ursos retornassem à casa.

– Mas ela teve incontáveis oportunidades ao longo dos anos de consertar as coisas – falou Cachinhos.

Seus olhos se voltavam para o chão, mas ela estava cega de raiva. Arrancou o vestido azul e vestiu de novo as próprias roupas, a espada também.

– O que pretende fazer agora que sabe a verdade? – perguntou a Rainha Diabólica.

– Vou levá-la para viajar – disse Cachinhos Dourados. – Uma viagem só de ida.

– Só existe um lugar onde ela realmente desaparecerá para sempre... – disse a Diabólica, e seu reflexo desapareceu.

Cachinhos Dourados saiu do celeiro e irrompeu na noite, assobiando para chamar sua égua. Estava prestes a fazer exatamente o que queria a Rainha Diabólica, mas, acima de tudo, estava

prestes a conquistar a sua tão esperada vingança.



CAPÍTULO 18

A mensagem da sereia

Conner tinha certeza de que estava morto. A queda no oceano devia tê-lo matado porque, onde quer que estivesse, nunca se sentira tão relaxado. Parecia estar em um estado glorioso entre o sono e a vigília, um estado que ele conhecia muito bem. De olhos fechados, era como se estivesse deitado na superfície mais macia do mundo.

O ar era fresco e ameno. Havia um leve cheiro de maresia, mas Conner tinha certeza de que só estava imaginando isso porque a última coisa que vira em vida foi o mar. Abriu os olhos bem pouquinho e viu a irmã deitada a seu lado. Também devia estar morta, mas parecia tão serena que ele não se preocupou muito. Aliás, não conseguia se preocupar com o que quer que fosse, nem se quisesse. Sentia-se tão maravilhosamente bem que só pensava em aproveitar aquele estado.

– Isto deve ser o paraíso – pensou.

Conner abriu completamente os olhos. Sua visão estava um pouco embaçada, mas ele pôde ver objetos coloridos que se movimentavam em todas as direções. À medida que sua visão se ajustava, esses objetos ganhavam formas humanas.

– Esses devem ser os anjos – disse a si mesmo.

Enquanto se deixava cair no sono novamente, ocorreu-lhe um pensamento: a pessoa dorme depois que morre? Sente o cheiro à sua volta? Ele deveria estar vivo, afinal de contas, já que tinha essas sensações. Mas onde estava então? Arregalou os olhos o máximo que pôde, para que sua visão se ajustasse mais rápido.

Ele e a irmã estavam no fundo do mar, deitados em uma gigantesca concha de mexilhão. Encontravam-se em uma caverna submarina e conseguiam respirar porque, em volta deles, havia uma imensa bolha de ar. A caverna possuía colunas de corais, com escuras paredes rochosas atrás. Sob seus pés, um chão de areia; à sua frente, o azul infinito do oceano.

Acima da bolha, nadava um cardume de sereias. Eram lindas e coloridas. Todas eram muito brancas e tinham cabelos compridos da mesma cor vibrante que as caudas: azuis, verdes, roxos, cor-de-rosa. Elas acenaram para Conner assim que perceberam que ele havia acordado.

Conner olhou para o braço ferido e notou que um curativo de algas protegia o arranhão. Uma das sereias devia tê-lo feito.

– Alex! – ele chamou. – Alex, acorde!

Cutucou-lhe o ombro, e Alex retomou a consciência.

– Hum? – disse ela.

– Sereias! – disse Conner. – Tem sereias nadando à nossa volta!

Essa fala despertou a garota, que abriu os olhos imediatamente. Ela levou algum tempo para se dar conta de que aquilo estava realmente acontecendo.

Sentou-se na concha e perguntou ao irmão:

– Conner, por que estamos no fundo do mar?

– Não faço ideia. E olhe essa bolha à nossa volta!

Ao mostrá-la para a irmã, Conner notou que, quanto mais tempo eles passavam dentro do invólucro, menor este ficava, decerto porque estavam usando o ar da bolha.

– A última coisa que eu me lembro foi ser perseguida pelos lobos, e então você... *Seu idiota!* – disse ela, de repente se lembrando do momento em que o irmão a empurrou do penhasco.

Alex começou a estapeá-lo sem parar.

– Ei, ei, ei, pare! Ou era isso, ou seríamos atacados pelos lobos! O que você preferia? – disse Conner.

– Se nós sobrevivemos à queda, como viemos parar aqui? – indagou Alex.

– Fomos nós que os trouxemos – disse uma sereia que nadava acima deles, a qual tinha

longos e macios cabelos da cor turquesa, mesma cor das brilhosas escamas de sua nadadeira.

– A Alma da Espuma do Mar deseja falar com vocês.

– A Alma da Espuma do Mar? – perguntou Conner.

– Ela já vem vindo – disse uma sereia com cabelos e cauda cor-de-rosa.

– Acho que essas sereias não saem muito daqui – cochichou Conner no ouvido de Alex.

– Ah, lá está ela! – anunciou uma sereia roxa.

Como era de se esperar, um feixe de espuma se deslocou através da água em direção a Conner e Alex. Entrou na bolha e rodopiou, formando um turbilhão, antes de pairar diante dos dois. Lentamente, a espuma tomou a forma de uma sereia.

– Olá, crianças – disse uma voz aerada que saiu de dentro da espuma.

– Olá – respondeu Alex, inclinando a cabeça como um cachorrinho que descobre algo peculiar.

– E aí? – cumprimentou Conner, tensionando todos os músculos da testa.

– Espero que vocês estejam bem – disse a Alma da Espuma do Mar.

Ela era etérea, e sua espuma se renovava constantemente.

– Instruí as minhas sereias a tomarem conta de vocês da melhor maneira possível. Pobrezinhos, quase se afogaram quando caíram no oceano.

Alex olhou muito feio para o irmão.

– É mesmo? Você é a Alma da Espuma do Mar?

– Sim, sou – respondeu. – Mas você e seu irmão talvez me conheçam como Pequena Sereia.

A expressão de Alex se iluminou. Ela não imaginava encontrar essa figura na Terra de Histórias.

– Você é a Pequena Sereia? – perguntou, encantada.

– Caramba, o que aconteceu com você? – disparou Conner.

– Eu pensei que você tinha morrido – acrescentou Alex.

– Não exatamente – disse, por fim. – Depois que a Bruxa do Mar me transformou em ser humano, anos atrás, eu deveria me casar com o príncipe para que o feitiço continuasse fazendo efeito. Infelizmente, como todos sabem, o príncipe casou-se com outra pessoa, e meu corpo foi transformado em espuma do mar. Não tenho mais uma forma física, mas a minha alma permanece viva.

– Isso é muito estranho – comentou Conner.

– Não, isso é maravilhoso! – exclamou Alex. – Eu sempre ficava tão triste quando lia a sua história. Pouca gente sabe da história *verdadeira*; todo mundo pensa que você teve um final

feliz.

– Muitos não têm – disse a Alma. – Creio que vocês estão procurando algo que me pertenceu um dia.

– Acho que não – Conner falou.

– Espere, você fala do sabre das profundezas do mar? – perguntou Alex, ansiosa. – Você sabe o que é?

– Em primeiro lugar, como sabe que o estamos procurando? – perguntou Conner com desconfiança.

– Eu sei de várias coisas que os seres comuns não sabem – disse a Alma. – Principalmente as coisas que são ditas ou sentidas perto da água.

– O Lago dos Cisnes! – disse Alex. – Discutimos o Feitiço do Desejo e os itens que ainda precisávamos coletar enquanto atravessávamos o lago.

– Então, senhora Espuma, anteriormente conhecida como senhora Pequena Sereia – disse Conner –, o que é o sabre das profundezas do mar? Estamos tentando descobrir desde que chegamos aqui.

– Como vocês bem se lembram, troquei com a Bruxa do Mar a minha capacidade de falar por um par de pernas, para que eu pudesse me encontrar com o príncipe em terra – disse. – Depois que ele se apaixonou por outra mulher, minhas irmãs trocaram seus cabelos por uma espada, pois a Bruxa do Mar dizia que, se eu matasse o príncipe com a espada, poderia voltar ao mar como sereia. Mas eu não pude fazer isso de jeito nenhum. Por isso, transformei-me nisto que sou hoje.

– *A espada!* – exclamou Alex, num ímpeto. – O sabre das profundezas do mar é a espada que a Bruxa lhe deu! Claro! Eu estava esperando que fosse algo muito mais complicado.

– Sim – disse a Alma.

– Espere um pouco – Conner falou. – Você passou por tudo isso por causa de um *carinha*? Não tinha nenhum sereio disponível?

– Talvez seja essa a lição a ser aprendida com a minha história – disse a Alma da Espuma do Mar.

– E onde está a espada agora? – perguntou Alex.

– Não faz muito tempo, eu a dei para um homem que precisava dela pela mesma razão que vocês. Dei-lhe com uma condição: que a destruísse depois que a usasse.

– Ah, não! – disse Conner, levando as mãos à cabeça e puxando os cabelos.

– Então ela não existe mais? – perguntou Alex, prestes a chorar.

– Ela não está mais aqui, mas tampouco está destruída – disse. – O homem não cumpriu o nosso trato, com medo de que ele mesmo pudesse precisar usá-la mais uma vez.

– Então, onde ele colocou a espada? – indagou Conner.

– Está em um lugar onde as pessoas jogam as coisas que não querem ver nunca mais – falou a Alma.

– Jogou na privada e deu descarga? – perguntou ele.

– Não, Conner! Lembra do lugar de que o Mercador Viajante nos falou? – perguntou Alex. – O homem certamente jogou a espada na Cova do Espinheiro!

– Ah, perfeito! – disse Conner sarcasticamente. – Mas por que ele teve que jogar o negócio dentro de um poço amaldiçoado? Por que não jogou num buraco de tatu qualquer?

– Nunca vamos conseguir pegá-la – disse Alex. – Se chegarmos perto daquele lugar, a hera e os espinhos nos sugarão, e ficaremos presos para sempre.

– A menos que tenham isto – disse a sereia, estendendo as mãos; em cada uma havia um colar com uma concha de ouro. – Usem isto, e vocês serão capazes de recolher a espada da Cova do Espinheiro sem que as plantas amaldiçoadas lhes façam mal.

– Obrigada – disse Alex.

Os gêmeos se inclinaram para apanhar os colares, mas, antes que o fizessem, ela puxou os objetos de volta para si.

– Somente lhes darei estas joias se prometerem destruir o sabre assim que o usarem.

Os gêmeos se entreolharam e assentiram com a cabeça.

– Claro – prometeu Alex.

– Sem problemas – disse Conner.

– Muito bem – falou a Alma, desta vez entregando-lhes os colares. – Vocês precisam tomar cuidado, no entanto. As conchas são gêmeas, como vocês. Se uma delas se quebrar, a outra não resistirá. Lembrem-se disso.

– Por que você está fazendo isso por nós? – perguntou Alex.

– Por que vocês sempre perguntam isso a quem os ajuda? – indagou de volta a Alma.

A pergunta pegou Alex desprevenida.

– Porque as pessoas normalmente não ajudam umas às outras no lugar de onde viemos – explicou. – Às vezes, até o fazem, mas raramente sem alguma intenção. Pessoas boas são difíceis de encontrar.

– Não devem ser tão difíceis assim de encontrar; eu estou diante de duas agora mesmo – disse. – É por isso que decidi ajudá-los. E é por isso que lhes digo o seguinte: vocês não são

os únicos que estão atrás dos itens do Feitiço do Desejo.

– Nós sabemos – disse Conner. – A Rainha Diabólica também está.

– Foi ela que mandou os lobos atrás de nós, não foi? – perguntou Alex.

– Sim – confirmou a alma do mar. – E ela está tão determinada a encontrar o sabre quanto vocês. Por isso, devem se apressar se quiserem chegar primeiro. Infelizmente, o Feitiço do Desejo só pode ser realizado mais uma vez.

– O quê? – perguntou Conner.

Aquilo foi para ambos como um soco no estômago. De repente, tudo se tornara mais complicado.

– Você quer dizer que, se ela chegar primeiro, está tudo acabado? Fim de jogo? – indagou ele.

– Infelizmente, é isso mesmo – confirmou a Alma.

A bolha que envolvia os gêmeos já estava quase no fim; mal cobria a concha em que estavam sentados. Seu tempo no fundo do mar estava se acabando.

– Não podemos deixar que isso aconteça – disse Alex, balançando a cabeça. – Temos que chegar antes! Temos que ir embora agora mesmo!

– Minhas sereias irão levá-los até a superfície o mais rápido que puderem, mas, quando vocês chegarem lá, terão de seguir viagem sozinhos. Fiquem bem, crianças.

A Alma da Espuma do Mar desapareceu em uma agitação efervescente. As outras sereias nadaram até a bolha, e cada uma agarrou uma parte da concha em que estavam Alex e Conner. Juntas, carregaram-nos através do oceano.



CAPÍTULO 19

A Cova do Espinheiro

As sereias levaram os gêmeos a um rio ao norte do Reino Adormecido. O lugar ficava a poucos quilômetros da Cova do Espinheiro, e Alex e Conner começaram sua caminhada até o paradeiro do último item do Feitiço do Desejo.

– Como faremos para o feitiço funcionar depois que encontrarmos a espada? – perguntou Conner.

– Acho que só precisamos colocar todos os objetos juntos, e eles farão o resto – disse Alex.

– Suponho que sim – falou Conner.

A área ao redor era seca e sem vida. A estrada, acidentada, era coberta de pedras. Certamente, aquele era o trecho menos atrativo pelo qual haviam passado na Terra de Histórias.

– Não sei você, mas eu não vejo a hora de sair deste lugar – disse Conner.

– Eu também – respondeu Alex, com o coração partido. – Tenho tanta saudade da mamãe...

– E eu mal posso esperar para voltar para o ar condicionado e para a televisão – disse

Conner. – Ah, que saudade desses dois. E a *comida*! Nem me fale da comida!

– Aposto que tem uma pilha de lição de casa nos esperando – disse Alex, feliz da vida.

– Não tinha pensado nisso – falou Conner, soltando um resmungo.

Ele imaginou se teria de cumprir todas aquelas semanas de castigo. Será que ficar preso no mundo dos contos de fadas por uma ou duas semanas seria uma boa justificativa para livrá-lo da punição?

Alex concordava plenamente com o irmão. Ficara extasiada com a chance de explorar a Terra de Histórias, porém, foram tantas as experiências horripilantes que teve que encarar, que, até mesmo ela, estava ansiosa para voltar a casa. Mas agora, olhando aquela terra, por mais feia que esta fosse, a garota não conseguia parar de pensar no quanto sentiria sua falta.

– Presenciamos coisas incríveis aqui – disse Alex.

– Verdade absoluta – concordou Conner.

– E conhecemos pessoas extraordinárias.

– Também não posso negar isso – disse o irmão, balançando a cabeça.

– É uma pena que não possamos ir e vir a este lugar sempre que quisermos – disse Alex. – Você acha que não vai sentir nem um pouquinho de falta daqui?

Conner imediatamente balançou a cabeça, e seus lábios se prepararam para dizer “não”, mas ele hesitou.

– Até que tivemos alguns momentos interessantes – disse. – Definitivamente, nós sairemos daqui com lembranças que ninguém mais terá. Pense nas histórias que poderemos contar aos nossos filhos no futuro.

– É... – respondeu Alex.

Isso a fez pensar ainda mais no pai falecido. Sem que percebesse, a Terra de Histórias preencheria o vazio com o qual ela teve que conviver desde a morte dele. Descobrir que o pai tinha vindo do mundo dos contos de fadas foi a parte mais significativa da aventura toda.

– A mamãe e a vovó terão que nos explicar tanta coisa – disse Conner.

– Com certeza – concordou Alex. – Onde será que o papai morava?

– Vamos acabar descobrindo – disse o irmão, sorrindo. – Será que ele conhecia alguma das pessoas com quem estivemos? Se-rá que temos *família* por aqui?

Alex parou de repente. Seus olhos se arregalaram quase tanto quanto sua boca.

– E se tivermos algum parentesco com a dinastia Encantado ou com a dinastia de Branca de Neve? – perguntou esfuziante.

– Ou talvez sejamos um sexto descendente de um ogro, ou de um elfo, ou de alguma coisa

bem maneira! – disse Conner.

Aquele pensamento impulsionou o passo dos dois.

Finalmente, alcançaram a Cova do Espinheiro e pararam abruptamente – a paisagem era assustadora. Extremamente larga e incrivelmente funda, a cova estava cheia de plantas até a borda, algumas vivas, outras mortas. As trepadeiras e os espinheiros se moviam como cobras, milhares de cobras; a cova tinha vida e estava faminta. Na beirada, havia as ruínas de um antigo castelo: não mais do que algumas poucas paredes e uma escada de pedra que levava a lugar nenhum.

– Vamos mesmo entrar ali? – perguntou Conner.

– Vamos colocar o colar com a concha – disse Alex.

Eles penduraram a joia no pescoço e caminharam até a borda da cova.

As trepadeiras e os espinheiros rapidamente se lançaram às suas pernas, como a língua de um sapo a uma mosca, mas em seguida foram arremessadas para trás, repelidas pelas conchas mágicas.

– Parece que funcionam – disse Conner.

Começaram a descida ao interior do fosso. Usaram o espinheiro morto que havia na lateral da cova como escada, arranhando-se inteiros e pingando sangue em várias partes do corpo. As plantas que estavam vivas afastavam-se dos gêmeos quando eles passavam; elas os encaravam como serpentes prestes a dar o bote.

Alex e Conner desceram tanto quanto puderam. O chão do fosso era cheio de entulho, parecia um ferro-velho. O cheiro era insuportável, e os gêmeos tiveram que tampar o nariz.

– Caramba – disse Conner. – Isto é um lixão gigante. Você pode imaginar todos os segredos que podemos descobrir se fuçarmos este lugar?

– Lembre-se do motivo pelo qual estamos aqui – falou Alex, soltando um grito repentino.

– O que foi? – perguntou Conner.

Ela quase pisara na mão de um esqueleto.

– Quem é esse? – indagou Conner. – Ou melhor: quem foi?

– Não quero saber – disse Alex, abalada com o encontro. – Eu nunca tinha visto um esqueleto antes!

Aquele foi apenas o primeiro de dezenas. Havia esqueletos e partes de esqueletos por todos os lados. Cada um mais horripilante que o outro; alguns pareciam estar ali há muito tempo, outros nem tanto. Alex teve que respirar fundo para não ficar enjoada.

Ela e o irmão também encontraram uma quantidade incontável de facas, adagas e espadas

espalhadas na cova.

– É esta? – perguntou Conner, segurando uma peça para a irmã analisar.

– Não, essa é de madeira – respondeu ela.

– E esta?

– Não, essa é de aço. Lembre-se: a espada foi feita dentro do mar.

– Ah – disse ele. – Como *esta!*

Conner tinha nas mãos uma espada que combinava perfeitamente com a descrição da irmã. Ela possuía uma empunhadura curvada feita de corais e pedaços de concha e uma longa lâmina de vidro marinho.

– Tem que ser essa! – disse Alex. – Conner, conseguimos! Encontramos o último item do Feitiço do Desejo!

Deu no irmão um abraço apertado e um beijo na bochecha. Estavam tão incrivelmente felizes que as lágrimas tomaram conta dos olhos de ambos. Estavam a caminho de casa!

– Vamos sair deste buraco o mais rápido possível – disse Conner. – Ele me dá arrepios.

Os gêmeos voltaram ao espinheiro morto e começaram a escalada de volta. Quando se encontravam a dois terços do percurso, um dos galhos enganchou no colar de Conner e arrancou-o de seu pescoço. Como que em câmera lenta, Conner viu a concha cair em direção ao fundo da cova, estilhaçando-se.

Alex e o irmão olharam apavorados para a concha quebrada e, em seguida, se entreolharam com a mesma expressão.

– *Ops* – sussurrou Conner.

As trepadeiras e os espinheiros sibilaram de excitação. As conchas eram inúteis agora, e as plantas começaram a atacar os gêmeos.

– Precisamos sair daqui – gritou Alex, e ambos escalaram a planta morta mais rápido do que jamais haviam escalado qualquer coisa.

Estavam prestes a tocar o chão com a ponta dos dedos quando as trepadeiras os agarraram pelos pés, arrastando-os para baixo. Conner conseguiu cravar a espada na beirada da cova, e ele e Alex se seguraram ao cabo, determinados a não acabar como as outras vítimas do espinheiro, o qual os puxava.

Mais plantas se enrolavam no corpo dos gêmeos; eles estavam quase completamente cobertos. Alex não resistiu; ela soltou a empunhadura e começou a despencar cova adentro, mas Conner a agarrou bem a tempo. Ele não conseguiria aguentar ambos por muito tempo; seus dedos começaram, um a um, a se desgrudar da espada.

Conner não resistiu e se desgarrou do punhal, e ele e a irmã foram arrastados. Porém, assim que perdeu o cabo da espada, o garoto sentiu algo frio e pegajoso puxá-lo para fora do buraco. Foi uma batalha. As plantas não desistiam de arrastá-los para baixo, enquanto a outra força os puxava para cima. Alex e Conner sentiram-se como a corda em um cabo de guerra.

– Vão para o inferno, plantas miseráveis! – disse uma voz muito peculiar, que os gêmeos reconheceram de imediato. – Soltem os dois, suas moitas gigantes!

Com um último puxão, a maioria dos galhos das trepadeiras se rompeu, e Alex e Conner se salvaram. O impulso fez com que eles caíssem em cima de quem quer que os tivesse salvado.

– Froggy! – exclamou Alex, abraçando efusivamente o velho amigo.

– É você! – disse Conner.

Se o garoto teve alguma dificuldade para apertar a mão de Froggy quando se despediram da última vez, agora o abraçou como se este fosse um parente que não via há tempos.

– Olá, Conner, Alex – disse Froggy, quase sufocado por tamanha demonstração de afeto.

– Você salvou a nossa vida! – disse Alex.

– Como sabia que estávamos aqui? – perguntou Conner.

Froggy se recompôs, ajeitou a gravata e ajudou os gêmeos a se levantarem.

– Já faz dias que os estou procurando – disse ele. – Vocês percorreram chão que não acaba mais! Ainda bem que aquelas sereias cruzaram o meu caminho, ou eu nunca os teria encontrado!

– Estou tão orgulhosa! Você saiu de casa! Você encarou o mundo! – falou Alex.

– O que o fez sair daquele buraco? – perguntou Conner.

– A Fada Madrinha está procurando vocês dois – disse Froggy.

Ao ouvir isso, os gêmeos ficaram confusos e, ao mesmo tempo, surpresos.

– O quê? – perguntou Conner – Mas o que *ela* quer conosco?

– Ah, não! – exclamou Alex. – O sapatinho de cristal! Ela deve saber que eu o quebrei e deve estar furiosa!

– Sapato de cristal? – indagou Froggy, erguendo uma das sobrancelhas.

Alex olhou em volta, envergonhada.

– Bom – disse ela –, aconteceu muita coisa durante nossa busca pelos itens.

Abriu a bolsa e deixou que Froggy desse uma espiada.

– Vocês conseguiram reunir todos os objetos do Feitiço do Desejo? Já? – perguntou ele, sem saber se estava orgulhoso ou chocado com aquilo.

– Pode crer – disse Conner, arrancando a espada do chão. – E, acredite, não foi nada fácil.

– Acabamos de conseguir o último item – falou Alex. – Já podemos voltar para casa!

Froggy não tinha palavras. Aquelas duas crianças haviam realizado algo com que ele sonhava fazer há anos.

– Isso é extraordinário, meninos! – disse; porém, logo sua expressão murchou. – Mas vocês ainda não podem voltar.

– Por que não? – perguntou Alex.

– É, por que não? – repetiu Conner.

Foi Froggy quem lhes apresentou o Feitiço do Desejo; por que agora ele estava dizendo que os dois não poderiam usá-lo?

– Eu prometi à Fada Madrinha que os levaria até ela – disse Froggy. – E, em troca, ela disse que me traria de volta à forma humana. Por favor, vocês precisam permitir que eu os leve até ela.

As crianças perceberam que ele não queria ter que lhes pedir isso, mas desejava desesperadamente que concordassem.

– Froggy, você não faz ideia das coisas por que passamos para conseguir esses objetos – disse Alex.

– Queremos ir para casa – acrescentou o irmão. – Agora.

– Gostaríamos muito de te ajudar – falou Alex –, mas e se a Fada Madrinha nos tomar algum dos objetos que... Como posso dizer? *Pegamos emprestados à força?*

– Isso faria que ficássemos presos aqui por sabe-se lá quanto tempo.

Froggy pareceu estar envergonhado.

– Eu compreendo, crianças. Perdoem-me. Não esperava que vocês tivessem juntado todos os itens do Feitiço do Desejo tão rápido.

Ele tentou esconder seu desapontamento com um sorriso falso.

– Posso ajudá-los a preparar o feitiço, então?

Alex e Conner entreolharam-se sentindo-se incrivelmente culpados. Queriam realmente ir para casa, mais do que tudo no mundo, mas como poderiam negar algo ao amigo? Froggy havia feito tanto pelos dois.

– Acho que uma esticadinha de um dia não seria tão ruim – disse Conner, certo de que a irmã pensava a mesma coisa.

– Seria uma pena que a nossa jornada terminasse *aqui* – completou Alex.

– Crianças, vocês não podem ficar por minha causa – disse Froggy. – Vocês já possuem tudo

de que precisam. Não permitam que eu seja um obstáculo!

– Se não fosse por você, ainda estaríamos perdidos na Floresta dos Anões, Froggy – disse Alex.

– E se a Fada Madrinha tentar nos arrancar alguma coisa, simplesmente correremos dela como loucos – disse Conner. – Ficamos bons nisso! Você precisa nos ver em ação!

Os olhões redondos de Froggy ficaram ainda mais molhados do que o normal.

– Crianças, vocês são as almas mais preciosas que eu já tive a sorte de conhecer.

Os gêmeos lhe sorriram. Fazer aquilo pelo amigo os fez se sentirem melhores do que nunca na Terra de Histórias.

– Para onde vamos? – perguntou Alex.

De repente, um grito agudo ecoou. Os três viraram a cabeça em direção ao barulho.

– Me solte! – gritou uma mulher.

– O que está acontecendo? – indagou Alex.

Logo, os três ouviram o galopar de um cavalo se aproximando e sentiram o martelar do casco contra o chão. Vindo a distância e a toda velocidade, estava uma familiar égua cor de creme.

– É a Mingau! – exclamou Conner. – E Cachinhos Dourados!

Cachinhos e Mingau tocavam em direção à Cova do Espinheiro – *e arrastavam a Rainha Chapeuzinho Vermelho!*

Os gêmeos e Froggy ficaram paralisados ao se depararem com a cena. Aquilo não podia ser verdade.

– Vocês também viram isso, ou eu estou delirando? – perguntou Conner.

– Ordeno que me solte de uma vez por todas! – disse a exasperada Chapeuzinho Vermelho, que usava um vestido tão exagerado e cheio de camadas que nem mesmo se machucara ao ser arrastada pela égua. – Você faz ideia do que meus soldados lhe farão quando a capturarem?

– Ah, cale a boca, sua tola do capuz vermelho! – bradou Cachinhos Dourados.

Ela e Mingau pararam a poucos metros dos gêmeos e de Froggy. A dourada apeou da égua e começou a arrastar Chapeuzinho Vermelho até a beirada da Cova do Espinheiro, passando pelos três. Reconheceu vagamente os irmãos.

– Eu me lembro de vocês – disse ela.

– Oi – cumprimentou Alex.

– Precisa de ajuda? – perguntou Conner.

– Não – respondeu Cachinhos. – Só estou despejando o lixo.

– Por que estão parados aí? – vociferou Chapeuzinho. – Ajudem-me!

– Eu disse *quieta*, sua bonequinha de luxo carregadora de cesta – disse Cachinhos Dourados, continuando a arrastar a rainha até o espinheiro.

– O que está acontecendo? – perguntou Alex, seguindo-as com o irmão e Froggy, os três sem saber quem ou como ajudar.

– Esta lunática quebrou um dos portões do meu reino e enfiou essa égua dentro da minha sala do trono, me laçou e me arrastou até aqui! – protestou Chapeuzinho. – E agora vai me matar!

– Ah, mas eu vou mesmo – disse Cachinhos Dourados.

– Espere! Por que você vai matar a Chapeuzinho Vermelho? – perguntou Froggy.

– Porque ela é uma demente – interrompeu Chapeuzinho.

– Ela sabe por quê! – falou Cachinhos Dourados.

As duas chegaram à beirada da cova, e os gêmeos ficaram tensos ao pensar que estavam prestes a testemunhar um assassinato.

– Você será enforcada por isso! – ameaçou Chapeuzinho.

– Ninguém vai conseguir provar nada – disse Cachinhos Dourados. – Nunca encontrarão o seu corpo!

Cachinhos colocou a rainha, que continuava amarrada, de pé. A dourada começou a empurrá-la agressivamente em direção à cova.

– Por favor, não faça isso! – implorou Chapeuzinho. – Éramos apenas crianças.

– Já faz muitos anos que não somos mais crianças! Você teve tempo de sobra para se redimir.

– Eu também o amo! Só fiz o que achei que devia fazer! – falou Chapeuzinho Vermelho.

– Você não suportou a ideia de que eu tivesse algo que você não tinha! – gritou Cachinhos Dourados.

Ela deu o último empurrão, mas Chapeuzinho conseguiu se desviar, e Cachinhos Dourados quase caiu ela mesma na Cova do Espinheiro. Chapeuzinho se afastou o mais rápido que pôde, correndo ao redor do buraco. As trepadeiras e os espinheiros se movimentavam com avidez; eles sabiam que uma das duas estava prestes a cair.

– Venha aqui! – gritou Cachinhos Dourados.

– Fique longe de mim, sua fugitiva imprestável! – disse Chapeuzinho.

As duas completaram uma volta em torno do buraco, e Chapeuzinho correu para as ruínas do castelo. Cachinhos Dourados empunhou a espada e começou a desferir golpes na direção da

rainha, errando-a por centímetros.

– Isso é terrível! – disse Alex, cobrindo o rosto com as mãos.

Os gêmeos queriam ajudar, mas não havia nada que pudessem fazer sem entrarem na linha de tiro.

– Isso é incrível! – disse Conner. – Aposto cinco mangos que Cachinhos vai vencer!

– Nós éramos tão amigas! – disse Chapeuzinho Vermelho, desviando-se da espada.

– Você não sabe o que é amizade! – falou Cachinhos Dourados, seus golpes cada vez mais próximos da rival. – Você poderia ter limpado o meu nome no dia em que se tornou rainha daquele reino patético!

– Eu nem queria ter me tornado rainha, para começo de conversa! Só queria impressionar João! – disse Chapeuzinho. – E mantê-la como fora-da-lei era uma forma de você ficar longe dele! Não foi nada pessoal!

– Pessoal? – indagou Cachinhos Dourados, absolutamente enfurecida. – Você me forçou a fugir e cometer crimes para sobreviver só porque queria o meu namorado, e não foi nada pessoal?

Ela desferiu um golpe violento em Chapeuzinho, mas acabou acertando e derrubando uma parte da parede da ruína.

Chapeuzinho subiu a escadaria quase apodrecida; era o único lugar para o qual ainda podia fugir. Cachinhos Dourados a seguiu, encurralando-a. A única forma de Chapeuzinho escapar era pular no espinheiro.

– Se você me soltar, eu limpo o seu nome – suplicou a rainha.

– Mentirosa! – disse Cachinhos Dourados.

– E lhe dou o meu castelo! Metade dele está em obras por causa de um incêndio! Vai ficar lindo!

– Eu não quero o seu castelo! Eu quero vingança! – falou Cachinhos Dourados e empurrou Chapeuzinho.

A rainha gritou e caiu na Cova do Espinheiro. As trepadeiras a alcançaram, satisfeitas por poderem se alimentar. De repente, uma corda apareceu do nada e laçou Chapeuzinho pela cintura enquanto ela caía e era engolida pelas plantas.

– Mas o que... – começou Cachinhos Dourados.

Os irmãos e Froggy se viraram e viram uma mulher montada em um cavalo negro do lado oposto do buraco, com a outra extremidade da corda na mão.

– É a filha do caçador! – disse Conner, apontando para a moça.

Chapeuzinho gritava, pois as trepadeiras a puxavam para baixo. A filha do caçador então amarrou a corda ao cavalo e saiu em disparada com ele. Chapeuzinho foi arrancada da cova violentamente e arrastada.

– De novo não! – gritou a rainha, mais uma vez conduzida à força, agora pela caçadora.

– Filha da bruxa! – praguejou Cachinhos Dourados enquanto via a estranha lhe roubar sua chance de vingança; ela desceu as escadas e foi ao encontro de sua égua.

– Mas o que aconteceu aqui? – perguntou Conner, completamente dominado pela euforia do momento.

– Eu sei lá! – disse Alex. – Mas, depois de ver a filha do caçador, estou com um mau pressentimento.

– Quem era aquela mulher? – indagou Cachinhos Dourados.

– A filha do caçador – disse Conner. – Ela está a serviço da Rainha Diabólica.

– Da Rainha Diabólica? – perguntou Cachinhos, ainda mais irritada.

– Precisamos sair deste lugar e fugirmos para bem longe daqui – falou Alex.

– Ah, não – disse Froggy baixinho; ele exibia no rosto uma expressão de terror que os gêmeos não tinham visto até então.

Ao longe, a Grande Alcateia dos Lobos Maus galgava na direção do grupo. Os lobos rosnavam, mais irritados e rancorosos do que nunca. Era quase possível enxergar vapor saindo de suas narinas. Imediatamente, eles cercaram os gêmeos, Froggy, Cachinhos Dourados e Mingau.

Cachinhos se posicionou na frente dos gêmeos. Normalmente, ela não se preocuparia em não dar conta dos lobos, mas desta vez eles encaravam o grupo com tanto ódio que Cachinhos teve certeza de que aquele não seria um encontro fugaz.

– Depois de tudo o que nos fizeram passar, deveríamos arrancar o coração de vocês – grunhiu Malumclaw entre os dentes cerrados, dirigindo-se aos gêmeos. – E olhem só quem decidiu juntar-se a esses dois! Acho que hoje teremos Chapeuzinho Vermelho e Cachinhos Dourados!

Os demais lobos uivaram de excitação.

– Só para avisá-los, vocês perderam a Chapeuzinho por alguns minutos – disse Conner.

– Boa tentativa – falou Malumclaw.

– O que vocês querem com duas crianças e um sapo gigante? – indagou Cachinhos Durados.

– As crianças, nós levaremos para a Rainha Diabólica – disse o lobo. – Quanto ao sapo, não temos interesse... *Ataquem, rapazes!*

O rosto de Froggy ficou verde-pálido. Os lobos voaram sobre ele, batendo as mandíbulas na sua direção. Froggy se virou para os gêmeos.

– Eu vou ajudá-los, crianças – sussurrou aos irmãos petrificados.

Um dos lobos saltou na sua direção, mas Froggy deu um pulo duas vezes mais alto, e o lobo não o alcançou. Aterrissou do lado de fora do círculo que as feras haviam formado ao seu redor e saiu em disparada. Alguns lobos ainda o perseguiram, mas ele desapareceu no horizonte.

– Froggy! – gritou Alex.

Ela e Conner não podiam fazer mais do que rezar pelo amigo.

– Mingau – disse Cachinhos Dourados –, quero que você saia imediatamente daqui, entendeu? Esta é uma batalha que não conseguiremos vencer.

Em um primeiro momento, a égua hesitou em deixá-la, mas depois anuiu com a cabeça. Saiu a galope na mesma direção para a qual Froggy seguira. Um dos lobos tentou atacar a égua, mas Mingau lhe deu um coice, e o monstro aterrissou dentro da Cova do Espinheiro. Ele não parou de ganir enquanto as trepadeiras se enrolavam nele e o arrastavam para o fundo do buraco para sempre.

Os demais lobos não permitiriam que mais ninguém fugisse.

– Vamos fazer uma visitinha à rainha – rosnou Malumclaw. – Se qualquer um de vocês tentar escapar, será a última coisa que fará na vida.

Cachinhos botou a mão nos ombros dos gêmeos, que tremiam, e aproximou-os de si, sussurrando-lhes no ouvido:

– Coragem, crianças. Coragem é a única coisa que ninguém é capaz de lhes tirar.



CAPÍTULO 20

O coração de pedra

Os lobos conduziam os gêmeos e Cachinhos Dourados através daquela terra deserta e sem vida. Eles andaram por quilômetros no solo pedregoso, sem parar para nada. As feras não tiravam os olhos dos capturados; qualquer coisa, uma respiração profunda que fosse, e os lobos rosnavam em tom ameaçador.

Confiscaram a espada de Cachinhos e a mochila de Alex; os gêmeos já não podiam usar os itens do Feitiço do Desejo. Alex mirava a mochila pendurada na boca de um dos lobos; tudo de que ela e o irmão precisavam estava ali dentro. Sua chance de voltar para casa estava a apenas alguns metros de distância e, ainda assim, fora do alcance.

Os dois irmãos não saberiam dizer se estavam mais assustados ou furiosos. Há poucos minutos, tinham a certeza de que estavam a caminho de casa; agora, nem mesmo sabiam onde se encontravam, para onde seguiam, ou se iriam sobreviver àquilo que estavam prestes a enfrentar. O medo deu a eles uma estranha sensação de bravura. Estavam sendo levados como prisioneiros a uma das vilãs mais infames de todos os tempos; as coisas não podiam ficar piores.

O terreno que atravessavam era estranho até mesmo para Cachinhos Dourados, que os gêmeos achavam que já havia estado em *toda* parte de *todos* os reinos. Ela olhava ao redor com a mesma curiosidade que os irmãos. A terra parecia diferente do restante do Reino Adormecido. Essa terra não parecia ter dormido como as demais terras do reino. Essa terra parecia ter sido assassinada.

Finalmente, os três avistaram um castelo decrépito a distância. Era feito de pedra, mas parecia tão frágil que qualquer tempestade de vento seria capaz de derrubá-lo. Alex e Conner logo souberam que era para lá que os lobos os levavam, e que a Rainha Diabólica os esperava lá dentro.

A comitiva parou em frente ao castelo, e Malumclaw uivou. Uma frágil ponte levadiça se abaixou para que eles entrassem, e um alto homem de barba grisalha cumprimentou os lobos. Ele trajava várias camadas sobrepostas de peles de animal.

– Ela os espera – disse o caçador.

Os lobos guiaram o trio para dentro do castelo. Mal entraram, e os gêmeos logo quiseram sair daquele lugar. Toda aquela poeira e aquelas teias de aranha não os faziam se sentir exatamente bem recebidos.

O caçador empurrou os irmãos ao longo de um corredor; eles passaram por uma gigantesca porta dupla que rangia terrivelmente e chegaram a um imenso salão. O local estava vazio, a não ser por algumas poucas cadeiras e uma pequena mesa.

Chapeuzinho Vermelho estava amarrada a uma das cadeiras, e um lenço tampava-lhe a boca. Seus olhos estavam marejados e inchados. Ela se alegrou ao ver os gêmeos entrarem, feliz por não ser a única prisioneira, mas entrou em pânico em seguida ao se deparar com Cachinhos Dourados e os lobos.

Logo atrás de Chapeuzinho, estava a caçadora, que vigiava atentamente a inquieta rainha. No meio do salão, diante de dois espelhos, um dourado e um preto, estava uma mulher de capuz. Parecia muito calma e não se mexia.

– Sentem-nos – ordenou ela, ainda de costas para todos.

Os gêmeos sabiam sem sombra de dúvida que aquela era a Rainha Diabólica; podiam senti-lo. Jamais haviam ficado tão tensos na vida.

O caçador e a caçadora forçaram Alex, Conner e Cachinhos Dourados a se sentarem e em seguida amarraram seus troncos, suas mãos e seus pés.

– Ei! – disse Cachinhos, encarando a caçadora, que fazia nós triplos. – Nunca lhe ensinaram que é feio sequestrar o refém dos outros?

Chapeuzinho Vermelho soltou um grito agudo e resmungou alguma coisa que não deu para

entender muito bem – com certeza praguejando contra a injustiça daquela situação. Os gêmeos logo compreenderam o motivo do lenço amarrado na boca dela.

– Trouxemos os gêmeos e também um bônus, Majestade – disse Malumclaw à Diabólica, baixando a cabeça em uma reverência desdenhosa e irônica. Havia uma grande tensão entre os dois.

– Alguém escapou? – perguntou a Rainha Diabólica.

– Somente um sapo desproporcional e um cavalo – rosnou Malumclaw.

– Então não temos muito tempo – disse ela. – Coloque os itens sobre a mesa.

O caçador arrancou a mochila de Alex da boca do lobo e a dispôs sobre uma mesa que ficava perto dos gêmeos. Ali, estava a própria coleção da Rainha Diabólica de itens do Feitiço do Desejo: um cacho de cabelos loiros, um naco da cesta de Chapeuzinho e o outro sapato de cristal.

– Temos um acordo – disse Malumclaw. – Trouxemos-lhe os gêmeos. Agora me dê a Chapeuzinho!

Chapeuzinho Vermelho choramingou e falou algo como “Por que isso está acontecendo comigo?” por trás do lenço que lhe tampava a boca.

– Você a terá quando eu terminar com essas crianças – disse a Rainha Diabólica. – Agora, espere lá fora.

– Isso não estava no nosso acordo! – bramiu Malumclaw, e o bando todo rosnou.

– Eu disse lá fora! – ordenou a Diabólica com uma voz tão poderosamente esmagadora que os gêmeos sentiram seus olhos se encherem de lágrimas só de ouvirem-na. – Você terá Chapeuzinho Vermelho, Cachinhos Dourados e as crianças, mas somente quando eu estiver satisfeita.

Os lobos ficaram enfurecidos, mas deixaram o salão e esperaram do lado de fora do castelo.

– Esvazie a mochila – exigiu a Rainha Diabólica.

E assim fez o caçador. Retirou dela todos os itens que os gêmeos haviam recolhido e colocou-os sobre a mesa: o cacho de cabelo, o sapato de cristal, a lasca da cesta, a coroa de pedra, o frasco com as lágrimas de fada, o fuso, as joias e o sabre.

– Ei, nós precisamos deles! – disse Conner, lutando contra as cordas. – Por que você precisa do Feitiço do Desejo, afinal? Você não tem poderes ou coisa parecida?

– Os únicos poderes que eu possuo são os poderes da intimidação – disse a Rainha Diabólica, tirando os olhos dos espelhos para encarar os gêmeos.

Ela não era o monstro horrendo que os irmãos esperavam. Ainda guardava muitas

semelhanças com a mulher do retrato pendurado no castelo da Branca de Neve, mas apresentava os sinais do tempo e do cansaço. Seu rosto era comum, mas poderia ter sido belo caso as circunstâncias e o tempo houvessem permitido. Seus olhos eram escuros e inexpressivos; ela parecia vazia e fria até a alma.

A Rainha Diabólica caminhou até a mesa e observou os itens do Feitiço do Desejo. Recolheu o frasco com as lágrimas da fada e examinou-o.

– Assim que esta lágrima tocar a superfície da mesa, o Feitiço do Desejo será meu – disse ela.

Ver a Rainha Diabólica diante de todos aqueles objetos que ele e a irmã lutaram tanto para conseguir fez inflamar dentro de Conner uma fúria incontável. Ele queria ir para casa e não iria deixar que ela os impedisse. Se eles não poderiam usar o Feitiço do Desejo, então *ela também não usaria*.

Conner lutou contra as amarras com todo seu ímpeto. Foi doloroso, mas ele conseguiu soltar um dos pés. Deu o chute mais forte e mais alto que pôde e acertou o frasco, arremessando-o das mãos da Rainha Diabólica.

O objeto voou pelos ares, e os olhos da Diabólica acompanharam sua trajetória no ar.

– Peguem-no! – ordenou ela.

O caçador correu o mais rápido que lhe foi possível, lançando-se com os braços estendidos, mas o frasco atingiu o chão poeirento a poucos centímetros de seus dedos, espatifando-se. As lágrimas de fada escorreram pela pedra até desaparecerem.

A Rainha Diabólica olhou para Conner. Sua expressão quase não se alterara, mas ele percebeu que ela estava tomada pela ira.

– Garoto imbecil! – vociferou.

Em seguida, atingiu o rosto de Conner violentamente com o dorso da mão. O corpo inteiro dele estremeceu.

– Conner! – gritou Alex.

– Estou bem – disse Conner, levantando a cabeça para encarar a Rainha Diabólica; seu rosto começou a inchar.

– Quanto tempo levará para recolher novas lágrimas de fada? – perguntou a Diabólica.

– Dias, Alteza – disse o caçador, levantando-se. – A fada que capturamos não fazia outra coisa senão gritar quando tentávamos colher suas lágrimas; não produziu uma gota. Se minha filha sair agora, conseguirá voltar daqui a dois dias, antes do nascer do sol.

– Não temos esse tempo – disse suavemente a Rainha Diabólica para si mesma.

Ela se virou imediatamente para encarar os espelhos.

– Espelho, espelho meu, quanto tempo ainda temos antes que nos encontrem?

O reflexo do espelho preto ficou turvo, e gotas de condensação começaram a escorrer pelo vidro.

– Conner, olhe! É o Espelho Mágico – disse Alex.

A silhueta escura de um homem surgiu. Ele tinha a voz rouca e grave, que enchia todo o salão.

Este castelo ofereceu abrigo à minha rainha por tempo bastante, mas um exército para o castelo caminha, guiado por um sapo falante.

A passos rápidos, prontos para o ataque, eles marcham em nossa direção, com um cavalo e um homem chamado João.

– João? – disse Cachinhos Dourados.

– João! – Chapeuzinho conseguiu falar por trás do pano.

– Há soldados a caminho! – cochichou Alex ao irmão. – Froggy está vivo! Ele conseguiu ajuda!

– Provavelmente são os meus soldados. Eles virão para me resgatar e trucidar todos vocês – balbuciou Chapeuzinho Vermelho, virando-se para Cachinhos Dourados. – Principalmente você!

A Rainha Diabólica passou os olhos do Espelho Mágico para o Espelho da Verdade e viu Alex através do reflexo. Completamente hipnotizada, ela observou a imagem da garota; foi o olhar mais expressivo que os gêmeos viram-na exprimir.

– O que fazemos, Majestade? – perguntou o caçador.

A Diabólica o ignorou; ela não tirava os olhos de Alex.

– Por que ela está olhando para você desse jeito? – perguntou Conner.

– Eu não sei! – disse Alex, com o queixo trêmulo.

Todos sabiam que a Rainha Diabólica nunca gostou de jovens garotas, e agora Alex temia ser a próxima vítima a quem ela ofereceria uma maçã envenenada.

– Alteza, quais são suas ordens? – insistiu o caçador. – Se os soldados estão a caminho, devemos partir!

– Não – disse a Diabólica. – Eu terei terminado antes que eles cheguem. Agora, desejo ficar sozinha com essas crianças. Levem as duas para a masmorra.

O caçador ainda hesitou, mas ele e a caçadora desamarraram parcialmente Cachinhos Dourados e Chapeuzinho Vermelho e as empurraram através da porta.

– Cuidado aí, vovozinho! – disse Cachinhos.

– Vamos ficar em celas separadas? – resmungou Chapeuzinho. – Vocês não podem me colocar na mesma cela que ela! Eu prefiro ser jogada aos lobos!

A porta bateu atrás dos quatro, deixando os gêmeos a sós com a Rainha Diabólica.

– Alex – sussurrou Conner à irmã –, não quero parecer muito meloso, mas, não importa o que aconteça, eu te amo. Você é a melhor irmã que alguém poderia ter, e esses últimos dias foram os mais extraordinários da minha vida.

– Não faça isso, Conner – disse Alex, contendo as lágrimas com toda a força. – Você está se despedindo! Não se despeça! Nós vamos ficar bem! Os soldados estão chegando. Eles vão nos salvar... – falou, sem saber se estava convencendo Conner ou a si mesma.

– Infelizmente, ninguém pode salvá-los agora – disse a Rainha Diabólica.

– Então você vai nos matar, é isso? – perguntou Alex.

A Diabólica permaneceu em silêncio. Não mexeu um músculo sequer.

– Por que está fazendo isso conosco? – perguntou Conner. – Por que você é tão... *diabólica*?

– Ah – disse a rainha. – A velha pergunta: “o que faz de uma pessoa aquilo que ela é?” Deixem-me perguntar uma coisa a vocês, crianças: o que faz de vocês pessoas *não* malvadas?

Os gêmeos não compreenderam a pergunta. Estavam certos de aquela era uma tentativa da Diabólica de exauri-los mentalmente, mas mesmo assim lhe responderam com orgulho e honestidade.

– Fomos bem criados – disse Alex. – Tivemos pais maravilhosos que nos ensinaram a ser boas pessoas e a acreditar que coisas boas acontecem àqueles que têm bom coração.

– Então, vocês foram influenciados pelo ambiente a se tornarem boas pessoas? Que gracinha – disse a Rainha Diabólica. – Vocês disseram que *tiveram* pais maravilhosos? Aconteceu algo com eles?

Os gêmeos ficaram enojados ao ouvirem-na perguntar sobre algo que lhes era tão precioso.

– Nosso pai morreu – disse Conner. – Não que seja da sua conta!

– E ele era uma pessoa *boa*? Tinha um *bom* coração? – provocou a Diabólica.

– Ele era a *melhor* pessoa do mundo – falou Conner.

– Entendo – disse ela. – Então, ele estava errado, não estava? Uma pessoa boa não deveria passar por uma tragédia, não é mesmo? Ele lhes ensinou uma mentira.

– Aonde você quer chegar, dona? – questionou Conner.

– Eu já tive pais. Eles me ensinaram uma mentira parecida.

Os gêmeos entreolharam-se, e a rainha notou a surpresa em seus olhos.

– Chocante, não é? Saber que alguém como eu já teve pais, uma vida, um *amor*... – disse ela, perdendo-se nas memórias.

– Então, se você teve pais decentes, quem a estragou? – perguntou Conner. – Ou você já nasceu estragada?

A Rainha Diabólica baixou a cabeça e olhou para o chão.

– Assim como vocês, eu me tornei o que sou hoje porque fui influenciada pelo ambiente.

Virou as costas para os gêmeos e voltou a encarar os espelhos.

– Vou lhes contar uma história, crianças. Uma história que foi pouco contada até hoje.

– Eu duvido que haja uma história que eu não conheça – disse Alex.

– Esta você não conhece – disse a rainha. – Esta é só minha.

Alex e Conner se olharam, nervosos. Será que queriam ouvir aquilo?

– Era uma vez uma feiticeira – começou a Rainha Diabólica. – Ela era diferente de todas as fadas e bruxas que já existiram; era inconstante, vivia em busca de seus desejos e suas vontades, sem pensar naquilo que seus atos causavam. Concedia a si própria todo e qualquer desejo que tinha e não se importava se feria alguém com suas ações.

“Muitos anos antes de eu nascer, a feiticeira decidiu que queria o *mundo* e então perseguiu-o por toda parte. Não havia muitos reinos para conquistar naquele tempo, principalmente depois que ela própria jogou a maldição do sono sobre o reino de Bela Adormecida.

“Em uma noite de inverno, já de madrugada, dois aldeões ouviram batidas à sua porta e, ao abrirem-na, se depararam com uma jovem que tremia de frio. Ela estava grávida e cansada de tanto correr; acabara de escapar de alguém ou de algo. Os moradores não puderam lhe fazer muitas perguntas, porque ela logo começou a dar à luz ali mesmo, na soleira da porta. A donzela faleceu durante o parto. Apesar de todo o mistério que envolvia aquela noite, os aldeões adotaram a criança. Era uma garotinha, que batizaram como Evly.”

– Evly? – perguntou Alex, arregalando os olhos; mas a Rainha Diabólica a ignorou e continuou a história.

– Evly cresceu e se transformou em uma linda jovem. Era bastante bondosa e espirituosa, e todos do vilarejo a adoravam, especialmente um jovem da sua idade, chamado Mira. Ele era um poeta e recitava versos para ela todos os dias às margens do lago próximo ao vilarejo. Evly tentava impressioná-lo com seus próprios poemas, embora eles nunca fossem tão bons quanto os de Mira. Ela lhe dizia todos os dias: “Mira, Mira, às margens do lago, quero cobrir-te de afago”. Eles riam juntos e se abraçavam até o sol se pôr.

“Os dois apaixonaram-se perdidamente um pelo outro e, por fim, ficaram noivos. Na noite do casamento, no entanto, a feiticeira apareceu para Evly, alegando-lhe que tanto ela quanto sua mãe biológica lhe pertenciam. A feiticeira então matou os pais adotivos de Evly e a levou em direção ao nordeste, precisamente para este castelo em que estamos.

“Evly tornou-se mais um entre os vários escravos da feiticeira. Esta tinha planos grandiosos para sua nova aquisição: Evly seria preparada para se casar com o Príncipe de Neve, o futuro Rei do Reino do Norte. Assim, a feiticeira controlaria o reino através da moça. Mas Evly resistiu, é claro. Seu coração pertencia a outro homem.

“Mira procurou por Evly anos a fio e finalmente a encontrou. Eles escreveram cartas um ao outro, as quais trocavam por entre as grades da cela de Evly. A feiticeira descobriu as cartas. Mas ela era esperta: sabia que, se matasse Mira, Evly ficaria inconsolável e já não lhe seria útil. Em vez disso, aprisionou Mira em um espelho mágico pela eternidade. Isso partiu o coração de Evly.”

– *Você é Evly!* – exclamou Alex.

– E o homem dentro do Espelho Mágico é o seu noivo? – perguntou Conner.

– Sim – disse a Rainha. – Tornei-me Evly, a Rainha Diabólica do Reino do Norte. Soa bem, não? As pessoas tendem a ser bastante criativas quando sentenciam as outras.

– Então foi assim que você se tornou rainha – disse Alex.

– Não exatamente – respondeu a Diabólica, mirando a menina. – A partir do momento em que Mira foi preso no espelho, eu me recusei a prosseguir com o plano da feiticeira. Fingi fazer tudo o que ela queria apenas para ganhar a sua confiança e me tornar sua protegida. Ela tinha um quarto cheio de poções neste castelo. Todos os dias, eu passava horas naquele cômodo, imersa nas substâncias, aprendendo tudo sobre elas.

“Criei uma poção tão forte e tão mortal que todas as árvores e flores em um raio de quilômetros foram ao chão depois que derramei três gotas dela do lado de fora da janela da minha cela. Eu tinha certeza de que aquilo daria um fim à feiticeira, e de fato deu. O veneno a enfraqueceu, transformou-a em um ser humano doente, nada mais. Ela fugiu do castelo e morreu em algum lugar da floresta, sem poder se salvar com magia alguma.

“Então, libertei os escravos do castelo, entre eles o homem que mais tarde se tornou o meu caçador. A única pessoa que não pude libertar foi Mira. Ele estava preso no espelho, e não havia meios de tirá-lo de lá.

“Viajei por todos os reinos durante anos pedindo a ajuda de cada fada que encontrava, mas nenhuma era capaz de libertar o homem do espelho; a maldição era forte demais. Ver o homem que eu amava através de uma camada de vidro, sem poder tocá-lo ou beijá-lo, era insuportável. Eu estava mais do que desiludida. A dor era tamanha que eu mal podia respirar.

Tinha certeza de que meu coração pararia de bater se eu não fizesse algo.

“No mais profundo da Floresta dos Anões, encontrei uma velha bruxa chamada Hagatha e lhe implorei que me ajudasse. Como os outros, ela não pôde fazer nada quanto ao espelho. No entanto, conseguiu curar a minha desilusão amorosa. Arrancou-me do peito o coração e transformou-o em pedra.”

– Nojento! – disse Conner.

A rainha caminhou até um banquinho que ficava ao lado dos espelhos. Sobre ele, havia uma pedra cujo formato lembrava um coração humano. Alex engasgou quando se deu conta do que era aquilo.

– Somente quando toco esta pedra sinto desilusão, dor, emoção – disse a rainha.

Ela apanhou a pedra e segurou-a com firmeza. No Espelho da Verdade, sua imagem mudou completamente, passando a refletir a linda jovem que um dia fora.

A Rainha Diabólica devolveu a pedra à banquetta, e o reflexo voltou a mostrar a mulher fria e encapuzada que era hoje.

– Então você é mesmo *sem coração* – disse Alex.

– Por que você se tornou rainha? – perguntou Conner.

– Achei que ser rainha e ter o poder real poderia me dar a autoridade de que eu precisava para achar um jeito de libertar Mira – falou a Diabólica. – O Príncipe de Neve tornou-se rei e havia se casado recentemente. Logo foi anunciado que sua esposa esperava o primeiro filho. Eu decidi atacar antes que o herdeiro nascesse.

“Usei uma poção do amor sobre o rei, e ele se apaixonou perdidamente por mim. Isso foi fácil. Livrar-me da esposa grávida foi a parte difícil. Eu envenenei suas agulhas de tricô e esperei que ela se espetasse. Numa noite fria, quando fazia um cobertor para a futura criança, sua bolsa se rompeu, e, com o susto, ela se furiou. A rainha morreu, mas suas damas de companhia conseguiram salvar o bebê. Assim nasceu Branca de Neve.

“Alguns meses depois, eu já estava casada com o rei. Passaram--se poucos meses até que ele também estivesse morto, e assim eu pude continuar a minha empreitada para libertar Mira. Infelizmente, a longa prisão dentro de um espelho começou a afetá-lo. Sua mente, sua memória e seu semblante começaram a desaparecer. Ele passou a falar em versos, como nos poemas que me escrevia quando era jovem. Mira era capaz de ver coisas que estavam acontecendo a quilômetros de distância, mas não conseguia se lembrar do próprio nome. Deixou de ser um homem; passou a ser um reflexo. Se o meu coração não fosse de pedra, eu certamente teria morrido ao ver o homem que amei se esquecer de mim lentamente.

“Eu estava envelhecendo, e Mira tinha dificuldades para me reconhecer. Assim, ordenei que

cada esteticista do reino fosse ao meu palácio e experimentei durante anos todas as fórmulas existentes para preservar o esplendor que ainda existia em mim. A notícia de minhas ações se espalharam, e o reino passou a me criticar, dizendo que eu era vã e obcecada com a beleza.

“Eu envelhecia, e assim também Branca de Neve. Ela se tornava mais bela a cada dia. Por muito tempo tentou encontrar em mim o amor maternal, mas eu não o tinha dentro de mim. Branca de Neve costumava invadir os meus aposentos para me espiar enquanto eu passava pelos tratamentos de beleza por horas a fio.

“Um dia, ela entrou no meu quarto quando eu não estava e descobriu Mira no espelho. Ela se parecia muito comigo quando eu era jovem, e Mira a confundiu comigo. Por meses e meses, ele não parou de falar dela. ‘Minha rainha é linda de morrer, mas Branca de Neve é mais bela de se ver’, dizia ele. Ele tinha agora outro nome e outro rosto aos quais oferecer todo o amor que sentira por mim.

“Eu a queria morta. Ordenei ao caçador que a levasse à floresta e a matasse ali mesmo. Ela escapou, mas eu tentei de novo, e de novo. Queria fazer aquilo com as minhas próprias mãos. Estava convencida de que Mira voltaria para mim se ela morresse, mas já era tarde demais. Eu o perderei. Ele se desvaneceu até se transformar no que é hoje.

“Passei a vida inteira tentando recuperar algo que me foi roubado anos atrás. E, no entanto, nunca serei considerada um mártir por isso. Serei para sempre conhecida como a rainha fútil que tentou matar a pobre, inocente e desamparada princesa Branca de Neve. E nada mais.

“Mas quem não iria até o fim do mundo para reencontrar a pessoa a quem se ama mais do que a própria vida? Quem não arrancaria o próprio coração para aliviar tamanha dor?”

Alex não continha as lágrimas, que lhe escorriam pelo rosto. Depois da perda do pai, foram tantas as vezes que ela sentiu um desejo enorme de fazer sua dor desaparecer! Teria transformado o próprio coração em pedra se tivesse tido a chance. Podia ver a si mesma no lugar da Rainha Diabólica, e aquilo era perturbador.

– Eu já fiz diversas coisas terríveis na vida, mas muitas coisas terríveis foram feitas a mim também – disse a rainha. – Portanto, até onde eu sei, o mundo e eu estamos empatados.

– Mas não foi você! – interrompeu Alex. – Você não estava pensando direito. Se tivesse o seu coração, você não teria feito aquelas coisas horríveis para as pessoas. Você ainda é Evly!

– As pessoas iriam julgá-la de outro modo se soubessem da história toda – argumentou Conner.

– O mundo sempre preferirá conveniência à realidade – disse a Diabólica. – É muito mais fácil odiar, culpar e temer do que compreender. Ninguém quer a verdade. Todos querem o entretenimento.

A Rainha Diabólica se virou para os gêmeos e viu as lágrimas que corriam pelo rosto de Alex. Aproximou-se dela e deixou que uma gota rolasse no seu dedo. Examinou aquela lágrima como examinara a lágrima de fada no frasco.

– Uma história sentimental causa sempre a mesma reação em garotas como você – disse a Rainha Diabólica.

Jogou a lágrima de Alex sobre a mesa em que estavam os itens do Feitiço do Desejo. De repente, todos eles passaram a brilhar, e uma luz dourada começou a girar acima de suas cabeças. A Rainha Diabólica havia ativado o Feitiço do Desejo.



CAPÍTULO 21

O espelho

– O quê? – disse Alex, a cabeça ainda latejando com tanta confusão. – Não faz sentido. O feitiço precisava de uma lágrima de *fada*!

– Não podemos deixar que isso aconteça! – gritou Conner. – Temos que impedi-la! Ela não pode usar o Feitiço do Desejo!

Os gêmeos lutaram e espernearam contra as cordas, mas não havia nada que pudessem fazer; era tarde demais. A luz que ascendera do feitiço começou a girar em torno da cabeça da Rainha Diabólica.

– Não! – gritou Conner.

– Por favor, não! – suplicou Alex.

A Diabólica respirou fundo.

– Feitiço do Desejo, eu desejo libertar o homem do espelho – disse ela.

A luz disparou contra o espelho como um raio. Ele foi consumido pela luminosidade, até que finalmente se apagou. O vidro começou a derreter como gelo sob o sol quente. O espelho

parecia uma porta que acessava um quarto escuro.

Os gêmeos esperaram ansiosamente. A Rainha Diabólica caminhou até o objeto, mantendo-se a uma distância segura, mas nada aconteceu. Chegou mais perto, tão perto que os irmãos acharam que ela iria entrar nele.

– Mira? – ela chamou.

De repente, um homem saiu do espelho e caiu no chão. Seus olhos estavam fechados, e ele respirava com dificuldade. Estava pálido e parecia paralisado. Era como se tivesse acabado de acordar do coma.

O homem era a pessoa mais inexpressiva que as crianças já haviam visto. Não tinha qualquer característica distintiva. Passara tanto tempo refletindo os outros que se perdera completamente.

– Onde estou? – perguntou entre golfadas de ar.

De tão fraco, não conseguia abrir os dois olhos ao mesmo tempo; abria um de cada vez.

A Rainha Diabólica recolheu o coração de pedra, e os gêmeos puderam ver a transformação em seu rosto conforme seu corpo se unia à sua alma... Ela era uma pessoa diferente. Ela *era* uma pessoa.

– Mira, sou eu. Evly. Você está livre! – disse a Rainha Diabólica.

Sua voz soava diferente quando ela segurava a pedra. Falava suavemente, com amor e afeição. No rosto, escorriam-lhe lágrimas fartas.

Os gêmeos viram o reflexo da Diabólica e do homem no Espelho da Verdade. A imagem não refletia o homem inexpressivo e a mulher encapuzada que se encontravam de fato no salão, mas dois jovens: a linda garota que a Rainha Diabólica fora um dia e o belo jovem que provavelmente fora Mira antes de ser preso no espelho.

Evly aconchegou Mira nos braços e o ninou lentamente.

– Você está livre, Mira... Você está livre – repetiu docemente. – Eu o libertei, assim como lhe prometi. Me desculpe por ter demorado tanto.

Ele abriu os dois olhos e a encarou. Ela havia libertado apenas o pouco dele que restara. A maior parte do homem se desvanecera há muito tempo.

– Evly – disse ele, sorrindo por reconhecer aquele nome.

Porém, seu sorriso durou somente alguns instantes: seus olhos voltaram a se fechar, e ele finalmente parou de respirar.

– Mira? – disse a rainha. – Mira!

O homem não se movia. Não tinha mais vida. Seu reflexo desapareceu por completo no

espelho dourado.

– Não! – gritou a rainha. – Não! – Suas lágrimas escorriam muito mais abundantemente. – Volte! Por favor, volte!

Alex e Conner se emocionaram com aquela cena. A Rainha Diabólica envolveu o corpo do homem do espelho em um abraço forte. Soluçou sobre ele, ainda segurando nas mãos o coração de pedra. Trabalhara a vida inteira por aquilo, mas era tarde demais.



Os lobos já estavam ficando impacientes do lado de fora do castelo. Muitos andavam de um lado para o outro da ponte levadiça. Outros se esparramavam no chão do corredor de entrada, e um deles usava a espada de Cachinhos Dourados para afiar os dentes. Já haviam esperado tempo demais pela Rainha Diabólica. Rosnavam e grunhiam impacientes.

De repente, os olhos de Malumclaw fitaram o horizonte. O solo vibrava como se algo muito grande viesse na sua direção.

– O que é isso? – perguntou.

Uma cavalaria martelava o chão a toda velocidade. Os soldados vestiam uma armadura prateada com detalhes em verde e vinham do Reino do Norte. Eram conduzidos por Froggy e Sir Grant, que compartilhavam o mesmo cavalo. Ao lado, João montava em Mingau.

Todos os lobos se levantaram de sobressalto.

– Certo, rapazes! Nosso tempo de espera pela rainha acabou – disse Malumclaw. – Vamos entrar, capturar Chapeuzinho Vermelho e dar o fora daqui!

Todos uivaram obedientes e chisparam para dentro do castelo. Um dos lobos ainda puxou uma alavanca com a boca e levantou a ponte.

Os soldados chegaram à beirada do fosso.

– A Rainha Diabólica está lá! – afirmou Froggy a Sir Grant. – Os lobos trabalham para ela! Eles capturaram os meus amigos!

– Rainha Diabólica! – anunciou Sir Grant com sua voz expansiva. – Aqui fala Sir Grant da Guarda Real da Sua Majestade a Rainha Branca de Neve. Você tem trinta segundos para se render, ou abriremos fogo contra o castelo!

Os soldados formaram uma fileira de canhões. João apeou do cavalo e encontrou a espada de Cachinhos Dourados no chão. *Ela estava lá dentro!*

– Preparem os canhões! – ordenou Sir Grant, e seus soldados viraram os canos para o

castelo. – *Fogo!*

Uma bala de canhão atingiu a ponte levadiça, despedaçando-a por inteiro. O castelo inteiro estremeceu com o impacto.

– Preparem-se para um novo ataque! – clamou Sir Grant.

– Cessar fogo! – gritou João. – Há pessoas inocentes no castelo! Não podemos atacar até que as resgatemos de lá! Tenho razões para crer que a Rainha Chapeuzinho Vermelho está lá dentro.

Grant pareceu temeroso; ele não poderia deixar que uma rainha inocente morresse por suas mãos.

– Você tem dez minutos, e então abriremos fogo novamente – disse Grant a João. – Entre e salve todas as pessoas que puder.

João assentiu sem hesitar. Se a mulher que amava estava em perigo, nada o impediria de salvá-la.

– Vou com você – declarou Froggy, assustado com a própria e recente valentia. – Pode ser que você precise de ajuda.

João e Froggy montaram juntos em Mingau. A égua deu alguns passos para trás e então disparou em direção ao castelo, saltando sobre o fosso e sobre a abertura onde antes ficava a ponte.

A masmorra era pequena, mas tinha várias pequenas celas. Cachinhos Dourados e Chapeuzinho Vermelho haviam sido libertadas das cordas, e cada uma foi colocada em um cárcere – para que Cachinhos não matasse a rainha antes que esta fosse entregue aos lobos. O caçador e a caçadora vigiavam-nas como falcões.

– Eu só não compreendo por que o meu exército ainda não me resgatou! Não deveria ser essa a prioridade do reino? – resmungou Chapeuzinho. – Se fosse Cinderela, nada desta porcaria estaria acontecendo!

– Eu superei o seu exército porque ele, assim como a maioria das coisas que acontecem no seu reino e na sua vida, é lento! – disse Cachinhos Dourados. – Além disso, a esta altura seu povo provavelmente já elegeu outra rainha.

– Isso não tem a menor graça! – disse Chapeuzinho. – Este é o pior dia da minha vida! Eu nem sabia que as pessoas podiam ser sequestradas duas vezes no mesmo dia!

Os lobos irromperam na masmorra. Chapeuzinho ficou branca de medo.

– Há soldados invadindo o castelo! – disse Malumclaw. – Não vamos esperar pela rainha nem mais um minuto! Levaremos Chapeuzinho agora mesmo!

– Pegue a rainha! – ordenou o caçador à filha.

A caçadora assentiu e correu para o lado oposto da masmorra, onde ficava uma pequena escadaria de pedra. Ainda olhou para trás antes de subi-la, insegura quanto a deixar o pai sozinho.

– Não! Vocês não podem deixar que eles me levem! – disse Chapeuzinho, olhando ao redor da masmorra, sem saber com quem exatamente estava falando; ela não tinha nenhum amigo ali. – Quero que este dia acabe!

– Está certo, podem levá-la! – disse o caçador.

Ele destrancou a cela, e Chapeuzinho se levantou em um pulo, escancarando a porta e empurrando o caçador contra os lobos. Ela correu o mais rápido que pôde em direção às escadas que a caçadora acabara de subir.

– Atrás dela! – ordenou Malumclaw, e a alcateia partiu no encalço da jovem rainha.

Os lobos se atrapalharam para passar pela escada estreita, e Chapeuzinho conseguiu ganhar distância dos animais.

Momentos depois, João e Froggy surgiram na masmorra. João empunhava a espada de Cachinhos Dourados.

– Para trás! – gritou ele para o caçador, que se encostou a uma parede com as mãos para cima.

– João! – exclamou Cachinhos Dourados, agarrada às grades da cela. – O que você está fazendo aqui?

– Mingau me encontrou! – disse João. – Eu sabia que algo estava bastante errado, porque você não estava junto. Ela me trouxe até aqui e, no meio do caminho, encontrei o exército da Branca de Neve.

Os dois se olharam tão apaixonadamente que Froggy ficou desconfortável.

– Esplêndido! Vou encontrar a Rainha Chapeuzinho Vermelho e os gêmeos enquanto vocês curtem o reencontro – disse o sapo, partindo aos saltos na mesma direção em que ele e João tinham vindo.

O caçador puxou um arco de dentro de sua capa de pele.

– João! Cuidado! – gritou Cachinhos.

O homem começou a atirar flechas em João, que conseguiu mergulhar no chão e se esquivar por pouco. Cachinhos também teve de se desviar das flechas; elas ricocheteavam nas paredes de pedra e voavam para todos os lados. O caçador parecia uma máquina: recarregava o arco instantaneamente após atirar.

Cachinhos Dourados apanhou uma das flechas que aterrissaram ao seu lado e, com a ponta da lança, cutucou a fechadura da cela.

João tentava se defender com a espada. Estava cada vez mais difícil, pois as flechas vinham em sua direção muito rapidamente. O rapaz conseguiu rebater uma delas perfeitamente, que passou por cima do caçador. Ele resmungou algo e se paralisou. Então, arregalou os olhos e caiu de cara no chão. A flecha batera contra a parede e voltara direto nas suas costas, perfurando-as. O caçador estava morto.

– João! Atrás de você! – gritou Cachinhos Dourados.

João se virou e se deparou com a caçadora, que cortou seu braço com a adaga. Ela presenciara tudo.

– *Ahhh!* – gritou João.

Derrubou a espada e desabou. Ainda engatinhou até uma parede, sentando-se e apertando o braço ferido. O sangue escorria para todos os lados. A caçadora se aproximou dele com a adaga em riste. Não disse nada, mas seu olhar era pura raiva; aquele rapaz acabara de matar seu pai. Avançou violentamente sobre João para lhe desferir o golpe fatal.

Com a espada, Cachinhos Dourados conseguiu bloqueá-la. Ela tinha conseguido abrir a cela com a flecha e recuperado a espada a tempo de salvar a vida de João.

– Acho que é hora de você e eu termos uma conversinha de mulher pra mulher – disse Cachinhos, chutando a caçadora no estômago.

A moça rolou no chão e se levantou. Cachinhos e a caçadora se estudaram por um momento, desenhando círculos no chão. Encaravam-se intensamente, cada uma esperando que a outra fizesse o primeiro movimento. Cachinhos brandiu a espada contra a caçadora, e o duelo começou.

A adaga da caçadora tinha metade do tamanho da espada de Cachinhos Dourados, mas a moça possuía muita destreza com o punhal; Cachinhos finalmente encontrara uma rival à sua altura. Elas se moviam por toda a masmorra, uma se defendendo das ofensivas da outra.

A caçadora encurralou Cachinhos Dourados, que surpreendentemente correu pelas paredes e saltou sobre a inimiga, encurralando-a, por sua vez, e virando o jogo.

– Onde você aprendeu isso? – perguntou João.

– Depois eu conto – disse Cachinhos.

A caçadora deu uma cabeçada em Cachinhos Dourados e correu para fora da masmorra.

– Volte aqui! – bradou Cachinhos, perseguindo-a.

Seguiram lutando por todo o castelo, subindo cada vez mais alto.

Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho era perseguida pela Grande Alcateia dos Lobos Maus. Ela corria por sua vida, e as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Somente uma vez ficara tão assustada: naquele dia infame em que, ainda criança, visitou a vovozinha.

Chapeuzinho não chorava apenas de medo; também estava chateada por estragar um dos seus vestidos preferidos. Pensou que poderia ter escolhido sapatos mais adequados para correr quando definiu o figurino naquela manhã.

Chegou a um dos pavimentos mais altos do castelo. Alguns trechos do piso estavam podres, e ela teve que tomar muito cuidado para não cair nos enormes buracos que a arremessariam vários andares abaixo. Os lobos em seu encaço não eram tão cautelosos; eles não conseguiam se manter firmes no chão liso, e vários caíram nas cavidades, uivando até se espatifarem no chão.

Chapeuzinho começou a subir uma escada de madeira. Quando estava no patamar entre dois lances, os degraus à sua frente se desfizeram.

– Isso não é nada bom – disse ela.

Olhou para trás e viu Malumclaw. Estava encurralada. O lobo caminhou lentamente na sua direção, passo a passo, saboreando o temor crescente de Chapeuzinho.

– Esperei mais de uma década por este momento – grunhiu ele.

– Ah, meu Deus, mas que garras grandes você tem – disse Chapeuzinho, trêmula.

– São para te estraçalhar melhor, minha querida – respondeu Malumclaw.

Chapeuzinho nunca esperara morrer daquela maneira. Sempre imaginou que estaria em seu castelo, com dúzias de filhos e João ao seu lado.

– Ah, meu Deus, mas que dentes grandes você tem – ela falou.

– São para te mastigar melhor, minha querida – disse Malumclaw.

Estava a pouco mais de um metro de Chapeuzinho. Ele arqueou as costas, pronto para o bote.

De repente, um som baixo e agudo veio do lado de fora do castelo. Uma bala de canhão atravessou a parede e atingiu Malumclaw em cheio. O resto da escada ruiu, e o lobo foi arremessado para o salão ao lado. Se tivesse sobrevivido, ele certamente estaria em pedacinhos.

– Ai, meu Deus... – disse Chapeuzinho.

Ela se agarrou ao balaústre do patamar como se a sua vida dependesse daquilo. Os lances da escada já haviam sido destruídos; ela estava realmente presa agora. O patamar também começou a oscilar: a madeira se esmigalhava.

– Ai, meu Deus... ai, meu Deus! – gritou Chapeuzinho.

O balaústre se desfez, e Chapeuzinho caiu, berrando durante toda a queda.

Poucos segundos antes de ela atingir o chão, Froggy saltou e agarrou a jovem rainha no ar.

Eles aterrissaram com segurança, graças às fortes pernas do sapo.

– Você salvou a minha vida! – disse Chapeuzinho com olhos grandes e agradecidos.

– Acho que não fomos apresentados formalmente, Majestade – disse Froggy. – Meu nome é...

Froggy não conseguiu terminar. Chapeuzinho não parava de lhe beijar o rosto, deixando-o verde-escuro – quem imaginaria que um sapo poderia corar?

O castelo inteiro começou a tremer conforme mais e mais canhões eram disparados.

– Eles começaram a atacar! – disse Froggy. – Precisamos encontrar Conner e Alex e cair fora daqui!



Alex e Conner não faziam ideia do que estava acontecendo. Tudo o que escutavam eram o retinir das espadas e o ganido dos lobos vindos do lado de fora, além dos anúncios abafados dos soldados. Eles sentiram o castelo estremecer e desmoronar aos poucos.

O salão começou a ser atingido por balas de canhão, que faziam grandes buracos nas paredes. Enormes pedaços de pedra caíam do teto. Eles sabiam que precisavam sair dali o mais rápido possível.

– Majestade? – falou Alex à Rainha Diabólica. – Precisamos sair daqui! O castelo está se despedaçando!

Mas Diabólica não lhe respondeu. Ela só conseguia chorar sobre o corpo do antigo amor.

– Precisamos ir! O acidente de Humpty Dumpty vai ser fichinha perto do que está para acontecer aqui – disse Conner.

A Rainha Diabólica simplesmente não os ouvia. Estava tão acometida pela própria dor que não escutava nada. Nem mesmo parecia dar-se conta do que estava acontecendo ao redor.

– Evly! Por favor! Você precisa nos desamarrear! – suplicou Alex. – Largue o coração de pedra, e você deixará de sentir essa tristeza!

As portas do salão se escancararam de repente. Era Froggy, que entrou correndo. Chapeuzinho ficou parada na entrada, aterrorizada diante de tamanha destruição.

– Froggy! – gritou Conner. – Por favor, nos desamarre antes que sejamos esmagados!

– Estou indo, crianças! – disse Froggy.

O sapo pulou até eles e começou a desamarrá-los o mais rápido que pôde. Mas estava difícil, os nós eram muito apertados. Froggy desamarrou Conner primeiro, e juntos eles

tentaram libertar Alex.

– Por favor, mais depressa! – disse Chapeuzinho, ainda na porta. – Meu castelo está sendo reformado, e eu realmente gostaria de vê-lo antes de morrer!

Alex finalmente se livrou. Conner e Froggy correram até a porta, mas Alex foi em direção à mesa, colocando todos os itens do Feitiço do Desejo de volta na mochila.

– O que você está fazendo? – gritou Conner. – Você entendeu que o castelo está sendo *implodido* ou quer que eu desenhe?

– Não vou embora sem isto – disse Alex. – Prometemos devolvê-los ou destruí-los, lembra?

O Feitiço do Desejo começou a se desfazer no Espelho Mágico, e o vidro começou a tomar forma novamente. Uma das balas de canhão atingiu a parede mais próxima aos dois espelhos, e o dourado caiu e se estilhaçou. O Espelho Mágico trepidava, prestes a cair.

– Evly! – bradou Alex. – Por favor, venha conosco!

Mas a garota foi ignorada.

O Espelho Mágico tombou sobre a Rainha Diabólica e Mira, espatifando-se no chão em mil pedaços. No entanto, a Diabólica e seu amor não se encontravam mais ali. O espelho os engolira pouco antes de se quebrar.

Alex correu e começou a procurar algum vestígio da Rainha Diabólica ou de Mira, mas só encontrou cacos de vidro. Cacos de vidro e o coração de pedra. Guardou-o na bolsa e virou-se para correr em direção a Froggy e o irmão, mas algo no chão lhe chamou a atenção: era o seu reflexo em um dos pedaços do espelho dourado. Era muito brilhante e colorido, e ela se viu sorrindo. Havia algo atrás de si, algo que se movia como *asas*.

– Venha, Alex! – gritou Conner. – Eu não quero ser filho único!

– Estou indo! – respondeu a irmã, ignorando o espelho para juntar-se a Conner, Froggy e Chapeuzinho na porta de entrada do salão em ruínas.

No corredor, encontraram João, que ainda apertava a ferida no braço. Mingau também estava ali; ela não partiria sem a dona.

– João! – exclamou Chapeuzinho, correndo para abraçá-lo. – Você veio!

– Não vim por você! – disse João, que se recusou a deixar que ela o tocasse. – Onde está Cachinhos Dourados?

Chapeuzinho pôs a mão no coração, com dificuldade de respirar, consumida pela desilusão que a invadia lentamente. *João era realmente apaixonado por Cachinhos Dourados.*

– Vou levá-los todos para um lugar seguro e em seguida voltarei para buscar Cachinhos – disse Froggy.

– Vou com você... *aiiii!* – João começou a falar, mas sentiu uma dor terrível ao tentar mexer o braço.

– Não, você não vai – falou Froggy.

Um por um, pegou Alex, Conner, Chapeuzinho e João, saltando com eles sobre o fosso. Mingau relutou, mas João a persuadiu a também pular a escavação. Eles se juntaram aos soldados, muitos dos quais se curvaram em reverência à Rainha Chapeuzinho Vermelho.

– Perdoem o meu penteado, cavalheiros – disse ela. – Foi um dia difícil.

– Onde está a Rainha Diabólica? – inquiriu Sir Grant.

– Desapareceu – disse Alex suavemente.

– Desapareceu?

– Sim – confirmou a garota tristemente. – E, acredite, você não terá que se preocupar com ela novamente.

Sir Grant fez um gesto de alívio. Um imenso peso acabara de ser retirado de seus ombros, assim como do reino inteiro.

– Onde estava Cachinhos Dourados da última vez que você a viu? – Froggy perguntou a João.

– Ela estava lutando contra uma mulher. Não sei para onde foram – disse João.

– Ali está ela! – interrompeu Conner, apontando para cima.

Todos ergueram a cabeça para olhar: muito perto do cume do castelo, Cachinhos e a caçadora ainda duelavam... *no telhado*.

Ninguém conseguiu dizer ou fazer coisa alguma. Simplesmente ficaram assistindo à luta de olhos e bocas abertos. Nenhuma das duas parecia estar em vantagem. Elas iriam até o fim. O castelo se desintegrava à sua volta, mas as mulheres continuavam a se enfrentar, uma determinada a matar a outra. A luta se transformara em uma batalha. Elas brandiam suas armas com mais violência do que nunca.

Um trecho do telhado perto de onde estavam foi engolido pelas ruínas, fazendo com que Cachinhos Dourados perdesse o equilíbrio. Ela derrubou a espada ao tentar se restabelecer. A caçadora viu naquilo uma oportunidade de atacar; ergueu a adaga sobre a cabeça da adversária, mirando-a com precisão. Não havia nada que Cachinhos pudesse fazer para se defender.

– Não! – gritou João.

Ele correu até um dos canhões e acendeu o pavio. Apontou-o na direção da caçadora e abriu fogo. A bala voou pelos ares e atingiu exatamente o ponto do telhado onde estava a mulher,

que caiu do topo do castelo até o fosso, com um grito mudo de desespero. Ela não poderia ter sobrevivido àquela queda.

Cachinhos Dourados recuperou o equilíbrio e olhou apaixonada para João. Eles ainda trocaram um sorriso beatificador antes do próximo desastre. Uma nuvem de poeira tomou os ares conforme o castelo inteiro começou a desabar sob os pés de Cachinhos.

– Cachinhos! – gritou João.

– Não posso ver isso! – disse Alex, enterrando o rosto no ombro do irmão.

Era difícil enxergar qualquer coisa naquela poeirada. O som era trovejante; milhares e milhares de pedras caíam umas sobre as outras. Muitas rolavam para dentro do fosso.

Depois de algum tempo, a poeira finalmente começou a baixar. O castelo já não passava de uma monstruosa pilha de pedras. E nem sinal de Cachinhos Dourados.

– Cachinhos? – esgoelou João, correndo em volta do fosso, tentando encontrar qualquer vestígio da amada.

As chances de ela ter sobrevivido eram quase inexistentes. Froggy saltou o fosso, desaparecendo entre os destroços. O silêncio era absoluto. Os gêmeos pensaram que João teria um ataque cardíaco enquanto esperava. Cada segundo parecia uma eternidade.

Lentamente, duas figuras surgiram no meio da destruição: Froggy ajudava Cachinhos a se locomover através das pedras. Ela mancava, mas estava viva.

Os gêmeos comemoraram, e João caiu de joelhos. Os irmãos nunca tinham visto alguém ficar tão grato. Froggy saltou o fosso com Cachinhos, e ela se jogou nos braços do amado. Beijaram-se tão apaixonadamente que alguns dos soldados coraram diante daquela expressão de amor.

Chapeuzinho Vermelho era pura dor e desilusão. Essa provavelmente foi a primeira vez que ela não conseguiu o que queria; e, provavelmente, João era o que ela mais queria entre todas as coisas.

Mingau empinou feliz ao ver a dona, e Cachinhos afagou a crista da égua.

– Estou bem, garota – disse ela. – Só um pouquinho baleada.

– Cachinhos Dourados – anunciou Sir Grant oficialmente –, você está presa.

– Espere um segundo! Espere! – interveio João, colocando-se entre a amada e os guardas que se aproximavam; virou-se para Chapeuzinho com um olhar de reprimenda e disse: – Faça alguma coisa!

Em um primeiro momento, Chapeuzinho Vermelho não sabia o que falar. Ela nunca havia feito nada oficial no posto de rainha.

– O Reino da Chapeuzinho Vermelho gostaria de perdoar Cachinhos Dourados por todos os crimes que ela cometeu – disse Chapeuzinho. – E a lista é enorme, diga-se de passagem.

– Tudo bem – disse Sir Grant –, mas Sua Majestade não pode perdoá-la pelos crimes que ela cometeu em outros reinos. Ela vai passar o resto da vida na prisão. Prendam-na!



CAPÍTULO 22

O segredo da Branca de Neve

O agrupamento voltou ao Reino do Norte em silêncio. O único som que se ouvia era o estampido dos cascos dos cavalos. Parecia que o mundo inteiro suspirava aliviado agora que a Rainha Diabólica havia desaparecido.

Cachinhos Dourados fora autorizada a montar Mingau na volta para o reino, mas suas mãos e pés estavam acorrentados, e ela tinha uma expressão de irritação no rosto. João caminha fielmente a seu lado, com as mãos sobre as algemas da amada.

Chapeuzinho observava-os de longe, disfarçando toda vez que alguém percebia que ela fitava o casal. Nunca tinha lidado com tantas emoções de uma só vez. Permaneceu em silêncio, rezando para que aquela ferida logo se fechasse.

Os gêmeos estavam especialmente quietos. Depois de tudo o que testemunharam, era difícil encontrar palavras para o que sentiam naquele momento. Seus pensamentos ainda estavam na história da Rainha Diabólica. A imagem da mulher segurando o homem que amou durante toda a vida antes de serem ambos consumidos pelo espelho assombrava os irmãos.

Mais do que tristes pela história da Diabólica, eles estavam desapontados porque o Feitiço

do Desejo havia sido inutilizado. Temiam que demorasse muito a encontrar um caminho alternativo para casa. Quais seriam os novos obstáculos e perigos que teriam de encarar quando – ou se – encontrassem uma nova maneira de retornar? O que fariam até lá? Onde morariam?

– Estou desolado, crianças – disse Froggy enquanto caminhavam. – Sinto-me completamente responsável. Se eu os tivesse deixado simplesmente usar o Feitiço do Desejo em vez de persuadi-los a virem comigo, nada disso teria acontecido.

– Não é culpa sua, Froggy – disse Alex. – Os lobos teriam nos encontrado mais cedo ou mais tarde.

– Na verdade, tudo isso é culpa sua, sim – disse Conner. – Se você não tivesse nos contado sobre o Feitiço do Desejo, nada disso teria acontecido para começo de conversa. Nunca teríamos sido perseguidos por lobos, sequestrados por duendes ou sido alvos da Rainha Diabólica.

Froggy abaixou a cabeça. Tinha o peso da culpa nos ombros. Alex parecia prestes a esmurrar Conner bem na cara.

– Mas – continuou Conner com um sorriso besta – você salvou nossas vidas umas três vezes. Eu acho que isso paga qualquer dívida.

Froggy sorriu.

– Vocês são mais do que bem-vindos a morar comigo – disse o sapo. – Eu os ajudarei a encontrar outro caminho para casa. Prometo.

Os gêmeos concordaram e sorriram-lhe de volta. Era confortante saber que tinham um lugar para morar, mesmo que fosse um buraco no chão.

A viagem levou um dia e meio. Eles finalmente chegaram ao Lago dos Cisnes, diante do palácio da Branca de Neve. Chapeuzinho Vermelho parecia intimidada pela edificação, tão régia e tão grande.

– Quando a reforma do meu castelo acabar, ele vai ficar igualzinho a esse – disse ela, mas ninguém se interessou.

Os soldados imediatamente apanharam Cachinhos Dourados para levá-la até a masmorra.

– Um minuto! Vocês não podem simplesmente jogá-la na prisão sem um julgamento! – protestou João.

– Para o bem dela, eu espero que não seja julgada – disse um dos soldados.

– Vá para casa, João – disse Cachinhos. – Se me comportar bem, talvez eu saia daqui a algumas décadas.

João ainda os seguiu, protestando o tempo todo, mas mesmo ele sabia que não havia o que

fazer.

– Venham comigo – disse Sir Grant aos gêmeos. – Vamos encontrar a rainha.

Os gêmeos, Chapeuzinho e Froggy seguiram o soldado, que adentrou o palácio. Subiram a escadaria até o terceiro andar e atravessaram o saguão, chegando à porta que deveria ser a entrada oficial do depósito.

Grant bateu à porta.

– Majestade, é Sir Grant. Está aí dentro?

– Sim, por favor, entre – disse Branca de Neve.

Todos seguiram Sir Grant. O ambiente estava completamente diferente. Toda a mobília havia sido descoberta, e os quadros, pendurados na parede. Era um quarto de verdade de novo.

– O que fazem aqui? – perguntou Branca de Neve.

Ela recolocava o retrato do caçador. Nos últimos dias, havia redecorado o aposento por conta própria.

– Majestade – disse Sir Grant, baixando o capacete. – Encontramos a sua madrasta escondida em um castelo a nordeste do Reino Adormecido.

– E? – perguntou Branca de Neve, preparando-se para as notícias.

– Ela morreu – anunciou o guarda.

Branca de Neve ficou ainda mais branca, se é que aquilo era possível. Sentou-se no estrado que ficava no fundo do quarto. Não chorou, mas qualquer um podia notar que, para ela, aquela era uma notícia difícil de assimilar.

– Como aconteceu? – perguntou Branca de Neve.

Grant olhou para os gêmeos.

– Eu não estava no local, mas eles viram tudo.

– Ela não *morreu* propriamente – disse Alex, tentando ser delicada. – O castelo estava se despedaçando, e o espelho, bom, ele...

– Ele caiu sobre a rainha e a engoliu como se ela fosse um inseto! *Bum!* E então ela desapareceu! – falou Conner, empolgado. – Foi muito louco! Não sobrou nadinha!

Alex olhou feio para o irmão.

– Bom, não exatamente – disse ela.

Alex pegou a mochila e retirou dela o coração de pedra. Branca de Neve chegou a engasgar ao ver aquilo. A garota caminhou até a rainha e lhe deu o objeto.

– Sobrou isto – disse Alex. – Acho que você deveria ficar com ele.

Branca de Neve olhou para a pedra, e lágrimas escorreram de seus olhos.

– Sir Grant, eu gostaria de ficar um momento a sós com as crianças – pediu a rainha. – Por favor, acomode os demais, caso queiram passar a noite aqui – completou, acenando para Chapeuzinho Vermelho e Froggy.

– Eu lhe agradeço, Majestade – disse Froggy, fazendo uma reverência.

– Isso é muito gentil de sua parte, obrigada – falou Chapeuzinho. – Talvez somente até que a reforma do meu palácio fique pronta. Vou fazer um aposento igualzinho a este...

Sir Grant tratou de conduzi-los para fora do depósito antes mesmo que Chapeuzinho terminasse a frase. Os gêmeos ficaram sozinhos com Branca de Neve. Ela se manteve quieta por alguns minutos. Só tinha olhos para o coração de pedra.

– Quer dizer, então, que vocês não ouviram o meu conselho – disse Branca de Neve.

– Ouvimos, sim – disse Conner. – Só não o seguimos.

– Vocês sabem o que é isto? – perguntou a rainha, segurando o coração.

– Sim – falou Alex. – É o coração dela. Ela nos contou sua história antes de se tornar, bem... a Rainha Diabólica.

– É uma história e tanto... – disse Conner. – Você sabia que o cara do Espelho Mágico era, na verdade, seu antigo namorado?

– Sim, eu sabia – respondeu Branca de Neve. – E foi por isso que a ajudei a escapar.

Ambos engasgaram e balançaram a cabeça, incrédulos. Não deviam ter escutado direito.

– O quê? – *Você* a ajudou a fugir?

– *Nem ferrando!* – disse Conner.

– Verdade – disse Branca de Neve, sem demonstrar qualquer remorso. – Passei horas na sua cela e escutei a história. Fiquei arrasada. Então, em uma última tentativa de agradá-la, dei um jeito para que ela e o espelho pudessem seguir pelo rio até o reino vizinho, para que ela pudesse continuar sua empreitada.

Os gêmeos não podiam crer naquilo. Queriam perguntar tanta coisa, mas não conseguiam exprimir nada além de palavras incompletas e balbucios.

– Durante todos esses anos, me perguntei por que ela não me amava e então finalmente compreendi. Era simplesmente porque não podia – disse Branca de Neve. – Eu pensei que um coração partido como o dela fosse punição suficiente para os crimes que cometera contra mim. E ela conseguiu libertá-lo, afinal?

– Libertou – contou Alex. – Mas infelizmente era tarde demais. Ele morreu nos seus braços.

Branca de Neve suspirou desolada.

– Compreendo – disse ela.

– Mas pelo menos eles ficaram juntos – completou Conner. – Juntos pela última vez.

– E agora, o que vai acontecer? – perguntou Alex. – Limpamos o nome dela? Contamos ao mundo a verdade?

– Infelizmente, acho que isso é mais difícil do que parece – disse Branca de Neve. – A melhor coisa a fazer em sua homenagem é viver cada dia com a compaixão e a compreensão que ninguém jamais lhe concedeu.

Os gêmeos se entreolharam, sorrindo um para o outro.

– Acho que a moral dessa história é que os vilões são, no fundo, pessoas vilanizadas pelas circunstâncias – disse Alex.

Branca de Neve assentiu, olhando para o coração.

– Concordo com você. Essa é a trágica lição que aprendemos com a Rainha Diabólica.



A masmorra era um lugar terrível. A cela de Cachinhos Dourados era pequena, úmida e pouco iluminada e tinha um cheiro horrível. De vez em quando, um rato tentava entrar, mas Cachinhos olhava-o de modo tão intimidante que o bicho corria na direção contrária.

– Nem pense nisso – disse repetidas vezes aos roedores.

Passava da meia-noite, e tudo estava quieto. Cachinhos não conseguia dormir em sua primeira noite como prisioneira. Ela sempre soube que esse dia chegaria, mas, ao sentar-se no chão duro, não pôde deixar de se sentir traída por ele ter chegado tão cedo.

De repente, ouviu passos ecoando na masmorra: alguém descia do palácio pela escada espiral e passava pela sequência de cárceres. Uma jovem mulher de capa longa e encapuzada aproximou-se da cela de Cachinhos Dourados.

– *Nojento! Eca! Credo!* – disse ela a cada passo.

Cachinhos Dourados logo reconheceu a voz fresca.

– Olá – sussurrou Chapeuzinho Vermelho, meio sem jeito.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Cachinhos. – Veio me acompanhar pessoalmente até a execução?

– Por favor, fale baixo – disse Chapeuzinho. – Os guardas não sabem que eu estou aqui.

– O que você quer de mim?

– Vim soltá-la.

– O quê? – perguntou Cachinhos, completamente chocada. – Mas por quê?

– Porque decidi consertar as coisas – explicou Chapeuzinho Vermelho, muito altiva.

– Vá em frente, então, solte-me – disse Cachinhos Dourados, quase desafiando a rainha.

Cachinhos não tinha expectativa alguma de que aquilo fosse de fato acontecer. Chapeuzinho devia estar tirando um sarro dela.

– Eu soltarei, mas, primeiro, escrevi uma carta para você – disse Chapeuzinho Vermelho, retirando um pergaminho do bolso interno da capa.

– Você quer que eu leia a sua carta antes? – perguntou Cachinhos, sem disfarçar a irritação na voz.

– Claro que não. Você provavelmente nem sabe ler – disse Chapeuzinho seriamente.

Cachinhos Dourados ergueu as sobrancelhas.

– A sua sorte é que existe esta grade entre nós.

– Foi só uma piadinha. Anime-se, menina dourada. Trabalhei nesta carta a noite inteira e pensei que seria melhor vir até aqui e lê-la eu mesma para você – disse Chapeuzinho.

– Sou toda ouvidos – falou Cachinhos Dourados, de braços cruzados.

Chapeuzinho limpou a garganta.

– “Querida Cachinhos Dourados” – começou a leitura. – “Me desculpe por ter arruinado sua vida.” Uau, já me sinto melhor só de ler essa parte! “Hoje, olho para trás e sei que enviar aquela carta quando éramos crianças não foi certo. Nunca quis transformá-la em uma fugitiva. Pensei que os ursos iriam arranhá-la, ou no máximo comer-lhe um braço.”

– Essa carta é para *diminuir* a minha vontade de te matar? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Deixe-me terminar – pediu Chapeuzinho. – “Eu amo João há tanto tempo quanto você o ama, mas ele escolheu a menos atraente, a menos inteligente e a menos rica entre nós. Ele ama você, e não a mim, e isso é a coisa mais difícil com que tive que lidar. Espero que, ao libertá-la da masmorra esta noite, eu possa ganhar o seu perdão. Sua amiga, a Majestade, a Grandiosa Rainha Chapeuzinho Vermelho.”

Cachinhos Dourados nunca ficara tão irritada em toda a sua vida.

– Você levou a noite inteira para escrever *isso*? – perguntou.

– Sim, e sou sincera em tudo o que disse. – disse Chapeuzinho. – O que você me diz? Estou perdoada? Estamos quites?

– Primeiro, abra a porta – disse Cachinhos Dourados.

Ela preferia passar o resto da vida na cela a ficar mais cinco minutos diante de Chapeuzinho

Vermelho.

Chapeuzinho embaralhou-se com o molho de chaves douradas, mas finalmente encontrou a certa e destrancou a porta. Cachinhos passou para fora da cela, olhou bem para Chapeuzinho e meteu-lhe um tapa na cara.

– Ai! – gritou Chapeuzinho.

– Pronto. Agora, sim, estamos quites.

– Tudo bem, eu merecia – disse Chapeuzinho, com a mão na bochecha. – Agora, vista isto antes que sejamos pegos e terminemos ambas atrás das grades.

Chapeuzinho entregou à parceira um sobretudo, e as duas correram para fora da masmorra.

Esgueiraram-se pelos saguões do palácio e conseguiram chegar ao gramado frontal. Caminharam pela floresta por pouco tempo até alcançarem o Lago do Patinho Feio, onde Mingau aguardava Cachinhos Dourados. Em um primeiro momento, Cachinhos não notou, mas, logo atrás da égua, estava João, que a esperava impaciente.

Ela parou bruscamente.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Cachinhos Dourados, embora soubesse a resposta.

– Eu consegui, João! Não disse que conseguiria? – disse Chapeuzinho com um sorriso estampado no rosto.

– Vou com você – falou João a Cachinhos.

– João, já conversamos sobre isso. Você não pode vir comigo. Principalmente agora. Serei mais procurada do que antes quando derem por minha falta – disse Cachinhos.

– Cada dia sem você é inútil – falou João. – Não vou passar mais nenhum instante da vida pensando se a mulher que amo está viva, morta ou apodrecendo em uma prisão qualquer. Pensei tê-la perdido naquele castelo e me recuso a passar por esse sentimento de novo. Vou com você, mesmo que isso signifique que eu tenha de persegui-la.

As duas mulheres choravam, cada uma por um motivo. O coração de ambas pertencia ao mesmo homem. Chapeuzinho teria dado tudo para ouvir João declarar a ela aquelas palavras.

– Você está mesmo disposto a passar cada minuto dos seus dias, daqui até o fim da vida, fugindo da lei só para ficar comigo? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Eu daria qualquer coisa para passar cada minuto de cada dia com você – disse João, montando em Mingau e estendendo a mão para ajudá-la a subir.

Cachinhos tinha mil razões e argumentos para não deixá-lo seguir adiante com aquilo. Desejava convencê-lo a ficar e viver a própria vida, mas desta vez seu coração falou mais

alto. Pegou a mão de João e montou em Mingau com ele. Juntos, tomaram as rédeas e dispararam noite adentro. Quando nascesse o sol, seriam os fugitivos mais procurados do mundo, mas, pelo menos, estariam nos braços um do outro.

– De nada! Não precisa agradecer! Eu vou ficar bem! – esganiçou Chapeuzinho, parada enquanto os dois desapareciam na floresta. – Vou ficar bem.

Chapeuzinho caiu de joelhos e começou a chorar sem parar. As lágrimas saltavam-lhe dos olhos, arrastando com elas toda a maquiagem. Nunca havia chorado com tanto sentimento.

– Foi muito nobre o que você fez – disse uma voz atrás dela.

A mulher se virou e se deparou com Froggy debruçado sobre o lago, caçando moscas para guardar no imenso pote.

– Quanto tempo demora para passar isto que estou sentindo? – perguntou ela.

– Sinto dizer, mas você levará consigo os vestígios desse sentimento pelo resto da vida – disse Froggy. – Porém, ele se atenuará com o tempo.

– Eu pensei que ajudá-la a escapar fosse me fazer sofrer menos, mas só piorou as coisas – disse Chapeuzinho.

Froggy aproximou-se dela.

– Não importa o quanto você está ferida ou o quanto lhe dói. O que importa é o que você faz diante da dor. Você pode chorar por anos, e com motivo, ou pode escolher aprender com ela. Veja o meu caso: passei anos me escondendo em um buraco, com medo daquilo que as pessoas pensariam de mim quando eu me mostrasse. Mas um dia decidi sair e, veja só, acabei salvando vidas!

Chapeuzinho enxugou as lágrimas no casaco do sapo. Ele não o tinha oferecido, mas tampouco se importou.

– Você é bastante inteligente para um sapo – disse ela, sorridente. – Talvez agora, com todos os meus sonhos destruídos, eu possa dedicar o espaço da minha mente que ficou vazio e a minha energia ao meu reino. Afinal, ainda sou uma rainha.

– Parece-me uma ideia brilhante – disse Froggy.

Estendeu o braço para ajudar a triste rainha a se levantar, e ambos retornaram ao palácio.

– Qual é o seu nome, por sinal? – perguntou Chapeuzinho. – Você nunca me disse.

Ele hesitou.

– Froggy – disse. – Pode me chamar de Froggy.



CAPÍTULO 23

Um convite real

Alex e Conner ganharam um aposento no palácio cada um. Foi a primeira vez desde a estadia no Shoe Inn que dormiram em uma cama de verdade. Também foi a primeira noite em que puderam realmente descansar desde que chegaram à Terra de Histórias. Estavam tão exaustos que dormiram até o meio da tarde do dia seguinte.

Foi estranho para eles dormirem em quartos separados. Despertaram algumas vezes durante a noite para conferir se estava tudo bem com o outro e então se lembravam de onde estavam e de que encontravam-se finalmente em segurança.

Os funcionários do palácio levaram suas camisetas e seus jeans para lavar e lhes deram roupas para vestir enquanto isso. Para Alex, um lindo vestido vermelho com pele em volta dos punhos e da gola. Para Conner, contra a sua vontade, ofereceram uma camisa abotoada com gola pomposa demais para seu gosto e um par de calças. Pela primeira vez em duas semanas, vestiam-se apropriadamente para aquele mundo.

Ouviam-se no palácio inteiro os rumores da fuga de Cachinhos Dourados e do desaparecimento de João. Os soldados passavam frenéticos pelos corredores, e os gêmeos

não seguravam o sorriso; sabiam que, onde quer que João e Cachinhos Dourados estivessem, estavam juntos.

Alex e Conner se ofereceram para encontrar a Fada Madrinha com Froggy, mas ele disse que ainda não estava na hora.

– Depois de toda a jornada por que vocês passaram, insisto que fiquem por aqui mais um ou dois dias, para se recuperarem – disse o sapo.

E eles ficaram pelos dias seguintes. Fizeram todas as refeições com a Rainha Branca de Neve e o Rei Chandler no imponente salão de jantar. Enquanto comiam, Branca de Neve contava aos gêmeos histórias incríveis sobre sua infância no palácio, a vida com os anões e as diferentes reações que as pessoas tiveram quando ela retornou da morte.

A rainha ainda convidou os sete anões a jantar no castelo certa noite. Bem que os gêmeos se perguntaram por que metade da mesa encontrava-se significativamente rebaixada; então, os anões marcharam salão adentro, ocupando seus lugares. Alex e Conner não paravam de rir com as histórias que eles contavam. Conner desafiou os sete anões e também Froggy em um jogo de cartas e limpou-lhes todas as moedas de ouro.

Foram os dias mais divertidos que tiveram desde que haviam aterrissado no mundo dos contos de fadas, embora as coisas tenham ficado um pouco estranhas quando Conner perguntou a Chandler por que ele se interessara tanto por uma garota morta.

Os gêmeos passaram dias enfiados na enorme biblioteca do palácio. Alex examinou cada livro de cada prateleira em busca de algo que pudesse ajudá-los a encontrar um caminho de volta para casa. Ela demorou três dias inteiros para percorrer todos os títulos e não encontrou nada. Todos os dias, Conner a observava sentado no sofá, enquanto degustava as sobremesas que vinham da cozinha.

– Acho que é hora de irmos embora – disse Alex ao irmão.

– Você quer ir embora? – perguntou Conner. – Mas por quê? Aqui é demais!

– Não quero abusar da hospitalidade da rainha – disse ela. – Não encontraremos uma maneira de voltar para casa enquanto estivermos aqui. Froggy disse que nos ajudaria. Quanto mais cedo começarmos a busca, mais cedo iremos para casa. Além disso, apesar do que a Fada Madrinha possa fazer conosco, prometemos a Froggy que a encontraríamos com ele. Talvez, se não estiver muito brava por eu ter quebrado o sapatinho de cristal, ela possa nos dar uma dica de como voltar.

– É, acho que sim – disse Conner, lamentando-se pelo bolinho que ainda saboreava. De repente, seu olhar se iluminou: – Sabe, tem uma coisa que não tentamos ainda.

– O quê? – perguntou Alex.

Ele se levantou, fechou os olhos e começou a bater os calcanhares.

– Não há lugar como a nossa casa! Não há lugar como a nossa casa! – repetiu em voz alta, abrindo os olhos e constatando decepcionado que continuava no mesmo lugar. – Achei que deveria pelo menos tentar.

No dia seguinte, os gêmeos fizeram as malas e vestiram suas roupas. Jogaram o sabre do fundo do mar na lareira do quarto de Alex, destruindo-o, como haviam prometido à Alma da Espuma do Mar. Já tinham combinado com Froggy que sairiam depois do meio-dia, mas Sir Grant veio a seu encontro com notícias.

– Recebemos uma mensagem destinada a vocês – disse o militar.

Curiosos, os gêmeos rapidamente o seguiram até o salão de jantar, onde Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e Froggy os aguardavam ansiosos. As rainhas tinham cada uma um envelope na mão. Um mensageiro vindo de outro reino soprou sua corneta ao ver os irmãos e lhes entregou dois envelopes idênticos.

– Cinderela teve o bebê! – comunicou Branca de Neve aos gêmeos. – É uma menina!

Afoitos, os dois abriram o envelope. Era branco e endereçado a Alex e Conner Boassortus. O laço de cera no verso tinha o formato de um sapato de cristal. O convite dizia:

Sua Alteza o Rei Chance Encantado
e Sua Real Majestade a Rainha Cinderela
cordialmente os convidam para a celebração
exclusiva do nascimento de sua filha, a Princesa ainda
não nomeada, em cerimônia que acontecerá
em seu palácio, amanhã à tarde.

– Que maravilha! – exclamou Alex. – Mas por que nós fomos convidados?

– Vai saber – disse Conner. – Talvez a rainha precise de babá para a criança.

– Eu também não esperava ser convidada – disse Chapeuzinho. – As rainhas eleitas geralmente são excluídas.

– Então você é geralmente excluída? – perguntou Conner.

Chapeuzinho ficou tão vermelha quanto a sua capa e preferiu não responder ao garoto.

– Nós vamos? – perguntou Conner.

– Você sinceramente acha que eu perderia uma coisa dessas? – questionou Alex. – Além disso, precisamos mesmo devolver para Cinderela um sapato de cristal e os cacos do outro. É a coisa certa a se fazer.

– Mas e Froggy? – disse Conner.

Froggy gesticulou como se abafasse fogo.

– Ah, por favor, não se preocupem comigo – disse ele. – Não fui pessoalmente convidado e, portanto, não gostaria de ser um intruso na celebração. Nunca gostei muito do Reino Encantado mesmo.

– Não faz sentido – protestou Chapeuzinho. – Você virá como meu convidado, e não se fala mais nisso.

Ela empinou a cabeça. Froggy sabia que não tinha como escapar.

– Visitaremos a princesa bebê e depois nos encontraremos com a Fada Madrinha com Froggy – decidiu Alex. – Espero que ela não tenha desistido de transformá-lo em ser humano.

– Quer dizer que você ainda vai virar um ser humano? – perguntou Chapeuzinho com a mão no coração.

– Sim – confirmou Froggy. – É uma longa história.

– E por que não falou antes? Você não faz ideia de como isso muda a minha opinião sobre você! Muito embora eu deva dizer que estou muito orgulhosa de mim mesma por ter me tornado amiga de um... ah... disso aí que você é agora.

Se tivesse sobancelhas, Froggy as teria franzido.

– Venha comigo agora mesmo! – disse Chapeuzinho, enganchando seu braço no dele. – Vamos escolher nossos figurinos para amanhã!

Ela levou o sapo para fora do salão. Froggy ainda olhou para os gêmeos, os olhos querendo dizer “Socorro!”, mas eles estavam muito ocupados tentando segurar o riso.

Naquela tarde, todos tomaram seus lugares nas carruagens, e a viagem para o Reino Encantado começou. Branca de Neve e o Rei Chandler viajaram em um carro, e os gêmeos em outro, acompanhados de Froggy e Chapeuzinho. Por todos os lados, soldados os escoltavam.

– Esta sim é a forma correta de viajar! – disse Conner.

Os irmãos apontavam para as terras pelas quais haviam passado durante sua jornada. Aquilo os inspirou a contar suas aventuras a Froggy e Chapeuzinho Vermelho. O homem-sapo e a rainha os ouviram atentos. Froggy coaxou diversas vezes durante a narrativa animada dos gêmeos, especialmente na parte sobre os trolls e os duendes.

Dada a audiência, os irmãos pularam a parte em que invadiram o castelo da Chapeuzinho e o

fato de terem sido parcialmente responsáveis por atear fogo ao depósito das cestas.

E sempre que descreviam os trechos mais perigosos da viagem, interrompiam-se e diziam um ao outro:

– Jamais contaremos essa parte para a mamãe, combinado?

As carruagens viajaram durante a noite, chegando ao palácio da Cinderela na tarde do dia seguinte. Havia pétalas de rosa no ar, e os sinos badalavam em todo o reino, que celebrava o nascimento de sua futura governante.

Froggy começou a agir de maneira muito estranha assim que chegaram. Estava com os nervos à flor da pele; por alguma razão, o palácio o deixava angustiado. O grupo subiu os infundáveis degraus da escadaria frontal e foi conduzido pelo corredor acarpetado até o salão de baile.

O ambiente estava praticamente vazio e parecia muito maior sem todas aquelas pessoas dançando. Cinderela encontrava-se sentada no trono, ninando a filha recém-nascida. Em volta delas, formando um amplo círculo, estavam, algumas sentadas em cadeiras, outras no chão, Bela Adormecida, Rapunzel, e toda a Assembleia dos Felizes para Sempre. Os maridos de Bela Adormecida e de Rapunzel cumprimentaram o Rei Chance, que estava no canto do salão.

– Que nome você vai lhe dar? – perguntou Rapunzel.

Rapunzel era linda. Seu cabelo era exatamente da mesma cor do cacho que Alex e Conner coletaram na torre e estava preso no maior coque que os gêmeos já haviam visto; ainda assim, mechas lhe caíam pelas costas.

– Não consigo decidir – disse Cinderela.

– Você poderia nomeá-la em homenagem à tia Rapunzel! – sugeriu a própria Rapunzel, e todos riram.

– Eu adoro você, Rapunzel, mas amo demais a minha filha para fazer isso com ela – respondeu Cinderela, e todos riram ainda mais.

Cinderela ergueu os olhos e viu o grupo que caminhava em sua direção.

– Olhem quem chegou! – exclamou ela.

Todos ficaram muito felizes por ver Branca de Neve e Chandler, mas o lugar foi tomado pela tensão quando viram Alex e Conner e um sapo gigante logo atrás. Olharam com certo desconforto, como se os gêmeos e Froggy estivessem nus.

– Não são aqueles dois que roubaram o sapatinho de cristal? – perguntou o Rei Chance, avançando um passo à frente do grupo de reis.

– Não! Tentamos explicar que não fomos nós! – disse Alex, em pânico, com medo de que toda a história se repetisse e ela e o irmão fossem de novo perseguidos pelos guardas.

– Fiquem tranquilos todos! – disse Cinderela, rindo da situação. – Ninguém roubou coisa alguma! Eu os convidei! A minha Fada Madrinha quer ter uma palavrinha com eles.

– O que ela quer com eles, querida? – perguntou Chance à esposa.

– Não sei direito – disse Cinderela.

Alex e Conner entreolharam-se apavorados. Então, a coisa deveria ser ainda mais grave do que o sapatinho quebrado.

– Há uma chance de que tenhamos acidentalmente quebrado um dos seus sapatos – disse Alex.

Conner nunca tinha visto a irmã tão envergonhada.

– Não foi bem culpa nossa – disse Conner. – Quer dizer, *foi*, mas foi uma situação muito complicada, e aquilo nunca teria acontecido se não fosse absolutamente...

– Ah, não tem problema nenhum! – disse Cinderela. – Eu nem consigo me lembrar de quantas vezes quebrei esses sapatos. A Fada Madrinha sempre os conserta para mim. Provavelmente, é isso o que ela quer com vocês. Ela não demorará.

Os gêmeos suspiraram tão aliviados que até encolheram alguns centímetros. Conner deu um tapinha no ombro de Alex, pois sabia que ela estava bastante tensa com aquela história. Se tinha um grupo de pessoas no mundo ao qual a irmã gostaria de deixar uma boa impressão, certamente era aquele.

Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Alex e Conner juntaram-se às mulheres que se amontoavam em volta do bebê.

Chandler arrastou Froggy para o canto onde estavam os homens e apresentou-o a todos.

Desconcertado, Froggy cumprimentou-os com um aperto de mão; era o primeiro homem-sapo a entrar naquele palácio.

– Mas vejam que linda! – disse Branca de Neve, olhando para a princesinha.

– Parece com você, Cinderela! – disse Chapeuzinho Vermelho. – Eu também era um lindo bebê.

A princesa era de fato uma graça. Tinha apenas poucos dias de vida, mas já se parecia com a mãe, com seu cabelo arruivado e seus olhos brilhantes.

– Estou tão feliz de ver vocês dois assim, inteiros! – disse a Bela Adormecida aos gêmeos. – Deu tudo certo para vocês? – perguntou, dando uma piscadela.

Os gêmeos ficaram meio cabisbaixos.

– Não tão certo, infelizmente – disse Alex, retirando da mochila o fuso. – Mas muito obrigada por nos emprestar isto aqui.

– Foi um prazer – disse Bela Adormecida, apanhando a agulha de volta. – E, Conner, preciso lhe agradecer pelo... Como você o chamou mesmo? Ah, lembrei, pelo *truque do elástico*. Testamos em alguns cidadãos, e parece que ele está ajudando bastante!

Conner ficou extasiado.

– Bem que eu falei! – disse ele, e essa era uma frase que raramente saía da sua boca.

– Branca de Neve, eu ouvi dizer que você finalmente encontrou a sua madrasta – disse Cinderela. – Parabéns, isso deve ter sido um alívio para você!

As outras rainhas e fadas também parabenizaram Branca de Neve. Entretanto, ela não parecia tão contente com o assunto.

– Está tudo bem, Branca? – perguntou Bela Adormecida.

– Sim, claro – disse Branca de Neve. – É que as coisas estão um pouco confusas.

– Confusas? – perguntou Emerelda.

– É uma longa história – disse Branca.

– Ótimo! Adoro histórias – exclamou Rapunzel, ajeitando-se para ficar mais confortável no seu lugar ao chão.

Branca de Neve olhou para os gêmeos. Eles lhe sorriram, dando o incentivo de que ela precisava naquele momento para contar aos outros o que eles já sabiam.

Branca de Neve contou às fadas e rainhas a história sobre o passado da sua madrasta. Contou sobre a feiticeira que a afastou da família, sobre o noivo que foi amaldiçoado e preso no espelho e sobre o coração de pedra. Deixou de fora, no entanto, a parte em que a ajudara a escapar da masmorra, porque, assim como os gêmeos ao contarem suas aventuras para Chapeuzinho Vermelho, ela conhecia o seu público.

Muitas das mulheres pareciam prestes a chorar. Algumas levavam as mãos à boca. Outras simplesmente balançavam a cabeça, incrédulas.

– Inacreditável – disse Rosette.

– É a história mais triste que eu já escutei – comentou Coral, afagando o Peixe Ambulante, que descansava tranquilamente no seu colo.

– Mesmo com o mundo inteiro a odiando, ela jamais parou de tentar libertar o homem que amava – disse Bela Adormecida.

– Ela nunca deixou de ter esperança – acrescentou Skylene.

Cinderela aprumou-se no trono.

– *Esperança*. É isso – disse ela, olhando para a filha. – Esse será o nome que darei à minha filha. Princesa Esperança Encantada, a futura rainha.

– É lindo! – disse Chance, beijando a filha na testa.

Todos aplaudiram em aprovação.

– Acredito que seja o momento para crismar a Princesa Esperança com alguns de nossos presentes – declarou Emerelda, gesticulando para que as fadas se levantassem.

Uma por uma, as fadas abençoaram a princesa com uma magia de crisma. Ofereceram-lhe presentes de sabedoria e saúde, compaixão e riqueza, orgulho e disciplina, e até de longevidade da beleza, embora ela já tivesse o suficiente para dar e vender.

– Gostaria de segurá-la nos braços? – Cinderela perguntou a Alex.

– Eu? – perguntou a menina, apontando para si própria. – Sim. Eu ficaria muito feliz.

Cinderela colocou gentilmente a filha nos braços de Alex. A garota ficou imaginando se o bebê fazia alguma ideia de quem era ou de onde havia nascido. Será que sabia o quanto era especial, só por existir? Sabia que estava destinada a ser a futura rainha de um reino da Terra de Histórias? A princesa espreguiçou. Talvez estivesse exausta de pensar naquilo tudo.

Abriram-se as portas do salão, e os gêmeos enxergaram um rosto familiar vindo em sua direção: era Sir Lampton, que tinha um sorriso enorme no rosto.

– Majestade, a Fada Madrinha chegou – anunciou Sir Lampton.

– Ah, esplêndido, Lampton! – disse Cinderela. – Poderia acompanhá-la até aqui?

– Certamente, Alteza – respondeu Lampton. – Mas, antes de se juntar ao grupo, ela gostaria de ter uma palavra com as crianças. *A sós.*

Todos os olhos do salão se voltaram para Alex e Conner, que engoliram em seco.

– Ela os aguarda no relógio da torre – disse o guarda.

Os irmãos caminharam lentamente para fora do salão, acompanhados por Sir Lampton. Ele os guiou pelo palácio, escada por escada, até que finalmente chegaram à torre do relógio.

– É ótimo vê-los novamente – disse Lampton aos gêmeos. – A Fada Madrinha já está procurando vocês há algum tempo.

– Isso não soa nada bem – disse Conner. – Estamos em encrenca?

Lampton não lhe respondeu, o que deixou os dois bastante preocupados. Alex retirou da mochila o diário e o mapa, com um pedaço do sapato de cristal.

– Se ela estiver brava conosco, vamos explicar tudo a ela, desde o início. Não fizemos nada de errado. *Fizemos?*

– Claro que não – disse Conner. – Nossas intenções sempre foram as melhores. *Não foram?*

As escadarias do castelo acabaram, e os três finalmente chegaram a uma porta arredondada que levava ao interior da torre do relógio. Lampton bateu de leve à porta.

– Entrem – disse uma voz vinda lá de dentro.

– E aqui vamos nós – Alex falou ao irmão. – Dedos cruzados.

Lampton abriu caminho para que os gêmeos entrassem. A torre do relógio era imensa. Os dois se sentiam como se estivessem entrando nas engrenagens de um gigantesco relógio antigo; para qualquer lado que olhassem, havia mecanismos e engrenagens em funcionamento. Através do mostrador, avistaram o reino inteiro.

Uma senhora de baixa estatura aguardava-os em pé, de costas para a porta, observando o reino. Vestia um longo sobretudo azul-claro com capuz, o qual brilhava como o céu noturno.

– Vou deixá-los a sós – disse Lampton.

Ele imediatamente fechou a porta atrás de si, deixando os gêmeos sozinhos com a Fada Madrinha.

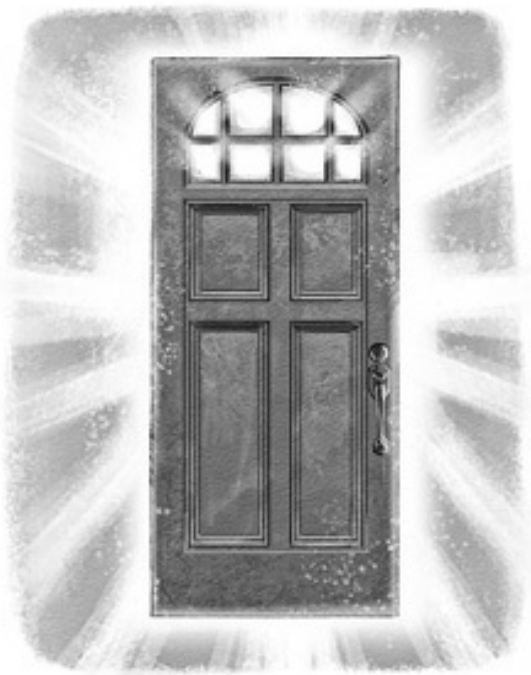
Com cautela e na ponta dos pés, ambos se aproximaram da mulher.

– Com licença? – disse Conner. – Senhora Fada Madrinha? A senhora nos chamou?

A Fada Madrinha se virou para os gêmeos. Era uma bonita mulher madura, com olhos generosos e um sorriso radiante. Seu cabelo estava, muito bem alinhado em um penteado deslumbrante.

Os gêmeos congelaram.

– *Vovó?*



CAPÍTULO 24

O conto da fada

– Estou tão contente de ver que vocês estão bem! – disse a avó, correndo em direção às crianças e dando-lhes o abraço mais longo que elas já tinham recebido. – Sua mãe e eu ficamos tão preocupadas!

Os gêmeos não retribuíram o abraço; não conseguiram. Mal conseguiam respirar. Surpreendia-lhes até o fato de estarem em pé, pois nenhum dos dois sentia mais as pernas.

– Como estão vocês? – perguntou a avó. – Estão inteiros? Estão com fome? Precisam de alguma coisa?

– Vovó? – perguntou Alex suavemente. – É você mesma?

– Sou eu, minha querida – disse ela. – Eu estou mesmo aqui.

– *A senhora* é a Fada Madrinha? – perguntou Conner.

Ela lhes sorriu.

– Sou, sim – disse com certa tristeza na voz. – Me desculpem, eu nunca quis que vocês descobrissem dessa maneira...

A avó parou de falar de repente. Seu olhar recaiu sobre o objeto que Alex carregava.

– Meu Deus, o que você está fazendo com o diário do seu pai? – perguntou.

Alex e Conner sentiram como se tivessem engolido o próprio coração.

– Este diário é do *papai*? – perguntou Alex, completamente aturdida.

– Seguimos as instruções do *papai* durante esse tempo todo? – indagou Conner.

– Acho que vou desmaiar – disse Alex.

A avó retirou do sobretudo uma longa varinha de cristal. Sacudiu-a no ar, e um sofá apareceu magicamente dentro da sala do relógio. Ela pegou os gêmeos pela mão e os sentou, para que recuperassem o fôlego.

Aquilo os surpreendeu. Embora ela fosse a Fada Madrinha, Alex e Conner não estavam esperando que a avó fosse capaz de fazer tal magia.

Ela pegou o diário das mãos de Alex e folheou as páginas, impressionada que ele tivesse parado de alguma forma na posse dos netos.

– Onde vocês encontraram isto? – perguntou ela.

– Um amigo, Froggy, nos deu – disse Alex. – Seguimos as orientações desse diário desde o dia em que chegamos aqui.

– Estávamos em busca dos itens do Feitiço do Desejo – explicou Conner.

– *O Feitiço do Desejo*? – perguntou a avó ansiosamente. – Então era por isso que eu não encontrava vocês!

– A senhora e o papai são daqui, não são? – perguntou Alex. – Eu não estava imaginando coisas?

– E o papai escreveu esse diário? – perguntou Conner, com o pensamento ainda no livro.

– Sim, sim, sim – disse a avó. – Tudo verdade. Eu dei este diário a ele quando ainda era garoto. Fico contente que tenha sido útil.

Os gêmeos já tinham até se acostumado a sentir a cabeça girando com tantas questões, mas agora aquilo estava completamente fora de controle. Não sabiam o que perguntar primeiro.

– Então, papai queria realizar o Feitiço do Desejo para poder viajar ao outro mundo? – perguntou Conner.

– Ele escreveu que havia se apaixonado por uma mulher do nosso mundo – disse Alex. – *Por acaso... poderia ser...?*

– Sua mãe, sim – confirmou a fada.

Alex e Conner se entreolharam para conferir como cada um estava reagindo àquela informação. Os dois pareciam bastante chocados.

– Há quanto tempo a senhora é a Fada Madrinha? – perguntou Alex.

– E por que nunca nos contou nada disso? – acrescentou Conner.

– Eu sei que vocês provavelmente têm uma centena de perguntas para me fazer – disse a avó –, mas, antes que se preocupem demais, deixem-me explicar.

– Por favor – disse Conner.

A avó respirou fundo. Não sabia ao certo por onde começar.

– Sempre planejamos lhes contar tudo quando fossem mais velhos – disse ela. – Seu pai estava contando as horas para chegar o dia de trazê-los para cá. Infelizmente, ele nunca teve essa chance. Depois da sua morte, vocês passaram por tantas coisas difíceis que sua mãe e eu não quisemos sobrecarregá-los com mais essa informação. Então, resolvemos adiar a revelação.

– Então a mamãe sabe deste lugar? – perguntou Alex.

– Ela nunca esteve aqui, mas sabe o suficiente – disse a avó. – seu pai e eu já fomos ambos criados neste mundo. Antes de seu pai nascer, quando eu ainda era uma fada em treinamento, descobri o mundo de vocês por acidente.

– Então, o seu chalé na floresta? Seu carro azul? São apenas para disfarçar? – perguntou Conner.

– Claro que não – disse a avó. – Eu fico no chalé durante as viagens e adoro aquele carro azul. Gostaria que as pessoas deste reino conhecessem os automóveis.

– Então, como você foi parar no nosso mundo? – perguntou Alex.

– Foi totalmente por acidente – disse a avó. – Eu tinha acabado de concluir uma viagem pelos reinos, visitando e dando uma mãozinha a quem precisasse, e estava ansiosa por continuar ajudando. Sacudi a varinha em volta de mim, fechei os olhos e pensei com o coração: “desejo ir para o lugar onde as pessoas mais precisem de mim”. Eu esperava que aquilo me levasse para algum vilarejo do Reino do Norte. Entretanto, assim que abri os olhos, soube que não estava em nenhum dos reinos.

“Mantive esse fato em segredo por anos antes de contá-lo às outras fadas. Conheci um grupo de crianças que me mostrou o lugar novo. Fiquei fascinada com aquele mundo, e elas, ainda mais fascinadas com as histórias que eu contei do meu próprio mundo. As crianças não sabiam nada do mundo das fadas ou de magia antes de eu aparecer. Seu mundo estava tão consumido pelas guerras, pela fome e pelas doenças que isso era tudo o que conheciam. Elas se sentavam comigo por horas e escutavam as histórias sobre o lugar de onde eu vinha. Aquilo parecia afastá-las de seus problemas.

“Eu via como as histórias as inspiravam, como lhes dava esperança, coragem e força e

como elas aprendiam lições com esses contos. As crianças sem família aprendiam a amar e confiar um pouco mais do que antes. As crianças doentes ou que tiveram sua infância tolhida por qualquer motivo voltavam a ter um brilho nos olhos. Então, eu decidi que faria o máximo que pudesse para tornar os nossos contos, a nossa história, tão conhecidos quanto possível.

“Até hoje, fui a única que recebeu a dádiva de circular entre os dois mundos e considero isso uma grande responsabilidade. Recrutei a Mamãe Ganso e algumas outras fadas para irem comigo ao seu mundo e me ajudarem a espalhar as histórias. Nós encontramos as crianças que mais precisavam escutá-las, aquelas que a sorte abandonou e que precisavam de um pouco de magia para seguir em frente, e o termo *contos de fadas* foi criado. Mas o seu mundo estava se desenvolvendo tão rápido e ficando tão grande que nós não estávamos dando conta de fazer o trabalho sozinhas. Então pedimos a pessoas como os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, e alguns outros, que nos ajudassem no decorrer dos anos.”

– Então *existe* uma diferença de tempo? – perguntou Alex.

– O mundo de vocês se move muito mais rápido do que este – disse a avó. – Eu o visitava uma vez por semana, e sempre parecia que haviam se passado décadas.

– Por isso as histórias já existem há tanto tempo no nosso mundo! – exclamou Conner.

– Ah, não! – disse Alex. – A mamãe! Isso significa que ela já terá se transformado numa velhinha quando voltarmos?

– Não – falou a avó. – Vejam bem, crianças, *houve* uma diferença de tempo. Mas então algo verdadeiramente mágico aconteceu e mudou isso.

– O quê? – perguntou Conner.

– Vocês dois nasceram – disse a avó com um sorriso no rosto.

Os gêmeos se entreolharam novamente, ainda mais estupefatos.

– E por que somos tão especiais? – perguntou Conner.

– Porque, às vezes, a magia encontra os seus próprios caminhos – disse a avó, olhando para a mão em que estava a aliança de casamento. – Seu avô amava o mundo de vocês e viajava comigo para onde quer que eu fosse. Ele era o amor da minha vida, mas infelizmente morreu pouco antes de seu pai nascer. Eu criei seu pai aqui, sozinha, mas continuei visitando o outro mundo de vez em quando, embora fosse doloroso para mim, porque me trazia muitas lembranças de seu avô.

“Seu pai sempre foi um menino bastante aventureiro. Desde muito cedo, vivia saindo de casa para explorar as mais diferentes terras ao longo dos reinos. Ele tinha muita curiosidade sobre o outro mundo, e eu lhe prometi que o levaria lá quando fosse adulto. Muitos anos depois, ele foi comigo e com as outras fadas a um hospital para lermos às crianças doentes. A

mãe de vocês tinha acabado de começar a trabalhar lá, e eu soube desde o minuto em que seu pai botou os olhos nela que o coração dele já não lhe pertencia mais.

“Naturalmente, eu o proibi de viajar com as fadas ou comigo. Foi egoísta de minha parte, mas eu estava com medo de que ele se perdesse na diferença temporal dos dois mundos e vivesse pelo resto da vida sem mim; eu não poderia perder meu filho depois de perder meu marido. Mas o amor do pai de vocês por sua mãe era forte demais, e ele voltou ao outro mundo usando o Feitiço do Desejo. Eu não tinha outra opção senão dar a ele a minha bênção e deixá-lo partir. Foi a coisa mais difícil que tive de fazer como mãe.

“E, então, assim que vocês nasceram, aconteceu a coisa mais peculiar: seu mundo e este mundo lentamente começaram a se mover em velocidades semelhantes. Foi a maior magia que eu já vi na vida.

“Por serem filhos de quem são, vocês carregam uma parte deste mundo dentro de si; sempre carregaram. Vocês dois são as primeiras crianças que pertencem aos dois mundos; são a ponte que os conecta.”

Os gêmeos ficaram aliviados ao saber que sua mãe teria a mesma idade quando retornassem.

– Você quer dizer – começou Alex, pausando em seguida, pois aquilo era bom demais para ser verdade – que Conner e eu somos *parcialmente fadas*?

– Suponho que você possa colocar dessa maneira...

Alex colocou as duas mãos no coração, e seus olhos se encheram d’água. Conner revirou os olhos e suspirou.

– Isso é maravilhoso! – exclamou a irmã.

– Ah, que ótimo – disse Conner sarcasticamente. – Os caras da escola *nunca* poderão saber disso.

– De que outra maneira você teria acionado o meu antigo livro de histórias? – questionou a avó.

Alex se ajeitou no sofá. Lembrou-se da noite em que, deitada na cama com o *Terra de Histórias* na mão, desejou profundamente viajar para dentro dele – a noite em que descobriu que aquele não era um livro comum.

– Você quer dizer que *eu* fiz isso? Fui eu que fiz que o *Terra de Histórias* nos trouxesse aqui?

– Sim – respondeu a avó com um sorriso orgulhoso.

Alex mal podia acreditar. *Ela* tinha magia. *Ela* tinha feito aquilo acontecer.

– Agora tudo faz sentido! – exclamou a garota. – No castelo da Rainha Diabólica, foram as *minhas* lágrimas que ativaram o Feitiço do Desejo! E eu vi o meu reflexo em um dos espelhos

mágicos! Nele, eu tinha asas! Pensei que estivesse vendo coisas!

– Rainha Diabólica? – perguntou a avó. – Parece que vocês passaram por mais aventuras do que eu imaginei!

– Você pode ter certeza que sim – disse Conner.

– Mal posso esperar para escutar a história toda – disse a avó. – Mas a mãe de vocês está muito preocupada! Ela teve que inventar todas as desculpas possíveis para explicar as suas ausências na escola. Agora, acho que é hora de vocês irem para casa.

Casa. Ela os iria levar para *casa*. Nunca uma palavra lhes soara tão linda.

– E a senhora consegue fazer isso? – perguntou Conner.

– Você ficaria impressionado de ver o que a vovó consegue fazer – riu-se a Fada Madrinha.

Ela voltou a fitar o diário que pertencia ao filho, e seus olhos perderam o brilho.

– Incrível, não? Mesmo na morte, seu pai deu um jeito de lhes mostrar o seu lugar de origem. Era o sonho dele.

Alex e Conner sempre acharam que o pai era de fato incrível, mas até agora não faziam ideia do quão incrível.

Os três abriram a porta para sair da sala do relógio e deram de cara com o Sir Lampton debruçado nela, escutando a conversa. Ele os acompanhou de volta ao salão de baile.

– Eu conheci o seu pai – sussurrou Lampton para as crianças. – Nós crescemos juntos. Eu soube que vocês eram filhos dele no instante em que os vi. Por isso coloquei o sapatinho de cristal em sua mochila.

Os gêmeos não conseguiram sequer agradecer aquele gesto com um sorriso, tantas eram as novas informações que abarrotavam suas mentes.

Adentraram o salão, e todos se levantaram ao ver a Fada Madrinha.

– Por favor, sentem-se. Eu vim para abençoar a princesa com um presente e então levarei meus netos para casa – disse ela, colocando as mãos sobre o ombro de Alex e Conner.

– Netos? – perguntou Cinderela. – Eu não fazia ideia! Isso nos torna praticamente parentes! – disse ela, sorrindo para os gêmeos.

– Você ouviu isso, Alex? – disse Conner, chegando mais perto da irmã. – A Cinderela em pessoa acabou de dizer que nós somos praticamente da mesma família!

– Eu sei – chilreou Alex. – Estou tentando não chorar.

A Fada Madrinha pegou nos braços a princesa recém-nascida. Era emocionante para os gêmeos ver a avó em ação.

– Ela é linda, querida – disse a fada a Cinderela. – Meu presente para esta princesa será a

coragem. Ela poderá precisar nos anos que virão pela frente.

A Fada Madrinha beijou o rosto do bebê, deixando uma marca brilhante em sua bochecha, a qual se apagou lentamente conforme o presente foi absorvido.

– Antes de partir, tenho mais um presente para dar – disse a Fada Madrinha, apanhando a varinha de cristal. – Será que o cavalheiro que atende pelo nome de Froggy poderia se aproximar, por gentileza?

Froggy, que estava parcialmente escondido atrás dos príncipes da dinastia Encantado, dirigiu-se cautelosamente à Fada Madrinha, no meio do salão.

– Muito obrigada por ter cuidado dos meus netos – disse a fada. – Jamais poderei lhe agradecer o suficiente, mas, por hora, eu gostaria de remover a maldição que há sobre você.

Froggy ficou boquiaberto. Olhou para um e para o outro gêmeo e depois para a Fada Madrinha.

– Eu... Eu... Eu... – tentou dizer algo, mas não conseguiu.

Depois que a Fada Madrinha agitou a varinha, a maldição se desfez no ar como uma flor dente-de-leão ao vento. Froggy já não era mais um homem-sapo; era um *homem*. Era, na realidade, um homem muito bonito, de cabelos negros e olhos que iluminavam a sala inteira. Para os gêmeos, foi chocante ver o amigo com outra forma.

– Charlie? – disse o Rei Chance. – É você?

Os irmãos Encantado se aproximaram todos. Encaravam-no como se estivessem diante de um fantasma.

– Olá, irmãos – disse Froggy. – Há quanto tempo...

O assombro dos Encantado acabou dando lugar à comemoração. Correram para cima do irmão sumido há tanto tempo e o abraçaram vigorosamente. A alegria tomou conta do lugar com aquela reunião tão esperada. Só Chapeuzinho Vermelho permaneceu quieta, corando como nunca. Ela olhava para o Príncipe Charlie de uma forma completamente diferente agora; não fora simplesmente um sapo amigável quem a salvara no castelo: fora um belo candidato a marido.

– Nós pensamos que você havia morrido! – disse Chandler, esfregando a cabeça do irmão.

– Procuramos por você em todos os reinos! – completou Chase, dando-lhe tapinhas nas costas.

– Agora vocês sabem por que não me encontraram – disse Charlie, arqueando os ombros.

– E por que não nos contou? – perguntou Chance.

– Tive vergonha. Eu não sabia o que fazer. Pensei que o melhor fosse me esconder. Por

favor, me perdoem.

Os gêmeos não podiam crer naquilo. Agora entendiam por que Froggy agira de maneira tão estranha quando chegara ao Reino Encantado.

– Então você é um príncipe? – perguntou Alex com um sorriso enorme no rosto. – Você se esqueceu de mencionar esse detalhe.

– Peço-lhes desculpas – disse Charlie. – Eu juro que pensei ter mencionado durante o chazinho de lírios...

Todos riram. Charlie correu até os gêmeos e os abraçou quase tão apertado quanto seus irmãos o haviam abraçado.

– Muito obrigado – disse ele – por terem me inspirado a sair daquele buraco.

– Nós é que agradecemos – disse Alex.

– Eu vou continuar te chamando de Froggy – falou Conner.

A Fada Madrinha agitou mais uma vez a varinha de cristal, e uma porta apareceu no meio do salão. Ela se aproximou dos gêmeos.

– Já está na hora – disse.

As crianças reconheceram a porta imediatamente: era a entrada da casa alugada. Pela primeira vez, elas ficaram realmente felizes em ver aquela porta. Através dela, uma luz brilhava; os gêmeos sabiam que a mãe os esperava do outro lado.

Todos os reis, as rainhas e as fadas do salão olharam com doçura para Alex e Conner. Embora alguns deles tivessem ficado com um pé atrás com os dois no início, agora estavam tristes por vê-los partir.

– Digam adeus – disse a avó.

Conner não podia mais esperar. Ele correu em direção à porta.

– Valeu! – gritou para todos sem olhar, antes de passar por ela.

Alex olhou para a avó.

– Vamos voltar algum dia? – perguntou ela com a mais profunda esperança de que a avó lhe dissesse o que queria ouvir.

– Algum dia.

Alex deu um passo em direção aos homens e às mulheres cujas histórias cresceu ouvindo. Ela poderia jurar que já sonhara com aquela cena antes. Queria dizer algo e pensou que poderia ser sua última chance de fazê-lo.

– Eu sei que isso pode não fazer sentido, mas... Muito obrigada por sempre terem estado ao meu lado quando precisei. Vocês são os melhores amigos que já tive.

Eles não entenderam o que ela quis dizer, mas ficaram todos muito emocionados com as suas palavras.

– Venha, querida – falou a avó.

Alex enxugou as lágrimas. Mesmo triste com a despedida, ela não conteve um sorriso ao passar pela porta com a avó, pois sabia que aquele não era exatamente um *adeus*.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer minha família, Rob Weisbach, Alvina Ling, Brandon Dorman, a equipe da Little Brown, Glenn Rigberg, Meredith Fine, Alla Plotkin, Erica Tarin, Ashley Fink, Pam Jackson, Jamie Greenberg, o elenco e a equipe de *Glee*, e por último, mas certamente não menos importante, Hans Christian Andersen e os Irmãos Grimm.

C659t

Colfer, Chris, 1990-

Terra de histórias: o feitiço do desejo / Chris Colfer; tradução Cleci Leão; [ilustração de Brandon Dorman]. - São Paulo : Benvirá, 2012.
384p. : 21 cm

Tradução de: The land of stories: the wishing spell

ISBN 978-85-64065-97-0

1. Contos de fadas - Literatura infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil americana. I. Título.

12-7135

CDD: 028.5

CDU: 087.5

01.10.12 02.10.12

039211

Copyright © 2012 by Christopher Colfer

Copyright de capa e ilustrações © 2012 by Brandon Dorman

Publicado mediante acordo com Little, Brown, and Company, Nova York, Nova York, EUA

Título original: *The Land of Stories – The Wishing Spell*

Todos os direitos reservados.

Diretor editorial: Thales Guaracy

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves

Editora: Débora Guterman

Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Richard Sanches

Assistente editorial: Luiza Del Monaco

Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius

Edição de arte: Carlos Renato

Serviços editoriais: Luciana Oliveira

Preparação: Augusto Iriarte e Christian Botelho Borges

Revisão: Tomoe Moroizumi e Erika Alonso

Diagramação: Linea Editora Ltda.

Produção gráfica: Liliane Cristina Gomes

1ª edição, 2012

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/ALivreiros Editores. Violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar

05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP

www.benvira.com.br

545.877.001.001